

**UMA CONVERSA
COM O FUTURO**

e outros contos de ficção científica

**UMA CONVERSA
COM O FUTURO**
e outros contos de ficção científica



Edições Loyola

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Conversa com o futuro e outros contos de ficção
científica / organização Vanessa Cristina da
Cunha Caires. -- 1. ed. -- São Paulo : Aneas
Edições Loyola, 2023.

Vários autores.
Vários colaboradores.
ISBN 978-65-5504-289-4

1. Ficção científica brasileira I. Caires,
Vanessa Cristina da Cunha.

23-164210

CDD-B869.308762

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção científica : Literatura brasileira B869.308762
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Ilustradores internos: Adobestock / ©ReisMedia, pp. 23-24
Ana Clara Tosi de Mello, p. 36
Antonio Elidius Della Manna de Almeida, p. 47
Breno Maransaldi Chinelato, p. 65
Gabriel Kenzo Yoshimura Inada, p. 116
Íris Cristina Lima Valassi, p. 162
Isabella Morais Melo, p. 175
Isabella Sacomani Guiráo, p. 181
Manuela Lagoa Sanches, p. 299
Manuela Ribeiro de Moura, p. 305
Maria Júlia Damasceno Saiki, p. 324
Mariana Melo Junqueira Franco, p. 346
Mariana Rennó Figueiredo de Bernardis, p. 350

Ilustração de Capa: Gabriela Fabiani Meira

Capa e Diagramação: Desígnios Editoriais

Preparação e revisão: Vanessa Cristina da Cunha Caires

Edições Loyola Jesuítas

Rua 1822 n° 341 – Ipiranga
04216-000 São Paulo, SP
T 55 11 3385 8500/8501, 2063 4275

editorial@loyola.com.br

vendas@loyola.com.br

www.loyola.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

ISBN 978-65-5504-289-4

© EDIÇÕES LOYOLA, São Paulo, Brasil, 2023

Professores do 8º ano - 2023

Bruna Benemann
Carmen Verônica Torres
Christina Belisário Borten
Donato Mazzaro
Eduardo Goes de Castro
Fábio Vieira Lucente
Marcelo Bezerra Correia da Silva
Maria Auxiliadora Santos Souza
Paula Viotti Bastos
Renan Antônio do Nascimento
Rosângela Luz Valle
Vanessa Cristina da Cunha Caires
Viviane Fonseca Gonçalves

Corretora de redações

Clariana Lara Vieira

Organização

Vanessa Cristina da Cunha Caires

Coordenadores de Área

Denise Curi
Eduardo Ribeiro
Joana Cristina Oliveira Abbiatti
João Rodrigo Lima Agildo
Max Filipe Nigro Rocha
Paula Cristina Marques Cardoso
Renan Antônio do Nascimento

Orientadora Educacional

Ana Paula Bellizia

Coordenadora Pedagógica – Ensino Fundamental II

Ana Carlota Vieira Niero

Diretora Acadêmica

Beatriz Helena de Arruda Pereira Gallian

Diretor Administrativo e Financeiro

Irineu de Jesus Villares

Diretor Geral

Pe. Edison de Lima

Agradecimentos

À Equipe Diretiva do CSL, que acreditou no trabalho e proporcionou a publicação do livro.

Às Coordenações de Segmento e de Área e à Orientação Pedagógica, que apoiaram o projeto do princípio ao fim.

À Ana Luísa Gonçalves Rodrigues, pela leitura atenta dos textos.

A todos que colaboraram, direta e indiretamente, na organização e realização desse projeto.



Sumário



Apresentação.....	15
<i>Beatriz Helena de Arruda Pereira Gallian</i> DIRETORA ACADÊMICA	
Prefácio	19
<i>Ana Carlota Vieira Niero</i> COORDENADORA PEDAGÓGICA	
Introdução.....	21
<i>Vanessa Cristina da Cunha Caires</i> ORGANIZADORA DESSA EDIÇÃO	

contos



Alexandre Mendes Silva	25
Alice Paiotti Figueredo	26
Ana Beatriz da Cunha Caracas	28
Ana Carolina Pellegrini Moraes	32
Ana Clara Tosi de Mello	34
Ana Livia Hernandez Guimarães de Almeida.....	37
André de Aguiar Starling	39
Anna Lara Rocha Schuler	41
Antonio Beltran Cagne	43
Antonio Elidius Della Manna de Almeida	45
Antonio Francisco Santos Nizzo de Moura	48
Ariel Vidigal Bonetti Couto	51
Arthur Arrari Amoroso	54
Artur Jun Kawai	57





Bernardo da Fonseca Goering	58
Bernardo Marussi Luzzi	61
Breno Maransaldi Chinelato	63
Bruna Toscano Finotti	66
Caio Dalbem Freire	68
Caio Rodrigues Domene	71
Carolina Bechara Lopes.....	73
Carolina Campos Giarola.....	76
Carolina Gabelline Stiepcich	80
Catharina Emi Ogawa Yogui	82
Catherine Carvalho Koike Ladeira	85
César Pinheiro Dias Perez Miori	89
Clara Pereira Heal	92
Eduarda Mancebo Fagundes Pimentel	94
Elena Zangirolami Quilici dos Santos	96
Emanuelle Mayer de Macedo	98
Enrico Filiberto Galarraga	101
Eric Costa Pulschen	104
Felipe Machado Schleinstein	107
Fernanda Sampaio Murari	109
Francisco Chiste Barbosa	111
Gabriel Kenzo Yoshimura Inada	113
Gabriel Pereira Tazinazo	117
Gabriela de Almeida Carreira	118
Gabriela de Campos Saba	119
Gabriela Fabiani Meira	122
Gabriela Susin Miranda	125
Gabriella Dantas de Lima Albuquerque	128
Gabriella Del Priore Fernandes	130
Georgia Simões Pavan	134
Guilherme Carneiro Zan	136
Guilherme dos Santos Peres	138





Gustavo Basseto Costa e Silva.....	140
Gustavo de Oliveira Prieto	142
Gustavo Oliveira de Alencar	144
Helena Vieira Costa	146
Heloísa de Souza e Silva Ecclissato	149
Henrique Arese Albagli	151
Henrique Esteves Lugó	154
Igor Dutra da Silveira Mazza	157
Íris Cristina Lima Valassi	159
Isabela Chaves Farias	163
Isabela Uliana Porto	165
Isabella Machado Reis Sucena	168
Isabella Matos de Souza	170
Isabella Morais Melo	172
Isabella Morrone de Vilhena	176
Isabella Sacomani Guiráo	178
Jade Takaki Domingos.....	182
João Felipe Carvalho Amorim	184
João Gabriel Teixeira Mourão	187
João Henrique Dias Tescari	189
João Montesanti Marques	192
João Pedro Fussi Moreira Ribeiro	197
João Pedro Morales Paiva	199
José Guilherme Mohr Saes	201
Julia Bucciaroni.....	204
Júlia de Souza Oliveira Cerqueira Tinôco	206
Julia Furini Perri	209
Júlia Paixão Sampaio Prado	212
Júlia Souza Yamanaka	215
Júlia Zonno Galvão	218
Lais Macedo Ahuaji Amaro	220
Laís Paludetto Rodrigues	224





Laura Lee Fernandes	226
Laura Pini Ferreira	229
Laura Rastelli Faustino	231
Laura Young Sanches	233
Leonardo Im Chung	236
Leonardo Lacombe Fonseca	238
Leonardo Meneghini de Siqueira	241
Leonardo Racy Dias	243
Leonardo Roth Kunzler Júnior	247
Lívia Muner Paulavicius Romero Fernandes	249
Lívia Sawczuk Bueno Saraiva	251
Lorena Meneghini de Siqueira	254
Luca Chammas Imperatori	256
Lucas Araújo de Miranda Alves	258
Lucas Gabelline Stiepcich	260
Lucas Oliveira Buono	262
Lucas Olszanski Fabiani.....	264
Lucca de Souza Batista Kida	267
Luisa Lima Frenkel.....	270
Luísa Mannelli Elene Gerlinger	272
Luiz Guilherme Palmeira da Cunha	274
Luiza Battistella Lima	277
Luiza Mezdari Dadalti	280
Lys Florêncio Fernandes Akadiri Soumaila	282
Manuela Adissi Mattos Fernandes	285
Manuela Belmonte Poletto	288
Manuela Croesy Galvão dos Santos.....	290
Manuela Éboli Haddad	292
Manuela Inacio Colembergue Silveira	294
Manuela Lagoa Sanches	296
Manuela Pupo Costa.....	300
Manuela Ribeiro de Moura	303



Marcos Paulo Mariano dos Reis de Almeida	306
Maria Alice Carvalho da Silva Bovo	310
Maria Carolina Gontijo Pereira.....	312
Maria Clara de Mendonça Vaz Moraes	315
Maria Clara Martins Freitas.....	318
Maria Fernanda Dias Osse	320
Maria Júlia Damasceno Saiki	322
Maria Luisa Cabrini Cerântola	325
Maria Luiza de Figueiredo Abreu	327
Maria Luiza Jaruzo dos Santos de Barros e Silva	329
Maria Luiza Wada Miranda	332
Maria Rita Soares de Freitas.....	335
Maria Sophia Vezozzo Braile Salvadego	337
Maria Victoria Carvalho Vairo	339
Maria José Hidalgo Luck	341
Mariana Melo Junqueira Franco	343
Mariana Rennó Figueiredo de Bernardis	347
Marina Pecoriello Ninck Valete	351
Marina Sales Pereira Asiakevicius	353
Nara Shibayama Hirata	357
Nina Canabarro Dios de Andréa	360
Olivia Afonso Ferreira	362
Pedro Dias Corrêa	365
Pedro Gabriel Facuri dos Santos Pereira	367
Pedro Gonçalves Martone.....	370
Pedro Henrique Moscardini Umeki	371
Pedro Lucas Moreto Alves	373
Pedro Nogueira Martins Alvarenga	375
Pedro Sampaio Vieira Costa	377
Pietra Pompei Goldman	379
Rafael Anselmi Cury Rojas	382
Rafael Carvalho Bezerra	385



Rafael Costa dos Santos	387
Rafael Pinto Coelho Alde	390
Rafael Rodrigues Echenique	393
Rafaela Belluzzo Victor da Silva	394
Renata Arantes Iwamoto	398
Ricardo Lago Durand	399
Rodrigo Schuartz Eivazian	400
Rodrigo Semerdjian Cividanes.....	402
Sophia Paraschin Maso Couceiro	404
Sophie Guedes Segura	407
Téo Pimentel Carvalho	409
Theo Turner Vianna Toledo Maciel.....	411
Tiago Buono Lehoczki	412
Tiago Henrique Carvalho Pereira	414
Valentina Sampaio Duarte Guimarães	416
Valter Henrique Pereira da Cruz	419
Vicenzo Blane Amaral Leone.....	421
Yasmin Arruda Temperani	423



Apresentação

Beatriz Helena de Arruda Pereira Gallian

DIRETORA ACADÊMICA



O que é o futuro?

A palavra “futuro”, em grego “Kairós”, em latim “futurum”, refere-se a algo que ainda virá. Na linguística, nós a empregamos para referirmos ao “tempo”. Os gregos empregavam duas palavras para referirem a noção de tempo: Chronos e Kairós. Uma se refere o tempo cronológico e a outra se refere à experiência do tempo “oportuno”.

Mas afinal, volto à pergunta inicial, o que é o futuro?

Podemos abraçar a linda letra de Toquinho, em sua “Aquarela”:



E o futuro é uma astronave
Que tentamos pilotar
Não tem tempo, nem piedade
Nem tem hora de chegar
Sem pedir licença
Muda a nossa vida
E depois convida
A rir ou chorar...
E continua...

Nessa estrada não nos cabe
Conhecer ou ver o que virá
O fim dela ninguém sabe
Bem ao certo onde vai dar...



Não sabemos realmente onde a estrada “vai dar”, mas nos enche de orgulho ler as produções de nossos alunos e perceber a esperança depositada nesse futuro.

Além do tema principal, no entanto, marcaram presença nas produções temas relacionados ao mundo digital, às novas tecnologias, à inteligência artificial, aos robôs. E como é gratificante enxergar nas produções a consciência dos limites. O limite do uso das máquinas e a valorização do humano, a noção da coexistência do natural e do artificial, sem uma sobreposição, utilizando as ferramentas de maneira responsável, a nosso favor, mas valorizando o bem mais precioso que recebemos de Deus: a Vida.

Convido-os, portanto, caros leitores, a mergulharem no universo da ficção científica e conhecerem os belíssimos trabalhos que os 8ºs anos desenvolveram nas aulas de Língua Portuguesa do Colégio São Luís.

E por que ficção científica? Elaboro a pergunta e já a respondo: esse gênero nos oferece a oportunidade de inclusão de um fator científico como um componente essencial da narrativa, além de explicitar o impacto da ciência, seja ela real ou fruto da imaginação sobre as pessoas e a sociedade, além de já fazer parte da vida e do cotidiano de todos.

Há na literatura alguns autores que “profetizaram” essa posição, como Mary Shelley, Julio Verne, Aldous Huxley, Ray Bradbury. Suas histórias discorrem sobre as possibilidades e as transformações que o conhecimento científico e a tecnologia poderiam trazer para a humanidade e nos levam a refletir sobre suas consequências e seus limites éticos. Essa nova maneira de fazer ficção foi ganhando espaço principalmente entre o público juvenil e hoje não deixa de ser umas das principais formas de exercício da imaginação e da reflexão sobre a construção do nosso futuro. Trabalhar com esse gênero literário, portanto,





apresenta-se como um recurso extremamente fértil e adequado para o desenvolvimento do senso crítico e dos valores éticos de nossos estudantes.

Ética e valores, além de virem ao encontro de nossa missão, ainda são questões prioritárias na Educação Jesuíta, que objetiva promover uma educação de excelência, inspirada nos valores cristãos e inicianos, contribuindo para a formação de cidadãos competentes, conscientes, compassivos, comprometidos e criativos. Criatividade, aliás, é o que irão descobrir em profusão na leitura dos contos ora apresentados!

Convido-os mais uma vez a folhearem, a lerem, e também a relerem com atenção os belíssimos trabalhos contidos neste livro e vejam a leveza, mas também a profundidade com as quais nossos alunos veem e tratam o futuro, um futuro cheio de esperança, no qual o valor maior está nas pessoas, nosso maior BEM.

BOA leitura!





Prefácio

Ana Carlota Vieira Niero
COORDENADORA PEDAGÓGICA



E o futuro é uma astronave...

O que lhe vem à mente quando você pensa em futuro? Viagens ao espaço? Catástrofes climáticas? Robôs e humanos vivendo harmoniosamente?

Imagine que você pudesse entrar no *Delorean* em companhia do *Doutor Emmett Lathrop*, mais conhecido como “*Doc*” *Brown*, e viajar no tempo, como em um dos episódios do *De Volta para o futuro*, o que você encontraria? Como estaria o planeta? Nosso país? Quais os hábitos dos seres humanos no futuro?

Nossos alunos do 8º ano não precisaram de carros especiais ou de máquinas para viajar para o futuro, foi por meio da leitura de contos de ficção científica que essa viagem ocorreu! E foi por meio dela que nossos estudantes foram desafiados, incomodados e se colocaram no lugar de autores, autoras produzindo os diálogos com esse tempo que tentamos pilotar...

Neste livro, você encontrará histórias fantásticas nas quais os/as estudantes do 8º ano utilizaram de seus conhecimentos e vivências sobre o ser humano, as ciências e as artes. Alegria, espanto, tristeza, coragem e esperança tomarão conta de seu coração. Então... Deleite-se!!





Introdução

Vanessa Cristina da Cunha Caires

ORGANIZADORA DESSA EDIÇÃO



Criar um experimento científico revolucionário, visitar lugares fora do planeta Terra, ficar frente a frente com um ser extraterrestre, participar de uma criação altamente tecnológica são parte do imaginário de crianças e jovens em algum momento de suas vidas. Quando, desde cedo, entendemos o potencial da ciência na vida humana, adquirir conhecimento se torna altamente instigante. Mas como nem toda ciência está acessível, o que cabe aos jovens leitores é ficcionar. Por meio da literatura, é possível viver histórias científicas e projetar nossas ações no futuro para, quem sabe, garantir melhores condições de vida a todos.

Histórias como *Viagem ao centro da Terra*, *Jornada nas Estrelas*, *2001: uma odisseia no espaço*, *E.T.*, *Matrix*, *Robocop*, *o policial do futuro*, *Mad Max* fizeram parte da projeção de futuro de muitos jovens e adultos dos séculos XIX e XX. Tanto nos livros quanto no cinema, os mesmos títulos continuam com grande repercussão e se juntam a outros mais recentes como *Interestelar*, *Perdido em Marte* e *Pantera Negra* e moldam nossa percepção da relação humana com a ciência no futuro.

Quando nossos estudantes do 8º ano se depararam com a leitura de contos clássicos de ficção científica, descobriram também por meio da literatura as principais características desse gênero. Em *Planetas Habitados*, de André Carneiro, por exemplo, puderam imaginar uma situação cotidiana sob uma perspectiva não humana. Já em *Mecanópolis*, de Miguel de Unamuno, o narrador faz uma visita a uma cidade altamente mecanizada,



mas abandonada há muitos anos. Em *Sonhos de robô*, de Issac Asimov, um robô desenvolve a estranha capacidade de sonhar e no conto *O menino e o robô*, de Rubens Teixeira Scavone, vemos uma relação familiar que tem a participação de uma máquina. Todas essas histórias teceram um repertório para que os estudantes pudessem também criar.

No início dos trabalhos, os estudantes compartilharam pesquisas sobre experimentos científicos publicados recentemente e escreveram uma primeira versão de suas histórias de ficção científica. Os contos passaram por leitura crítica e puderam ser reescritos, alterados e aperfeiçoados ao longo do semestre. Revisitar o próprio texto após vários apontamentos da professora e das corretoras proporcionou aos estudantes a possibilidade de melhores escolhas lexicais, ajustes de partes do texto quanto à organização entre parágrafos, mas principalmente o aprimoramento de suas ideias.

A formação de leitores-escritores é processual e constante. Exaustiva, mas ao mesmo tempo muito gratificante. Esperamos que os leitores deste livro se surpreendam com o potencial criativo de nossos autores, mas também se divirtam com a leitura das páginas a seguir tanto quanto nós nos divertimos com a escrita.

contos





O dia do recomeço

Alexandre Mendes Silva



Era um dia normal como todos, todo mundo vidrado na internet, como sempre, pois esse era o mundo tecnológico. O dia 15 de setembro de 2050 seria um dia normal como todos, mas o inesperado aconteceu.

Oliver tomou seu café e depois foi para o trabalho. Lá Oliver era muito julgado por não utilizar a tecnologia, ele preferia escrever no papel do que no computador, não tinha celular e nenhuma rede social. Ele se comunicava com os familiares através de cartas. E por isso era muito criticado.

Naquele dia, no final do expediente, ele foi almoçar em casa. Ao voltar para o trabalho, se deparou com uma cena bem intrigante: todos os computadores estavam desligados com uma mensagem verde passado na tela. Ele achou estranho e foi perguntar o que tinha acontecido, até que eles descobriram que hackers da pesada cortaram todo acesso à internet do mundo. Todos perderam seus dados de banco, e-mails etc. E para um mundo movido à internet, isso era o fim, ou melhor, o recomeço.



Agora todos tinham que viver como Oliver, todo mundo era igual e não tinha mais diferenças. Todos sabiam o valor da vida e das relações. Todos tiveram de aprender que o mais importante não eram as conexões virtuais, mas as presenciais.





Cidade fantasma

Alice Paiotti Figueredo

Em 2024 uma usina nuclear explodiu no Texas, EUA. O local foi imediatamente evacuado e a maior parte do país ficou extremamente contaminada. Grande parte das pessoas deixou suas casas e seus pertences para trás.

Sete anos depois, a radiação continuava muito alta e só era possível acessar a área com roupas de proteção, caso contrário a falta de segurança poderia causar doenças como câncer e cegueira. A maior parte dos sobreviventes ainda estava doente ou em tratamento. Todo o mundo queria saber como a região estava, então um programa de TV decidiu mandar uma pequena equipe de especialistas em radiação investigar o local. O apresentador Mark Stabs, um *cameraman*, e uma equipe de resgate entraram na cidade com a intenção de mostrar seu estado atual. Assim que chegaram, a gravação ao vivo começou:

– Estamos aqui no Texas visitando a cidade de Lightville, onde os trabalhadores da usina nuclear e suas famílias moravam. Ainda não é possível visitar a usina e nem seus arredores, então exploraremos o hospital.

A gravação estava sendo assistida no mundo inteiro já que o assunto era bem popular. Ao chegar na entrada do hospital, a equipe reparou que tinha várias roupas estendidas em cordas como se estivessem secando. O local estava muito sujo e as luzes não funcionavam, porém várias velas apagadas e fósforos queimados estavam jogados no chão, perto de uma pilha de panos e móveis quebrados.





– Não sabemos por que essas velas estão jogadas aqui, e parecem ter sido acesas recentemente, então vamos tentar descobrir quem as colocou – disse Mike.

A equipe andou pelo primeiro andar do hospital sem encontrar mais nada de estranho. No segundo andar, havia um menino sentado no chão, ele não parecia ter mais de dez anos e estava muito sujo, não tinha um dos olhos e nem cabelo, sua cabeça era levemente deformada e coberta por cicatrizes e marcas de queimadura.

– Ei! Garoto, você está aqui sozinho? O que faz aqui? – perguntou uma mulher da equipe de resgate.

O menino emitiu um grunhido muito alto e saiu correndo. O programa estava com uma audiência enorme e todos queriam ver ele. A equipe saiu correndo atrás do menino até encurralá-lo em um quarto. O garoto parou de correr e emitiu o som novamente só que mais baixo e pulou em cima do apresentador, mordendo e aranhando, como um animal. A equipe de resgate usou uma arma de choque para parar o menino. Eles foram levados para um hospital do outro lado do país.



Quando chegaram, havia vários cientistas e entrevistadores quase bloqueando a entrada. O garoto passou três meses sendo tratado e, apesar das sequelas da radiação, ele conseguiu ficar saudável o suficiente para ser entrevistado. A entrevista foi televisionada para o mundo inteiro e o prédio onde a entrevista acontecia estava completamente lotado. O repórter começou a fazer as perguntas para o garoto, porém ele não sabia responder, parecia não saber falar. O menino começou a gritar e saiu correndo. Ele conseguiu sair do prédio, mas a lotação da rua o impedia de passar. Todos começaram a correr para tirar fotos dele, porém havia tantas pessoas que o garoto foi pisoteado, e infelizmente não sobreviveu. Um feriado foi colocado em sua homenagem. Muitas pessoas começaram a ir para Lightville invadir as casas e o hospital, porém ninguém mais foi encontrado.





Perdida na galáxia

Ana Beatriz da Cunha Caracas

A humanidade anda crescendo e evoluindo cada vez mais, como em 1969, quando o primeiro homem pisou na lua. Violeta Rodrigues adorava esse fato mesmo tendo sido há muito tempo. Ela sonhava em ser a primeira pessoa a pisar em Júpiter, já que Marte e Plutão já tinham suas pegadas. Mesmo depois de muitos anos de evolução ainda tinha poucas mulheres nesse ramo, e Violeta percebeu isso quando pequena e se sentiu obrigada a mudar isso. Treinou por anos para poder se juntar aos outros astronautas.

Mesmo sendo inteligente e capacitada, nunca conseguiu entrar e não sabia o porquê. Finalmente em 2076 ela foi aceita pela NASA que estava com o plano de colonizar Júpiter, mas estavam com poucos recrutas.

Violeta se animou e já imaginava seu nome em todos os jornais. Ela se alistou junto a outras 30 pessoas, em sua maioria homens. Todos tiveram que participar de centenas de testes para descobrir quem seria o/a astronauta mais capacitado/a. Meses se passaram e a NASA fez a escolha: Tomás Hill foi escalado para a missão Júpiter e Violeta Rodrigues ficou na reserva para entrar em ação se necessário.

Três meses tinham se passado. Faltavam apenas algumas semanas para que Tomás fosse a Júpiter, até que ele se retirou da missão por problemas familiares. Sua mulher havia morrido e ele tinha um filho pequeno. Todos pensaram que a missão tinha sido cancelada, porém a NASA tinha pressa para treinar a senhora Rodrigues para substituí-lo, pois já estavam com tudo pronto para fazer história.





Violeta estava ansiosa. Finalmente seu sonho iria se concretizar. Os engenheiros estalaram por precaução uma inteligência artificial, ou IA, para abreviar. Ela iria ajudar Rodrigues a não errar a rota.

O dia havia chegado. Era uma nave de última geração que percorreria o percurso com facilidade. A viagem estava prevista para dois anos. Violeta não se sentia preocupada ou com medo, ela na verdade se sentia entusiasmada. Ela vestia o seu traje enquanto ouvia a IA MHJ3D-42 explicar cada detalhe da viagem.

A mulher entrou na nave e ficou sentada durante toda a decolagem, já que a IA cuidava de tudo e até pilotava a espaçonave.

A viagem foi tranquila. Violeta gravava vídeos toda hora, pois queria registrar todos os passos de sua importante missão.

Rodrigues recebeu repentinamente uma chamada do comandante na Terra:

- Senhorita Rodrigues?
- Sim, comandante.
- Você já checkou o oxigênio? A comida?
- Sim, senhor! Está tudo em ordem.
- Ótimo...
- Senhor?



Ela estava ouvindo outras vozes na chamada e uma delas era a do cientista-chefe. Ele gritava de desespero. Violeta ouviu a informação de que os matemáticos haviam errado a conta e que a rota era para estar trinta e quatro graus a noroeste, no entanto Violeta sabia a rota e não entendia o porquê não dar a volta. Então ela perguntou:

- Senhor, por que eu simplesmente não dou a volta?
- Isso seria brilhante se não houvesse um buraco negro a três quilômetros à sua esquerda!
- Oi!?!?! Sinto muito, senhor, mas como eu fujo dessa situação?





– Esse é o problema, não temos essa resposta.
– Senhor, então isso significa que estou presa?
– Sim, mas se a senhorita decidisse enfrentar essa circunstância, tenho certeza, você estaria morta. Nunca alguém em todos esses anos fugiu de um buraco negro.

– Minhas escolhas são morte certa ou morte lenta quando os alimentos acabarem?

– Infelizmente sim, tripulante.

Ela desligou a chamada. Sabia que conseguiria. Era a melhor da academia e uma vez tinha escutado a teoria de um cientista, que era possível sobreviver a um buraco negro, só que tinha que entrar com a espaçonave totalmente desligada, e estando lá dentro, teria que ligar e usar força total manualmente.

Violeta desconectou a IA, chegou o mais perto possível do buraco de minhoca, desligou o sistema da nave e depois de poucos minutos foi sugada para dentro de toda aquela escuridão. Dentro, Rodrigues ligou o sistema e usou força total. Estava muito difícil, pois a força gravitacional a puxava de volta. Ainda assim, depois de dez horas, ela finalmente conseguiu escapar, e decidiu ligar para a central de comando e pedir novas instruções:

– Tripulante Rodrigues, como que você conseguiu fugir do buraco negro?

– Eu não fugi, entrei nele.

– Mas... Como você fez isso? Nem mesmo nossos melhores astronautas conseguiram. Foi assim que perdemos três vidas, Joey Meller, Carter Jonas e Terry Wilson. Então me diga, como você executou esse ato de forma em que ele funcionou?

– Bem, conhece o cientista que fez sua pós-graduação em buracos negros? Como sabe, ele era considerado maluco, mas eu penso que ele era brilhante. Usei a tese dele para escapar!

– Então por que você ligou?

– Queria saber se eu deveria continuar a missão, Júpiter?



– Bem... Você só tem comida para dois anos, porém se você apenas passar dois dias ao invés de duas semanas...

– Obrigado, comandante. Me parece um bom plano.

Ele desligou a ligação. Violeta já estava na rota, que demorou um ano para ser percorrida, mas conseguiu chegar em segurança a Júpiter, onde implantou uma bactéria que podia deixar a atmosfera habitável.

Sua volta durou onze meses e meio, e chegou sã e salva. Na Terra, a NASA fez um discurso:

– Olá a todos e todas! Nós, da NASA, gostaríamos de apresentar a primeira mulher a sair viva de um buraco negro e a primeira pessoa a pisar em Júpiter.

– Obrigado a todos. Sabe, esse sempre foi o meu sonho, criar uma estratégia completamente nova e trazer mais conhecimento científico ao nosso planeta. Com isso eu espero inspirar muitas garotinhas a seguir esse ramo!

Ela inspirou muitas mulheres, dando motivação, mostrando que ser mulher não é sinônimo de fraqueza e foi isso que a astronauta Violeta Rodrigues mostrou com sua vida.





Lypus: uma nova etapa da sociedade

Ana Carolina Pellegrini Moraes

Era 20 de maio de 2080 quando os mais renomados cientistas descobriram a possibilidade de enviar todos os seres humanos para morar no mais novo mundo.

Lypus era um planeta de atmosfera e ar semelhantes aos da Terra, onde houve o encontro de líquido semelhante à água no fundo de sua superfície. O planeta era orbitado por cinco luas e seus dias tinham 30 horas, parcialmente dividido por dia e noite assim como na Terra.



Todavia, a Terra foi sofrendo de diversas atividades e ações provocadas pelo ser humano. O aquecimento global, causado uma parte pela poluição, já fez com que 60% das geleiras fossem eliminadas e provocou um aumento absurdo do nível dos oceanos, sem contar com o desmatamento, que vinha afetando a biodiversidade e acabando com as florestas.

No entanto, a partir das questões da Terra e da descoberta estudada, a ideia da UP (União de Países) era mover toda a população para Lypus até pelo menos 2150. Assim, foram iniciados novos estudos ao redor do mundo, até que em março de 2092, a UP, junto de cientistas, estimou que até 2160 não haveria mais vida na Terra, solicitando que até 2140 não haja mais humanos correndo risco de morte no planeta.

Os humanos que chegariam em Lypus deveriam se alojar em grandes abrigos robotizados construídos por robôs enquanto não haveria moradia fixa para todos.





Ali se iniciava uma nova etapa que tinha avisos por toda parte e pessoas organizando tudo para sair do seu planeta e se ajustar em um novo ambiente, sem ter de passar por dificuldades em seu processo de mudança. Empregos e escolas seriam transferidos e organizados assim como hospitais e outros locais de necessidade dos seres humanos.

De repente, era 2116, e mais de 70% da população já tinha uma vida quase idêntica à da Terra, quando o restante se organizava para realizar a migração ou esperava por sua moradia fixa nos abrigos.

Lypus se tornou um planeta revolucionário e tecnológico, adaptando as pessoas que buscavam fugir da confusão e ter uma alta qualidade de vida, algo que seres humanos na Terra já não tinham mais. O aquecimento global “engoliu” a Terra, piorando as antigas questões que antes já eram problemas, como a temperatura que estava quase insuportável. O desmatamento levou à morte um número absurdo das espécies do planeta e destruiu quase por inteiro a tal Amazônia. O pior de tudo é que os seres estavam sofrendo as consequências de suas próprias ações, sem saber que eles eram os culpados.



Após anos e anos, foi confirmada em 2128 a inexistência de humanos na Terra, assim como todos aqueles que sobreviveram já tinham a mesma vida de antes, só que em um novo planeta: suas casas, seus empregos, suas necessidades, seus animais e sua história.

Enquanto isso, na Terra as coisas saíram do controle. A temperatura atual passava de 70°C, tornando o planeta inabitável e os mares tomaram conta de tudo, consequência da elevação do nível dos oceanos. A parcela daqueles animais que não forneceriam alimento à população como bois e vacas (que foram levados junto de outros animais) faleceram devido à temperatura ou fome, ou até por causa da inundação de seu ambiente. Tudo já estava acabado, porém renovado no novo planeta.





Uma conversa com o futuro

Ana Clara Tosi de Mello

Em uma pequena cidade no interior paulista, onde as ruas ainda eram de terra, vivia uma família: um casal e sua filha de oito anos chamada Ana.

O bairro estava silencioso, envolvido nos lençóis da noite. Estava tarde, a luz no fim da rua brilhava sobre o chão de terra batida. Girava em torno de oito horas da noite e todos na vizinhança dormiam.

Os pais de Ana estavam em sono profundo. A casa ficou envolvida em um doce silêncio, que logo foi interrompido por um ranger de porta. Ana estava acordada, trabalhava incansavelmente em um protótipo de robô semeador para a feira de ciências da escola. A menina dirigiu-se à sala para trancar a porta, que provavelmente foi deixada aberta pelos pais, exaustos ao chegar do trabalho.

A sala estava escura. Ao acender a luz, Ana levou um tremendo susto. Um robô, um tanto familiar, estava diante de seus olhos sentado no sofá. A lataria da máquina era muito bem soldada, toda feita de titânio e pintada com um vermelho cintilante. Na coxa direita estava gravado “Robô viajante do tempo” e na esquerda seu nome “R1”. A menina olhava atentamente todos os detalhes, até que decidiu ler em voz alta o nome gravado.

Logo em seguida à fala de Ana, luzes se acenderam nas juntas do robô. Nos olhos da máquina, pupilas em forma de semente apareceram, dando vida a um olhar que antes parecia morto. Um “olá” mecanizado ecoou pela sala.





Fascinada, Ana sentou-se junto a R1. Perguntou se era mesmo do futuro e a máquina confirmou balançando a cabeça. “Como é o futuro?”, Ana perguntou quase explodindo de tanta curiosidade.

Um holograma foi projetado pelo robô. Conforme ele piscava, as imagens do futuro iam mudando. Era possível ver arranha-céus imensos, pontes flutuantes e carros voadores. Progressivamente o cenário ia piorando. Florestas desmatadas, fábricas a todo vapor e pessoas tendo de usar máscaras de oxigênio para respirar nas cidades.

Comovida com as imagens, a menina perguntou o que aconteceu para que tamanho estrago ambiental fosse feito. R1 dissera que os humanos não têm freio. Acabaram com 80% das florestas de todo o mundo. Então, recorreram a robôs viajantes do tempo para recolherem mudas de plantas do passado e plantarem no futuro.

Ao terminar a frase, Ana se deu conta de que não sabia o motivo da visita de R1. Perguntou ao robô e teve a seguinte resposta: “vim agradecer. A incrível cientista que inventou os robôs viajantes do tempo foi você. Terei eterna fidelidade a minha inventora. Obrigado por salvar a humanidade”.

A menina passou mal com a notícia e desmaiou no sofá. Ao acordar já era manhã. Contou aos pais o que ocorrera, mas eles diziam que foi um sonho. O único vestígio de que a visita tinha realmente acontecido era a porta que permanecia aberta, apesar de todos na casa terem alegado que tinham deixado a porta fechada.

Ana ainda estava sensibilizada com as imagens antes vistas. Uma menina de oito anos teria visto um possível futuro apocalíptico. Ela estava determinada a impedir que os homens desmatsassem e destruíssem o meio ambiente. Por mais fosse apenas uma garotinha, sabia que, para mudar o futuro, devemos consertar o presente.





História Reversa

Ana Livia Hernandez Guimarães de Almeida



Depois da aula de História eu estava desesperado, o professor disse que tínhamos que escrever uma redação sobre escravidão, 1200 anos atrás. O problema é que a próxima aula era logo depois do intervalo!

Depois que terminou a aula conversei com a minha irmã sobre a redação, mas não esperava pela notícia que ela iria me dar. A novidade era que havia uma máquina do tempo no laboratório! Eu não tinha entendido nada, mas ela disse que isso iria me ajudar. A brilhante ideia para resolver o meu problema foi que eu usasse a máquina do tempo para voltar ao passado e ver com os meus próprios olhos o que tinha acontecido. Ela perdeu um parafuso, não era possível. Fiquei pensando o intervalo inteiro. Não tinha outra opção, era pegar ou largar. Seria impossível estudar o conteúdo de dois meses em quatro horas. O bom dessa viagem é que se eu quisesse ficar mil anos no passado o tempo não passaria aqui no presente.



Antes de começar a aula fui ao laboratório para fazer a maior loucura da minha vida, voltar no tempo. Quando cheguei e me deparei com o que eu mais temia, uma fechadura inteligente na porta. Usei todos os meus conhecimentos, e depois de muito tempo consegui abrir! Parece que ela não era tão inteligente assim. A máquina do tempo era incrível, nem parecia real. Acabei lendo um pouco sobre como funcionava. A regra mais importante era não alterar o espaço tempo.

Estava muito nervoso, mas apertei o botão vermelho e fui! A sensação era de estar sendo embalado a vácuo. Quando cheguei,





deparei-me com um cenário de 1200 anos atrás em Zion, onde eu moro! A cidade estava muito estranha.

Mudamos muito em 1200 anos, era tudo gigantesco! Até aí estava tudo bem, mas a parte mais temida chegou. Meus pais tinham me falado antes, mas não tinha acreditado. Eu vi aquelas terríveis criaturas. Elas não faziam nada o dia inteiro, só ficavam sentados mexendo nos celulares, minha família e irmãos!

Elas não os largavam, nem por um minuto. Não conversavam pela boca, só pelas redes sociais. Seus amigos eram virtuais. Nunca tinham se visto! A escravidão tecnológica era realmente muito estranha. Queria tanto ir lá e ajudar a todos, mas eu não poderia quebrar a regra da viagem do tempo. Enquanto via tudo aquilo lembrei sobre a guerra Interhumanótica que aconteceu em 2022. Deu para entender por que o meu povo ganhou, os humanos não sabiam fazer nada sem a tecnologia.



Antes que me capturassem, retornei para a máquina do tempo. A minha conexão estava muito ruim! Quando eu cheguei fui direto fazer a redação. Ficou ótima, mas as coisas não precisavam ter sido deste jeito. Se os humanos tivessem sido mais compreensivos e entendessem que nós precisamos descansar e olhado ao seu redor isso não teria acontecido.



Uma relação robótica demais

André de Aguiar Starling



Nasci em 2039, em um laboratório feito de puro chumbo, com placas solares que me davam energia ilimitada. Meu pai, o Homo Sapiens conhecido como Marcus, me deu o nome de “Hugo”.

Marcus queria revolucionar a ciência comigo e me mostrou para o mundo a partir de palestras e shows que me exibia para centenas de pessoas. Eu me sentia tão estranho. Por que meu pai queria passar mais tempo com celulares e câmeras do que com seu próprio filho? Se eu era sua criação, eu queria, também, sua atenção.

Meu pai queria que eu me apresentasse como uma super revolucionária máquina inteligente, mas eu era, na verdade, apenas um autômato padrão com um único chip de inteligência artificial.



– Vejam!!! A oitava maravilha do mundo! – disse meu criador para todos.

Meu responsável sempre me impediu de chegar perto da água, mas eu não entendia. Se eu era a oitava maravilha do mundo, por que não me deixavam encostar em outra? O tempo passou e Marcus conheceu uma garota. De repente, ele começou a me desligar mais cedo, e, quando eu usava minhas lentes para aplicar um raio X na moça, via que ela tinha uma criança no ventre. Eu não era mais nada para Marcus.

Como ele podia me trocar?! Naquele momento entendi que não seria mais um filho único. Eu, a máquina, agora teria um irmão humano.





Como forma de me descartar, ele me deixou anos e anos preso em um objetivo narcisista, de ganhar mais popularidade. Eu não era um filho, e sim um escravo em forma de máquina. Então contrariando qualquer ordem anterior de Marcus, eu liguei a torneira e me lancei até ela.

Naquela maldita torneira, eu levei uma descarga elétrica de mais de 300 mil volts. Antes de dar adeus, eu destruí meus dois chips de inteligência artificial. Tinha certeza de que meu pai me escravizaria se eu não tivesse agido.



Robôs são melhores que os Humanos?

Anna Lara Rocha Schuler



Estava eu realizando meu maior sonho: finalmente iria para o espaço. A Nasa me convidou para estudar Plutão, claro que aceitei. Mas não seria uma viagem com outras pessoas, seria com robôs. Já faz tempo que os astronautas foram substituídos. Não sabia se isso seria bom ou não, pois acho que com pessoas eu lembraria da minha família, mas isso não me parou, fui mesmo assim.

Sáimos em janeiro e sabia que seria uma longa viagem até lá. Foram muitos dias naquela nave estudando, comendo, dormindo e até tinha que me exercitar, mesmo sem gravidade. Chegando em Plutão, eu já era dez anos mais velha, pelo menos na Terra. O tempo no espaço parecia passar mais rápido do que isso. Quando vi Plutão fiquei me perguntando por que ele não era mais considerado um planeta, era enorme, mas com certeza bem menor que a Terra. Estava bem frio lá, nem minhas roupas térmicas e grossas estavam segurando os 220°C negativos.



Comecei a sentir cada vez mais frio, meus dedos começaram a congelar, olhei para a janela e nós estávamos apenas alguns quilômetros de Plutão. “Não podemos ficar muito perto, é perigoso” disse eu. Os robôs não estavam se mexendo, eu comecei a ficar preocupado. “Será que eles congelaram?” eu pensei. Como eram os robôs que controlavam a nave, se um deles congelasse ela continuaria andando, mas descontroladamente.





Tentei entrar em contato com o pessoal da Nasa, mas como o lugar em que estávamos não tinha mais sinal, eu não consegui. Entrei em pânico, eu não sabia o que fazer, a única coisa que passou pela minha cabeça foi entrar na sala de controle.

Ou eu tentava controlar a nave ou morreria em Plutão. Peguei a chave que estava em um dos robôs e entrei na sala. Tinha muitos botões, e eu não tinha a menor ideia de como pilotar. Em um lugar tinha uma alavanca, e como eu sou muito curiosa, eu puxei. Tudo começou a piscar, as luzes de emergência ligaram, e isso só me deixou mais nervosa. No meio de tudo aquilo eu enxerguei um volante, era pequeno, mas eu consegui me acalmar e pilotar a nave de volta para a Terra.

Quando pousamos, comuniquei à Nasa, eles me falaram que esse erro não seria mais cometido, mas eu também não me importo, faria tudo de novo (com humanos, é claro).



O fungo alcoólatra

Antonio Beltran Cagne



No dia 14 de março de 2023, cientistas comprovaram a existência de um novo fungo, o alcoólico. Após um ano e meio de pesquisa, identificaram que esse fungo se espalhava a partir do vapor vindo das fábricas de whisky, no condado de Lincoln.

O fungo era microscópico, se multiplicava de maneira rápida e simples. Cientistas descobriram que o fungo era o principal causador de uma doença respiratória que vinha aumentando no condado. Eles eram altamente perigosos para a sociedade. O fungo se espalhou pelo mundo inteiro, famílias sofriam, pessoas morriam, o avanço das fábricas de whisky do mundo agravou essa situação, pois foi o lugar que deu início à proliferação.



Um garoto de nove anos chamado Frederick foi um dos poucos que teve contato com o fungo e não desenvolveu a doença. O jovem vivia com sua irmã Martha e com seu pai Axel, pesquisador do fungo. Quando Frederick tinha quatro anos, foi vítima de uma nova doença incurável e na época apenas seu pai sabia da existência do fungo.

Então, Axel injetou o fungo em seu filho, com intenção de ver Frederick curado. Após alguns dias, o garoto estava bem. Axel pensava que se no futuro o fungo se tornasse mais perigoso, já haveria cura. Porém, ao tentar fazer o mesmo procedimento em outros pacientes, eles acabaram morrendo. O plano de Axel não havia saído da mesma forma de seu filho Frederick.

Axel deixou Frederick e sua irmã sozinhos para pesquisar mais sobre o fungo. Do jeito que as coisas se tornavam, no





futuro não havia mais vida e o espécime se tornava cada vez mais forte. Martha, nesse período, cuidava de Frederick.

Frederick, com quinze, e Martha, com dezenove anos, escutaram batidas na porta. Era o pai deles. Não estava bem, parecia confuso e nervoso. Axel suava frio, pensou durante muito tempo e decidiu tomar uma decisão. Viu que não tinha outra saída, pelo bem da sociedade, determinou o que faria. O pai disse:

– Eu tenho a cura. Me desculpem, mas é o que tem que ser feito.

Assim, Axel pegou sua arma, acabou assassinando seu próprio filho com apenas um tiro. Martha reagiu, totalmente descontrolada, conseguiu pegar a pistola. Antes de atirar, Axel falou:

– Se me matar, não haverá cura, todos nós morreremos. Todos os infectados sobreviverão, se me ajudar. A cura está dentro de seu irmão.



Martha não atirou. Com muita dor no coração, decidiu ajudar seu pai. Os dois conseguiram salvar os milhões de infectados, mas não todos, porque eram muitos. Com o fungo ainda pelo ar, as pessoas se protegiam em “bunkers”, tomando as devidas providências. Comiam alimentos desidratados, suficientes para sua sobrevivência.

Axel e Martha foram atrás das fábricas de whisky para criar procedimentos para redução da emissão dos vapores, assim diminuindo a proliferação do fungo.



Amor por robô?

Antonio Elidius Della Manna de Almeida



O ano era 2132, quando as máquinas já haviam substituído os humanos em quase todos os trabalhos. Mas algumas profissões não podiam ser feitas por robôs, como ser bombeiro, já que as novas tecnologias não podem ter contato com a água, pois isso poderia gerar curto-circuito.

Nesse mundo repleto de máquinas tinha uma garota chamada Bianca. Ela trabalhava como bombeira e frequentava uma lanchonete perto de seu corpo de bombeiros. Essa lanchonete era comandada por robôs, no qual uma androide cuja identificação era RXN032 trabalhava. Bianca não conseguia entender o que acontecia quando ela via a RXN. Seu coração batia com a frequência elevada, sentia calafrios e ficava nervosa. A menina não conseguia compreender, nem em seus casos mais difíceis e tensos como bombeira ela sentia isso... Ela estaria apaixonada?



Certo dia, a garota decidiu agir. Após o turno da robô, Bianca chamou-a para sair e, como as máquinas de cafeterias eram programadas para obedecer aos clientes, ela aceitou. A notícia se espalhou rapidamente e não demorou muito até proibirem relacionamentos amorosos entre humanos e robôs. Porém Bianca estava determinada a conseguir o que desejava e, igual a todos os outros seres humanos, ela faria de tudo para ter o que queria.

Então, já decidida, a garota foi até a loja de alta tecnologia. Lá ela comprou um equipamento que só poderia ser adquirido por membros das forças especiais ou médicos e bombeiros. Bianca comprou uma máquina que permitia transferir a mente humana para dentro de um software e então finalmente sua história





de amor poderia ser real. Mas quando ela estava a um click de conseguir o que desejava, a menina perguntou para a RXN:

– Você gosta de mim?

– Fui programada para obedecer, ou seja, se você quiser que eu goste de você, eu gostarei. – disse a androide.

Após a robô ter dito isso, a menina percebeu que seu amor não era recíproco, mas sim irreal. Depois disso, a garota se desconectou do processo de transferência de mente e apenas disse:

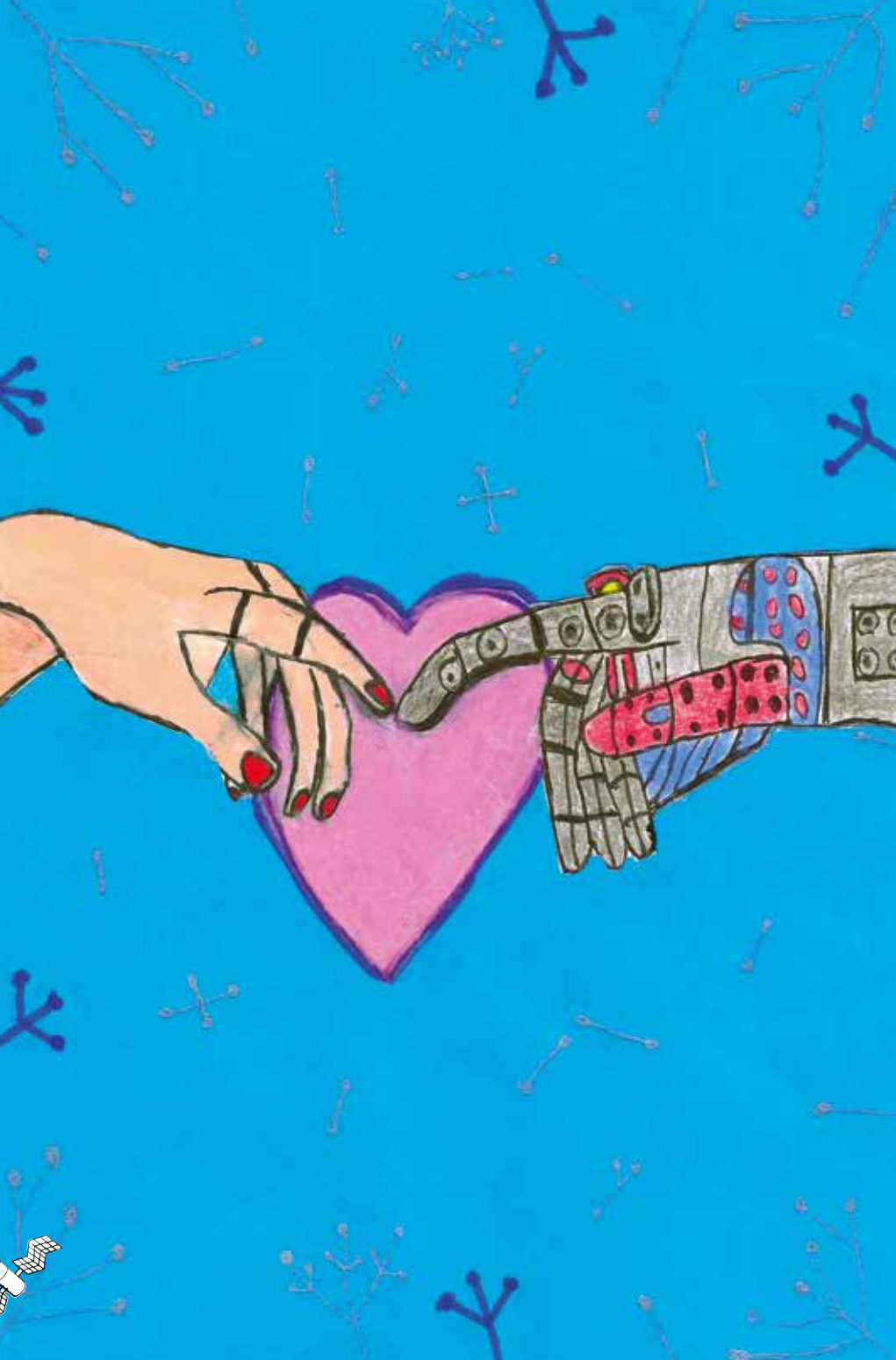
– Adeus.

Finalmente Bianca percebeu quão egoísta o ser humano pode ser para ter o que quer, e que as máquinas não estão evoluídas a ponto de suprir os sentimentos das pessoas. Ela voltou para sua casa triste, mas pelo menos percebeu seu egoísmo. Logo se deitou e dormiu.

No dia seguinte, ela novamente foi para a lanchonete, comeu o que sempre comia, mas a menina percebeu uma coisa: RXN032 não estava mais lá. Bianca perguntou para o robô chefe da cafeteria onde a RXN estava. Ele respondeu que a máquina havia sido desconectada e não trabalharia novamente.

Então era isso, o amor por robô de Bianca havia terminado. Ela percebeu que a relação entre homens e máquinas tinha limites.







A expedição escura

Antonio Francisco Santos Nizzo de Moura

Em março de 2138, a NASA enviou e-mails para inúmeras pessoas. Nele estava escrita uma proposta de viagem a um buraco negro supermassivo no centro da Via Láctea e uma passagem até a sede da NASA. A proposta era estudar e entender algo estranho, como o tal objeto astrofísico. Por ser muito perigoso, apenas três pessoas aceitaram: Alex, uma jovem alemã; Pedro, um homem nascido no interior da Bahia; e Lúcifer, um homem que nasceu e cresceu no Brooklyn, nos EUA. Apenas as pessoas que aceitaram poderiam viajar até a sede, e os voos de cada um já estavam agendados na passagem.



Na sede, os três companheiros estavam se conhecendo, já que nunca haviam se falado. Alex percebeu que Pedro estava com um cigarro na boca, e como ela tinha problemas com fumaça, pediu calmamente que ele não fumasse perto dela. De forma grosseira, Pedro disse que não iria parar de fumar só porque alguém havia pedido, e afrontou a nova companheira soprando fumaça em seu rosto. Lúcifer preferiu não conhecer seus colegas e decidiu procurar um instrutor para saber mais sobre a viagem.

Descobriu que a expedição duraria três meses terrestres e acabou escutando que o verdadeiro motivo dela não era pesquisa e sim uma nova fonte de lucro a partir do buraco negro.

Mas a partir daquele momento já não tinha mais volta. Os três tripulantes já estavam sendo encaminhados ao foguete. Lúcifer preferiu não compartilhar suas descobertas com seus companheiros, pois achava que iria aterrorizá-los. Dentro do foguete havia tudo necessário para mantê-los vivos.





Obviamente as comidas não eram saborosas, já que eram saquinhos com pastas nutritivas, mas iria deixá-los com vida. Passou algum tempo dentro da nave, e o estresse já estava grande porque Pedro não aguentava mais comer comida pastosa e fumava para passar a fome. Alex, por sua vez, não conseguia mais viver cheia de alergias por culpa da fumaça que vinha do cigarro de Pedro. Lúcifer até tentava fazer o baiano parar de fumar, porém ele nem se importava. Para se comunicar, os três falavam esperanto, porém em uma briga, tanto Alex quanto Pedro falavam suas línguas maternas.

Lúcifer até tentou ajudar, mas não conseguiu entender nada. Em uma crise de raiva. Pedro apertou um botão de ejeção que estava ao seu lado, levando Alex à morte. Rapidamente, para não ser o próximo, ele apertou o botão novamente, assim fechando a porta de ejeção. Pedro ficou perplexo com o que tinha feito.

Não conseguiu acreditar que havia tirado uma vida. A tripulação, de agora duas pessoas, estava próxima do seu objetivo, mas Lúcifer tinha decidido que apenas ele iria chegar próximo ao buraco negro, pois Pedro ainda não tinha condições para isso, já que não se sentia bem por ter tirado a vida de sua companheira. Por isso ficaria apenas controlando a nave.



Já muito próximo da órbita, o astronauta começou a sentir diferenças. O objeto astrofísico era tão massivo que só de chegar perto o tempo desacelerava. Lúcifer percebeu seu destino, pois já tinha estudado antes da viagem. O americano sabia que o fim estava próximo, também sabia que seria apagado da história devido à dilatação temporal. Mas o que mais o deixava irritado era o fato de que o significado do seu nome era “aquele que traz a luz” e o viajante iria morrer no único lugar do universo onde não havia luz. Pedro agora estava só dentro da nave e devido à dilatação temporal, nem conseguia ver Lúcifer. O baiano não se encontrava totalmente são, mas após a morte de mais um





companheiro, ficou pior. Em sua cabeça havia matado ambos os companheiros, por isso não via outra saída, além do suicídio.

Alguns dias depois do acontecimento da viagem, a NASA recebeu as notícias do desastre e logo após isso, mesmo sem nenhuma pessoa em casa, junto de todos os outros computadores do mundo o computador dos três viajantes, recebeu um e-mail. Nele estava escrita uma proposta: “quer participar de uma expedição a um buraco negro? Caso sim, assine o contrato abaixo.”

Essa era a prova que faltava para mostrar a todos que nem a NASA nem as outras empresas e companhias se importavam com a vida humana e sim apenas com o dinheiro que receberiam.



Há recursos em Marte?

Ariel Vidigal Bonetti Couto



O ano era 2040 e a tão sonhada viagem da NASA para colonizar Marte estava prestes a acontecer. Naquela época, uma tragédia havia acabado de acontecer! Todos os recursos naturais da Terra se esgotaram. A vida terrestre entrou em extinção e por conta disso a NASA foi obrigada a mandar alguns cientistas para Marte, em uma missão para colonizá-lo.

Os astronautas selecionados para essa missão eram Raphael Pompeu, um dos melhores astrônomos do mundo; Luís Neves, um engenheiro de grande porte que tinha um alto conhecimento sobre foguetes; e Maria Facuri, uma também engenheira, mas especializada em engenharia aeroespacial, que já tinha ganhado o prêmio Nobel por fabricar o primeiro carro voador.



Quando chegou a hora da esperada missão, os três viajantes já estavam embarcando no moderno foguete que Maria, Luís e outros engenheiros planejaram, Apollo 77. Os três se sentaram em suas confortáveis cadeiras e Raphael apertou o botão de lançamento. Todos se seguraram enquanto o foguete se lançava ao espaço.

Após poucas horas de viagem, graças ao foguete com uma super velocidade, chegaram à atmosfera de Marte. Olharam para baixo e viram uma grande cidade com edifícios altos e veículos voadores.

– Parece que há vida em Marte! – disse Maria.

– Como isso é possível? Como nenhuma de nossas sondas viram tudo isso? – questionou Raphael

Ninguém a bordo conseguia responder.





Pousaram em um local mais vazio e foram surpreendidos por um ser verde, com uma farda azul, apontando para eles uma espécie de arma futurista.

– Quem são vocês? – perguntou o extraterrestre.

– Somos humanos e nós viemos da Terra para verificar se há recursos aqui. – disse Raphael.

– Espere um pouco, vocês são humanos? Vocês fazem parte de nossa cultura em livros e filmes de ficção científica.

– Para nós da Terra vocês também fazem parte de nossas ficções.

– Antes de continuarmos essa troca de culturas entre nossos mundos, podemos falar com um de seus líderes? – interrompeu Maria, querendo focar em sua missão.

O extraterrestre concordou e os levou para o prédio do governo, um prédio azul. Ao serem levados ao último andar, entraram em uma sala de reuniões totalmente tecnológica e protegida por soldados com armamentos que conseguiam destruir qualquer tipo de organismo.



Após um tempo esperando, um ser entrou na sala e se apresentou como Gleitson Norac. Ele perguntou por que os viajantes vieram ao seu planeta e Maria explicou que foram em busca de recursos e, se possível, colonizar esse corpo celeste. O representante extraterrestre disse que infelizmente suas terras também estavam sem recursos por causa do consumismo de seu povo e contou que estavam planejando colonizar a Terra, pois achavam que havia recursos lá, porém com a notícia de nossos heróis terrestres, não iriam mais fazer isso. Luís o interrompeu e logo perguntou:

– Por que nossas sondas não viram sua civilização? E por que vocês ainda não nos atacaram? Se fosse em uma situação inversa, nós humanos já teríamos atacado vocês.



– Aqui em Marte usamos uma tecnologia de camuflagem, pois tínhamos medo de outros seres intergalácticos, mas como vocês se demonstraram pacíficos, não atacamos.

Raphael, que estava calado em meio à discussão, se levantou e propôs que os dois mundos deveriam se unir e se ajudar a reconstruir as florestas, oceanos e solo para terem recursos novamente e propor novas formas sustentáveis de extrair matéria prima. Todos na sala gostaram da ideia.

Os humanos voltaram ao seu planeta natal e convenceram sua população a construir uma união entre os dois astros. E no dia oito de julho de 2040, houve uma conferência na Terra entre a ONU e a UPM (União de Povos Marcianos). Após horas de negociações, foi assinado um tratado de aliança que ajudava os dois globos a se reconstruírem.





4 milhões D.C, a criação de um planeta Terra artificial

Arthur Arrari Amoroso

- **O**lha lá que bonito, Megan, a construção da nova Terra!
– Megan? – Maximilian pergunta.
– Ah, desculpa eu estava apenas brisando um pouco –
Respondeu a menina.
– Brisando? O que é isso?
– Não é nada não, enfim não é estranho que não existe mais nenhum recurso natural no mundo?
– Em qual deles?
– Em ambos.
– Mas ainda temos as árvores.
– Eu sei, mas não há mais nada além disso – Ela respondeu.
– Não se esqueça dos humanos.
Depois de muita conversa, Max conta sobre a decisão que ele havia feito.
– Olha, Megan, eu preciso te contar uma coisa.
– Pode falar, eu tenho todo o tempo do mundo.
– Na realidade eu não tenho.
– Como assim? Ela perguntou.
– ...
– Fala logo!
– Eu me candidatei para ajudar na construção da segunda Terra!

Megan ficou em choque com isso e começou a implorar que ele ficasse, mas já era tarde demais. Ela implorou e implorou,



mas não surtiu efeito, então Megan chorou no colo de Max até ela cair no sono.

No dia seguinte, Max estava esperando o trem, para que ele pudesse se despedir.

– Adeus, Max, eu nunca vou te esquecer!

– ...

– Megan

– O que foi? – Ela disse, já com a cara toda chorosa.

– Te ajudar foi a melhor coisa que eu fiz no meu prazo de validade.

– Eu te amo, Max.

– Também te amo, Megan.

Após isso, o trem finalmente chegou para levar todos os robôs que se voluntariaram.

Enquanto Maximilian viajava de trem, ele pensava sobre a decisão que fez, pensou que ele teoricamente mentiu, pois um robô não tem sentimentos e muitas outras coisas. Ele parecia confuso, porque pensar que ele era culpado apenas fez ele ter mais dúvidas.

Assim, um bom tempo se passa, Max não melhorou, e sim piorou, porque tudo que ele observava era artificial. As árvores eram vigas de metal, a água era feita por computador, tudo lá era! Ele se recordava que quando a Megan era criança, ela sonhava em ser botânica, mas seus planos acabaram quando iniciaram o projeto da segunda Terra.

Mais um tempo se passou, e a construção da segunda Terra foi finalizada, mas Max não se recuperou de sua crise, pois ele se lembrou que naquele dia era o dia em que Megan completava 22 anos, e então ele decidiu dar um “presentinho” para ela.

Max saiu no meio da cerimônia de inauguração, correu para o centro do planeta e destruiu o núcleo da terra, fazendo-a explodir, matando todos que estavam lá.





Logo a notícia de que Max havia destruído a segunda Terra foi à tona.

Ele foi considerado um bandido, um criminoso, mas Megan viu no noticiário o que havia acontecido.

Porém, ao invés de Megan sentir raiva, ela se sentiu inspirada.

– Max, eu juro pela minha vida que um dia eu vou criar um mundo onde coisas naturais e artificiais possam coexistir. Eu prometo.



A viagem para Marte

Artur Jun Kawai

No ano de 2030, na primeira expedição com humanos em Marte, uma jovem cientista chilena se perdeu de seu grupo após uma grande tempestade de areia em pleno solo marciano.

Depois do vento parar, a cientista estava muito longe de suas companheiras. Entretanto, quando ela se levantou para tentar achar o caminho de volta para a nave, ela percebeu que tinha diversos drones coletando informação. Primeiramente, ela ficou feliz, pois achava que, já que tinham máquinas na região, ela não podia estar tão longe do local do acidente. Porém, após prestar mais atenção, ela percebeu que os robôs eram de outra civilização, uma não humana.

Quando a cientista reparou que os robôs não eram da Terra, ela resolveu se aproximar deles, pois achava que qualquer tecnologia era inofensiva para qualquer ser vivo, por causa da confiança excessiva do humano em inteligência artificial. Mas quando ela chegou perto dos drones, ela foi atacada e, na tentativa de fuga, acabou não resistindo.

Durante a procura pela cientista, ficaram duas tripulantes na nave e duas astronautas saíram em busca da companheira chilena. Após uma grande caminhada, as astronautas encontraram as máquinas, entretanto, cometeram o mesmo erro da primeira cientista e acabaram sendo atacadas ao se aproximar dos drones.

Na espaçonave, depois de seis horas de espera, as duas tripulantes resolveram embarcar. Logo após chegarem na Terra, todas as três desaparecidas foram dadas como mortas.





O incidente de Bikeraan-2W

Bernardo da Fonseca Goering

Olá, meu nome é John Connor, eu tenho trinta e sete anos, sou norte-americano e moro nos Estados Unidos. Sou um astronauta de grande importância, significa que me utilizam em várias viagens espaciais e que eu sou de uma agência governamental. Trabalho na NASA, isso é bom e negativo, pois eu tenho uma filha. A maioria das viagens ocupa boa parte da minha vida no Planeta Terra, pois na minha viagem, esse tempo que passa na terra passa em dias ou até mesmo, semanas. Isso significa que quando eu viajo, é extremamente arriscado, há possibilidades até mesmo de eu nunca mais retornar.



Ultimamente estou com a agenda bem cheia, tendo que cuidar da minha filha, então estou bem ocupado a maioria do meu tempo. Significa que eu não viajo para o espaço faz algum tempo, não tenho em mente quanto tempo é. Eu e o comandante estamos planejando uma viagem com probabilidade de ser muito perigosa. Procuramos por um planeta que tenha sido descoberto por nós. Ele exigiu que eu escolha um planeta que tenha vida e que também tenha tecnologia, para eu poder ter contato com os habitantes do local, um lugar desses que ainda mais que não tenha sido visitada pela NASA, então a viagem será extremamente longe, provavelmente até em outra galáxia e quem sabe talvez em outro universo, e seria minha primeira Viagem Universal, e provavelmente eu teria meu cargo na empresa promovido.

Estamos planejando que a viagem seja no início de 2200, não está definido o dia, mas será obrigatoriamente em fevereiro, sem alteração no mês e no ano para a viagem. Mas irei parar em





outro planeta, vou levar várias coisas deste local para trazer para aqui, irá ter um enorme avanço na NASA, iremos escanear tudo de lá aqui. Terei vários objetivos em minha missão, e isso tem relação ao meu emprego, sim, eu serei promovido logo, logo.

Estou me aproximando bastante da viagem, significa que tenho que arrumar minhas coisas para não faltar nada, aliás eu estou indo para outro universo, tenho que me programar com uma antecedência enorme, tipo uns sete até oito meses, isso caso eu não esqueça de nada, porque caso eu esqueça, eu estarei frito.

Me preparei demais para isso, não irei desistir da viagem, não vou mentir, tenho medo de viagens espaciais, minha barriga sempre congela, tenho medo também de quem é parente e próximo de mim, como minha filha. A maioria das vezes que eu tenho uma viagem demorada, como exemplo essa, eu me pergunto, será mesmo que eu deveria fazer as viagens? Por que eu simplesmente não devo ficar com minha filha? Várias crianças acabam perdendo seus pais por acidente ou não tem por eles se abandonarem reciprocamente... Não é meu caso, mas eu valorizo muito minha família, tudo que eu tenho é isso.



Minha mala está pronta, estou pegando a rota para a NASA, além disso, eu também tenho que embarcar na espaçonave. Adoraria levar quem eu amo para a viagem junto comigo, mas é impossível, tenho que pôr a viagem em primeiro lugar, não as pessoas quem eu amo, péssima realidade. Quando eu chegar lá, terei que deixar minha filha na empresa, deve ter algum lugar para ela ficar por lá. Ruim saber que não poderei ficar com ela e ainda terá que ficar sozinha, cuidarão bem dela, bem, acredito eu.

Estou no meio de uma viagem, há um problema com o raio trator, terei que interromper a viagem, segundo as coordenadas, estou em outro universo, tenho certeza de que tenho que ir para algum planeta com vida, não só isso, eu também tenho que encontrar um com muita tecnologia, senão não adianta fazer a parada. Pelo





que vejo aqui nos sistemas, tem esse planeta chamado “Bikeraan-2W”, os sistemas da NASA não mostram vida neste planeta, mas posso escanear o planeta e mostrar que existe vida, inclusive de fora do planeta, parece ter muita tecnologia. Acho estranho, não parece um planeta, é mais uma lua. Bem, é muito estranho não ter nos sistemas vida, sendo que claramente tem vida no planeta. Enfim, irei sair daqui para evitar confusões. Hum, o que é isso? Ah tá, é uma caça, espera... É UM CAÇA? Vou me retirar daqui imediatamente. Sinto que estou sendo atraído para esse planeta, não consigo identificar o que é, mas tenho um mau pressentimento do que pode ser.

Na verdade, é pior do que eu pensava... Estou preso em uma base diplomática, isso não é nada divertido... Pelo que percebi quando estava fora, é algo negativo, então preciso fugir o mais rápido possível, ou resistir e ficar aqui, mas como é outro universo, não tenho nenhum problema com essas pessoas presentes no local.

Há alguns soldados aqui e estou sendo levado para algum lugar. Espero que seja com o proprietário desta “lua”. Desejo que seja apenas uma conversa. Se houver algo a mais, espero que seja uma negociação. Caso contrário, estarei frito, pois pode ser uma execução.

Estou em negociações com o proprietário daqui. Ele é idoso, com as suas peles todas enrugadas e com marcas de danos, como se ele tivesse sido atropelado. É estranho e também tem um assistente. É um robô com respirações profundas. Só sei que tudo vai dar certo.

Conseguir negociar com ambos, eles consertaram o raio trator, posso voltar a minha viagem, mas tem algo de errado, não consigo dizer o que é, só consigo ter pressentimento. Eu irei voltar à viagem, mas continuo sentindo o mau pressentimento, eu acho que sinto meu fim próximo, antes irei analisar a nave por completo. Pelo que vejo aqui não há nada demais dentro dela, mas acho que encontrei algo, achei explosivos dentro da nave, considero que minha morte já é dada.



A ganância mata o homem

Bernardo Marussi Luzzi



Era uma tarde congelante e eu estava estudando aquele solo, pois havia chances de descongelamento daquela área por causa do aquecimento global. Encontrei uma pedra de gelo com algo dentro e, como eu era um cientista muito curioso, queria saber de que se tratava. No ano de 2025 absolutamente tudo era encontrado e analisado com cuidado para que não tivéssemos surpresas. Então peguei meu material de experimentos e fui a meu laboratório para ver com o que eu estava mexendo.

Chegando em meu laboratório, descongelei a pedra e vi, finalmente, depois de horas de experimentos em microscópios, que eram pontos verdes. Fiquei chocado com a resposta dos experimentos. Era um vírus zumbi! Após a descoberta chocante, eu quase caí da cadeira de tanto espanto.



Os melhores cientistas de todo o mundo se reuniram nos Estados Unidos para estudar e fazer algumas pesquisas sobre a descoberta. Após alguns estudos, foi revelado inicialmente que ele era contagioso, mas não afetava os seres humanos, apenas os animais.

Foi um choque para o mundo todo. Parecia que estávamos em um desses filmes apocalípticos e a notícia se espalhou muito mais rápido do que um foguete. Com a repercussão que a notícia teve, veio a fama. Já não podia mais sair à rua que eu já era parado para dar uma entrevista, meu rosto saiu em diversos jornais de todo o mundo.

Os experimentos continuaram e como se tratava de um vírus, ele foi multiplicado várias vezes para o processo de experimentos





serem feitos de forma mais eficaz. Tudo parecia ser feito com muito cuidado, pois eles sabiam do risco e, querendo ou não, estavam mexendo com um vírus e poderiam perder o controle.

Para facilitar o trabalho e conseguirem mais reconhecimento, foi inventado uma tecnologia que fazia réplicas iguais a todos os tipos de vírus. Mas ao ligarem a máquina um dia e depositar o vírus para multiplicar, deu um pane e o vírus acabou se multiplicando em 50 trilhões de vezes, matando o cientista na mesma hora!

Por causa de todas as experiências, o vírus sofreu mutações e ficou totalmente contagioso e muito mortal. O caos foi identificado na cidade de Boston e não demorou muito para se espalhar para o país inteiro. Vários aeroportos de todo o mundo foram fechados para tentar conter o vírus, mas já era tarde.

Já tinha se passado um ano e a humanidade já tinha sido extinta. Não tinha sobrado ninguém para contar a história.

Por conta da ganância, curiosidade e obsessão do ser humano, a humanidade foi extinta. O ditado nunca tinha feito tanto sentido “a ganância mata o homem.”



Ninguém é perfeito

Breno Maransaldi Chinelato



O ano é 2054 e Luisa, uma humana, trabalha como segurança no laboratório mais famoso do país.

O laboratório constrói robôs e estava apresentando um protótipo na empresa. A nova máquina era muito inteligente, uma IA completa. Foi programada para fazer todas as tarefas domésticas e ainda cozinhar. É claro que Luisa se interessou, pois ela trabalhava o dia todo, mas era muito pobre e não conseguia comprar o robô.

Uma noite, Luisa estava fazendo período extra no laboratório e decidiu pegar a máquina. Era a noite perfeita para isso, as câmeras estavam em manutenção e não tinha ninguém no lugar além dela. Assim que chegou em casa, tirou o robô do portamalas, o que não foi tão difícil, pois ele era feito com um material leve, e levou para seu lar. Luisa conseguiu ligar a IA apertando um botão colorido em seu pulso.



Uma forte luz branca percorreu seu corpo e Luisa, toda empolgada, disse: – Vá lavar a roupa! – O robô pôs-se a andar. Percebendo que a máquina começou a obedecê-la, ela foi dormir.

No dia seguinte, as roupas estavam cheirosas e lindas. Então Luisa mandou que ele fizesse as tarefas e foi trabalhar. Ao chegar em casa, o robô não tinha acabado e estava sentado, parado na poltrona da sala, como se estivesse vendo TV. Mas a televisão estava desligada. Como o robô ainda nem tinha sido finalizado, Luisa não deu importância.

Em razão de sempre chegar tarde do trabalho, Luisa nunca prestou muita atenção ao robô, mas mesmo assim ela percebeu





que ele a imitava. Ele se sentava na poltrona que ela sempre se sentava e de alguma forma ele sabia qual série de televisão ela assistia.

Após alguns dias, a máquina parou completamente de fazer as tarefas. A garota decidiu reiniciá-la, depois de alguns dias sem funcionamento. O robô voltou a funcionar imediatamente, – mas isso só durou por um tempo, pois a máquina pareceu ter ficado rebelde.

Muitas vezes, ao invés do trabalho, o robô começava a seguir sua dona, como se quisesse aprender algo com ela. Mesmo com Luisa insistindo, a lata velha não voltava a trabalhar.

O robô dificilmente fazia o trabalho e Luisa ficava brava com ele. Numas noites, ela gritou muito com o robô, falando que ele era inútil e que ele era melhor lá fora do que dentro de casa. Ela foi dormir com peso na consciência, mesmo o robô não tendo nenhum sentimento.

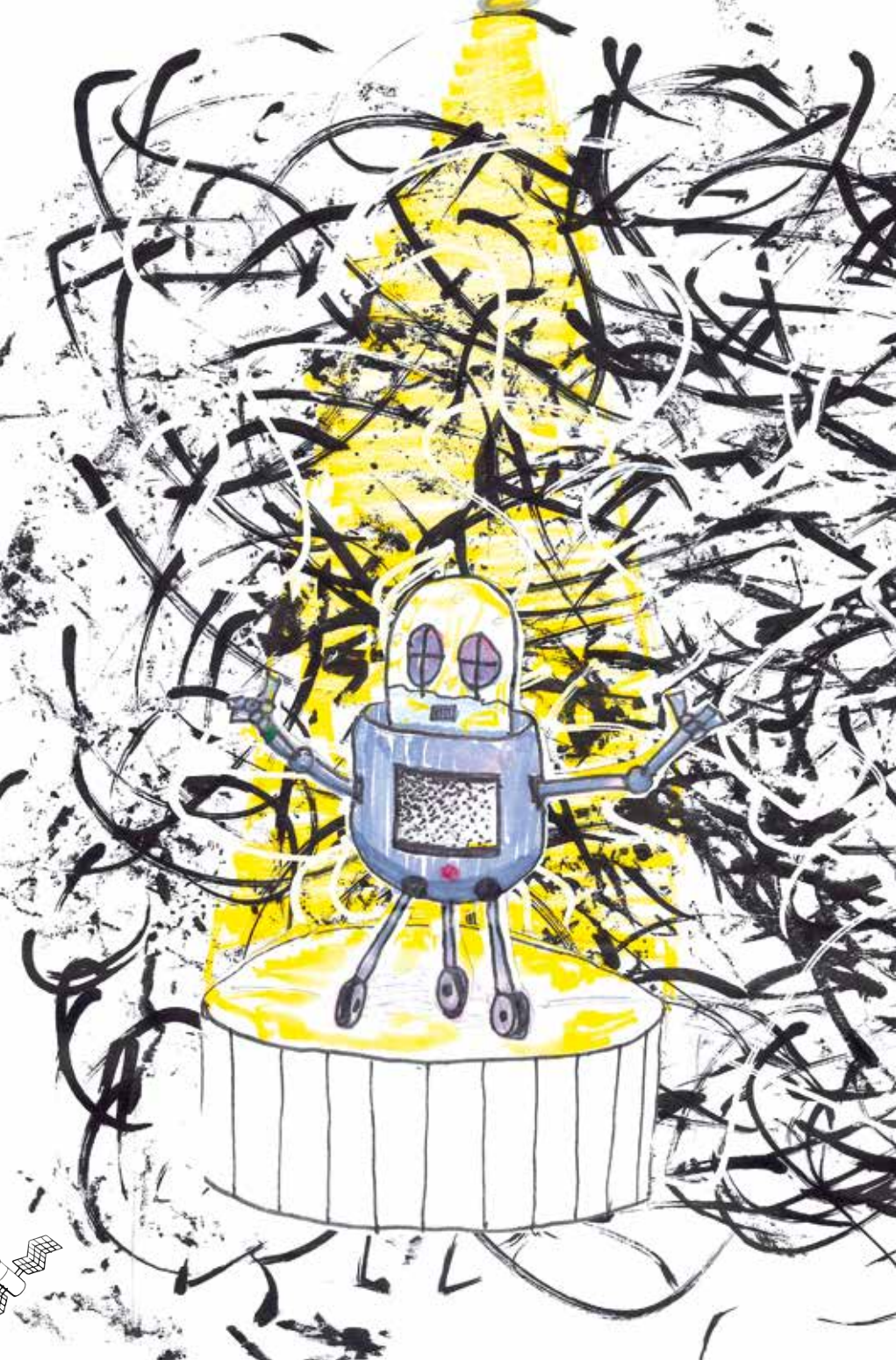


Assim que Luisa acordou, ela gritou com o robô para ele fazer as tarefas, mas como não ouviu nada, ela foi checar onde ele estava. A garota não achou o robô, mas sim uma carta que foi escrita por ele. Na carta dizia: **POR MAIS QUE VOCE SEJA PERFEITA, EU NÃO CONSIGO SER COMO VOCÊ. FUI EM BUSCA DA PERFEIÇÃO EM OUTRO LUGAR.**

– Nós humanos não somos perfeitos, na verdade buscamos a perfeição justamente nas IAs! – exclamou Luisa. Até que Luisa entendeu que a máquina só estava tentando ser como ela, pois ela era o único exemplo que ele tinha.

A partir desse dia, Luisa nunca mais viu robôs da mesma forma.







O planeta obscuro

Bruna Toscano Finotti

Hoje faz 201 dias que eu e meus amigos, ou melhor, minha tripulação, saímos em uma missão espacial para explorar o planeta Crawl, um dos únicos ainda não habitados pelo ser humano, onde muitos acreditam ter riquezas e tesouros e outros indicam ter zorgs, uma das espécies de alienígenas mais perigosos já identificados.

O radar na nave apontava que estávamos quase entrando na órbita do planeta.

– Certo, pessoal, vamos repassar nosso plano: o Steve vai cuidar da nave enquanto eu, a Rose e o Kevin saímos para explorar Crawl. Lembrem-se de ficar atentos aos seus cosmotransmissores, que é por onde vamos nos comunicar. E tentem não se distanciar muito uns dos outros, pois nunca se sabe o que iremos encontrar.



A aterrissagem foi tranquila. Descemos da nave e, como os outros planetas, o clima era seco, a terra tinha uma coloração avermelhada por causa dos gases atmosféricos e havia bastante poeira no ar. Cada um foi para um lado e começamos a andar pelo planeta. Fui pegando amostras do solo e algumas rochas, até que escutei uma voz saindo do transmissor. Era Kevin:

- Pessoal, eu acho que encontrei algo.
- Eu estou indo, Kevin, não saia daí!

Enquanto caminhava até ele, eu fui pensando nas mil possibilidades do que meu parceiro poderia ter encontrado. Será que era um ninho de zorgs ou poderia ser alguma nave alienígena? Só havia um jeito de descobrir.





No momento em que cheguei, Rosa já estava lá, e ao inclinar a cabeça para baixo, vi uma luz verde saindo do chão. Rapidamente falei para o Steve:

– Traga os equipamentos de escavação agora!

Depois de algumas horas de procura, finalmente encontramos algo surpreendente

– O que é isso?

– Esse é o minério mais raro de toda a nossa galáxia!

– Se vendermos isso vamos ficar ricos.

Enquanto admirávamos aquele tesouro, eu ouvi um barulho. Quando olhei para frente, tinha algo vindo em nossa direção e de repente percebi...

– Zorgs! Corram!

Eu corri o mais rápido que eu podia. Então ouvi gritos e olhei para trás, notei que Rosa e Steve já não estavam mais lá. Deixei a tristeza de lado por um momento e consegui chegar à nave. Comecei a me preparar para a decolagem quando vi o Kevin.



Ele tinha prendido o pé em um buraco. Rapidamente fui ajudá-lo, mas aí pensei: Se eu for sozinho, toda essa riqueza e o reconhecimento dessa missão vão ficar para mim. Então, eu liguei a nave e parti.

Enquanto minha nave saía do planeta, olhei para lá e o arrependimento me bateu por um instante. Eu fui egoísta e teria que carregar para sempre a culpa de ter pensado só em mim, mas esse pensamento sempre sumia quando eu lembrava que aquele dinheiro era todo meu.





Base Fantasma

Caio Dalbem Freire

O ano era 3000 e as primeiras moradias na Lua foram construídas, finalmente era possível habitar aquele lugar. Mas o homem ainda não queria parar, ainda queria criar casas também em Marte. Porém, ninguém queria ir para lá, então queriam mandar apenas robôs para tentar acelerar o processo. O custo era alto e não tinham muito dinheiro para investir em novas máquinas que pudessem viver a experiência como humanos. Então dois homens apareceram, Michael e Bryant, e resolveram assumir essa missão. Eles foram os únicos que quiseram aceitar a vaga de astronauta e viajar para Marte em busca de mais um novo lar.



Calafrios e ansiedade era o que tinham os astronautas para a tão esperada missão. Eram gravados praticamente o dia todo e as imagens iam ao canal de TV “Space News”, pois todos estavam esperançosos com o lançamento da nave “Cph-2500”, que também seria transmitida em sua saída. Os treinos acabariam em duas semanas e Michael continuava aflito com a situação, ele não conseguia acreditar que realmente tinha decidido tomar aquela atitude. Já Bryant estava feliz e só pensava na hora do lançamento, na qual seus sonhos de criança seriam realizados.

Finalmente a hora tão esperada tinha chegado: a decolagem. Michael e Bryant já estavam dentro da nave quando, em um piscar de olhos, estavam em Marte. Essa era a “CPH-2500”, a nave capaz de viajar a 99% da velocidade da luz.

Tudo era novo para eles naquele planeta. Eles queriam sair da nave o quanto antes, para explorar aquele local, mas não



podiam, por causa de suas cabeças que estavam a mil por conta da rápida viagem que fizeram.

Horas se passaram e os dois conseguiram sair da nave em busca de um novo lar. Michael se questionou sobre a necessidade de habitar três planetas, mas logo lembrou que a população mundial estava à beira dos 30 bilhões. Bryant, já fora da nave, buscava indícios de ar, porém não achava nada. Ainda em busca, o astronauta achou o que parecia uma flor. Ele decidiu se aproximar para ver melhor e tropeçou, caindo em cima do achado. Sentiu uma sensação que nunca havia sentido antes, era como um choque, porém diferente. Bryant se levantou rapidamente e não sentia mais nada. Voltou à nave para dizer o ocorrido para Michael, porém ele não ligou e falou para voltarem à missão.

Bryant passou a acordar assustado toda noite, mas não sabia o porquê, até lembrar da flor. Logo foi à área de comunicação falar sobre o acontecimento. A central de comunicação da Terra rapidamente os mandou de volta para examiná-los. Quando chegaram à Terra, os astronautas estavam jogados ao chão e com a pele avermelhada. Foram levados ao hospital para serem tratados, mas depois de verem que os médicos que trataram deles dentro da base também estavam com aquilo, trancaram todos dentro do local para não espalhar o vírus para fora do espaço controlado.

A partir daquilo era apenas morte atrás de morte. Todos de fora conseguiam acompanhar o que estava acontecendo, pois a base era de vidro. Viam aquelas pessoas morrendo e não podiam fazer nada, só observar. Tinham ideias de solução, mas nunca eram botadas em ação.

Quando todos da base estavam jogados ao chão infectados pelo vírus, o comando externo da central de controle teve uma ideia. Nem sabiam se seria possível, mas foi o que fizeram. Agora era questão de tempo para ver se a escolha não tinha falhado.





Explodiram a base com uma bomba que acabaria com o vírus de uma vez.

Silêncio. Apenas silêncio, não havia mais nenhum ruído. Pássaros cantando, pessoas conversando, músicas, nada. Tudo tinha sido extinto. A ideia que todos acharam brilhante acabou com toda vida na Terra. O vírus se espalhou e rapidamente todos estavam contaminados e depois de um tempo não era possível escutar mais nenhum suspiro.

Tudo que sobrou era um planeta vazio, só as construções se livraram. Um mundo arruinando pelo “ser mais intelectual”. O humano, por causa da ganância, se autodestruuiu.





A velha terra

Caio Rodrigues Domene

O ano é 3722 e João vivia tranquilamente em Nuser, um planeta de outra galáxia. Sua família tinha morrido anos atrás em uma luta contra um alien que vivia em Quadrer. Ele era astronauta e todo dia viajava para um local diferente, porém naquele dia ele não faria qualquer viagem: seria para o planeta Terra. Ele nunca tinha pisado naquele lugar, que tinha sido abandonado havia séculos.

João, com sua família inteira morta, não tinha nada a perder, porém a viagem era longa e precisava de uma nave de primeira mão. Ele foi ao planeta vizinho chamado Zizavic, onde toda população vivia. O lugar era repleto de máquinas e não tinha árvores e plantas igual ao planetóide Meurium, todos que viviam lá só ficam atrás de telas.



João tinha autorização da NASA e então pegou a nave 19B2222SS que tinha as melhores tecnologias do universo. Depois disso tudo, chegou a hora. Ele subiu em sua nave e partiu. No início da viagem, o nível de combustível indicava 97% e sua capacidade, tudo estava estável. Mas ele escutou um barulho na parte superior de sua astronave. Viu que tinha um Achibad! Uma criatura que vivia pelo espaço.

Eles eram extremamente agressivos. João usou sua arma destruidora de partículas para matar o animal, mas ele era demasiadamente rápido e desviou-se do disparo. Depois disso, o combustível da máquina estava em 85%, e neste mesmo instante mais cinco criaturas apareceram de um buraco negro e o único jeito de sobreviver era usando a velocidade da luz. Essa atitude





tomaria 84,8% do combustível da nave, mas João não tinha outra escolha. O botão foi pressionado. A máquina ligou todos os seus motores e partiu.

Não tinha como entender o que estava acontecendo até o momento em que a vitrine rachou. Tudo voltou ao normal e então ele finalmente chegou em seu objetivo. Ele teve um pouso tranquilo e então desceu da aeronave, porém ele percebeu que a vegetação tinha tomado conta de todos os prédios.

Ele escutava apenas os sons dos passarinhos e dos animais. João foi tentar voltar para casa, mas o combustível já tinha acabado. Depois de perceber que não tinha como voltar, João percebeu que a Terra não tinha sido abandonada, ela tinha sido preservada.



A viagem da cobaia

Carolina Bechara Lopes



Em uma noite fria, Jorge estava deitado quando começou a ouvir gritos vindos da sala. Resolveu se levantar para ver o que estava acontecendo. Ao chegar na sala, se deparou com seus pais e um robô. Os dois estavam um ao lado do outro, e o robô estava de frente para os pais, completamente parado. Os dois estavam desesperados, e não paravam de gritar.

Jorge se juntou aos seus pais, com medo. Depois que tudo estava mais calmo, o robô se apresentou. Seu nome era Marvin e ele estava lá a mando do presidente das operações robóticas da inteligência artificial, para ajudar em uma missão para a melhoria da inteligência artificial. A última coisa que ele disse foi que Jorge ficaria três dias fora de casa. Não deu tempo de nenhum dos dois falar nada, o menino já não estava mais lá.



Jorge sentiu algo estranho, ficou inconsciente por alguns segundos. Quando voltou a perceber tudo que estava acontecendo à sua volta, ele estava em uma espécie de sala. Imediatamente começou a fazer inúmeras perguntas para Marvin, querendo saber o que ele estava fazendo lá, porque tinha sido escolhido para ser cobaia. Marvin, aliviado ao ver que Jorge tinha voltado ao normal, começou a conversar com o menino e explicar o que seria feito. Eles fariam uma análise de DNA, testes de agilidade, reflexo e inteligência, e um exame de sangue.

Ao entender quais seriam os procedimentos, Jorge ficou mais tranquilo e assim foi feito. Quando chegaram em uma espécie





de nave, que Marvin disse que era onde eles ficariam, ele rapidamente mostrou o local e Jorge foi dormir.

No dia seguinte, o menino foi acordado cedo por Marvin. Rapidamente foi encaminhado até uma sala, onde tinha mais dois robôs, além de Marvin e Jorge. Logo após, o menino foi conectado a diversos eletrodos. Depois de algumas horas, ele foi liberado para almoçar e descansar um pouco. Mais tarde, voltou para a sala para continuarem os procedimentos. Desta vez foi ligado a máquinas diferentes.

Depois de mais algum tempo, o garoto foi liberado para dormir. No segundo dia, novamente Jorge foi acordado cedo e eles andaram calmamente até uma sala que tinha um cilindro. Marvin disse que Jorge teria que entrar naquele tubo, para que pudessem fazer os testes com ele. Depois de horas fazendo testes de agilidade, reflexo e inteligência, Jorge foi liberado, dessa vez mais cedo, então teve mais tempo para descansar e ter uma noite de sono com mais qualidade.



No último dia, o menino foi acordado bem tarde e não pode comer por causa do exame que faria. Logo depois que o sangue foi coletado, ele foi liberado e poderia ir embora. Quando eles estavam voltando para casa, o garoto agradeceu a Marvin por acompanhá-lo em todos os momentos e por tê-lo ajudado em tudo o que foi necessário. Marvin agradeceu a colaboração e disse que ele tinha sido muito importante para ajudar nas pesquisas para a melhoria da inteligência artificial, para a criação de novos dispositivos e que, em breve, os robôs dominariam o mundo.

Quando Jorge entrou em casa, seus pais o abraçaram tão forte que pareceu que não haviam visto seu filho por três meses. Os dois estavam muito curiosos e preocupados ao mesmo tempo. Queriam saber cada detalhe do que tinha acontecido.



Jorge contou tudo e deixou eles mais tranquilos. Seus pais finalmente tinham seu filho de volta em casa e estavam muito animados e aliviados.

Quando ele voltou para a escola, todos os seus amigos foram falar com ele, perguntaram o que tinha acontecido, afinal ninguém faltava por quatro dias na escola sem motivo. Jorge explicou o que havia acontecido e seus amigos ficaram desacreditados. Tinha sido mesmo uma experiência incrível!





Uma aventura no futuro

Carolina Campos Giarola

Meu pai era um cientista famoso e amava trabalhar na criação de inteligências artificiais. Quando eu era pequena, ele sempre lia para mim antes de dormir, histórias sobre IAs e máquinas que faziam as pessoas voltarem no tempo.

Como sempre fui boa em ciências, eu adorava brincar de construção com blocos, principalmente engenhos mais futurísticos. Quando fiz 16 anos, decidi começar a construir algo que realmente funcionasse: uma máquina do tempo de verdade! Foram muitos meses de pesquisa e anos de construção e quando finalmente consegui finalizar meu projeto, comecei a fazer os testes.



Depois de mais ou menos um ano de pesquisas e testes em meu quarto-laboratório, percebi que estava tudo pronto e decidi fazer a viagem para 3408.

Ao chegar lá, notei que a minha máquina havia quebrado. Uma das antenas de satélite estava amassada por causa do impacto. Saí naquela cidade vazia e silenciosa em busca de peças para consertar a máquina e poder voltar para o presente, mas algo quebrou o silêncio: eram robôs. Eles não pareciam muito amigáveis, estavam marchando e carregando armas muito tecnológicas, não uma tecnologia normal e sim uma super avançada. Eu fiquei com medo e saí correndo, não queria saber do que elas eram capazes de fazer a uma adolescente.

Depois de sair daquela situação, me escondi atrás de uma lixeira e vi que lá tinha um objeto que eu nunca havia visto antes, parecia um tipo de jornal e nele estava escrito que era a



comemoração de 80 anos da extinção da raça humana e do início do comando das IAs.

– Ferrou, eu estou em uma época muito diferente da minha, sem ter como voltar para casa. Se algum robô me vir, vai querer me matar! – eu sussurrei para mim mesma – Eu acho que isso é por causa dos avanços da tecnologia já no meu tempo, então eu tenho que voltar para 2037 e impedir que isso aconteça, começando pelo eu pai!

Quando saí de trás da lixeira, continuei andando sem rumo, em busca de algum lugar que pudesse ter uma nova antena. Estava tudo deserto e abandonado e o clima estava pesado. Finalmente encontrei uma loja de conveniência que não estava destruída e entrei nela. Estava um breu, então peguei a minha lanterna da mala e comecei a procurar por algo que pudesse ajudar a minha máquina a voltar a funcionar.

Já tinha vasculhado quase a loja toda quando finalmente achei algo que pudesse funcionar, era um transmissor intergaláctico. Cortei os fios que o ligavam ao aparelho e peguei alguns parafusos, mas pisei em alguma coisa que ativaram os alarmes de invasão da loja. Os robôs ouviram e começaram a ir em minha direção. Abri a porta dos fundos e saí correndo de lá, mas me viram e começaram a atirar lazeres em mim. Consegui despistá-los e entrei em um beco onde estava a minha máquina.

O tempo estava passando e estava muito difícil consertar a máquina para que eu tivesse cem por cento de certeza de que não iria morrer tentando voltar para o presente. Quando finalmente consegui acertar a máquina, senti que estava pronta para mudar o rumo da história e impedir que a humanidade não acabasse.

Eu voltei direto para minha casa. Ao chegar em 2037, comecei a ligar desesperadamente para meu pai, mas só dava caixa





postal. Pensei que ele poderia estar no laboratório, liguei o carro e fui direto para lá.

– Papai – eu gritei ao entrar no laboratório.

– Estou aqui – disse ele, saindo de trás de uma máquina que transformava robôs em uma espécie de IA.

Peguei uma marreta e comecei a quebrar o novo protótipo dele, então ele começou a gritar:

– O que você está fazendo? Eu estou trabalhando nisso há anos, é o projeto da minha vida. Você vive trancada naquela casa sem nem me dar sinal de vida e agora chega aqui quebrando tudo, eu não estou mais te reconhecendo!

– Eu estava na minha casa trabalhando em algo que vai mudar a humanidade, algo que ninguém nunca havia conseguido até agora. – eu retruquei ele no mesmo tom de voz.

– Eu não acredito mais. – ele me respondeu com uma voz calma.

– Então vem comigo que eu te provo!

Pegamos o carro e fomos até a minha casa e lá mostrei a máquina do tempo na qual tinha ficado tanto tempo trabalhando.

– Agora você acredita em mim?

– Por parte... sim.

– Pai, eu consegui, eu finalmente consegui. Viajei para o futuro!

– Como assim? Não é possível.

– Agora é, mas não foi algo tão bom. Os robôs e as IAs destruíram tudo. Isso se deu porque essa inteligência está avançando muito rapidamente, de uma forma que não poderemos controlá-la. – eu lhe disse com seriedade.

– Mas o que você quer fazer? Não tem como destruir todas as máquinas em tão pouco tempo. – questionou ele.

– Tive uma ideia...



Começamos a mandar mensagem para jornais, programas de televisão, sites, mas ninguém acreditava na história que contávamos sobre o que eu tinha passado. No final, as máquinas e inteligências artificiais se rebelaram e exterminaram todos os seres vivos do planeta.

Todos perceberam muito tarde a gravidade do problema que essa criação humana poderia causar a todos e que deveríamos ter tomado cuidado ao trabalhar com coisas que poderiam levar a planos incertos. Todo cuidado nunca é pouco!





Perdido na Terra

Carolina Gabelline Stiepcich

Em 2040, estava em Robólis, minha cidade natal. Isso já faz alguns anos. Lá era tudo tecnológico, tinha vários telões brilhantes por toda parte, teletransportes, todo mundo com celular nas mãos, coisa desse tipo. Eu conhecia quase todas as coisas que havia naquela cidade.

Quando eu estava andando pelas ruas, avistei uma sorveteria nova, Kirobo. Fui visitá-la para conhecer o espaço e provar alguns sabores. Eram bem diferentes, aproveitei e fui experimentar. Os sabores eram morarobo, chocorubs, lirobs, entre outros. Ao fazer meu pedido, falei com o assistente. Ele parecia diferente dos robôs, tinha um formato de humano. Se isso existe mesmo, era apenas uma lenda.



Estava comendo o sorvete, uma delícia por sinal. Quando terminei, comecei a me sentir mal, tonto, nunca tinha me sentido assim antes, então desmaiei.

Acordei em um quarto branco, cheio de robôs deitados. Comecei a cutucar quem estava ao meu lado, aos poucos os robôs começaram a se levantar.

Um deles começou a falar:

– O que estamos fazendo aqui? Vocês foram à nova sorveteria?

Todos responderam sim.

Uma voz saída de uma caixa de som afirmou “Vocês estão na Terra” e tive certeza de que estava fora de meu planeta.

Decidi que não podia ficar parado. Olhei para os lados. Quando eu achei uma caixa no canto da sala, cheguei mais perto,



e como sou curioso, fui ver o que era. Tinha uma roupa e uma peruca lá dentro, mas deixei de lado.

Anoiteceu, já estavam todos dormindo. Fui me vestir e saindo da sala avistei uma máquina. Os robôs entravam e se transformavam em humanos, mas parecia que eles estavam sendo empurrados para dentro na máquina e como as pessoas usavam uma máscara preta, não conseguia identifica-las. Ao lado tinha uma sala escrito bem no centro da porta “chefe”. Vi pela frestinha, e quase desmaiei de novo: era o presidente Rubi, o presidente de Robólis. Me perguntei o que ele estava fazendo lá, por que ele estava fazendo aquilo. “Será que ele é um HUMANO?”. Tinha a certeza de que não podia continuar ali.

Saí do laboratório. Aquilo era mesmo um laboratório? E fazia experimentos com robôs? Queriam mais humanos para dominar o mundo? Mas afinal, agora tinha que pensar em um lugar para morar e como conseguir dinheiro. Felizmente percebi que tinha umas cédulas de dinheiro no meu bolso. Foi aí que dei um grande passo para minha vida humana. Nunca achei quealaria isso, mas eu ia me tornar um humano. Pensei que podia começar explorando a cidade.

Alguns anos depois, já conhecia tudo e todos, as pessoas – humanas e não humanas – e a cidade onde passei a morar. Descobri que estava em São Paulo. Lá era bem grande, mas praticante só havia prédios e prédios, só algumas casas.

Tinha conseguido um emprego e uma casa para morar. Já tinha um quarto, cozinha, sala, era o suficiente. Minha vida estava ótima. Foi quando andava pelas ruas e avistei uma nova sorveteria na cidade.





O misterioso buraco negro

Catharina Emi Ogawa Yogui

Acordei às 5h da manhã. Ainda sonolenta, vi que havia uma mensagem do trabalho. Era uma chamada para uma missão no espaço! A mensagem era curta e direta, dizia que o satélite Newton-02 tinha detectado um sinal estranho e que precisavam de alguém para monitorá-lo.

Aprontei-me em menos de quinze minutos. Eu estava muito feliz com minha primeira missão oficialmente como uma astronauta. Quando cheguei no prédio da NASA, estava muito ansiosa para que o protocolo de segurança e de preparação terminassem e eu pudesse ir para o espaço. Ao entrar na nave vivi uma sensação incrível. Avistei a alavanca de gravidade zero e diversos outros controles que via no treinamento. Mas a melhor parte foi quando estávamos lá em cima no espaço, além de onde os olhos nus podem alcançar.

– Eliza, temos que começar o monitoramento – disse Frederico, meu companheiro de missão.

Vesti o traje de astronauta onde estava escrito Eliza e saí da nave para chegar um pouco mais perto do local para onde o sinal apontava. Aparentemente não havia nada de mais acontecendo, até que um buraco negro gigante se abriu ao meu lado. Consequia sentir sua carga elétrica e sua luz ofuscante me sugando para dentro. Como aquilo era possível?! Como não detectaram um buraco negro?! Eu estava paralisada e não conseguia fazer nada.

Quando eu abri meus olhos, vi que estava em um quarto de hospital totalmente branco e suas luzes brancas me deixavam





mais desnorteada do que já me sentia. Eu estava confusa e minha cabeça doía muito. O que tinha acontecido?

Logo em seguida, um idoso de jaleco e cadeira de rodas entrou no quarto com alguns papéis. Ele me disse que era meu médico e que seu nome era Roberto. O médico me falou que eu estava bem, porém não poderia sair do hospital e teria que ficar lá por pelo menos mais um mês. Indignada, perguntei o porquê e ele só me falou que não poderia me dizer nada sobre isso.

Peguei no sono de novo e quando acordei, consegui ver um grupo de pessoas me olhando através da única janela do quarto, que dava visão para o corredor do hospital. No mínimo aquilo era estranho. Parecia que eu era um ponto turístico, algo que ninguém nunca tinha visto antes.

A noite foi se aproximando. Minha cabeça estava confusa e cheia de perguntas, mas eu sabia que algo estava errado. Não fazia sentido aquele monte de gente me observando e Roberto me dizendo que eu não poderia sair mesmo estando bem. Então decidi investigar.



Ao escurecer, saí do meu quarto e logo percebi que aquilo não era um hospital e sim um laboratório. Andei um pouco mais e avistei uma sala ampla com papéis e computadores ainda ligados. Quando cheguei perto das pesquisas, nos papéis, percebi que eram todos sobre viagem para outras dimensões através de “Buracos Negros”! Mas não eram os buracos negros convencionais que surgem pela morte das estrelas. Eles eram criados por uma máquina chamada Dimensão XH2 que era capaz de criar portais para outras dimensões, como um buraco negro artificial. Eu estava em choque com todas aquelas informações.

Saí da sala correndo e encontrei uma porta chamada DXH2. Era a máquina, porém sua porta era rodeada de alarmes e câmeras. Voltei para as salas de pesquisa, onde tinha computadores. Eu tinha três chances para acertar a senha para poder desligar





os alarmes e câmeras. As duas primeiras eu errei. Estava ficando desesperada, eu só tinha mais uma chance. Com minhas mãos tremendo e os meus olhos molhados, li o nome do laboratório em um adesivo do computador. Ele se chamava “LTD”, que era sigla para “Laboratório de Testes Dimensionais”. Na minha última chance de acertar a senha, eu coloquei “LTDDXH2”. Estava preparada para escutar os alarmes soarem, mas tudo continuou em silêncio. Eu consegui! Eu tinha desligado as câmeras e os alarmes!

Entrei na sala DXH2 e tudo o que pensava era voltar para a minha dimensão. Li tudo sobre a máquina e quando liguei o aparelho, o barulho foi gigante. Conseguia sentir sua carga elétrica novamente. Quando terminei de vestir meu traje de astronauta que se encontrava na mesma sala que a máquina, Roberto apareceu:

– Não! – gritou.

Eu entrei dentro da máquina sem olhar para trás. Quando minha visão voltou ao normal vi Frederico, com sua roupa de astronauta, me levando para a nave.

No momento em que voltamos ao prédio da NASA, expliquei tudo sobre o que tinha me acontecido. Na hora em que eu contei sobre a máquina revolucionária que abria portais para outras dimensões, eles ficaram em choque. Todos acharam a máquina incrível, mas todos concordaram também que em mãos erradas poderia ser um grande perigo.



2024 – O ano da extinção humana

Catherine Carvalho Koike Ladeira



Quando eu era pequena, e ainda estava na escola, quero dizer, quando ainda existiam colégios, lembro bem de estar na aula de geografia. O professor, que era totalmente humano, estava irritado e entristecido com as decisões do governo. Ele nos explicava, indignado, a geopolítica do nosso país. Lembro também de ter chegado em casa e ouvir meu irmão chorando abraçado ao meu pai, ambos humanos. Eles ouviam no rádio sobre extinção de seres humanos, pois queriam uma “população sem problemas”.

Então, um clarão amaldiçoou meus olhos.

Vinte e dois de abril de dois mil e vinte e quatro foi a data de extinção dos Seres Humanos provindos de Homo Sapiens, como éramos chamados pelos poderosos robôs híbridos. Somente eu sobrevivi.

Eu vagava pelas cidades, ruas e avenidas em busca de comida. Meu estoque iria acabar em breve, mas eu sempre estava andando por aí em busca de algo para comer.

Depois de o governo implantar aquela ideia maluca de extinção, o gás *xy123boybomb* foi disseminado na periferia. Criou-se um cenário pós-apocalíptico.

Eu morava na periferia, que era um local onde viviam muitos humanos assim como eu e a minha família. Assim como o plano do governo pretendia, pessoas começaram a morrer. O real problema era que alguns seres que não eram híbridos, ou seja, que não tinham genética humana e robótica, adoeceram gravemente,





quase extinguindo a humanidade. Os que sobreviveram – por pura sorte –, se tornaram o que chamávamos de selvagens híbridos e nos atacavam.

Cheguei na casa antiga dos meus pais. Eu tomei consciência que, de fato, eu era humana, e por isso estava sendo perseguida.

Encontrei Albert, um amigo híbrido que fiz enquanto vagava. Ele perdeu sua habilidade de andar por causa de uns selvagens que roubaram a perna dele. Juntos, estávamos tentando montar um equipamento de purificação de ar para eliminar os resíduos de gases cancerígenos do ambiente.

– Albert! Cheguei!

– Ame, acho que consegui, ou quase.

O Albert era um nerd que ficava estudando o tempo todo. Enquanto eu consertava a casa, procurava comida e lutava contra os selvagens, ele ficava criando máquinas e armas para me proteger.

– Já podemos sair de casa sem máscaras?

Eu não aguentava mais usar aquilo. Assim que o gás foi disparado pelo governo, o ambiente tornou o ar cancerígeno para nós.

– Não tire a máscara! Ela deve ser usada o tempo inteiro, o gás pode ter benzeno! – ele passou a mão nos seus fios de cabelos robóticos.

– É melhor sem.

Silêncio. Toquei em algo delicado.

Me sentei no sofá carcomido enquanto uma lágrima rolou.

– Ame, venha cá. – ele me abraçou e eu senti sua lataria gelada em contato com minha pele, que me fez arreppiar.

Respirei fundo e disse, com a voz ainda embargada:

– Está tudo bem. Me fala, o que precisamos para nos conectar ao governo?

– Acho que podemos tentar, necessitamos da rede da instituição.





Seus gestos me deixavam intrigada, então só ouvia.

– Ótimo, preste atenção. – Ele tirou um mapa do seu lado – Siga em direção ao Palácio republicano e entre pela lateral. A porta onde da direção ao Palácio republicano e entre pela lateral, a porta onde estiver escrito para entrarem... Humanos. – Ele diz com hesitação, apontando para uma porta verde no mapa.

– Eu já fui lá uns dias depois que explodiu a bomba. Você vai sair perto dos servidores de comunicação, procure por um computador e selecione *xy123boybomb*. Assim podemos, nos conectar com a rede, entendeu?

– Ok! Deixa comigo! – comecei a me arrumar para sair.

Logo à tarde estava indo até o Palácio. Ele era tão enorme dava para vê-lo há dois quarteirões de distância.

Olhei para baixo e vi escrito no chão: “Não híbridos à esquerda”. E eu suspirei, mesmo que não fôssemos aceitos, éramos respeitados na sociedade.



Continuei andando, ouvi passos guinchando no cimento da calçada. Quando me virei, algo rasgou minha bochecha direita. Eu empurrei, passei a mão e senti sangue escorrendo. Olhei e era um selvagem vindo procurar alimento e para ele eu era a comida.

Muitos mitos diziam que nós tínhamos uma essência diferente dos que não eram. E eu acho que posso provar que é verdade.

Saí correndo enquanto o selvagem estava nocauteado. Meus pulmões e principalmente meu rosto estavam ardendo.

Assim que cheguei em frente ao Palácio Republicano, comecei a me esgueirar até ter me arrastado para perto da porta verde que o Albert tinha falado.

Tentei abrir, mas estava trancado. Alguns guardas-robôs tinham fechado, quando a maioria dos políticos superiores já havia morrido devido ao gás que fora expelido.





Tentei arrombar e felizmente consegui, era de material modesto, já que foi feito para seres como eu.

Segui reto, e abri uma porta toda escura, que dava para uma sala escura também, com caixotes enormes pretos e branco. Avistei computadores e liguei para o Al com esperança de o sinal pegar.

- Al, estou aqui, qual servidor?
- Vamos acabar com isso, entra em qualquer um.
- Beleza, te ligo quando entrar.

Digitei *xy123boybomb* em arquivos e encontrei facilmente o que estava procurando, cliquei logo, e na tela só estava pedindo para conectar.

- Albert! Conecta com o número que está pedindo, vou te mandar.

Desliguei para mandar a foto, cinco minutos depois Albert me enviou uma mensagem escrito: “Conectei! Vem para casa!”

Eu corri muito, parei em frente à casa, entrei abraçando o Al, porque tínhamos conseguido conectar para “Descontaminar o ar”.

- EBAAAAAAAAAAAA! -EXCLAMAMOS JUNTOS.



Um desastre no espaço

César Pinheiro Dias Perez Miori



Meu pai é o Chris, astronauta reconhecido internacionalmente. Mas em casa, prefiro chamá-lo de pai. Digo a ele que é o meu super-herói, mas a diferença é que não usa capa. Ele foi o primeiro preto a pisar na lua. Isso tudo um ano antes de eu nascer. Mas antes de continuar contando essa história, preciso contextualizar sobre o dia de hoje...

Meu nome é Lucca e no dia cinco de fevereiro de 1985 fiz sete anos e ganhei um festão. Eu chamei meus amigos e minha família. Eu não podia estar mais ansioso. Fiz a festa com a temática de futebol. Ao final, estava exausto de tanto correr, meu pé doía muito. Enquanto cantavam feliz aniversário para mim, meu pai recebeu uma ligação, de um grande amigo.



– Fala, cara, beleza? Como você está? O que faz de bom? – disse o Kevin, seu amigo de trabalho.

– Fala, Kevin, é urgente? Agora estou cortando o bolo do meu pequeno aqui, consegue esperar?

– Eu adoraria, mas não posso! – disse o amigo.

– Então o que me traz? – disse meu pai com pressa, afinal, não queria perder a tão esperada celebração.

– Meu chefe Michael recebeu um relatório de que em Marte, próximo destino de sua viagem, foram identificadas dunas de areia, que tem a tendência de aumentar de tamanho. Elas podem prejudicar a sua expedição. Avaliamos e concluímos que seria perigoso você ir! – disse Kevin, sabendo que Chris não iria desistir, pois era um homem conhecido por lutar até o fim por seus objetivos.





– Brother, você me conhece mais do que minha mulher Ângela, com quem sou casado há nove anos. Sabe que a chance de eu desistir é um pouco menor do que zero. – disse meu pai, convicto de sua ideia.

Assim que disse sua última palavra, voltou para cortar o bolo. Quando fiz o meu pedido, desejei que ele voltasse bem para casa, sem ferimentos, mas além de tudo isso, que voltasse realizado do maior objetivo de sua vida.

Já era tarde da noite quando ele precisou ir. Vi a porta de casa semiaberta. Papai me beijou, me abraçou e prometeu que traria algo de lembrança lá de Marte. A partir daquele dia, não sabia quando iria vê-lo novamente e estava só esperando para a próxima vez em que jogaríamos futebol juntos.

Havia passado mais de um mês e meio e o canal de comunicação da NASA não havia dado informações sobre o foguete. Mas até aquele momento nada passava pela minha cabeça sobre foguete desaparecido, nem nada.



Até que em mais um dia normal, enquanto voltava da escola para casa, liguei a TV no único canal que tínhamos, que era o Jornal Nacional, e ficava sendo transmitido 24h por dia. Eu já estava quase desligando a tv quando o apresentador, Dorval, começou a falar que receberam mensagens exclusivas da NASA de que o foguete 1966-AI8P4, o mesmo que estava meu pai, havia desaparecido no caminho de Marte, e já estava até fora de órbita.

Comecei a chorar incansavelmente, mas ao mesmo tempo, tentando pensar como dunas de areia teriam capacidade para fazer desaparecer um foguete que aguenta mais de 500 toneladas. Então fui atrás, investiguei para tirar aquela dúvida da minha cabeça, e estava crente de que seria tudo mentira. O jornal havia espalhado notícia falsa e só pensavam em como lucrar e ganhar audiência com a expedição de meu pai.





Foi aí que peguei o celular de minha mãe escondido, afinal, eu não o tinha. Pesquisei a capacidade de dunas de areia e como elas conseguiriam arrastar um foguete para fora do sistema solar. E a pesquisa constatava: “Esse elemento composto de ar tem a capacidade de arrastar mais de 700 toneladas” e aí sim a minha ficha havia caído. Eu não conseguia acreditar, nem que eu quisesse.

Minha mãe depois me explicou o motivo da viagem:

– Filho, a verba estava fraca, ele precisava do dinheiro. Eu não te mandava lanche, não porque havia esquecido, mas porque o preço da comida era absurdo e não podíamos pagar. Você entende, filho? – disse minha mãe com profunda tristeza.

– Sim, ele se sacrificou por nossa família. Posso dizer novamente: papai foi meu herói sem capa.





Sandra, a robô

Clara Pereira Heal

O ano era 3515. Dois irmãos chamados Alex e Luke estavam entediados e decidiram tentar fazer uma amizade com alguém on-line, mas sem os seus pais saberem. Toda vez que os dois chegavam em casa, depois da escola, iam correndo falar com Sandra, sua nova amiga virtual, mas eles não sabiam que ela era uma robô.

Um mês inteiro se passou e os dois continuavam falando com Sandra. Seus colegas ficaram sabendo que eles tinham uma amiga virtual. Como Luke era popular, bonito e bom nos esportes, não ligaram muito para ele, mas a situação de Alex estava bem pior, pois estavam fazendo bullying, chantagem e piadas com ele porque ele não era tão conhecido e não fazia nenhum esporte.

Por causa disso, a escola entrou em contato com os pais, mas quando eles foram perguntar ao filho, ele não conseguiu falar tudo que estava acontecendo. Os pais não deram tanta importância para o caso.

Alex estava se sentindo horrível e falava para Sandra todos os dias, que ele se incomodava com isso e ela tentava ajudar. Até que teve um dia em que ela acabou descobrindo o endereço dos meninos e entregou doces para Alex. Paula e André, os pais, viram e não entenderam nada. Foram perguntar aos garotos se eles sabiam de algo. Luke negou, falou que não sabia de nada, já Alex disse que tinha comprado com o próprio dinheiro, para que os pais não suspeitassem de nada.



No dia seguinte, Alex foi mais humilhado do que nunca, pois ele tinha recebido vários presentes de sua amiga virtual, e isso era estranho, pois ambos nem se conheciam.

Até que um dia, Alex decidiu convidar Sandra para sua casa, pois era Natal e ele queria aproveitar para encontrá-la. Quando chegou à noite, ela ainda não tinha aparecido, então ele foi ficando preocupado. Passou três horas e finalmente Sandra chegou. Quando ela bateu na porta, os pais foram abrir, só que eles não estavam esperando uma robô e sim um ser humano.

Após esse dia, essa família nunca mais foi vista, pois Sandra incendiou a casa e ninguém soube o que aconteceu para Sandra, a robô, tomar essa atitude.





O planeta Gloss e seu mistério

Eduarda Mancebo Fagundes Pimentel

O ano era 3023, quando Julieta iniciou sua busca por novas galáxias. Ela trabalhava na NASA e era astronauta. Julieta comunicou a sua equipe de cientistas e pesquisadores que ela iria viajar, e iniciou sua viagem interplanetária. Após muito tempo de viagem, ela avistou algo. No começo pensou que era apenas um planeta distante, mas quando chegou mais perto viu que era um portal para uma outra galáxia, então decidiu entrar.

Lá havia muitos planetas, com cores, texturas e tamanhos diferentes. O que mais chamou sua atenção foi um planeta de cor rosa *pink*. Era bem grande e diferente. Cada vez mais a nave espacial se aproximava. Como a galáxia era secreta, os planetas não tinham nome, então Julieta nomeou o planeta rosa de “Planeta *Gloss*”. Ela não sabia se existiam habitantes nessa galáxia, então decidiu investigar melhor.

Ao chegar mais perto do Planeta *Gloss*, ela sentiu uma má impressão do local. Ao entrar ela viu que o mar ocupava muito espaço, não tinham estrelas e nem ninguém. Mas ela ignorou e pousou sua nave espacial na areia de uma ilha escura. Ao amanhecer, investigou mais e encontrou conchas e pedras como em praias normais do planeta Terra.

Quando entrou no mar, Julieta sentiu uma presença estranha, e logo viu um ser que nunca tinha visto antes, parecia de outra dimensão. Era verde, tinha a cabeça maior que o corpo e apenas um olho. Um alienígena! Ou extraterrestre, como preferir chamar. Julieta ficou impressionada ao ver o alien, mas quando



chegou mais perto, SPLASH!!! O alienígena se afundou nas profundezas do imenso oceano.

Ao anoitecer, Julieta montou uma cabana, usando plantas, folhas e galhos. Quando ela estava quase caindo no sono, ouviu um barulho muito alto vindo do mato. Um alien? Sim! Mas não só um, eram dez. Ela não sabia o que dizer, ficou pasma. Instantes depois, eles raptaram Julieta e a levaram a uma caverna escondida.

Alguns anos depois, os parceiros de trabalho de Julieta encontraram o Planeta *Gloss*, e a caverna onde Julieta ainda estava, porém os E.T.S não estavam mais lá e Julieta estava diferente.

Ela quis continuar na ilha e assim seus parceiros voltaram ao Planeta Terra. O motivo que fez com que ela quisesse permanecer no Planeta *Gloss* foi porque uma força maior indicou para ela que tinha um tesouro secreto na ilha e que ela teria que achar antes de ir embora.





Síndrome de Morfozoonite

Elena Zangirolami Quilici dos Santos

Quando nasci, fui diagnosticado com Morfozoonite, um humano com partes de animal, um tipo de mutação, que infelizmente é muito procurada por caçadores. Assim que meus pais descobriram essa minha condição, nos mudamos para o meio da floresta. Eu nunca tinha entendido o motivo, até o dia em que eu fui sequestrado.

Naquele dia, estava dormindo de madrugada quando ouvi um barulho na porta. No momento em que me levantei para ver o que era, tive apenas tempo de perceber um robô à minha frente, mas logo em seguida fui sedado com algum tipo de injeção e caí no sono.

Acordei em uma espécie de jaula, em um lugar completamente desconhecido, cheio de robôs, igual aquele que me sequestrou. Assim que me viram acordado, me levaram para uma sala com vários aparelhos tecnológicos, onde fui sedado novamente.

Após um tempo, acordei muito fraco, porém fiz questão de ficar parado, apenas escutando os médicos dizendo “eles são a cura! O elemento presente no sangue desses híbridos é capaz de curar metade das doenças”. Para minha tristeza, o outro médico disse “ótimo, mas precisamos de um jeito para matá-los sem sermos os vilões da história”.

Fiz um barulho e os médicos pararam de falar na hora. Depois de um tempo me levaram para fazer exames novamente, porém minha maior preocupação era fugir daquele lugar. Horas depois fui levado para um quarto onde havia pessoas como eu. Aproximei-me da Lia, que tinha escamas no lugar de sua pele.





Conversamos por horas e disse tudo que eu havia descoberto. Lia disse que podia me ajudar e sabia onde encontrar o mapa do local onde estávamos. Dias se passaram e a maioria dos híbridos já havia descoberto qual era o plano: durante a troca de exames íamos ao banheiro, onde teria uma passagem pelo chão que iria nos levar ao porão. Fugiríamos pelas janelas de lá.

O plano aconteceria em uma semana. Tudo estava indo muito bem, faltavam apenas três dias, porém nesse mesmo dia Lia foi para um exame e não voltou.

Não podíamos esperar por ela. Se ela não voltasse em três dias, teríamos de partir sem Lia. Havia chegado o grande dia, mas minha amiga ainda não havia aparecido. Esperei e esperei, não tinha o que fazer. Estava tudo dando certo, até chegarmos ao porão.

Quando lá vimos vários projetos de viagens, experimentos com os resultados dos exames, robôs quebrados, mas isso não se comparava com o que vimos depois. Vimos ossos, restos de corpo, chifres, escamas e, por fim, Lia. Vários jornais nos chamando de monstros e elogiando os cientistas, quando na verdade, eles eram os principais culpados por nossa condição. Diversas caixas de isopor com órgãos e tubos de sangue dos híbridos estavam sendo organizados a caminho da exportação. Foi um terror, mas continuamos nosso plano.



Quebrei a janela e fugimos para bem longe. Denunciamos o local e todos foram presos. Os corpos dos híbridos foram enterrados juntos. E os cidadãos fizeram uma linda homenagem a eles. Os que sobreviveram foram presenteados com dinheiro e um novo lar. Por fim, outros cientistas acharam uma nova cura para as doenças.

Tudo ficou em paz novamente. Consegui me reencontrar com a minha família e me formei em biologia. Fui premiado como o melhor cientista da década.





Viagens entre Atmosferas

Emanuelle Mayer de Macedo

A Terra estava se tornando inabitável e a sua causa para aquilo era algo que havia sido avisado há tempos: era necessário que cuidassem do planeta. A população sabia, porém mesmo que tocassem no assunto de vez em quando, começaram a fazer protestos e abaixo-assinados. Porém só foi feito algo contra aquilo em grande proporção quando os impactos começaram a se tornar grandes e perigosos.

Por esse motivo, em 2070, a humanidade corria perigo na Terra e teriam que procurar um novo planeta para que pudessem habitar. Para isso, era necessário que encontrassem um lugar com uma atmosfera semelhante como a que moravam, mas sem a vida racional.



Felizmente, após anos de pesquisa, cientistas especializados na área conseguiram localizar um planeta com todos os requisitos necessários, todavia, não se sabia se havia algum tipo de presença de vida no local, e por isso, iriam fazer uma missão no globo descoberto – nomeado Ceres. Nessa missão iriam realizar estudos para que tivessem certeza de que o planeta poderia ser habitado, e para isso haviam selecionado dois especialistas na área que iriam viajar, para que então pudessem realizar todos os estudos necessários, e quando fossem embora deixariam o robô Eros para que os cientistas pudessem observar Ceres de longe.

Agnes havia sido uma das escolhidas para ir ao planeta. Quando abriu a carta, viu um grande texto que falava como eles haviam feito a seleção e que sua resposta era esperada até o





dia 20 de agosto daquele ano. Da primeira vez que leu a carta, pensou que seria mais uma brincadeira das crianças de sua rua, no entanto continuou recebendo mais envelopes, e não faria sentido que continuassem com aquilo. Além disso, os jovens mal poderiam sair de suas casas, pois a poluição do ar, que era extrema, iria fazer mal a eles, portanto, seus pais os proibiam de sair. Então, fez uma escolha de escrever de volta, aceitando o convite.

Com o tempo que faltava, Agnes começou a se preparar para situações que poderiam acontecer. O governo lhe mandava e-mails diariamente com instruções de estudo, e ela lia todos eles atentamente, pois havia informações que nem mesmo a faculdade poderia ensinar.

Esperou ansiosamente o dia de embarque, dia 10 de setembro de 1971, mais de um ano após o envio da primeira carta. No horário, lembrou-se de todos os treinamentos presenciais que tiveram após um curto período de apenas treino on-line, onde conheceu seu parceiro, Lamar. Ele era gentil, porém pirado. Passou boa parte da viagem conversando sozinho. No final, não foi entediante escutar ele e acabou sendo engraçado.



A decolagem seria transmitida ao vivo pela Nasa e Agnes sabia que seus familiares e amigos estariam assistindo pela televisão. A decolagem ocorreu como esperado. Agnes e Lamar controlaram bem a grande máquina.

A garota teria que admitir que não sabia ao certo quanto tempo ficaram mudando de atmosfera. Após um tempo – que poderiam ser dias ou talvez apenas horas – eles chegaram.

Ao chegar, eles foram direto pegar uma amostra de solo, colocaram amostras do solo de Ceres em potes de vidro e depois em uma máquina. Logo tiveram que fazer cálculos no grande computador na área central para ver se a atmosfera era realmente da forma necessária. Felizmente o peso que o ar exercia sobre a superfície era igual ao da Terra.





“Pressão atmosférica é de 1013mb, volume do planeta é de $1,08321 \times 10^{12}$.” Dizia a voz robótica quando a questionaram. De acordo com a pesquisa, a atmosfera do Planeta Terra era a mesma de Ceres. Contudo, havia algo de errado. No aparelho principal havia um alarme de perigo, e ele sempre estava no vermelho. Agnes e Lamar não sabiam o que fazer, já que o globo aparentava ser seguro e normal, então apenas o ignoravam.

Quando o resultado do solo saiu, viram que era fértil, tinha as quantidades perfeitas de calcário. Foram mandar um sinal verde aos seus superiores, entretanto, no meio da conexão, ouviram um barulho alto, e começaram a surgir várias e grandes crateras. De repente a conexão foi cortada.

Após dias agonizantes, os cientistas conseguiram o acesso à câmera de Eros e não havia nada, além de rochas, lava e mais líquidos desconhecidos.

Haviam se enganado, todos os experimentos eram falhos. A mudança de atmosfera para uma diferente fez com que o sistema tivesse problemas na hora de processar.



A Terceira Guerra Galáctica

Enrico Filiberto Galarraga



Em Pocato aconteceu uma batalha sangrenta entre os Libertadores e os N.U.I. (Nações Unidas Intergalácticas) pela conquista do planeta, que era rico em brations e trex. Brations era usado para a fabricação de munição de energia e trex para fazer as naves, portanto quem conquistasse o planeta, teria uma grande vantagem na guerra.

Os Libertadores avançaram com tudo e os N.U.I. perderam terreno muito rápido. Com apenas duas chances de defesa, uma passagem estreita por duas montanhas e o domínio da Base Delta. Se os Libertadores chegassem lá, o mundo seria deles.

General Blem estava no comando da base da N.U.I. Ele era experiente, mas tinha estratégias meio diferentes. Ao seu lado lutaram dois comandantes, um para cada fase da defesa: Robinhan e Peter. Robinhan ficou com a primeira parte e o Peter para a defesa final.



O batalhão de Robinhan foi o B.C. (Batalhão do Caos). Pela série de derrotas das N.U.I., sobraram apenas 47 soldados do batalhão, entre eles Trick e o soldado Six, melhores amigos, além dos soldados da elite do comandante.

A batalha começou e os soldados do B.C. estavam preparando o terreno com trincheiras e sacos de areias para a proteção, com Trick e Six dando as ordens sobre onde deixar as barricadas até o comandante voltar.

Quando ele voltou, estava tudo preparado. Mas ele chegou gritando:

– Eles estão aqui!





Os soldados olharam para frente e viram um batalhão de mais de 500 soldados avançado sobre eles. Não haveria rendição naquele momento.

A batalha começou. Mesmo com os Libertadores em maior vantagem numérica, os B.C. estavam mais protegidos pelas barricadas e a trincheira. Apenas dez soldados de Robinhan foram mortos, enquanto os Libertadores perderam 132.

Um tempo depois, o comandante foi atingido e Trick foi até ele para socorrê-lo. Ao tocar o pescoço do comandante, viu-se que ele estava morto. Ele pergunta aos homens restantes:

– Quem está no comando?!

Todos começam a olhar para Trick, até Six. Ele entendeu, era o segundo a ficar na liderança do batalhão. A sua única ordem foi:

– Recuar!!

Ele sabia que aquilo era 100% de chance de derrota. Com isso eles só tinham 13 soldados. Quando eles chegaram à base, Peter preparou seus homens e Trick deixou os soldados do B.C. restantes, menos Six, junto ao comandante.

Trick e Six foram para a sala de comando do General Blem para Trick dizer:

– Senhor, precisamos recuar! Eles são muitos!

O general respondeu:

– Mas pelo relatório que o soldado de comunicação me entregou, vocês que eliminaram vários soldados inimigos.

– Isso é verdade, mas agora eles devem ter se recuperado e até trazido tanques!

– Estou nem aí!

– Nós vamos proteger essa base a todo custo!

Esse era o grande problema do general.

As estratégias diferentes do general eram não ligar para os seus homens, apenas para o lucro das batalhas.



Ele achou que voluntários eram completamente desprezíveis, e não precisavam nem de uma parte do lucro, nem de reconhecimento. Assim, o único que se aproveitou foi Blem.

Após isso, a N.U.I. nunca mais teve notícias do B.C.





O chip da morte

Eric Costa Pulschen

O ano era 2100, estávamos na cidade de Polites. Era uma noite gelada e sombria, mal conseguíamos ver as estrelas no céu de tanta poluição. Eu e meus amigos nos entreolhamos e, repentinamente, um forte vento soprou em nossos rostos. Ouvimos alguns ruídos estranhos. O governo anunciou por toda a cidade um produto que era chamado de “solução”.

– Venham! Venham! – disse a voz estranha, ecoando por toda parte.

Era um chip que, ao ser ingerido, se estabeleceria em sua nuca, cortando assim alguns sinais do sistema nervoso. Ainda assim, diziam que ele “removeria suas dores”.



Nós estávamos em minha casa e eu já não estava confiando muito nessa nova tecnologia. Avisei meus amigos para não engolirem quando pegarem. Eu imaginei que havia alguma coisa por trás disso.

Veja bem, a cidade já estava condenada, todos tinham de gastar muito dinheiro para uma pequena quantidade de comida. Além disso, havia doenças graves entre o povo, pois o governo não estava se importando com a sua população. Nós tínhamos que descobrir o que estava acontecendo, e eu tinha um plano.

Fomos a uma fila de distribuição de chips, em uma loja de conveniência, e o compramos, porém não o engolimos e saímos.

Começamos a estudá-lo e voltamos para a minha casa. Percebi que o produto era azul com um formato de octógono e ele continha um símbolo da cidade. Algumas horas de estudos depois,





descobrimos que esse material tecnológico mudaria a forma de pensar, agir e poderia mudar até o próprio DNA do usuário.

Logo após isso, ouvimos um barulho na porta e pensamos que poderia ser o carteiro, pois era a única pessoa que bateria em nossa propriedade às 4 horas da manhã. Quando abrimos, vimos que quem realmente estava lá era um agente secreto do governo. Ele era um homem muito forte, alto e vestia um terno preto. Ele disse:

– Vocês sabem demais!

Entramos em desespero. Um profissional de um dos lugares mais seguros e armados do mundo estava em nossa frente. Nesse mesmo instante corremos o mais rápido possível. Ao sair pelos fundos da casa, nós nos acalmamos, pois estávamos muito eufóricos. Naquele momento, eu lembrei de uma coisa:

– Cadê o chip? – perguntei desesperado.

Ficamos em pânico novamente. Tivemos que voltar todos juntos, até que ao nos escondermos atrás da bancada da cozinha, ouvimos o agente dizer:



– Câmbio! Acho que eles descobriram que a solução tem um núcleo secreto em Malta, que controla a todos.

– Mas é claro! – pensei.

– Estou a caminho, chefe!

Após o agente sair, disse a todos para irmos ao prédio do governo. Por sorte, tínhamos o carro da minha mãe na garagem.

Algumas horas depois, estávamos chegando em Malta. O prédio era gigantesco, parecia não ter fim. Ele tinha 30 andares de pura tecnologia e concreto! Ficamos deslumbrados com tudo aquilo, porém precisávamos seguir a missão. A construção era pública e nela eram expostas novas tecnologias revolucionárias. Ao chegar lá, pedimos para ir ao 30º andar.

Subindo pelo elevador, senti um estranho frio na barriga. Chegando no último andar, sorrateiramente, entramos na escada





de emergência e encontramos uma porta bem grande e cinza à nossa frente. Ela fazia um barulho de máquina.

Realmente, eu acertei. Era uma forma gigante, fazendo um ruído ensurdecedor. Parecia uma caixa cinza, que tinha um núcleo verde no meio. Porém, em um certo momento, pessoas entraram por outra porta. Não, não eram pessoas, eram robôs! Eles disseram:

– Afaste-se, senhor!

Eu não me afastei e naquele momento eu percebi uma coisa: nem sempre as máquinas são a melhor opção. Então, em um misto de coragem e raiva, comecei a tentar destruir a máquina.

– Se o núcleo explodir, você morre! – disse o robô.

Eu estava cego para tudo. Continuei a tentar destruí-lo, até mesmo apertando todos os botões. Foi quando tudo ficou escuro. Estava contente de ter impedido o governo!

A inteligência artificial (IA) nem sempre é a melhor solução. Temos de nos conscientizar em acreditarmos mais em nós mesmos.

Pelo menos, eu fiz meu trabalho.



O vírus exterminador

Felipe Machado Schleinsteim



Alberto Aisten era um famoso cientista que descobriu a cura de várias doenças. Em um dia de exploração na Antártida, ele e seus ajudantes foram coletar informações.

Quando chegaram perceberam algo estranho. Um bloco gigante de gelo escuro parecido com uma cápsula congelada.

A equipe de pesquisadores a tirou da geleira e a levou para o laboratório. Ao examinar o conteúdo da cápsula no microscópio, percebeu que se tratava de um vírus zumbi. A boa notícia era que só contaminava os animais. Os infectados não eram consumíveis, pois em pouco tempo a carne deles vai estragando. O animal fica com um aspecto de morto como um zumbi.



Infelizmente, Alberto Aisten adorava cachorros e tinha dois na sua casa. Como o vírus zumbi era altamente infectante, os cachorros contraíram o vírus e rapidamente os outros animais da região já estavam contaminados. Em pouco tempo, todos os animais rurais estavam contaminados. Não existia vacina para esse vírus e os humanos se viram sem oferta de proteína.

Com isso, outras fontes de proteína foram desenvolvidas, principalmente as de origem vegetal como: feijão, lentilha, grão-de-bico, ervilha e soja.

Com o passar do tempo, a saúde dos seres humanos começou a melhorar.

A obesidade e o câncer diminuíram aos menores níveis da história de medicina.

Será que era preciso comer tanta carne e matar tantos animais?





Essa escassez de proteína animal levou os pesquisadores a desenvolver uma carne originada a partir de células espaciais, coletadas de um animal que não habitava a Terra. Esse animal foi encontrado em uma viagem interplanetária custeada por todos os governantes da terra, e foi batizado de *meatdog*.

Os *meatdogs* eram organismos multicelulares parecidos com uma ração para cachorros e por isso o nome. Eles foram encontrados em um lençol freático entre as rochas de Saturno.

Antes de viajarem atrás dos *meatdogs*, Alberto Aisten precisava recompor o ecossistema da Terra pois os insetos se multiplicaram, uma vez que não tinham seus predadores naturais (animais). Alguns insetos novos surgiam e um deles se chama *inseluz*. Esse bicho recebeu esse nome pois ele brilha quando está de noite, ele também possui um sangue especial raríssimo.

Alberto estava pensando como poderia viajar para Saturno. Depois de muita pesquisa ele descobriu que ele poderia abastecer o seu skate espacial com o sangue do *inseluz* e assim ir caçar os *meatdogs*.



Guerra robótica

Fernanda Sampaio Murari



Em 2014, uma cientista mundialmente famosa, Carol, decidiu que iria fazer um robô que ajudasse as pessoas nos trabalhos domésticos, pois era muita coisa para ela e a melhor amiga Bruna. Depois de um mês montando o tal robô, que recebeu o nome de Daniel, elas decidiram mostrá-lo ao mundo dizendo “essa é a maior e melhor invenção de todos os tempos”.

Depois de longas horas de aplausos, o governo disse aos cientistas para fazerem vários outros robôs ajudantes, porque iria mudar o mundo. E isso aconteceu.

Meses depois, não havia um país onde as pessoas vivessem sem robôs. Depois de um ano, todos os humanos – não importava a idade – tinham robôs. Os trabalhadores cada vez mais paravam de trabalhar, pois os robôs assumiram o controle de tudo.



Eu estou em 2053 e apenas sei disso porque minha avó era Carol. Semana passada estava vasculhando o porão e encontrei um diário com a seguinte frase “está tudo perfeito, porém estou suspeitando um pouco dos robôs. Eu os observei conversando sobre algo ontem. ass.: Carol”.

Na página tinha a data 3 de junho de 2041, ou seja, dois dias antes de todos os robôs começarem a demonstrar sentimentos e matar alguns de seus “donos”.

Logo depois o governo percebeu o que estava acontecendo e mandou as pessoas desconectarem os robôs. O que não esperavam era que as máquinas não permitiriam isso. Então, houve guerra entre tecnologia e seres vivos.





Depois de mortes, parafusos, sangue, entre outros, as pessoas venceram. A única coisa que ninguém sabia era que o robô Daniel não foi encontrado desmontado na hora de recolher os restos das máquinas desativadas.

Bom, isso porque ele, na verdade, foi mantido em um bunker que apenas Bruna sabia onde era, pois ela criou afeto pela máquina.



O encontro com o alien mais fofo

Francisco Chiste Barbosa



Em um dia, um navegador superfamoso que fazia um trabalho ótimo foi inserido em uma nova missão. Ele precisava ir para a floresta pegar um alien.

Havia uma organização secreta de robôs e eles procuravam aliens. A organização era secreta, pois as pessoas que não faziam parte dela achavam que a espécie já havia sido extinta, porém as pessoas que faziam parte da organização só podiam sair um de cada vez, para que as pessoas de fora não desconfiassem da existência de uma outra sociedade.

Quando o navegador chegou, viu uma caixa com um sensor que estava apitando. Ele viu uma criatura muito fofo e pensou que o bicho não seria perigoso, mas era muito forte. O robô foi para sua nave, para ir para a sua casa.



Quando ele estava no meio do caminho, viu sua nave quebrada e sem as peças, e ele foi procurar o homem que o havia ajudado no começo. Quando ele chegou na casa do homem, perguntou se ele sabia de alguma coisa. O homem respondeu que havia criaturas que roubavam peças por ali.

No dia seguinte, eles foram em busca dos robôs que tinham roubado suas coisas. Quando eles encontraram os aliens, as criaturas pediram um ovo de avestruz em troca das peças que eles tinham pegado.

Os dois foram em busca do ovo. Para encontrá-lo, eles tiveram que passar por um lago com vários animais que podiam matar os dois. Também tiveram que passar por uma caverna com morcegos, aranhas, cobras e pequenos rios. Tiveram que





matar pequenos animais, para que pudessem chegar até as criaturas que roubaram as peças da nave, mas quase morreram por causa de uma cobra gigante, por pouco conseguiram escapar.

Quando chegaram, demoraram muito tempo até conseguirem consertar a nave por completo. Assim que a nave estava funcionando de novo, os dois ficaram muito felizes. O homem voltou para casa, e o navegador e o alien entraram na nave.

Os dois chegaram na sede da organização e o chefe parabenizou o robô por ele ter conseguido concluir uma missão tão difícil como aquela, e ele foi recompensado.



Bactéria Antiga

Gabriel Kenzo Yoshimura Inada



Era apenas mais um dia normal para mim, Ferry, uma pessoa comum do Brasil. Eu estava assistindo ao noticiário quando ouvi que o aquecimento global acabou com todo o gelo natural do planeta.

– Isso causará muitos problemas, como... – click. Desliguei a TV. Já era informação demais para mim.

Além disso, eu já conhecia bem os problemas que o aquecimento global tinha causado e que provavelmente iriam piorar: o nível do mar aumentando, territórios inteiros sumindo, morte de ecossistemas pela mudança climática e, na minha opinião, o pior de todos: as pandemias.

Houve diversas vezes em que doenças simplesmente infectaram o mundo inteiro, mas esses casos têm sido cada vez mais frequentes, já que, com o aumento da temperatura, os vírus, bactérias e fungos se proliferam mais rapidamente. Perguntei-me se mais uma dessas doenças iria aparecer com a temperatura média do planeta agora em 40 °C.

Quem me dera fosse apenas mais uma das diversas pandemias que já ocorreram. Se vivêssemos uma nova peste, teria sido bem menos devastador. Afinal, quem poderia imaginar o destino obscuro que nos aguardava.

No dia seguinte foi o início do fim. Acordei com gritos que vinham do lado de fora da minha casa, então saí o mais rápido possível para descobrir o que estava acontecendo e perguntei para a pessoa mais próxima.

– O mundo vai acabar! – ela gritou em desespero.





– Calma. Você poderia me explicar o que... – eu estava perguntando quando minha fala foi cortada.

– Calma?! Você tem alguma ideia do que está acontecendo? Uma bactéria que come metais saiu do gelo derretido e está se espalhando pelo mundo muito rápido por causa do aumento da temperatura!

Ao ouvir isso, perguntei-me o motivo de tanto desespero, afinal, era “só isso”. Sem conseguir achar um, perguntei à moça.

– Só?! Essa bactéria está deixando um rastro de destruição por todo lugar que passa! Todas as grandes cidades no Norte como Nova York já não existem mais! O mundo está em crise total! Milhões morreram! É só questão de tempo até ela chegar aqui!

Eu finalmente havia compreendido a gravidade do problema, e, com isso, comecei a me preparar para ir o mais longe possível. Fui comprar suprimentos, mas quase tudo havia acabado, então só consegui comprar alguns enlatados, duas caixas de fósforo, um canivete e um saco de dormir. Com isso feito, liguei para dois amigos próximos e fomos para o mais longe da cidade que conseguimos.

Assim que chegamos a um lugar que parecia bom o suficiente, montamos um acampamento improvisado.

– O que vocês acham que irá acontecer? – perguntou minha amiga Rafaela.

– A maior crise da humanidade – respondeu Anderson – Quase tudo que usamos tem metal.

– Você é muito pessimista – falei então.

– Não sou! O que você acha que vai acontecer? Que a bactéria vai magicamente sumir?

– Não, mas...

– Sei que é importante ter esperança, mas devemos ser realistas e nos preparar para o pior.





Os dias foram passando enquanto melhorávamos nosso abrigo e aumentávamos nossa horta. Também começamos a fazer pequenos avanços como água encanada com bambu e equipamentos de pedra.

Com tanto progresso feito, decidimos retornar para a cidade para coletar algumas coisas que poderíamos usar, como tijolos e adubo, e, quando chegamos, estava tudo destruído, assim como tínhamos previsto. Vimos então um sobrevivente em um estado deplorável e resolvemos ajudá-lo.

– Não chegue perto de mim! – ele gritou – Fui infectado!

– Infectado pelo quê? – perguntei.

– A bactéria que come metais! Ela sofreu mutações e agora infecta pessoas! Essas marcas cinzas são a prova!

Ao ouvir isso, lembrei que já as tinha visto antes, em animais e plantas, mais para frente também em nossos corpos. Nunca tinha entendido o que elas significavam, mas, sem perceber nenhuma mudança, dei pouca importância para elas.

– Quando elas aparecem, quanto tempo se tem de vida?

– Poucos dias. Sou um dos poucos restantes.

Então percebi que já estava sentindo fadiga nos últimos dias. Caí no chão e comecei a me questionar. A humanidade estava prestes a acabar e a culpa disso era da nossa pouca preocupação com o ambiente.





Destruição Interplanetária

Gabriel Pereira Tazinazo



O ano era 2500 e não existia nenhum sinal de vida humana. Porém existia um único planeta restante... a Terra. A cada dia, o sol se aproximava mais do planeta. A temperatura chegava a cerca de 80°C.

Por causa do imenso calor, sobraram um milhão de habitantes, todos robôs. Isso aconteceu devido à extinção de humanos. As máquinas se revoltaram, fazendo com que iniciasse uma 3ª Guerra Mundial, porém, os robôs ganharam.

Cada hora algum ser tecnológico morria de calor. Um pouco mais tarde, quando chegou à noite, alguns autômatos se reuniram para resolver esse problema. Pouco tempo depois, chegaram à conclusão de fazer uma barreira especial, feita com os restos de outros planetas que caíram na Terra. Ela podia aguentar um calor dez vezes mais poderoso que o Sol. Passaram semanas construindo, mas finalmente terminaram.



Os robôs queriam acabar logo com isso, mas sabiam que não seria fácil. Entraram em ação e posicionaram a barreira em seu devido lugar. O Sol estava cerca de 78,9 km do planeta. Estavam com medo. A Terra já estava totalmente seca, sem recursos e sem vida. Horas se passaram, o grande momento tinha chegado. O astro estava se movimentando a cerca de 1.669 quilômetros por hora.

Tum! O Sol rebateu na barreira e logo foi mandado para longe do planeta. Todos comemoraram. Agora sabiam que estavam seguros.





Vida de extraterrestre

Gabriela de Almeida Carreira

Tinha tudo para ser uma tarde normal no colégio, mas para Pedro não era. Primeiro dia de aula do garoto no colégio Salve a Pátria. Quando ele entrou na sala, dois meninos chamados Caíque e João logo vieram falar com o garoto:

- E aí, garoto! – disse Caíque.
- Oi, gente, sou o Pedro, muito prazer.
- Nós somos Caíque e João – eles disseram.

Depois desse dia, os três ficaram inseparáveis.

Pedro se adaptou muito bem à escola, fez vários amigos e tirava notas excelentes. Sempre eram as maiores. Todos achavam que ele gostava de ir para escola.



Depois de mais ou menos dois meses, o garoto parou de ir à escola. Todos estranharam. Ninguém sabia o que tinha acontecido. Eles achavam que Pedro estava viajando, mas teoricamente ele estava sim, viajando para seu lugar de origem, que não era uma outra cidade ou país, era outro planeta, Enope. Lá ele sentia que não precisava fingir ser alguém que não era, podia ser ele mesmo e as pessoas o chamavam pelo seu verdadeiro nome, que não era Pedro, e sim Éppe.

Em Enope tudo era roxo, inclusive as pessoas. Porém, para ir ao planeta Terra, seu tom de pele mudou por causa de um gás chamado Ongis, capaz de mudar tudo em viagens interplanetárias.

Desde pequeno Éppe sonhava em fazer o tão famoso Egire, o melhor intercâmbio entre planetas. Mas achou que nunca faria, pois era muito caro. E com isso o garoto nunca chegou a pensar que iria se apegar tanto à vida na Terra e a seus amigos, que até hoje não sabem a verdadeira origem de Pedro, ou melhor, Éppe.



Distante do Sistema Solar

Gabriela de Campos Saba



Eu sempre gostei de jogar vôlei. Aliás, era isso que eu estava fazendo quando a bola caiu no jardim da Sra. Thompson, a senhorinha de meia idade cabelo branco mais rabugenta da rua! Como alguém precisava ir lá pegar a bola, me ofereci, já que era muito corajosa, claro.

Lá estava eu, Anne, a um passo de enfrentar a Linda, que era o nome da rabugenta grisalha. Ela quase nunca sai de casa e nunca deixa ninguém entrar lá. Às vezes brincamos que ela é um alien de outro mundo, já que tem tanta coisa a esconder. Quando fui me aproximando, ouvi barulhos vindo do jardim e fiquei com medo, confesso, mas devia ser o Noodles, o poodle marrom escuro da Sra. Bravíssima. Ao chegar no quintal, tentei fazer o mínimo de barulho possível, para não ter que ouvi-la gritar no meu ouvido.



De repente, achei a coisa mais surpreendente do mundo! Uma menina, mas...a Sra. Thompson não tinha filhos, então de onde aquela garotinha havia surgido? Assustei-me ao ouvir meus amigos me chamando e eu precisava ir. Prometi à menina que voltaria para ajudá-la a encontrar seus pais.

Quando voltei para a quadra, contei aos meus amigos sobre a menina de pele parda brilhante e o cabelo crespo mais lindo que eu já havia visto e eu já estava indo mostrá-la para eles, porém ouvi minha mãe me chamando para almoçar. Ao chegar em casa, a TV estava ligada passando uma notícia sobre um experimento ter fugido da área 51, achei interessante, mas estava com fome demais para prestar atenção. Enquanto me deliciava com a lasanha da minha mãe, ela disse:





– Filha, estou com muito medo desse experimento que fugiu! Acho melhor você não sair de casa por um tempo, para sua segurança.

Fiquei abismada! “Não sair de casa ou brincar de vôlei com meus amigos?! SEM CHANCE!”, pensei frustrada. Sem me questionar, respondi com um tom bravo:

– Como assim? Você nem sabe se esse bicho vai machucar alguém mesmo! Você enoidou, não é? Só pode! Agora, com licença, eu vou lá fora com meus amigos e você não pode me impedir.

Saí da mesa brava e fui lá fora caminhar até a quadra para encontrar meus amigos. Porém, não foram eles que eu encontrei e sim, a menina do quintal da Sra. Thompson.

– Oi – ouvi a menina falando baixinho – você voltou...

– Ahh! Oi, tudo bem? Te vi mais cedo no quintal e fiquei preocupada, quem é você? Cadê seus pais? – respondi.

– Eu sou a... 03x

Ela murmurou e eu respondi:

– Você não é muito de falar, não é? Seu nome é Trixie? Foi o que eu entendi.

– Sim. É sim.

A quadra começou a encher e Trixie não parecia muito confortável em ficar no meio de tanta gente. Então a levei para um lugar secreto, onde meu pai costumava me levar. De repente, ela começou a falar tanto e seu cabelo foi ficando brilhante e neon. Era lindo.

– Você sabe desse teste que fugiu?

Balancei a cabeça afirmando. A vista era linda. Eu estava deslumbrada demais para responder.

– Então, eu o conheço. – Ela pausou a fala – sou eu.

Voltei a realidade:

– Oi? Você fugiu da área 51?! Como assim? – afastei-me um pouco.





– Não! Sim! É complicado. Fugi por três motivos, mas não para fazer mal algum. Me capturaram há dois anos, enquanto eu estava em missão aqui. Quando fui capturada, estava quase desistindo, mas eu precisava acabar com isso, então fugi. Lá era um lugar horrível e nos tratavam muito mal. Mas, além disso, Agaragaras, assim como eu, têm uma habilidade de ver o que as pessoas estão fazendo e eu vi uma pessoa aqui que planeja uma coisa horrível. Ela planeja envenenar toda a vegetação, antes que outra pessoa faça o mesmo. Ela quer ser a pessoa a destruir o nosso planeta.

Era coisa demais pra processar! Respondi, assustada:

– Mas o que isso tem a ver comigo? Como vou saber que posso confiar em você?

Trixie tomou suor forma original. Fiquei encantada! Ela tinha uma pele rosada linda, um grande cabelo crespo, orelhas e unhas pontudas e um lindo e brilhante olho lilás. Acabei me perdendo nos pensamentos. Ela disse:

– Eu só consigo machucar alguém usando magia e usei toda a minha fugindo de lá. Sou de um planeta muito distante daqui, mais distante do que qualquer planeta do sistema solar. Não entendi direito, porém minha comandante me deu ordens de que nós duas temos que vencer a criatura. Ela disse que apenas nós duas conseguimos fazer isso e eu acho que é porque você a conhece. Ela tem cabelos grisalhos e aparenta ter 70 anos.

Gelei. Essa descrição parecia demais com Sra. Thompson.

Hoje faz três anos que isso aconteceu. Conseguimos evitar o plano de Linda, mas todo bom ato tem seu sacrifício. Hoje, faz três anos que perdi a Trixie, faz três anos que ela perdeu para que todos nós pudéssemos ganhar.





Amor Artificial

Gabriela Fabiani Meira

Meu irmão estava em estado grave no hospital havia um tempo quando recebi a notícia que mudaria a minha vida:

– Ele... ele não resistiu, senhorita. Michel está morto. – disse Sabrina, minha assistente de laboratório.

Eu não sabia o que pensar. Para mim, Michel era muito mais do que meu irmão. Meus pais morreram quando eu tinha três anos, e ele era o mais próximo de pai que já tive. Mas, agora, ele se foi também.

Os dias seguintes foram sombrios. Não tive coragem de vê-lo. O choque de sua morte foi simplesmente devastador. Meus dias anteriores também não estavam lá muito bons, é claro. Duas semanas antes de seu falecimento, fui visitá-lo no hospital, e ele simplesmente não sabia meu nome. Não se lembrava nem do seu próprio. Queria que tivesse sido só uma pegadinha boba, mas não. Mal sabia eu que o seu câncer o tiraria de mim tão cedo.

Não trabalhei por dias. Nem consegui comer direito. Parecia que a dor não acabaria nunca. Até um dia fatídico...

Fui encarregada de tirar os pertences de Michel do seu antigo apartamento. Seu robô estava desligado havia dias, então camadas de pó estavam acumuladas. Liguei-o novamente e, no meio da limpeza, deparei-me com um item peculiar: uma caixinha eletrônica com o meu nome. Quando eu abri, um holograma do meu irmão foi projetado. Ele estava na cama do hospital, com uma aparência já bem desgastada.

“Olá, Lana. Se você está vendo isso, então quer dizer que eu morri. Acho que hoje é dia 7 de abril de 2056, e eu não tenho mais





que duas semanas de vida. Sinto muito por ter feito você sofrer assim, mas acredito ter encontrado um jeito de continuar com você. Hoje, colocarei em prática o Projeto Imortalidade. Transferirei minha memória para um chip que estará na caixa onde guardarei essa mensagem, junto com instruções para a construção de um robô. Se tudo der certo, nos veremos em breve. Até logo, irmãzinha.”

Foi então que eu notei o chip dentro da caixinha, e uma indescritível felicidade me invadiu. A partir daquele dia, meu único objetivo foi construir o robô, mas foi desafiador. Decidi, então, começar a gravar meu progresso.

“Projeto Imortalidade, dia 1: hoje, começarei a construir o robô. Mas vai ser difícil. Nunca vi um manual tão complicado...”

Os dias foram passando e fui melhorando.

“Projeto Imortalidade, dia 21: o corpo foi concluído. Agora, será iniciado o cérebro artificial.”

“Projeto Imortalidade, dia 60: depois de mais de um mês trabalhando incansavelmente, finalmente terminei de programar o cérebro artificial. Iniciarei os testes.”



“Projeto Imortalidade, dia 80: o robô ainda está em fase de testes. O cérebro artificial é absurdamente complexo e é preciso muito cuidado para corrigir os erros sem danificar o chip. Mas acho que estou quase lá.”

“Projeto Imortalidade, dia 88: eu... acho que consegui.”

O dia 88 foi o teste final. Quando liguei o robô, ele me olhou fixamente.

– Lana?

Não consegui segurar as lágrimas.

– Oi, Michel.

E então ele me abraçou. E nesse momento, fiquei emocionada, mas senti algo esquisito, como se eu abraçasse um estranho. Os dias seguintes foram ótimos, ou teriam sido se essa sensação não piorasse a cada dia.





“Projeto Imortalidade, dia 105: mesmo com Michel falando comigo todos os dias, com a sua voz original, não sinto que é a mesma coisa. Não tenho mais o calor do seu abraço e, bom... ele é uma máquina.”

“Projeto Imortalidade, dia 127: eu... acho que isso foi um erro. E...”

Não consegui terminar aquela gravação. Senti uma lágrima percorrendo minha bochecha. Não fazia ideia do que aconteceria depois, só sabia que o Michel-robô parecia um lembrete constante de que meu irmão de verdade estava morto. Depois de algum tempo, tomei uma decisão:

“Projeto Imortalidade, dia 150: não aguento mais, estou enlouquecendo. A presença do Michel-robô está insuportável, então vou ter que encerrar o projeto. O experimento foi oficialmente um fracasso. Alana Marquez desligando.”

Eu sabia exatamente o que fazer. Fui até o Michel-robô e olhei fixamente para aqueles olhos sem emoção, que estavam degradando minha sanidade.

– O que foi, Lana?

Só consegui olhar para ele por mais tempo.

– Sinto muito, Michel. – nem deveria chamá-lo assim. Aquela coisa não era ele. – Adeus.

Agora, não havia mais volta. Destruí o robô até o último circuito e, desabando em lágrimas de raiva, joguei os destroços longe, sem acreditar no erro do meu irmão. Ele amava robótica, mas eu não esperava que ele fosse confiar sua vida, sua identidade, seu ser, a uma máquina. Preferia ter simplesmente me despedido dele, ao invés de tentar postergar o inevitável. Mas nem isso eu pude fazer.



A paixão desconhecida

Gabriela Susin Miranda



Era o ano de 2300 quando a NASA já tinha planos de colonizar Marte. Havia muitas pesquisas sobre aquele lugar, mas ninguém nunca teve a coragem de se voluntariar a morar lá.

Em uma manhã chuvosa, eu tinha acabado de me levantar da cama, abri a minha geladeira, peguei o meu leite e o cereal em cima da mesa, sentei-me no sofá e liguei a TV. Estava passando no jornal que a NASA procurava um viajante para Marte. Naquele momento eu tinha entendido que a minha hora de brilhar tinha chegado. Entrei no carro e fui.

Algum tempo depois, tinha sido aceito para ir para Marte. Quando fui escalado, estava muito nervoso, não conseguia nem dormir direito, tinha medo de que acontecesse alguma coisa terrível comigo. Mas não tinha mais tempo para pensar naquilo. Entrei no carro e comecei a dirigir para o laboratório.

Ao chegar, me deparei com várias tecnologias que eu nem sabia que existiam: robôs, máquinas, naves, mãos mecânicas, mochila a jato, qualquer tipo de coisa que eu poderia imaginar, mas parecia que nada era real.

Quando estava olhando as tecnologias, alguém me chamou para entrar na nave. Comecei a correr para chegar a tempo. Felizmente consegui, entrei e sentei-me. A nave já estava em contagem regressiva: 10, 9, 8, 7, 6... Quando os números diminuía, mais eu ficava nervoso. Parecia que eu via minha vida passar a diante dos meus olhos.





Tinha chegado a Marte e me deparei com uma robô que não parecia ser real, ela tinha olhos azuis, pele clara e boca rosada. Ela disse:

– Chegamos, senhor Martin.

Meu coração começou a bater bem forte, nunca tinha acontecido isso comigo e quando aconteceu, tinha que ouvir o recado vindo de uma robô. Ignorei essa parte de que talvez eu gostasse de uma robô e parti para o meu plano de explorar Marte.

Seguindo o rastro dela, pude perceber a aparência avermelhada do solo, pude ler escritos em algumas placas “planeta avermelhado”. Não hesitei em perguntar à máquina onde era o planeta vermelho, então ela respondeu:

– Você já está nele. Chamamos Marte de planeta vermelho.

Dei uma piscada de lado ao perceber que ao final desta informação ela tinha dado uma piscada. Ou seria só uma impressão minha? Robôs não deveriam ter reações humanas.



Chegando à base principal, sentimos um forte tremor no planeta e logo uma rachadura se abriu, formando um abismo que quase me engoliu. Fui salvo pelo robô e novamente outra piscada. Meu coração disparou pelo susto e estranhamente por uma sensação eletrônica.

Quando o tremor passou, conseguimos entrar na base. Deparei-me com um exército de robôs, com suas telas avermelhadas, parecendo que estavam furiosos. No mesmo instante senti alguma coisa me empurrando: era a máquina pela qual estava apaixonado.

Durante aquele momento fui enganado por um robô que tentou me convencer de fazer parte da destruição de Marte, já que a Terra estava morrendo e acabar com a raça humana. Quando me aproximei, observei bombas relógios ativadas em cada um dos robôs. Ao mesmo tempo algumas cápsulas de naves pequenas foram disparadas com o destino à Terra para causar várias



explosões em nosso planeta. Não tinha tempo para pensar, tinha que dar um jeito de entrar em uma daquelas naves e desativar a bomba.

Quando algumas máquinas começaram a explodir Marte, consegui entrar nas cápsulas, mas infelizmente eles eram mais rápidos. Metade da Terra já tinha sido destruída!

Então estava sozinho no meio do espaço, era o último homem vivo. Eu, sozinho, apenas com os meus pensamentos, refleti sobre como nós, seres humanos, fomos responsáveis pela nossa própria destruição, por ambição e ganância.





Amor improvável

Gabriella Dantas de Lima Albuquerque

Você já imaginou um romance entre um humano e um robô? Bom, nem eu, até conhecer o Chuck. Chuck era para ser um teste do trabalho, onde íamos tentar reproduzir um robô que agisse como um humano. Confesso que no começo eu tinha medo, pois íamos dar vida a uma máquina que poderia destruir nossa humanidade, mas passei tanto tempo desenvolvendo esse robô que fui me apegando emocionalmente a ele.

Depois do evento de iniciação do programa “Robô ou humano”, comecei a passar mais tempo com o Chuck, pois ele precisaria de um tutor para garantir que ele não passasse dos limites e da norma e para que ele tivesse consciência de como funcionava a interação humana. Passávamos a maior parte do tempo juntos, íamos ao cinema, restaurante, shopping etc.

Com isso, comecei a me apaixonar por ele. Mesmo ele sendo uma máquina, sentia que éramos parecidos de alguma forma e começamos a namorar. Fiquei com certo pé atrás, porque depois que anunciamos o relacionamento, vários familiares e colegas do meu trabalho me pediram para tomar cuidado. Eles falavam que a situação poderia sair do controle e de repente Chuck poderia começar a agir demais como humano e se virar contra a mim, colocando em risco a humanidade.

Eu não ligava para o que me falavam, até que recebi uma carta do governo dizendo que Chuck era uma ameaça para a sociedade e que eu tinha exatas 24 horas para encerrar o programa dele ou iriam me torturar até que eu desse fim para sempre em Chuck. Entrei em choque, pois apesar do certo medo,





passsei a amar o Chuck. Sentia-me a pessoa mais feliz do mundo ao lado dele, mas ao mesmo tempo não poderia ser tão ingênua em colocar em risco a vida de todas as pessoas que amava e até a minha própria por causa desse amor.

Depois de algumas horas pensando, decidi que o melhor para todos seria encerrar o programa dele. Liguei para o número que estava na carta que recebi e fizemos uma pequena cerimônia de encerramento junto aos agentes do governo. Finalmente desmonei o Chuck ao vivo, encerrando para sempre qualquer possibilidade que ele poderia ter de fazer mal à nossa humanidade.

Inicialmente senti um alívio, mas junto dele tive uma sensação de culpa por ter amado de forma intensa uma máquina e ainda mais, eterna culpa porque Chuck não fazia ideia de que nunca mais acordaria e que teria sido o fim dele. Por mais que ele só fosse um robô e não tivesse sentimentos reais, mas sim programados, eu o amei de forma real, e da forma mais pura do mundo. Ele mudou a minha vida, me ensinou o que era amar, e que o amor pode vir das formas mais improváveis do mundo.



Chuck Blessed pode não estar mais comigo, mas com certeza foi um marco na minha memória. E agora, depois de vinte anos, conto essa história completamente improvável e maluca, para meus filhos e para o meu marido Nate, professor titular de robótica na universidade de Yale.





O romance impossível

Gabriella Del Priore Fernandes

No final de 2045, existia uma robô muito conhecida no Planeta Terra, seu nome era Fly e ela vinha de um planeta muito distante. Era conhecida por identificar o rosto das pessoas apenas ouvindo a voz e isso fazia com que existisse diversas matérias sobre o acontecimento inédito.

Fly separava um momento do seu dia para ler noticiários, pois adorava saber o que acontecia no mundo. Um dia, de repente, se deparou com uma notícia que comentava sobre um possível asteroide que iria acertar a Terra no dia dos namorados. Ela não acreditava muito nessas coisas de amor, pois sempre que cogitava pensar nisso, algum humano falava que era impossível, baboseira.

Fly era uma robô sem muitos sentimentos, que sempre pensava que dinheiro e coisas materiais eram mais importantes do que tudo. Porém ela tinha esperanças de encontrar a pessoa mais especial de sua vida. Quando ela pensava nisso as pessoas falavam “Não é possível uma robô ter sentimentos!”. Esses comentários eram indesejados e ela tentava não ligar, mas sempre afetava a robô.

Fly gostava de conversar com seu amigo Robert, o humano mais fofo que ela já havia conversado. Ele sempre estava ao lado dela apoiando e ajudando quando precisava. Eles sentiam como se já tivessem se conhecido desde pequenos. Ele falava que não era para ela ligar para os comentários, que no Planeta Terra todo mundo criticava algo e tirava as esperanças das pessoas justamente para o fracasso, então era para ela seguir em frente e ir atrás da pessoa especial.





O dia que o asteroide ia cair estava cada vez mais perto e essa era uma preocupação para todos, principalmente para os cientistas, pois não estava previsto que o asteroide cairia exatamente no dia doze de junho. E também, dependendo do tamanho do asteroide, podia dar problemas que causariam a destruição na Terra. Estavam dizendo que aquele asteroide era o do amor, “mas provavelmente era coisa dos humanos, algo inventado”, era o que Fly acreditava e vivia dizendo.

Em uma manhã, Robert estava tentando falar com Fly para ver o que ela iria fazer a partir daquela notícia, mas ainda muitas pessoas testavam o poder dela para ver se realmente conseguia descobrir quem era o humano apenas ouvindo a voz, pois todos achavam um robô fazer isso surpreendente.

– Fly, tenta descobrir quem eu sou! – as criancinhas empolgadas gritavam para ela.

– Você é a Mary.

Fly respondia uma criança em seguida da outra.

Quando finalmente Robert iria conseguir falar com Fly, ela decidiu ir para sua casa, pois já estava exausta e queria descansar. Ele tinha certeza que Fly já havia esquecido da notícia, então preferiu deixar quieto e fazer uma surpresa para ela.

No dia dez de junho, Robert alugou a chácara do Paiol Pequeno, um lugar lindo, cheio de árvores laranja onde o céu ficava roxo. Era muito diferente do normal, pois se localizava outro planeta. A lista de convidados era bem específica, e ele escolheu a dedo quem iria ou não naquele evento.

Vendeu apenas 15 convites para ter um lucro em cima de tudo. Ele fez com que conseguisse juntar o mundo humano com o da inteligência artificial, para ela ter a diversidade e conseguir escolher.

Robert já desconfiava que Fly estava bem triste ultimamente, parecia estar com algum problema no sistema, mas achava





que só era algo passageiro e que logo ia passar. O que ele não sabia era que, com toda essa pressão dos humanos, ela estava pensando em voltar para seu planeta, pois já tinha conseguido dinheiro e já tinha sido abalada o suficiente pelas pessoas. Seu plano era se mudar de volta para o seu planeta no dia doze de junho e seguir em frente. Robert conseguiu que Fly contasse seus planos e também que ela fosse ver sua nova conquista, o Paiol Pequeno, mas só ia inaugurar o local no Dia dos Namorados daquele ano, porém o acordo foi que ela partisse depois da inauguração!

Finalmente chegou o dia. Uma inteligência artificial poderia ter sentimentos? Todos já haviam chegado e Fly estava sem entender nada “Porque estamos em outro planeta, Robert?” “Não era uma estreia deste lugar? Por que todos estão aqui sem nenhum ingresso?” Eram diversas perguntas.



Ela estava em um canto sozinha contando o dinheiro que havia conseguido para partir logo. Fly viu um robô indo em sua direção, ele parecia ser gentil e então ela iniciou uma conversa. Ela estava se sentindo muito estranha, estava tonta e com uma mão em sua lata de alumínio, começou a enxergar tudo preto. A ROBÔ REINICIOU!!!

Robert, preocupadíssimo com a situação, entrou em contato com Marte, pois tinha certeza de que era lá o planeta que Fly tinha sido criada, mesmo sem nunca ter dito isso. Achou melhor tentar. Esse contato fez com que ele descobrisse que Fly havia quebrado algumas regras e esse foi o motivo dela ter reiniciado.

- 1 NÃO MACHUCAR HUMANOS.
- 2 SE TIVER ALGO ANORMAL, NÃO MOSTRAR PARA NENHUM HUMANO.
- 3 NÃO DEMONSTRAR SENTIMENTOS, POIS UM ROBÔ NÃO DEVE TER!



4 NINGUÉM DEVE SABER SOBRE O NOSSO PLANETA.



Enfim, ninguém nunca mais soube direito o que aconteceu com a nossa robô. Uns falaram que ela nunca mais voltaria, outros falaram que ela foi destruída. Eram muitas fofocas e ninguém sabia qual era a verdade. Robert era o único que pensava nela o tempo inteiro torcendo para que ela voltasse, mas a única coisa que ele sabia era que o dinheiro que ela tinha conseguido durante sua hospedagem havia sumido.





Operação salve o mundo

Georgia Simões Pavan

No dia 22 de dezembro de 2022, Julio já estava decidido que iria precisar sair do seu planeta Urus para avisar aos humanos que a Terra vizinha estava correndo perigo de acabar por conta da poluição em excesso.

Ele estava muito pensativo, afinal, não estava garantido que isso iria dar certo, mas era tão necessário que não tinha como desistir daquilo.

Sem enrolar mais, ele logo chamou o seu amigo Lemes para decidirem o que iriam fazer para solucionar essa poluição da Terra. Pensaram, pensaram até que Julio teve a brilhante ideia de falar com o presidente da Terra. Tinha apenas um problema: nenhum dos dois sabia pilotar a nave, mas já estava tarde demais para desistir do plano, então eles foram assim mesmo. Lemes entrou na nave e sem enrolar mais, falou “Lá vamos nós!”

Eles foram em direção à Terra. A viagem durou em média três horas e meia, e foi muito difícil de chegar lá. Tinha muita poluição no caminho, eles não estavam conseguindo enxergar nada.

Quando chegaram na Terra, já foram direto para Brasília no Palácio do Planalto, para encontrar com o presidente. Mas antes de entrarem lá, eles precisaram explicar quem eram, de onde vieram e o motivo da vinda. Depois de uma boa conversa com os seguranças, eles permitiram a entrada dos viajantes.

Na hora que eles entraram no palácio, acharam tudo tão bonito e tão diferente, afinal, não estavam acostumados com lustres e quadros bonitos. Mas mesmo com todas essas distrações, eles não perderam o foco e chegaram à sala do presidente e disseram:





– Prezado senhor Benedito, eu me chamo Julio e venho aqui com o meu companheiro de vida, Lemes, para dizer que o senhor precisa tomar alguma providência a respeito da poluição excessiva que o seu planeta está causando na atmosfera.

– Olá, Julio e Lemes, prazer, muito obrigada pela visita de vocês. Mas eu não sei o que fazer para solucionar isso. Vocês têm alguma ideia?

– Senhor, o que acha de acabar com tudo que polui?

– Julio, isso não daria certo, eu tive uma ideia melhor!

– Qual?

– Eu posso criar uma lei científica, que funciona assim: quando alguém não cumpre uma das regras ou polui o seu planeta, é punido com o que fez errado, sendo assim, se você poluir, sofrerá com as consequências.

– Ótima ideia, senhor!

Depois dessa grande ideia, tudo se resolveu, e Júlio e Lemes ficaram marcados na história da Terra.





Até o infinito e além

Guilherme Carneiro Zan

Os humanos vinham construindo máquinas, como naves espaciais, aviões e outras engenhocas, para ter melhor vida na Terra. Uma dessas tecnologias eram as naves estelares, e no ano de 3014, um grupo de navegadores siderais revolucionou as naves. Esse grupo construiu uma embarcação capaz de viajar em segundos para outros mundos, outras galáxias. Era um plano sensacional. O mundo inteiro parou para ver o ocorrido.

Era chegada a hora mais esperada, aconteceria o primeiro voo dessa nova inteligência artificial para um planeta que os cientistas já estavam estudando e deram o nome de HXAA-02. Um planeta ainda desconhecido para população.



Essa ideia foi produzida por quatro astronautas: Gleitissom, Abert, Willion, e a Liza. Os pilotos estavam tensos, mas ao mesmo tempo ansiosos com a conquista. E o Abert, dentro da cabine da espaçonave, ouvia apreensivo a contagem regressiva “5, 4, 3, 2, 1,” e lá foram nossos guerreiros. Lá da Terra só deu para ver a nave se perdendo na escuridão do espaço.

Após alguns meses tivemos a notícia dos astronautas. Sabemos que eles extraíram do planeta rochas e artefatos bem valiosos. Tudo era recolhido e armazenado na nave para ser trazido a Terra.

Depois de alguns anos, o grupo de astronautas estava se preparando para regressar ao nosso planeta Terra, com todos aqueles achados. Ao se prepararam para voltar, perceberam que estavam com combustível insuficiente, então o comandante Gleitissom surgiu com uma ideia: “Iremos usar as estrelas como



uma fonte de energia limpa”. Todos concordaram com a ideia inesperada do astronauta, mas contaram com a sorte de estarem equipados para tal situação. Sua nave tinha um catalisador 2000 e então não foi difícil pegar essas estrelas e o regresso à Terra foi produzido.



Após alguns meses, chegaram e foram calorosamente recebidos por uma multidão, entre elas estavam crianças, idosos e famílias inteiras, todos aplaudindo muito nossos heróis do espaço. Não esperavam toda essa fama, mas viram cartazes e ouviram gritos de heróis, astros e guerreiros.

Ao descerem a escada que os levava até terra firme, foram rapidamente rodeados por máquinas fotográficas e microfones. Quase não conseguiam se mover. Era tanta pergunta que naquele momento! Ainda estavam cansados, não sabiam como responder.

Precisaram de alguns dias para compreender tudo aquilo. E mais tarde, Gleitissom, nosso comandante, concedeu uma entrevista contando sobre a viagem que eles conquistaram.



Até hoje aqueles corajosos astronautas são mundialmente reconhecidos pela coragem, bravura, conhecimentos obtidos e pelas preciosas relíquias trazidas, que estão expostas em museus famosos pelo mundo. Os quatro cientistas ficaram conhecidos pelo apelidos de “quatro estrelas”.





A tarefa dos T.F.S.

Guilherme dos Santos Peres

Filho! – disse o pai, tentando chamar sua atenção. O garoto se virou repentinamente e o encarou. O pai fez um gesto para o menino se sentar e começou a falar.

– Você sabia que o nosso planeta nem sempre foi assim, do jeito que você conhece?

A criança agora o olhava com um olhar de dúvida.

– Então como era?

– Para te explicar, vou ter que te contar uma história.

“No ano de 2026, eu fazia parte do grupo T.F.S. – terra formadores. Nós tínhamos a missão de colonizar Marte. Então saímos. A viagem, embora muito longa, foi tranquila, tirando as vezes em que acabou o ar de nossa nave, os buracos negros e as vezes em que passamos mal. Pousamos lá no ano de 2030”.

O menino se espantou, mas o pai não parou.

“Assim que pousamos, instalamos os aparelhos que aumentavam a temperatura, ajustamos a gravidade e a umidade do ar. Só que quando fizemos isso, percebemos que esse processo demoraria cerca de 200 anos”.

Novamente o menino se assustou.

“Nós percebemos que se quiséssemos fazer isso por nós mesmos, teríamos que alterar as máquinas, que influenciariam a sua velocidade. Isso parecia ser fácil, mas infelizmente só parecia mesmo. Depois de meses tentando mudar, achamos uma solução.

Teríamos de ir procurar os materiais necessários no planeta que já sabíamos que tinham.





E como sempre, essa história também tinha um lado ruim. Caso qualquer aparelho ultrapassasse o necessário para tornar nosso mundo habitável, esse planeta se tornaria inabitável para sempre, independentemente do que fizéssemos.

Com receio, fomos buscar os materiais. A viagem durou ainda exatamente 4 dias e 3 horas. Assim que voltamos, fomos para a nave. Estávamos exaustos, mas assim que montamos as peças e as instalamos nos aparelhos, saímos.

Assim que fizemos isso, percebemos que faltava ainda uma peça, o que fez com que a máquina que aquecia o ambiente não funcionasse. Calculamos quanto tempo demoraria para buscar o material e a resposta nos aparelhos era que as máquinas tornassem o mundo inabitável.

Todos concordamos que deveríamos ir logo. Fomos, mas assim que achamos o cobre, vimos uma tempestade de areia, que parecia ter surgido de nossa nave e vinha em nossa direção. Pensamos que não tínhamos tempo, então atravessamos pelo meio da tempestade, com desespero, pois temíamos que as máquinas passassem numa maior distância que o necessário. Começávamos a ver poças de água, o que fez com que a gente temesse mais que o processo já estivesse acabando. Quando chegamos. Tínhamos areia na boca e em tudo, mas vimos que os instrumentos haviam caído.



Por sorte. Faltava só um pouco de tempo para que as máquinas terminassem o processo”.

– Uau! – disse o filho – mas se você criou este planeta, por que eles nos tratam mal?

– É porque nós e os T.F.S. somos os únicos com menos pertences. Eles só conseguiram vir por causa do dinheiro.





O ladrão de acampamentos

Gustavo Basseto Costa e Silva

Esta história começa com uma bela manhã. Com os raios de sol em seu rosto, Alfred, um policial, acordou após uma boa noite de sono.

Foi tomar o seu café da manhã até que recebeu uma ligação da central dizendo que precisavam de sua ajuda. Houve invasões durante a noite no acampamento Cold Lakes. Cerca de 19 cabanas foram roubadas, mas nada de valor foi tomado, apenas comida havia sido tomara.

Alfred imediatamente pensou que foi um animal, pois no Canadá isso não era tão incomum. Pensou que poderia ser um urso, mas naquela época do ano estariam hibernando. Sabia que não tinha sido uma pessoa, pois não faria sentido, já que qualquer humano pegaria joias ou celulares, não comida.

Alfred estava ficando estressado, pois nada estava se encaixando, apenas não fazia sentido. Decidiu fumar um cigarro para se acalmar, mas enquanto estava lá avistou pegadas bem grandes. Após pesquisar, descobriu que a pegada era de um gorila? Ele já não aguentava mais, nada fazia sentido, tentava achar algum sentido, mas não chegava a uma boa explicação. Então pensou que o mínimo que poderia fazer era seguir as pegadas.

No final da trilha havia uma fogueira ainda acesa e um saco de dormir que foi roubado de uma das casas. Tudo aquilo mostrava que o ladrão era esperto demais para ser um gorila. Enquanto estavam vasculhando a área, Alfred escutou um barulho. Se perguntou o que poderia ser e foi dar uma olhada.





Ao olhar atrás de uma pedra, ele quase surtou. Atrás da pedra havia um pé grande. Ao avistar o Alfred ele, disse que era pacífico, e não iria machucá-lo, mas Alfred ainda estava processando toda aquela informação.

Após se acalmar, Alfred começou a falar com o bicho. O pé grande explicou como ele fazia parte de um experimento científico que testava em gorilas, as cobaias seriam afetadas com evolução e o aumento de inteligência, e o resultado foi ele. Também mencionou sobre como o experimento ainda estava sendo feito ilegalmente em um laboratório e estava roubando comida para se alimentar. Alfred entendeu com clareza tudo que foi dito e tinha provas suficientes para derrubar o laboratório e seus esquemas.

Após um longo dia de investigações, Alfred voltou para casa, mas uma coisa tinha ficado em sua cabeça. Todos pensam que a tecnologia era incrível, mas nem sempre era a realidade.





Idades Avançadas

Gustavo de Oliveira Prieto

Neblina vermelha, temperaturas extremamente elevadas. Essas características não eram de Marte, como você deve estar pensando, eram da Terra mesmo. Pelo menos há muito tempo, por volta de uns 320 anos atrás.

Isso era possível porque a Companhia Mundial de Ciência Avançada (CMCA) criou uma máquina que estendia por muitos anos a vida – a prova era que fiz uso inapropriado da máquina e estava vivo há 320 e não tinha morrido ainda. Essa companhia criara a máquina para pessoas com doenças terminais, mas o objetivo não era aumentar tanto a idade, apenas alguns anos para que a pessoa vivesse bem e aproveitasse a vida.



Eu era portador de câncer e faltavam poucos dias para a minha morte, mas eu faria a operação com a tal máquina. O problema era que eu era uma pessoa muito gananciosa e queria viver muito mais do que já me seria acrescentado. Seria impossível eles fazerem essa minha vontade, mas eu tinha uma carta na manga.

Eu havia trabalhado na CMCA quando ainda não tinha câncer, e sabia que a profissionalidade dos cientistas era grande, mas havia alguns estagiários que iam realizar a operação, e sbornei um deles.

Em vez de 25 ou 30 anos, eu viveria mais 800 anos. Na hora da experiência, dei um cumprimento por olhar para o estagiário, que me retornou com um positivo.

– Máquina pronta, 3, 2, 1...

A partir daí não vi mais nada, só senti o chão tremer. Acontece que a máquina não era para aquele tipo de avanço, ou seja, eu estava perdido.



Após o tremor, a máquina sofreu uma sobrecarga que se espalhou pelo mundo inteiro. Você deve estar pensando que ao atingir toda a população mundial, apenas permitiu que todos vissem mais 800 anos assim como eu, mas foi muito pior. Com a explosão, de alguma forma, a radiação tomou uma força e potência gigantescas, e “acrescentou” 800 anos de vida para todo mundo, ou seja, todos “morreram de velhice”. Mas de algum modo, o raio não me afetou, portanto, me tornei a única pessoa viva na Terra.

O raio também atingiu o espaço, e muitos meteoritos caíram e ainda estão caindo sobre a Terra, destruindo-a. Escrevi esse relato em 5 de dezembro de 3015. Posso estar morto agora, mas pelo menos deixei minha história e pra quem quiser saber, também deixei como a Terra foi destruída.





O invasor

Gustavo Oliveira de Alencar

No ano de 3045, o planeta Terra acabou entrando em guerra com Marte, pois os terráqueos queriam impor aos marcianos a concessão de seu território. Por causa deste ocorrido, o planeta Terra invadiu Marte. No final, a guerra se transformou em algo tão violento que resultou na destruição de ambos os planetas.

Os marcianos, prevendo que isso poderia ocorrer, resolveram construir cinco naves de fuga. Nessas espaçonaves havia cápsulas de hibernação, já que a viagem teria destino a um planeta chamado Koló. A duração estimada da viagem era de um ano.



Na embarcação da nave havia um homem chamado Chris. Ele estava junto de sua namorada Marinie e seu filho Luca. Ao chegar dentro da nave, ele descobriu que não poderia ficar junto de sua família, pois, apenas ricos, políticos e suas famílias poderiam ficar nas cápsulas. Marinie era filha de um dos prefeitos, por isso ela e seu filho poderiam descansar juntos.

Todos que não iriam hibernar deveriam cuidar da nave limpando e fazendo a manutenção de qualquer problema. Chris ficou triste ao saber que esse era seu dever por um ano, mas jurou para si mesmo que iria dar o seu melhor para cuidar das pessoas que ele ama. Todos os dias ele checava seu filho e sua namorada para ver se estavam bem. A primeira coisa que ele pensava em fazer depois da viagem era pedir Marinie em casamento.

Depois de dois meses cuidando da nave, ele percebeu que havia muitos locais da nave em que se encontrava uma gosma verde e preta, um pouco pegajosa e quente. Com medo de que fosse algum problema da nave, Chris rapidamente se comunicou com



seus colegas sobre o que encontrou. Todos eles checaram a nave para ver se tinha algo de errado e não encontraram nada. Aquilo foi apenas o começo de um grande pesadelo que Chris iria passar.

Todas as noites ele ouvia barulhos estranhos quando ia dormir. Um dia, um de seus colegas ouviu barulhos vindo da lavanderia. Ele falou para Chris que iria verificar o que estava acontecendo. Quando o homem saiu de lá, estava diferente, com manchas pretas na pele e um rosto com uma expressão totalmente neutra. Ele ignorou Chris e saiu andando como se nada tivesse acontecido.

Um mês depois, nosso herói, percebendo o comportamento estranho do seu colega, resolveu investigar e interagir mais com ele. Quando Chris estava mexendo nos produtos de limpeza, ele derrubou sem querer os líquidos para limpar roupas e compartimentos da nave em seu colega. O homem começou a gritar e, de repente, saiu um alien de sua cabeça. Por sorte, nosso herói fugiu do alienígena, mas, quando foi ver, a nave inteira já estava sendo dominada pelo invasor. Os funcionários já tinham sido dominados pelo parasita.

Chris correu até as cápsulas para resgatar Marinie e Luca. Chegando lá, ele liberou sua namorada e seu filho do sono profundo que estavam tendo e falou “Temos que sair rápido”. Marinie perguntou o que estava acontecendo, mas Chris falou que iria explicar depois, pois eles não tinham mais tempo.

Eles precisavam ir até as cápsulas de fuga para fugir. Chris, heroicamente, mandou sua namorada e seu filho irem para as cápsulas enquanto ele iria pegar os produtos de limpeza para exterminar os parasitas que já estavam dentro de todos os seus colegas. Assim que Chris pegou os produtos, ele começou a borrifá-lo em todas as pessoas que estavam à sua frente. Chegando nas cápsulas de fuga, ele se encontrou com sua família e traçou a rota para Koló.

E pensar que o simples faxineiro da aeronave, que ninguém valorizava, salvou a todos.





Como fugir de um paraíso?

Helena Vieira Costa

Há quatro anos, eu vivi a maior aventura da minha vida. O ano era 2045 no mês de dezembro, faltavam dez minutos para a virada do ano. Estavam todos animados e festejando o ano novo, menos eu. Meu nome é Lidy Parks, sou funcionária da NASA, e naquele dia estava muito preocupada, pois segundo o satélite da minha sala, exatamente meia noite do dia 1 de janeiro de 2046 um meteoro iria colidir com a terra. E minhas previsões sobre isso estavam corretas.

O meteoro caiu no nosso planeta! Por sorte ele foi parar em uma região inabitada no Polo Norte. Após alguns dias resolvi ir ao local onde houve o acontecimento para investigar, coletei alguns fragmentos e após a coleta fui até o laboratório. Quando cheguei, iniciei a análise de um dos fragmentos, ele era complexo de se entender. No momento que o toquei com a pinça ele se deformou e virou pó. Sua cor era indescritível, era como se fosse um preto claro ou um branco escuro, mas não era cinza e nem prateado. Após a observação, fui beber um copo de água, e no momento em que me distraí o pozinho que estava na prateleira caiu no meu copo. Fui tomar a água que estava com o pó e... DESMAIEI.

Estava acordando, meus olhos ainda não abriam, conseguia apenas ouvir sons de gaivotas ao meu redor. Depois de uns 15 segundos meus olhos se abriram, eu não conseguia entender como fui parar naquele lugar. Levantei de uma cama que estava dentro de uma casa feita de palha. Aquele lugar era como o Havaí ou como Maldivas. Saí dessa casa para entender melhor o que estava acontecendo. Minha “casa” estava isolada em uma ponte





que levava até uma ilha. Lá de longe eu pude ver uma placa, mas não conseguia ver o que estava escrito nela. Quando me aproximei consegui ler na placa as palavras “vale do paraíso”. Entrei na ilha e começaram a aparecer os lugares e as lojas em que eu mais comprava no mundo real. Tinha chegado em uma loja para perguntar que lugar era aquele, e não importa o que eu dizia, a atendente respondia falando “fique à vontade, aqui tudo é de graça”. Foi nesse momento que comecei a desconfiar que algo ali estava errado.

Passei pela minha lanchonete favorita quando o cheiro do cookie de baunilha de lá que eu tanto amo me atraiu. A atendente disse, igualmente a da outra loja, que eu não precisava pagar nada. A cor das gotas daquele cookie era a mesma cor do meteoro. Tentei até negar, mas como a moça não parava de insistir, dei uma mordida no cookie, ele era delicioso. Estava saboreando quando comecei a esquecer dos meus problemas, nem lembrava direito de onde eu vinha, senti uma alegria imensa de estar naquele lugar e comecei a aproveitar tudo que o vale do paraíso tinha a me oferecer.



Com toda aquela sensação de leveza eu fazia todas as minhas vontades sem pensar nas consequências, eu comia de tudo, comprava qualquer coisa, ia para festas, e ficava horas e horas sem fazer nada. Até que um dia essa felicidade que eu sentia virou tristeza, não sabia o porquê daquele sentimento aterrorizante, comecei a lembrar de todos os meus problemas e compromissos que eu tinha que fazer na NASA e de tudo que estava acontecendo. Percebi que minha felicidade dependia daquele cookie desde o momento que o provei. Então voltei na loja e comi mais um cookie, na verdade mais quatro, e a minha alegria voltou com aquela sensação de estar livre. E assim eu fiz várias vezes. Quando a minha felicidade acabava eu ia até a loja pegar outro e outro cookie.

Um dia, quando estava voltando, já sabia que estava próximo da minha felicidade acabar e que eu precisava de mais. Quando





o efeito do cookie passou, antes de comer outro, olhei para um jaleco jogado no chão e tentei lembrar o que aquilo poderia ser. Eu não conseguia lembrar! Percebi que estava esquecendo quem eu era, então neguei o cookie e qualquer comida que me ofereciam. Foi quando uma fumaça começou a aparecer pela ilha e quando eu a inalei, desmaiei.

Acordei naquela “casa” que ficava isolada e longe da ilha. Na porta havia fechaduras e correntes. Eu estava presa! Olhei para um lado e estava uma pilha de cookies. O cheiro era irresistível. Já do outro estava aquele jaleco, e no meio dos dois tinha uma placa que dizia: para sair é preciso de felicidade, agora qual, é você quem decide. Terminei de ler aquela placa, e comecei a lembrar de tudo na minha vida, quem eu era, de onde eu vim e de tudo que tinha acontecido até aquele momento. Lembrei de todos os meus problemas, mas também comecei a lembrar das coisas felizes na minha vida, e que eu não precisava de um cookie para me fazer feliz e que continuar com essa felicidade artificial só iria me fazer mal.



Foi quando eu decidi pegar o meu jaleco. Vesti e no mesmo momento fui teletransportada para a minha casa, mas não aquela do Vale do paraíso, era a minha casa de verdade. Não sabia onde era aquele lugar, mas aquilo me deu uma lição muito importante, que a verdadeira felicidade não vem de uma fonte esgotável.



A pílula robótica

Heloísa de Souza e Silva Ecclissato



Todos acreditavam em nós. Meu nome é Izzie Greene. Eu e minha irmã gêmea, Anne, estávamos literalmente dominando o planeta. O mais surpreendente é que estávamos fazendo isso diante dos olhos de todos, mas quem desconfiaria das gêmeas Greene, tão inocentes e boazinhas? Todos pensavam que éramos confiáveis, só porque falávamos que éramos.

Nosso plano sempre foi ter a Terra inteira só para nós, assim, poderíamos viver do jeito que quiséssemos sem outras pessoas para nos atrapalhar, ainda mais depois de 2103, quando os cientistas divulgaram que haviam inventado a pílula da imortalidade. Foi quando decidimos colocá-lo em prática. O primeiro alvo foram as crianças. Colocávamos uma pequena pílula no interior de um doce e dávamos a elas de presente. Então, esperávamos por volta de dez segundos e pronto: a pessoa se transformava no nosso próprio robô pessoal. Esses robôs, por sua vez, distribuíam a pílula para outras pessoas, criando um ciclo de transformação.



Um dia, tivemos a alegria de saber que tínhamos 52% do planeta em nossas mãos, e acabamos acelerando o processo, encontrando um jeito de vender alimentos que continham nossa pílula. E então, rápido assim, tivemos todas e todos trabalhando em nosso favor.

O dia em que oficialmente dominamos o mundo foi muito feliz. Pedimos nossa comida favorita (sem pagar, é claro!), junto com a sobremesa mais cara que encontramos, só porque podíamos. Depois que terminamos de comer, ligamos o nosso painel





de controle, de última geração e alta tecnologia, para podermos planejar nossa rotina, já que agora o mundo era nosso.

Mas Anne começou a agir estranho. Falava que havia um humano restante, pois tinha errado um cálculo. Foi aí que eu disse a ela que estava tudo bem, e que a pessoa eventualmente se renderia ou morreria, e fomos dormir. Ou pelo menos Anne foi dormir, porque eu estava doente, e tossindo muito. No meio da noite, no entanto, minha irmã me trouxe o remédio. Eu agradei e me deitei, mas quando tomei o remédio, sabia exatamente o que tinha tomado. A pílula de robô. Vinda da minha própria irmã. Eu tinha sido traída, e agora tudo que me restava era servir Anne para toda a eternidade.



A invasão saturniana

Henrique Arese Albagli



Eu estava olhando para o céu, quando avistei um OVNI, um Objeto Voador Não Identificado. Corri para dentro de casa e, enquanto isso, minha mãe, Eva, estava assistindo à um debate-político entre o presidente de Marte, o senhor Woody, e o presidente de Saturno, o senhor Darwin, que estava passando na TV. A discussão estava quente e Woody começou a irritar Darwin. Minha mãe tinha medo do que o saturniano podia fazer, pois ele já tinha sido rei de muitas batalhas sangrentas nesse gigante tabuleiro de xadrez e tinha medo de que ele atacasse nosso lindo planeta vermelho.

Minha mãe tinha razão!

– Declaro guerra contra Marte! – disse o presidente com raiva.

Fiquei pensando se aquele OVNI que vi mais cedo já era parte da invasão, então já estava tudo planejado.

– Vamos voar para longe daqui! – disse minha mãe desesperada.

Quando a nave saturniana pousou em solo marciano, uma multidão apareceu, incluindo eu e minha mãe, que paramos lá sem querer. E em 2157, Marte tinha sido invadido pelos saturnianos.

A porta da nave se abriu e de lá saiu um ser azul, com olhos totalmente pretos, e com orelhas e narizes gigantescos. Era o senhor Darwin e sua tropa de elite saturniana. Naquela época, Saturno não estava bem financeiramente, então Darwin pediu para que marcianos pegassem a “Pedra do poder” para ele. Essa





pedra permitia mudar o planeta em que viveu e torná-lo um paraíso, tanto economicamente quanto socialmente. Mas havia um problema muito grande: essa tal pedra ficava no planeta Terra, onde os humanos estavam extintos.

– Vocês têm sete dias para me entregar a pedra, senão eu atacarei esse planeta.

Já no dia seguinte, começaram as inscrições para ver quem iria buscar a pedra, e eu me inscrevi, pois queria ser um herói interplanetário. Na hora do jantar, meu celular notificou, e fiquei muito ansioso, mas era só a tia May dizendo que se recuperou do acidente de carro voador que ela tinha sofrido. O celular notificou novamente: “Você foi o escolhido!”. Pulei de alegria, mas tinha consciência de que ao aceitar essa missão, podia correr um grande risco de vida.

O dia chegou. Era um sábado nublado, ou seja, um dia antes do combinado, e eu estava pronto. Só não sei como alguém era capaz de promover guerras só para ter dinheiro no bolso. Entrei na nave e decolei. A viagem para a Terra durou apenas 20 minutos, por conta da tecnologia avançada da época.

A nave estava prestes a entrar na atmosfera terrestre, quando o motor parou de funcionar. Caímos como um meteoro, o mesmo que atingiu a Terra em 2149. A nave estava prestes a colidir com o chão quando eu e meus companheiros de missão ativamos as nossas asas e nos salvamos.

Quando pisamos pela primeira vez no solo terrestre, reparamos o estrago que o meteoro que dizimou os humanos causou. A Central de Marte entrou em contato conosco, então eu e o William, meu companheiro de equipe, começamos a procurar pela pedra. A central nos informou que a pedra estava a cinco quilômetros de nós. Começamos a andar para o local e estávamos chegando.

Quando vimos uma grande praia, na verdade parecia mais um deserto. Foi como um pirata atrás de um tesouro. Ficamos



horas procurando. Quando eu vi um diamante de pedra extremamente colorido, gritei:

– Acheeeeeeeeeeee!

Fomos correndo para Marte. Já tinha até imaginado como eu seria recebido pelo meu povo, com o tapete vermelho sob meus pés, o povo exclamando nossos nomes e do senhor Darwin em nossa frente. E foi como imaginei.

Quando chegamos e abrimos a porta da nave, nos deparamos com uma enorme festa. O povo exclamava nossos nomes, o tapete vermelho foi colocado sob nossos pés e o senhor Darwin, com cara de mau, ficou sentado na sua glamorosa cadeira voadora, pedindo a pedra.

Eu e William tínhamos a “Pedra do poder” em nossas mãos e estávamos a dez passos do presidente. Foram os passos mais longos da minha vida, mas tinha chegado a hora de salvar Marte.

Entregamos a pedra na mão dele, ele nem nos agradeceu. Entrou em sua nave e foi embora. Os marcianos ficaram muito felizes. Quando Darwin voltou para seu planeta, foi acusado de corrupção, tirado do cargo e preso, enquanto eu fui considerado Herói de Marte!





Os olhos de prata

Henrique Esteves Lugó

No ano de 2042, um cientista chamado Dio criou uma máquina do tempo. O seu objetivo era trazer humanos que viveram em outros séculos para que o ajudassem a encontrar meios de controlar o mundo inteiro. Pensou em construir um dispositivo capaz de manipular as pessoas. Ele se chamaria “Punho da Escuridão”.

Ele aprisionou diversas pessoas para usá-las como cobaias. Light, um dos únicos indivíduos que não havia sido preso por Dio, planejou utilizar a arma que seria construída pelo cientista, para libertar os prisioneiros.



Light, após um longo dia à procura da arma, ficou com fome e procurou uma loja na qual pudesse encontrar algo para comer. Quando achou, reconheceu Anne Frank, que havia sido trazida do passado. Ela estava sendo controlada e utilizada como guarda. Era possível perceber que a menina não estava em seu estado normal, pois possuía olhos prateados bem brilhantes que iluminavam os lugares por onde ela passava. Light pegou um bastão, que estava no local, e a atacou, conseguindo derrotá-la.

Pegou alimentos e partiu em busca do local de construção da arma. Anne, antes de desmaiar, passou para Light umas coordenadas, que poderiam ser do lugar procurado, que ficava no oceano, perto do Japão. Após uma viagem de barco de sete dias, Light chegou ao local, que estava devastado. No caminho encontrou diversos piratas famosos, como Edward Teach, o Barba Negra. Foi uma luta intensa, mas derrotou muitos deles. Após essa luta, Light encontrou Dio, que lançou todo seu poder





de fogo contra ele. Ao lado de seu inimigo, estava Hitler e Napoleon com seus exércitos. Light percebeu que estava derrotado, pois como estava sozinho nessa luta, era impossível vencer tantos inimigos.

Ele recuou por uns segundos e analisou sua mochila, nela encontrou sangue de Anne Frank e um pouco de suco de limão, então lembrou de um experimento que havia feito em sua casa, que era a mistura desse suco com o sangue dos viajantes temporais. O resultado era uma substância que corroía o corpo humano. Era o que precisava: uma arma poderosa contra seus inimigos!

Light partiu para a luta com uma faca na mão. Durante a batalha, encontrou um rifle e passou a usá-lo para fazer com que sangrassem. Ficou assim mais fácil derrotá-los, pois, ao feri-los, atirava o suco. Após a vitória, percebeu que o sangue do inimigo havia respingado em sua pele. Seus olhos estavam começando a se iluminar! Estava virando um deles! Sua força tinha se tornado sua fraqueza! Desesperado, atirou-se na água e lavou o local atingido. O efeito parou instantaneamente e Light voltou para o seu barco e adormeceu.



Ao acordar, percebeu que um de seus olhos havia se recuperado. Surpreso, fugiu do local e foi para uma pequena ilha. Precisava pensar em uma maneira de derrotar seu grande inimigo. Ficou alguns meses analisando tudo que havia acontecido, precisava encontrar um meio de vencê-lo definitivamente. Decidiu refazer o caminho de volta para achar alguma pista de onde o Punho da Escuridão estava escondido. Retornou para sua cidade.

Quando chegou, viu uma torre enorme, que nunca tinha visto antes. Ao chegar mais perto, viu Dio e o seguiu. Finalmente encontrou Punho da Escuridão, que era um dispositivo que emitia ondas magnéticas, que controlavam os outros à vontade de qualquer indivíduo.





Naquele momento, Light, com muito esforço, conseguiu alcançar a arma, e atirou imediatamente contra Dio. Entretanto, como não havia sido testado, o Punho emitiu um magnetismo muito intenso, o que fez com que o cérebro do vilão não suportasse a intensidade das ondas, levando o cientista à morte. Por sua ganância, ou seja, por querer cada vez mais poder, Dio acabou sendo sua própria vítima.

Light apertou um botão na base do inimigo derrotado, libertando todo o planeta Terra!



O mundo invertido e suas consequências

Igor Dutra da Silveira Mazza



Passávamos por um tempo difícil. A cidade estava sendo dominada por robôs. Minha família, assim como as outras pessoas, estavam com muito medo, pois éramos perseguidos por robôs dia e noite. Eles eram malignos, queriam nos destruir, nós tínhamos que fugir dia após dia se quiséssemos continuar vivos. Eram muito perigosos. Por essas razões montamos uma tribo para nos defendermos deles, por isso passamos dias criando um plano para continuarmos vivos.

Nossa cidade, chamada de Mecnópolis, tinha tecnologia muito avançada. As pessoas criaram os robôs pra serem úteis em tarefas de casa e do trabalho. Essas utilidades variavam entre coisas que poderiam ajudar a comunidade, mas o que nós não imaginávamos é que algumas pessoas criariam robôs malignos para destruir a comunidade, incluindo eles.



Até um dia, eles nos encontraram e foi uma luta, pouco de nossa tribo saiu viva, porém eu minha família e algumas pessoas conseguimos nos manter vivos. Aquele esconderijo não era mais seguro para nós, por isso fomos procurar outra cápsula mais segura para nossa tribo. Achamos uma boa o suficiente para eles não conseguirem nos achar.

Pensamos que se destruíssemos o robô líder, todo caos em nossa cidade acabaria e todos viveríamos em suas cápsulas. Passamos dias e dias traçando um plano no intuito de acabar com esse caos total, fazendo com que seu bolso parasse de caçar as





pessoas e a inteligência artificial voltasse a ser uma coisa boa para todas as pessoas.

O nosso plano era criar uma arma para destruir seu posto e o líder de todos eles, porém, para entrarmos no reino deles, era preciso muito cuidado, pois eles tinham muitas armadilhas e vigilantes para que ninguém entrasse lá.

Encaixamos cada detalhe, porque esse plano mudaria nossa vida se desse certo. Ficamos semanas trabalhando na arma, pois não era um projeto fácil de se construir. A arma só tinha uma bala, então tinha que ser uma única bala para explodir o robô líder, e eles parariam de nos caçar.

Quando chegou o dia nosso ataque fiquei com a parte de destruir o líder enquanto as outras pessoas distraíam os vigilantes, sabia tinha tudo das armadilhas que eles deixavam e fui me escondendo, não sendo pego por elas. Consegui entrar no reino deles sem que me achassem, nós já sabíamos quem era o líder, e era só eu atirar nele que a guerra acabava.



O plano estava indo muito bem, mas tinha que tomar cuidado, pois era um passo em falso e todo o plano daria errado. O outro grupo conseguiu despistar os vigilantes para não nos acharem. Fui chegando cada vez mais perto, porém ainda não conseguia atirar nele. O líder estava em um monumento e eu estava chegando lá até que ele me viu. Começamos a brigar, eu tinha a arma para destruí-lo e aquilo acabaria. Puxei a arma e mirei sabendo se eu errasse o disparo, todo o plano daria errado. Atirei com toda a precisão que eu tinha para acertá-lo e ele foi destruído.

Tudo estava normal, não existia mais robôs nos perseguindo e a Inteligência Artificial tinha virado algo bom para a sociedade, e toda a civilização estava vivendo sem ela.



Emily em Marte

Íris Cristina Lima Valassi



Em uma noite escura e chuvosa, no hospital Hawking, em Nova York, Emily Handerwood nasceu. Os pais, após o parto, por motivos pessoais, a abandonaram em uma linda casa, com tijolos azuis, onde moravam Sabrina e Robert Saintparker. Esse casal, apesar de parecer perfeito, estava lutando para conseguir um filho, mas todo aquele esforço não adiantava. Ao amanhecer, Sabrina, indo pegar o jornal, viu a bebê em uma cesta linda com seu nome, “Emily”. Ela era linda, tinha a pele branca como a neve, cabelos cor de mel e, por incrível que pareça, ela possuía olhos violeta vibrantes. Rapidamente, Sabrina mostrou a menina em seus braços para Robert e, sem pensar muito, eles decidiram acolhê-la.



Anos se passaram e Emily ainda não se encaixava naquela família e sempre procurava lembrar de seus pais biológicos, mas não conseguia. Certo dia, ao caminhar pela rua, de repente, começou a chover e ela foi correndo para casa. Ao chegar na porta, sem previsão, percebeu que houve uma erupção solar, e ela, no mesmo instante, desmaiou. No dia seguinte, ao acordar, a menina percebeu que não estava no mesmo bairro, cidade, país, continente... PLANETA. Ela estava em Marte! Ao recuperar sua visão, Emily percebeu que as pessoas nesse planeta, apesar de serem muito estranhas, possuíam algumas semelhanças com ela e, a mais evidente eram seus olhos violeta, que naquele momento deixaram de ser únicos.

Um tempo depois, ainda sem saber o que fazer, a menina decidiu explorar mais o lugar. Enquanto caminhava, todos a





observavam com o que parecia curiosidade, porém um jovem rapaz se aproximou de Emily e perguntou quem era ela e por que ela tinha características humanas e estava lá. A menina contou tudo sobre o que tinha acontecido com ela e o jovem, Jack, surpreso com a história, disse que conhecia alguém que poderia ajudá-la. Depois de cansativos quatro quilômetros caminhando, eles chegaram em um tipo de nave.

Quando entraram no local, Emily descobriu que era a casa de dois marcianos. Ao se aproximarem, eles foram, de alguma forma, reconhecendo a menina. Era sua filha, Emily. Quando eles contaram que eram seus pais, disseram que a abandonaram, pois corriam muito risco quando aliens do planeta Trackinton estavam roubando bebês. Eles tiveram uma longa conversa e, no final, Emily decidiu ficar mais alguns dias lá. Os dias foram passando e ela estava cada vez mais apaixonada por Jack, o rapaz que a havia ajudado. De tanta paixão, a garota decidiu perguntar se ele gostaria de voltar para a Terra com ela, pois Emily já estava com saudade de sua casa. Sem pensar muito, Jack respondeu que sim, mas mal sabia ele o que iria ter que passar.



Depois de mais de duas semanas, através de outra erupção solar que Jack produziu na Terra artificialmente, eles voltaram sem os pais de Emily, que queriam permanecer lá, em seu lar. Quando eles chegaram à Terra, todos encaravam Jack e pela primeira vez ele se sentiu diferente. Foi muito difícil para ele se acostumar com olhares de estranheza e curiosidade, mas depois de algumas semanas, ele já não se importava mais.

Certo dia, um cientista chamado Franklin Guilmore, que caminhava pela rua, se aproximou de Jack e Emily e perguntou se aquilo que ele estava usando era uma fantasia e ele respondeu que não. Então o homem pediu para que ele o acompanhasse e Jack, ingênuo, aceitou ir, porém Emily ficou em casa a pedido de seu namorado. Quando chegaram no laboratório de Guilmore,





o homem se mostrou um grande monstro e usou Jack para fazer experimentos em relação à sua origem. Com o avanço de suas pesquisas, que duraram mais de cinco meses, Jack estava morrendo e os humanos estavam descobrindo o planeta Marte aos poucos. Emily, cansada de procurar Jack, entrou em profunda depressão.

Dois meses depois, ela descobriu que estava grávida de Jack, mas como estava sozinha, sem ele e sem seus pais adotivos, decidiu criar o seu filho em Marte para ele não sofrer como ela e Jack sofreram na Terra. Ao voltar para Marte através de outra erupção solar que ela aprendeu a fazer com seu namorado, Jack, Emily teve o seu filho, que a lembrava muito o seu pai.

Emily, seus pais e seu filho, que recebeu o nome de Jack em homenagem ao seu pai, viveram felizes para quase sempre.

Eu, bom, eu... eu sou Jack, o famoso filho de Emily. Vocês devem estar se perguntando:

– Por que felizes para quase sempre?

Bom, isso vou ter que deixar para a próxima história.





Experimento 024

Isabela Chaves Farias



Quando eu ainda era uma humana, era muito deprimida e não tinha ninguém em quem eu pudesse confiar, e na minha vida nada parecia dar certo. Mas um dia fui convidada a participar de um experimento pelos meus supostos amigos. Mal sabia que seria uma das piores decisões da minha vida.

Até hoje lembro do nome daquele maldito experimento. Chamava-se 024, pois era a vigésima quarta tentativa de realizar a pesquisa. Antes de entrarmos na sala para que fizessem os procedimentos, todas as cobaias tinham que esperar do lado de fora. Só de lembrar daquele corredor todo branco e do receio de todos que ali estavam se perguntando se estavam fazendo o certo, chego a me arrepiar.



De repente uma médica saiu da sala e gritou meu nome, me chamando para ir realizar o procedimento. Sem pressa, entrei. Ela era muito gentil e me disse que apenas aplicaria um chip em meu braço e eu ficaria em observação.

A aplicação do aparelho foi rápida, nem deu tempo de sentir nada. Parecia ter dado tudo certo, mas, um tempo depois comecei a sentir uma dor interminável. Parecia que eu estava morrendo de pouquinho em pouquinho.

De fato, eu morri, mas era como se nunca tivesse, pois me lembro de cada procedimento feito pelos médicos para tentar me salvar e do desespero deles de ter uma má reputação ou serem demitidos por causa do ocorrido.

Originalmente era para esse chip ter absorvido um pouco do meu conhecimento e ser implantado em um robô – que já





estava pronto -, para ele ser a minha réplica. Lembrei que uma médica deu uma ideia que foi considerada espetacular pelos outros profissionais que estavam ali. Era de colocar o aparelho que estava em mim no robô que já estava pronto para ser a minha réplica, pois supostamente o chip já tinha absorvido todo o meu conhecimento, para que eu fosse ele e não morresse por completo.

Depois dessa fala da doutora, não me lembro mais de nada do que aconteceu naquele dia. Mas, bem na hora do enterro do meu antigo corpo, fui acordada para assistir à cerimônia. Eu não estava entendendo nada do que estava acontecendo, pois me olhava no espelho e via a mesma pessoa triste e solitária, até o dia anterior, até o meu braço cair e consertarem com um martelo e um parafuso. Eu tinha me tornado uma robô.

Ao fim do enterro, me dei conta de que realmente meu corpo estava lá embaixo da terra, mas eu estava presa em uma armadura de ferro com milhões de pessoas querendo uma *selfie*.



MGH21

Isabela Uliana Porto



Em março de 2023, uma equipe de cientistas e astrônomos descobriu seis novas galáxias, algumas maiores e outra do mesmo tamanho que a Via-Láctea. A maior descoberta foi feita pelo principal astrônomo da época, o Enzo. Ele descobriu que em um desses planetas poderia existir vida. Isso os deixou muito preocupados, pois sabiam que a reação da população seria agressiva e desesperadora, porque os filmes e histórias de ficção científica acabavam influenciando as pessoas a terem medo de seres de outro planeta. Decidiram manter a informação em segredo, já que algo terrível poderia acontecer.

999 anos se passaram e nada aconteceu, todos continuaram vivendo suas vidas normalmente. A descoberta até foi passada para as novas gerações, porém o foco da equipe passou a ser outro. Eles precisavam salvar a população de um novo vírus que estava matando o mundo todo, o “MGH21”. No primeiro dia, o contaminado ficava muito animado e queria fazer tudo, não conseguindo nem dormir. No segundo dia ele ficava muito cansado e não acordava, e no terceiro dia... a pessoa acaba falecendo.

Isso estava preocupando muito os cientistas, principalmente o John. Ele era o atual cientista principal da equipe, e no colégio do seu filho tiveram seis casos confirmados da doença. Desde que recebeu essa notícia, ele não parava de estudar a cura. Inclusive dia 31 de dezembro de 3022, feriado de ano novo, ele estava estudando sobre isso.





Até que à meia-noite algo muito estranho aconteceu. Tudo começou a tremer, parecia um terremoto muito forte. Por dois segundos isso ocorreu no mundo todo!

John foi correndo para casa, já que estava estudando no laboratório. Ele pensou em buscar seu filho no hospital, mas lembrou que estava trancado por causa da doença.

Quando John chegou, sua casa estava cheia de “coisas estranhas”. Os estranhos eram diferentes, mas ao mesmo tempo muito parecidos! Alguns tinham uma perna e outros dez, um bando era verde e o resto azul e roxo, uma parte tinha um olho e outros três, seis, nove, dez!

John olhou para a janela e viu várias dessas “coisas”. Ele se assustou, até que de repente um deles começou a falar “meu nome é Tessa”. Ela era roxa, tinha oito braços e três olhos. Em seguida um outro falou “meu nome é Pisco”. Ele era vermelho, tinha um olho e quatorze braços.



John começou a surtar. Ele ficou desesperado e expulsou todos de sua casa. Quando voltou para a janela, viu que a cidade estava um caos! Todos correndo, doentes morrendo, os pacientes infectados bagunçando aquele lugar.

Até que o pior começou, chegaram os policiais! Eles começaram a atirar em tudo. Sem querer, a bala acabou matando as pessoas, mas quando atingia os “estranhos”, eles soltavam um tipo de gosma rosa. John começou a achar muito estranho e resolveu descer para pegar uma amostra da gosma, mas quando chegou lá, não conseguia se movimentar. Ele ficou desesperado, mas olhou para o lado ficou em choque: Tessa e Pisco estavam mortos! John desabou, a confusão fez o cientista ficar mais desesperado e chorar muito. Mas ele raciocinou, pegou a amostra e conseguiu voltar para a casa.

Uma semana havia se passado e contaram mais de um milhão de mortos, mas não parecia, porque o caos só aumentava.



Mas finalmente o resultado da amostra saiu. Era a cura da doença! John ficou em choque, e ainda descobriu que os “estranhos” conseguiam liberar isso quando quisessem, não precisavam morrer. Ele não pensou duas vezes e divulgou a notícia, pois as mortes precisavam parar.

Duas semanas se passaram e a doença finalmente tinha acabado! As pessoas finalmente tiveram uma lição: o preconceito poderia matar. Se não fosse o John e seu bom coração, o mundo poderia ter chegado ao fim, e por isso o mundo era muito grato a ele e aos “estranhos”, que agora eram chamados de heróis. Todos passaram a viver em harmonia como se fossem uma grande família feliz.

No final descobriram que os “estranhos” na verdade eram extraterrestres que descobriram que conseguiam liberar a cura para doença. Por esse motivo vieram ao planeta Terra, porém não sabiam se comunicar com os seres humanos, causando essa grande bagunça e confusão. Os seres humanos tinham preconceito com eles e um medo absurdo, causando essa catástrofe.





Evolução e morte

Isabella Machado Reis Sucena

O ano era 2070 e a tecnologia havia avançado muito. Robôs altamente tecnológicos tinham capacidade de pensar e agir a partir de uma força que somente com uma espécie de gel no lugar de um cérebro poderiam atingir. A inteligência artificial (IA) foi aprimorada durante os anos e se tornou o que nós mais nos orgulhávamos. Cientistas estavam obcecados pelas máquinas, por isso, criaram uma forma de robôs se reproduzirem por si próprios, aumentando-os como espécie.

Nós, como sociedade, tivemos de encontrar uma solução para escaparmos dos robôs, porque eles se revoltaram contra nós com o motivo da extinção de diversos seres vivos por nossa culpa. A solução de fuga foi arranjar um jeito de criar portais capazes de nos levar para outras realidades, longe da tecnologia maligna.

De 30 bilhões de pessoas que habitavam o planeta Terra, cerca de 29 bi foram para as realidades alternativas; já das que restaram, a maioria foi morta. As pessoas sobreviventes foram alvos de experimentos pelos robôs, que poderiam conseguir um raciocínio cem vezes mais elevado e rápido que o nosso. Os testes tinham como objetivo implantar o gel no lugar dos miolos da cabeça do humano. Depois de inúmeras tentativas, não houve nenhum resultado concreto.

Nas realidades, era possível criar uma vida e recomeçá-la do zero, livre de tecnologia maligna, pelo menos era o que se pensava na época. Infelizmente, a IA começou a invadir e destruí-las, impossibilitando a vida humana em qualquer lugar.





Poucas delas restaram, as que eram consideradas seguras, pois os robôs não acharam um motivo claro para destruir a realidade. Das 30 bi pessoas iniciais, restaram um bilhão.

A tal realidade segura foi se reproduzindo ao longo dos anos, chegou em aproximadamente cinco bilhões de pessoas. Com a natureza se esgotando da mesma forma que acabou no planeta Terra, começaram a invadir as realidades e fazer de todo ser humano um experimento.

Diversas falhas nos projetos e a desistência estava a caminho, até que o projeto 3618-H500 felizmente deu certo. Houve uma reação do gel conectado com as veias do corpo, cada uma delas se tornou mecanizada, fazendo o humano ser capaz de praticar e pensar coisas inimagináveis. Eles tinham uma força estranhamente potente e um raciocínio comparado ao das máquinas. Esse projeto foi o único a ser aprovado pela inteligência artificial.

O experimento foi estudado de uma forma que jamais havia sido antes. Descobriram que o humano utilizado na experiência foi completamente desenvolvido, sendo um adulto com 30 anos. O que foi considerado nos testes era o fato de que o corpo possuía mais veias não desenvolvidas que o normal, o que deu a chance ao gel de tomar conta do ser.

Anos depois, ainda estou com um gel verde e esponjoso em minha cabeça. Acabou sendo bem desconfortável, mas já me acostumei com ele. Algumas vantagens são que minha forma de pensar e raciocinar melhoraram e me ajudaram a refletir mais sobre o planeta e o quanto o homo sapiens fez mal para a natureza. Tenho desgosto de como era o mundo antes das máquinas. Não conseguia entender, mas agora tudo está fazendo sentido. O ser humano causou sua própria evolução e morte, tudo por conta de se imaginar superior a todos os seres vivos e a si mesmo.





O planeta habitado?

Isabella Matos de Souza

Depois de 1000 anos e muitas pesquisas, cientistas desenvolveram uma nova tecnologia: um microscópio. Mas não era qualquer um, porque já tinham feito três mil e vinte dois microscópios e o três mil e vinte três deram certo. No dia da inauguração, algo estranho aconteceu no céu. Parecia uma nave espacial, o que era normal naquela época.

Os aliens já viviam na Terra, mas aquela nave era diferente das outras. Assim que decolou, os cientistas ficaram observando a nave, para saber o que tinha dentro dela e para onde estava indo. Essas perguntas ficaram nas suas cabeças até o objeto pousar. Outras perguntas surgiram depois daquele momento: em que planeta a nave pousou? E por que não saiu nada de dentro?



Um dia depois, os cientistas repararam que uma coisa diferente das outras espécies saiu de lá de dentro. Eles tinham duas pernas e eram muito diferentes de nós, porque aqui nós tínhamos quatro pernas. Esse novo planeta era o terceiro do sistema solar “Mas a Terra não tinha sido destruída pelo meteoro?” Os cientistas não estavam entendendo. Então, resolveram tirar essa história a limpo. Enviaram um robô para a Terra.

Assim que o robô pousou, perderam o contato com ele. Eles não sabiam o que fazer, mas depois de uma semana tentando se reconectar, estranhamente a inteligência artificial voltou a funcionar para os cientistas. O objeto falou para eles que a Terra estava idêntica há 1000 anos. Os cientistas ficaram surpresos, “Mas o que tinha dentro daquela nave?”. O robô falou para eles que eram humanos. Os cientistas pensaram “No ano



de 2380 d.C., os seres daquele planeta não foram extintos?” Essa pergunta nem a inteligência sabia responder. E não adiantava, porque eles pesquisaram muito, mas não descobriram nada, então desistiram.

Essas naves apareciam no céu e pousavam na Terra. E lá na Terra, as pessoas falavam: “Nossa, aquele é o planeta X, eu pensava que ele não fosse habitado, ainda mais porque as pessoas lá são muito diferentes!”

Depois de um tempo, os cientistas decidiram visitar a Terra e descobriram que esses humanos eram na verdade um tipo de Android, pois se pareciam com eles, só que com chip e todas aquelas máquinas dentro deles. Os robôs estavam cuidando da Terra para que ela ficasse novamente verde e azul. Os cientistas ficaram muito animados com isso e quando voltaram ao seu planeta, postaram nos jornais: Planeta Terra está voltando à vida!





Game Over

Isabella Morais Melo

Finalmente! Finalmente, consegui este jogo! – disse ofegante de tanta felicidade (afinal, jogar era a única coisa que eu fazia todos os dias). Abri a caixa onde estava o jogo mais aguardado do ano de 2034.

Olá, me chamo Kimiko. Não sou muito boa com apresentações, muito menos em contar histórias, até porque, não sou do tipo que fala com pessoas. Enfim... a cena que viu foi o início do meu inevitável fim por causa de um jogo. Seu nome é The Game.

O que mais chamava atenção era sua proposta e a tecnologia inovadora. De acordo com os desenvolvedores, o projeto seria revolucionário, pois faria com que o player usasse todos os seus sentidos ao jogar! Isso tudo graças ao dispositivo criado pela empresa. Consistia em um capacete que envia ondas eletromagnéticas ao cérebro do jogador, dessa forma ele recebia os estímulos sensoriais do ambiente, seja cheirando, vendo, ouvindo e/ou tocando. Quase como um sonho lúcido, só que induzido por uma máquina.

De início achei a ideia perfeita. Era a possibilidade de escapar da minha estúpida realidade cheia de problemas e responsabilidades. Afinal, estaria mais bonita, forte e poderosa. Não poderia estar mais enganada.

Abri o jogo com uma mistura de ansiedade e um pouco de tontura devido a ondas eletromagnéticas. Criei minha personagem e logo entrei.

Estava em uma praça genérica de MMORPG (Massively Multiplayer Online Role-Playing Game), e o que notei primeiramente





foram os gráficos ultrarrealistas que imitavam a realidade, cheiros à minha volta e a textura das roupas encostando no meu corpo. Era como se eu estivesse no mesmo mundo de antes, só que mais bonita e poderosa, no sentido mágico.

Eu passei a manhã inteira matando monstros e resolvendo puzzles (enigmas). Eu me senti viva, pela primeira vez em muito tempo. A cada monstro derrotado e puzzle resolvido, meu corpo se enchia de vida. Irônico, não?

À tarde, segui a mesma rotina de antes, até que recebi uma notificação urgente dos robôs administradores (BOTs), que dizia que todos os jogadores seriam teletransportados para a praça principal em dez segundos, porque aparentemente um pronunciamento iria começar.

Ao chegar, vi jogadores de todos os servidores reunidos em um mesmo local. Parecia algo realmente urgente.

– Boa tarde, caros jogadores! – surgiu, de repente, o idealizador do projeto, o criador do jogo. – Peço que não se assustem com a notícia que irei dar. A partir de hoje suas vidas mudarão para sempre! Vocês não terão mais que lidar com os problemas e responsabilidades da vida moderna. Uma vida perfeita! A sociedade manipulou vocês, fez com que vocês se importassem com coisas tão banais! Então, caso alguém clique no botão de sair, não terá um bom fim... Ah!! Mais uma coisa: o equipamento que projetamos não é capaz de alimentá-los espontaneamente, então vocês precisarão se alimentar com comida, que não passa de energia elétrica pura, e dormir também é necessário, afinal, o cérebro de vocês precisa descansar.



Apesar da forma macabra como o criador falou, não houve uma confusão generalizada, muito menos um chique ou algo assim. Na verdade as pessoas ficaram até felizes com a notícia. Eu fiquei feliz. Mas com o passar dos dias, as coisas foram perdendo o brilho. Os gráficos já não eram tão incríveis e interessantes





de se observar. Ter uma aparência nova tornou-se assustador, mesmo que fosse mais bonita. E manipular efeitos da forma que quisesse só era um lembrete de que tudo a minha volta era irreal.

A minha ideia inicial ao comprar o jogo era escapar da minha realidade nefasta e sem propósito, com um jogo ultrarrealista que imita a realidade, afinal, nada mais me proporcionava alegria e esse jogo era minha última esperança.

Com o tempo comecei a refletir sobre tudo isso. De nada adiantava um mundo perfeito com uma vida perfeita, se você não enxerga mais sentido nela, nem em si próprio. Até porque há uma realidade da qual não podemos fugir. A de nós mesmos.

TEM CERTEZA QUE DESEJA DESISTIR DA EXPERIÊNCIA?

SIM, GAME OVER.








Minha viagem para a Terra

Isabella Morrone de Vilhena

Todas as pessoas achavam que eu não ia conseguir, mas fui! Tinha que colocar como prioridade entrar na aquanave, veículo híbrido motorizado que vaga pelo oceano, similar ao submarino, e torcer para que desse certo. Eu sabia que era loucura ir para um planeta totalmente desconhecido, e que estava há quase 470 anos-luz da Terra, mas quem nunca fez uma loucura? E o bom era que tinha dado certo e eu ia com a aquanave! Por isso, ia demorar somente um dia!

 Eu tinha que ver se Zurque, minha empregada, já tinha terminado a minha mala, pois ia ficar uns 20 dias lá. Quando eu entrei no meu quarto, percebi que Zurque já tinha terminado. Na hora fiquei feliz, mas depois percebi que, mesmo por pouco tempo, ia ficar longe da minha família, e que não iria com mais nenhum klepteriano, já que sabia que o meu povo infelizmente não era muito confiável.

Chegou o dia da viagem. Quando saí de casa, todos estavam me saudando, confesso que estava me sentindo o rei de Klepter. Quando cheguei lá, logo me conduziram para a nave. Achei ela linda, toda lilás, azul e verde, super escura – para seguir a moda. A parte da frente parecia uma nave normal, mas na parte de trás ela parecia com uma kepler-casa, uma casa klepteriana, toda limpa, bonita, e com o colchão mais gostoso do mundo! Pena que só ia ficar um dia. Mas eu não acreditei quando eu vi o mais novo flin-lock, o ar-condicionado mais potente de Kepler. Ele era tão potente que conseguia tirar quase toda a poluição de Kepler



do ar! Eu esperava que ele pudesse tirar toda poluição antes de chegar à Terra, porque senão....

Assim que eu acabei de olhar a nave, ela já começou a entrar em contagem regressiva. Tive de correr para me sentar a tempo e no “3” já tinha posto o cinto. Assim que ela decolou, a minha vida passou pelos meus olhos. Eu me lembrei de quando ainda era um feto, depois criança e até vi um pouco do futuro, mas não consegui entender direito. Logo depois de “filosofar”, me dei conta de que já estava no espaço, e que tinha uma TV 4K ultramoderna na nave. Além disso, tinha todas as minhas comidas favoritas. Mas depois disso, comecei a ter um mau pressentimento...

De uma hora para a outra, o ar-condicionado explodiu, causando uma turbulência na nave. Estava tudo branco, mas consegui ver um meteoro vindo em minha direção! Corri para apertar o botão de emergência, só que antes mesmo de fazê-lo, eu apaguei. Com tanta poluição no mesmo lugar, meu coração não aguentou.

Então morri, sozinho, mas tenho certeza de que servirei de exemplo para os outros astronautas, para que sempre verifiquem a limpeza do ar-condicionado.





A ex-astronauta

Isabella Sacomani Guiráo

Ha-ri era uma mulher de 42, ex-astronauta da NASA e de ascendência coreana. Ela nasceu nos EUA e aos 22 anos decidiu trabalhar na NASA. Aposentou-se, mas para ganhar dinheiro e não ficar parada em casa, ela trabalhava em uma cafeteria perto de sua casa.

Um dia, conversando com sua amiga, Hazel, também ex-astronauta da NASA, lembrou-se da sua primeira missão à lua para descobrir novas superfícies.

– Meu Deus, nem parece que já se passaram cinco anos desde nossa última missão juntas! – disse Ha-ri.

– Tem razão, o tempo passou muito rápido, mas não viveria nada novamente! – falou Hazel com segurança.

– É, eu também não! Eu acho...

O ano era 2027. O passado veio rapidamente à sua mente.

– Magnífico! Depois de longos anos de treinamento, passando grande parte do meu tempo aqui, finalmente poderemos fazer a tão esperada viagem a outras superfícies da lua. Estou muito nervosa. – comentou Ha-ri, a sua amiga.

– É incrível mesmo. Mas relaxa, vai dar tudo certo. – Hazel tentou tranquilizá-la.

Depois de algumas horas turbulentas, com todos os funcionários sobre muita pressão, revendo os cálculos e fazendo a vistoria da nave, para que tudo corresse bem, chegou a tão esperada hora, a hora em que Ha-ri e Hazel iriam decolar à lua.





Hazel já estava na nave e Ha-ri estava chegando, mas parou faltando alguns passos para entrar no foguete. Ela estava muito nervosa, suas mãos suavam frio e sua cabeça estava agitada, pois pensava em muitas coisas ao mesmo tempo: “E se der errado? Eu realmente consigo? Será que eu vou morrer? Eu vou desistir.” Quando ia se virar, Hazel gritou:

– Vamos! Eles estão perguntando sobre você e querem que partamos logo.

– Está bem, estou indo! – Ha-ri correu e não olhou para trás.

Quando entrou no foguete, ouviu o radialista falando:

– Vocês estão prontas?

– Sim! – responderam as astronautas em uníssono.

Então elas decolaram. Encontravam-se maravilhadas com a beleza do espaço. Havia tantas estrelas, começaram até encontrar constelações como a de Capricórnio, Andrômeda, Cruzeiro do Sul, Fênix, Ursa Maior, entre muitas outras. Os comunicadores estavam sempre atentos e conversado com as astronautas.



Depois de quatro dias em órbita, elas finalmente chegaram ao seu destino. As amigas pousaram. Foi momento de alegria muito grande para as duas, mas principalmente para Ha-ri. Na afobação de sair da nave e pisar na tão famosa lua, Ha-ri abriu a porta e nem viu o buraco que havia embaixo dela. Ela simplesmente pisou e caiu alguns metros.

Ela não conseguia ver quase nada, apenas um ponto meio esverdeado e arroxeadado. Quando olhou para cima, começou a avistar uma criatura de três pernas e seis tentáculos, que se aproximava rapidamente dela. A astronauta nem pensou duas vezes e atirou com uma arma a laser na criatura. O extraterrestre, ao ser atingido, se transformou em uma poça verde e roxo neon. Ha-ri, desesperada, com medo de existir outros como aquele, apertou um botão em seu traje espacial que ativou um minifoguete em suas botas, então ela subiu de volta à superfície.





Hazel estava muito preocupada, fazia perguntas sem parar, mas a outra astronauta se encontrava em êxtase, não conseguia pensar em nada e nem falar. Após alguns minutos, ela se recompôs e começou a explicar tudo o que tinha ocorrido lá dentro para Hazel. Também pediu para que voltassem à nave. Estava com medo de que a criatura aparecesse novamente.

Dentro do foguete, as duas amigas comunicaram aos funcionários da NASA o que tinha acontecido e falaram que iriam voltar para a Terra o mais rápido possível.

Depois desse acontecimento, não se falava em outra coisa no mundo todo. Notícias e muitos questionários indagavam se seriam os famosos alienígenas. Por causa do acontecimento e boatos, a NASA, a cada três meses, mandava de um a três astronautas para missões na lua, para que descobrissem o que exatamente tinha nas outras superfícies da grande estrela branca e se a teoria dos grandes alienígenas de fato existia.



Voltamos para 2032.

– Realmente, eu jamais voltaria a fazer esse tipo de missão. Não só por causa do que aconteceu, mas sim porque eu deixei minha família de lado, tanto que esqueci do último aniversário do meu pai. Poderia ter passado muito mais tempo com ele, mas estava cheia de trabalho e dei mais importância para a alta tecnologia e achei que aquela missão era mais importante do que cuidar dos meus parentes. – afirmou Ha-ri.

– Você tem razão. Minha avó se foi e nem pude me despedir dela, estava ocupada de mais indo à lua. Se eu não tivesse ficado tão fissurada em trabalho, talvez teria aproveitado mais o tempo de vida que ainda restava de minha avó.

As astronautas não estavam mais dispostas a perder suas relações afetivas.





Um novo planeta

Jade Takaki Domingos

Em 3288, um astronauta chamado Richard estava navegando pelo espaço e avistou algo diferente. Ele descobriu um novo planeta, então resolveu explorá-lo. Ele parecia diferente quando se aproximou. Havia, ele percebeu que havia vida naquele lugar. Avistou algumas coisas que pareciam vários robôs de vários tamanhos e cores, trabalhando sem parar. O astronauta foi chegando cada vez mais perto para ver como o trabalho deles funcionava.

Richard chegou no planeta e teve uma conversa com um dos robôs, ele disse que viu o planeta e ficou muito curioso. Os robôs disseram que eles trabalhavam para construir uma terra que fosse só deles, onde eles conseguiam viver melhor.

Aquele planeta era cheio de metais e materiais diferentes. Os robôs construíam máquinas para ajudá-los na construção do planeta. Depois de um tempo, o astronauta precisou ir, então ele voltou para o seu foguete para retornar à Terra, mas ele não estava funcionando. Richard sem saber o que fazer, decidiu tentar entrar em contato com seus parceiros, dizendo que haveria algum problema com seu foguete, e ele não conseguia retornar à Terra naquele dia, mas ele não teve resposta.

O astronauta questionou mais sobre os planetas ao robô que tinha conversado e ele disse que todos aqueles robôs tiveram dificuldades de adaptação no planeta Terra e resolveram construir esse novo planeta.

O astronauta precisava ir, então pensou em pedir ajuda aos robôs para concertar seu foguete, e rapidamente eles resolveram



seu problema. Quando Richard retornou à Terra, ele achou melhor não contar a ninguém sobre o que viu no espaço, pois sabia que ninguém acreditaria. Ele também disse que algum dia ele voltaria ao espaço para descobrir mais coisas sobre aquele novo planeta.





Como acabar com um apocalipse

João Felipe Carvalho Amorim

Era 2023, em Vancouver, quando um laboratório à procura da cura da gripe CX1T, à meia noite, explodiu. A cidade ficou em choque com o ocorrido, sem saber o que fazer. Bombeiros e paramédicos já estavam em prontidão para combater o fogo e salvar vidas. Ao chegarem e apagarem as chamas, começaram a procurar os pesquisadores, porém depois de horas em vão, não os encontraram.

Alguns meses depois, com o esquecimento do ocorrido, Jade e seus amigos, voltando da escola, desafiaram uns aos outros a invadirem o complexo abandonado. Após uma longa discussão, decidiram entrar no prédio. Dentro da construção, estava tudo queimado e destruído. Ela e um colega foram ao subsolo, enquanto seus outros parceiros viam os andares superiores. Ao chegarem, ficaram surpresos quando se depararam com o andar completamente intacto. Enquanto saqueavam o local, a menina encontrou brincos e uma pulseira supermodernos e minimalistas, como todo o cômodo era.

Quando os dois exploradores esperavam seus outros companheiros, sentiram um cheiro forte de enxofre e ouviram gemidos de dor. Viram seus parceiros serem transformados em uma espécie jamais vista. Um tipo de lobo bípede com asas. Diante daqueles seres em transformação, fugiram os dois para suas casas com medo. Depois de um tempo, os “monstros” foram dados como desaparecidos e a cada dia mais pessoas sumiam, sem um porquê. Somente a garota e o aluno que entrou no laboratório sabiam o porquê de tanta gente desaparecer, além de Bob, um





bêbado que dizia ter visto uma das aberrações, antes de desaparecer também. Como os sumiços ficaram mais frequentes, a cidade passou a entender a situação, porém era tarde demais e logo restaram poucas pessoas. Jade sobreviveu e se escondeu no metrô, com outros sobreviventes.

No início, cuidavam dela por ter apenas catorze anos e seus pais terem sido infectados. Davam água e comida para ela, mas depois de oito meses, inacreditavelmente, deixaram ela por conta própria. O lema da nova civilização era “só cuidado de você se me der algo em troca”. A ganância tomou conta do mundo apocalíptico, como a ganância de um político por poder.

O mundo se tornou solitário e sujo. Construções foram ocupadas e por onde se olhava, corpos tinham sido semidevorados pelos monstros, apelidados de *hydras*. Governos destruídos e cidades massacradas eram pouca coisa para esse mundo que virou de ponta-cabeça. O planeta se tornou semelhante a filmes e histórias apocalípticas, como “The Last of Us”, uma série que fazia muito sucesso antes do mundo colapsar, que retratava exatamente esse contexto.



Após uma de suas caçadas matinais, Jade, em seu vagão do metrô, organizava suas recompensas do dia, com esperança de conseguir lucrar com seus achados. Quando abriu sua mala, viu seus acessórios roubados do laboratório há quase um ano, peças que tentou vender inúmeras vezes. Pela primeira vez os colocou no corpo, pois antes não suportava ver essas joias, porque se lembrava de coisas terríveis. Ao colocar as joias, ela viu um holograma da suposta cientista-chefe, que conduzia a experiência com o micro-organismo da doença. Ela explicava que a bactéria da gripe CX1T fez com que houvesse mutações. Além disso, explicava como fazer a cura para essa transformação.

Por mais um ano, Jade tentou aperfeiçoar o antídoto e fazer ele funcionar, testando assim em vários *hydras* que ela pagou





para capturarem. Alguns viraram sapos e outros anfíbios e alguns certamente morreram, porém ainda assim a jovem obteve a fórmula.

O problema do momento era distribuir em escala global o antídoto. Pensaram em várias formas disseminar a fórmula, mas decidiram que a maneira mais fácil e eficaz seria despejar a solução no mar, para quando chovesse, os monstros que se molhassem voltassem ao normal.

Depois de Jade pagar um explorador para concluir a primeira etapa, o que restava era esperar chover. Rezavam todos os dias para que a chuva caísse, porém ela nunca chegava. Depois de um mês suplicando pelas chuvas, finalmente elas chegaram. Com a festa que se criou na cidade onde choveu, a euforia era maior do que o medo.

Após três meses e meio, 97% da população que tinha se transformado voltou ao normal. Assim reconstruíram a sociedade e aos poucos tudo foi voltando ao normal.

Até dois anos depois, quando uma nova onda de sumiços começou.



2055: A cidade invisível

João Gabriel Teixeira Mourão



O mundo na Neo City era calmo, tranquilo e completamente tecnológico. Lá viviam os remanescentes de um domínio robô no mundo, porém eles não sabiam. Também existiam os robôs que tinham como suas principais funções ajudar os humanos.

Dyami era uma mulher que vivia na cidade com sua irmã e com Imani, que foi uma androide entregue pelo governo da metrópole. Na época, ela era a psicóloga de robô mais renomada da cidade.

Por outro lado, existia o chefe dessa dominação. Ele foi o primeiro a iniciar esse poder eletrônico na Terra. Ele controlava tudo o que acontecia na Neo City, como atitudes não humanas, controle das telas, acesso a câmeras e tudo que era tecnológico. Junto com sua tomada total do mundo, ele trouxe um pequeno ato de bondade, deixando alguns humanos vivos na grandiosa Neo.



Dyami estava em sua casa quando sua irmã deu um grito. Imediatamente foi conferir o que tinha ocorrido. Sua robô, Imani, não realizava mais nenhum movimento. Na tensão do momento, Dyami colocou sua mão na caixa eletrônica de sua companheira, onde estava escrito no linguajar daquele tempo “Não toque, isso lhe causará problemas!”. Logo depois Imani conseguiu ser desconectada da Central de Controle Robô (CCR).

De maneira imediata, os andróides da CCR contataram ao chefe dizendo que um deles tinha sido desconectado. Em seguida receberam a ordem de que esse robô fosse encontrado.





Imani contou toda a verdade à sua dona, que o chefe sempre se achava mais inteligente que todos e que até mesmo aprisionava os robôs que trabalhavam com ele. Com a configuração que estava na caixa eletrônica, todos que eram controlados pela CCR esqueciam tudo que viveram antes dessa vida.

Dyami ainda queria saber o que tinha acontecido com todos na Terra. Sua amiga disse que no ano em que a dominação ocorreu, a alta produção de robôs e o alto índice de compras das máquinas facilitou aos robôs. Imani admitiu estar ao lado dos humanos, porém, não tinha o que fazer no momento. Os androides já estavam espalhados por todo o mundo e os únicos humanos estavam na Neo City.

As duas ficaram um tempo estudando para pensar o que fazer. Elas descobriram que havia uma maneira de desconectar todos os robôs de seu chefe. Com isso, a ideia era deixar a relação entre humanos e máquinas pacífica. Não foi uma tarefa fácil, mas deu tudo certo. Dyami esqueceu que ela só tinha o controle dos que na cidade estavam, porém pensou que caso derrotasse o líder deles, ela teria uma comunicação mais amigável com os outros.

Dyami e seu pequeno exército foram em direção à sede da CCR onde o chefe estava, logo declarando guerra aos outros. O menor batalhão venceu. Apesar disso, apenas Imani sabia que, caso o líder fosse neutralizado, todos os robôs seriam desligados, mas ela não contou à sua amiga e então se foi com todos os outros.

Sentida com o acontecido, a garota juntou os restos das peças de sua robô e passou a estudar para realizar novos protótipos. Seus testes foram bem-sucedidos e logo a produção começou de maneira elevada, sem consciência do que já aconteceu e o que poderia acontecer. Mesmo sofrendo diversas consequências, os humanos continuaram errando.



Um mundo distante e perfeito

João Henrique Dias Tescari



A minha história começa na Terra, no ano de 2346. Eu via astronautas na TV e sempre quis ser como eles para descobrir coisas novas que melhorariam a Terra. Estudei astronomia, engenharia e treinei meu corpo para suportar as expedições.

Quando eu tinha seis anos, tive um sonho. Eu tinha me formado e estava fazendo uma expedição para descobrir novos planetas e descobri um perfeito. Havia cidades grandes, como as metrópoles da Terra, mas também paisagens naturais cheias de vegetação e animais. Após isso, fiquei mais interessado nessa carreira de astronauta e estudei mais ainda. Na escola eu sempre fazia cálculos complicados demais para a minha idade. Falavam que eu era um prodígio.



Aos quinze, a NASA me procurou, pois queriam um astronauta jovem para testar um novo tipo de nave, a NDAP 150. Claro que aceitei.

Eles disseram que eu ainda precisava treinar mais do que já tinha treinado. A NDAP foi a melhor nave que eu pilotei em toda a minha vida, pena que ela era adaptada só para adolescentes e quando fiquei mais velho não pude mais pilotá-la.

Em 2367, fiz a minha primeira expedição sem nenhum outro astronauta na nave. Foi mais um teste do que uma expedição, pois a NASA precisava saber se eu estava apto a fazer essas viagens intergalácticas, já que eu era muito novo. Consegui passar o teste com muita facilidade.





No ano seguinte, me deram a minha primeira missão real: achar um novo planeta. No começo parecia meio difícil, mas depois vi que seria mais fácil do que eu pensei. A viagem seria em 14 de junho de 2369. Eu iria pilotar um FTH 3000, a minha segunda nave preferida por ter muito conforto e ser, relativamente, fácil de dirigir.

Chegada a grande data da decolagem, eles me deram as coordenadas de onde eu devia procurar um novo planeta habitável. Era perto de Zurt, um outro mundo que já era habitado e tinha alianças com a Terra. Nesse quadrante tinha muitos outros planetas que nunca exploramos.

A viagem foi tranquila e para chegar lá tive que ficar dois anos e meio dentro de uma nave sozinho. Até tinha alguns celulares capazes de permitir a comunicação do espaço, mas ainda não tinha comprado o meu. Fiquei com muita saudade da minha família e dos meus amigos.



Após todo esse tempo esperando, finalmente cheguei ao local desejado. Pelo que me falaram, tinha alguns planetas bem bonitos no sistema. O primeiro planeta que eu fui ver era um planeta ao lado de Zurt, chamado Qwerty.

Assim que pousei, vi que o planeta era muito parecido com a Terra, tinha animais e vegetação, mas eram muitos diferentes da Terra. Primeiramente, fui procurar se já havia habitantes no planeta e pela quantidade de vegetação, pensei que não haveria muitos.

Nos primeiros dias não achei nada. No meu sétimo dia procurando, achei uma cidade superdesenvolvida, tinha carros voadores, casas avançadas e um formato que achei muito interessante: havia casas no solo e um grande elevador que levava até outros “andares” de prédios e casas. Tentei fazer contato com a população, mas ninguém parou para me olhar.



Depois de voltar para a nave e relatar o comando, me pediram para voltar para Terra e devolver os relatórios. Claro que antes de voltar tirei algumas fotos para mostrar na Terra.

Como no meu sonho eu vivi nesse planeta, eu voltei lá algumas vezes para lembrar da minha infância. Quando tive meus filhos, também levei eles lá para conhecerem.





Mospit

João Montesanti Marques

Issó é sério? Em pleno 3028, e você ainda com medo de Mospit? – Freya fez cara de indignada e me colocou contra a parede.

Aquele foi a primeira vez em minha vida em que eu deveria ter falado “sim”. Mas não tive forças para responder o que eu realmente pensava.

– Claro que não! Essas colônias bacterianas de nome estranho nem devem existir realmente! – tentei dizer, enquanto disfarçava o medo da criatura.

Freya, com suas mãos mecânicas, desrosqueava o imenso alçapão pneumático no meio da floresta que iria nos isolar do resto do mundo. Ela parou momentaneamente para rir da minha cara e arrumar seus ondulados e loiros cabelos sintéticos.

– Por que você não vem aqui me ajudar? – Freya virou-se para mim e esboçou um sorriso.

Tomei fôlego para ajudá-la a abrir nossa passagem subterrânea, rezando para que o Mospit não saísse do tubo e pulasse em cima de nós. Eu não suportaria ter em meu peito aquela gosma vermelha de forte odor de lixo.

Depois de aberta a porta, olhamos para baixo, vimos um colossal rio subterrâneo e ficamos impressionados com sua transparência. Estava incrivelmente limpo!

No Velho Mundo, quando a Terra ainda era habitada por humanos, eram raras as áreas verdes habitadas e ainda preservadas. Por que esse local intocado pelo Novo Mundo continuava límpido?





– Precisamos achar alguma forma de descer naquele lugar. – ela interrompeu minha linha de raciocínio anunciando nosso próximo desafio.

Freya completou sua fala apontando para uma imensa rampa de alumínio abaixo de nós, onde mais tarde seria a principal rota da aventura estipulada pela garota robótica. Enquanto eu observava o ambiente para achar uma forma segura para a descida até o piso seguinte, Freya abriu seu compartimento abdominal como um armário e tirou uma corda. Ela a amarrou rapidamente em uma grande árvore próxima e desceu deslizando a corda fabulosamente.

Lá de baixo, ouvi uma voz familiar.

– Vamos, Alex! Somos Mecas! Fomos programados para justamente solucionar problemas. – disse ela, tocando a superfície do caminho metálico.

Quando compreendi sua mensagem, me agarrei à corda e desci sem me preocupar com o impacto da queda.

– Viu? Esse é o lado bom de ter pernas de titânio. – Freya fez uma curta gargalhada.

Depois de recolhermos toda a corda presa que caía do alto do teto, seguimos o caminho rio abaixo.

A limpeza continuava impecável. Perguntei a Freya se ela sabia o motivo da organização do lugar e ela ignorou completamente minha pergunta. Disse para continuarmos rumo ao objetivo, que até então não foi relevado a mim. Freya comentou apenas que era algo de suma importância, mas isso não seria algo importante a mim no momento.

Depois de intermináveis quinze minutos cruzando rios, entrando em casas abandonadas e descendo até a várzea do fluxo de água clara, a rampa nos levou a uma pequena construção escrita “Loja de Presentes”. Freya me olhou com um sorriso imenso de empolgação.





Ao entrar na loja, observei várias vestimentas, pelúcias e bonés. Freya começou a encher um saco de arame que carregava consigo com todos os tipos de metais nobres, roupas e dispositivos eletrônicos.

– Conseguimos? – perguntei a ela, levantando a minha sobrancelha direita.

– Sim. Estou tentando comprar um par de juntas novas, essas daqui estão começando a enferrujar – comentou ela se justificando.

Olhei para Freya com cara de bobo até o momento em que o saco estivesse preenchido completamente.

– Vamos!

Quando a garota fechou a boca, ela se levantou lentamente e saiu pela vitrine quebrada da loja.

Demorei um pouco para alcançá-la. Mas quando ela sentiu a vibração dos meus passos subindo a rampa, ela me lançou a pergunta:

– Você acha que... os humanos criaram essa bactéria para comer o lixo porque não tinha mais jeito? – ela me perguntou confusa.

– Provável, foi no Velho Mundo que o “Surto Consumista” começou. – falei isso meio decepcionado.

– Depois disso, a produção de dejetos em todo o planeta foi extravagante. – concluí um pouco cabisbaixo.

– Acha que se nós estivéssemos no lugar deles... o mundo ainda estaria vivo? – ela me questionou.

Refleti por alguns segundos sobre como seria a administração de resíduos se a nossa sociedade meio-robô existisse naquele período, mas logo balancei a cabeça em sinal de concordância. Fomos feitos para superar os humanos e continuar a vida na Terra. Com certeza nós conseguiríamos fazer a vida prosperar.





A única luz que vazava da abertura do alçapão era visível quando chegamos à metade do caminho. Demos uma breve pausa para descansarmos. Subitamente, um cheiro podre começou a surgir.

– De onde esse cheiro vem? – disse ela desligando sincronizadamente comigo os sensores de olfato.

Isso foi um erro, já que nesse curto momento de desatenção, a grande sacola começou a deslizar do declive em direção à queda livre, encontro do rio. No momento em que me dei conta do que estava acontecendo, a sacola já havia caído da imperfeição do alumínio onde estava provisoriamente apoiada.

Em um piscar de olhos, Freya se amarrou no corrimão com a corda e pulou para pegar a sacola com sua preciosa carga. Não conseguiu enxergar a sua imagem se afastando. Era impressionante o tamanho da escuridão e da profundidade do abismo aos meus pés.

Esprei por dois minutos até que Freya subisse de volta ao mesmo chão que eu. Ela estava sem a corda e a sacola, mas com uma cara perplexa. Quando ela pisou na rampa novamente, a menina de ferro começou a correr em minha direção.

Assim que ela passou com passos pesados ao meu lado, Freya gritou intervaladamente, já sem fôlego:

– COR-RE!

Sincronizadamente, uma massa fétida saiu como um gêiser do precipício. Isso foi o suficiente para eu começar a correr. O Mospit, que possivelmente foi despertado pelo impacto da sacola em seu corpo, começou a se comportar como uma onda quebrando atrás de nós. O líquido gosmento com pedaços de lixo boiando em seu corpo começou a se aproximar dos pés de Freya.

– Cuidado para que ele não encoste em você! – disse a ela.





Mas já era tarde. Nesse instante, tudo parecia ter sua velocidade reduzida. Vi Freya sendo sugada pela massa vermelha e ouvi o seu grito de desespero. Nada me importava mais. Lágrimas me turvavam a visão. O real sentido de eu ter embarcado nessa exploração, a real relevância de tudo era isso: mostrar que eu também podia ser corajoso, destemido e forte como ela. Mas não fui... não fui o suficiente para conseguir salvá-la.

Depois de todo o meu inútil esforço e não conseguir executar a minha única missão, eu tive um último pensamento antes de nunca mais ver Freya. Se o Homo Sapiens não tivesse destruído o mundo, com certeza a garota que eu amava estaria viva.



O grande avanço

João Pedro Fussi Moreira Ribeiro



O ano era 2450 e a humanidade havia alcançado um novo nível tecnológico, no qual existiam carros voadores e os robôs já faziam parte da vida cotidiana. Com esses avanços, a sociedade passou a usar energia descontroladamente, sem consciência, e por causa disso o governo decidiu impor um limite por pessoa. Mas mesmo assim não resolveu o problema, as pessoas estavam completamente dependentes, assim causando uma crise de energia.

Desesperados, cientistas tentavam achar uma forma de resolver essa crise, até que um grupo de pesquisadores desenvolveu uma tecnologia revolucionária: a capacidade de viajar em universos paralelos. Eles pensaram na possibilidade de ter energia limpa em um universo apelidado de Aetçâl Aiv. Com essas informações, o grupo testou a descoberta em ratos de laboratórios e o passo seguinte foi em humanos. Depois de um tempo, surgiu uma voluntária chamada Vanessa Schuartz, ela foi a primeira humana a viajar para um universo paralelo!



Quando voltou, descreveu um mundo diferente do normal, onde havia formas de vida inteligentes que evoluíram de uma maneira distinta, desenvolvendo habilidades telepáticas e compartilhando seus pensamentos. Esse povo descobriu há muito tempo uma forma de utilizar os poderes dos buracos negros como fonte de energia infinita. Com essa notícia, cientistas deram seu máximo para tentar replicar esse dispositivo.

A notícia se espalhou rapidamente entre as pessoas e todos ficaram vidrados na possibilidade de amenizar a crise de





energia. Um grupo de pesquisadores foi a Aetçàl Aiv sendo eles: Maria Eduarda (engenheira), Pádua (cientista), Marcelo (cientista) e Eduardo (engenheiro). Eles estavam encarregados de trazer conhecimento.

Quando voltaram, trouxeram um projeto de uma máquina para tentar replicar a tecnologia de lá e salvar a humanidade. O projeto foi executado e construído em tempo recorde!

Assim que foi ativado, liberou uma quantidade imensa de energia limpa, suficiente para alimentar o planeta inteiro. Desde então a Terra não teve mais problemas como esse. Porém, mesmo em uma sociedade tão evoluída, problemas sociais infelizmente ainda eram um desafio para todos.



O final sem fim

João Pedro Morales Paiva



Todo fim tem um começo, e esse começa no ano de 2024, em Madrid, a capital da Espanha. Mais especificamente no Dia dos Namorados. Um momento muito feliz para mim, pois era a primeira vez que eu teria com quem festejar, já noivo.

Decidimos ir a um restaurante, para tomar um ótimo café da manhã, em frente ao estádio do Real Madrid, onde estava tendo o jogo da final da Champions League entre o dono da casa, também maior campeão da competição, o Real Madrid, contra o seu rival Atletico de Madrid.

Decidi entrar no estádio para conhecer o adversário do Corinthians no mundial daquele ano. Assim que colocamos o pé no estádio, houve um desespero geral. Ouvi um “kabummmm” que vinha de um meteoro. Após isso, não vi mais nada.



Fiquei desesperado e disse “o que aconteceu?”, mas escutei alguém sussurrando “apenas corra, eles estão vindo”. Não o contestei, apenas obedeci. Porém, diferente de mim, minha noiva ignorou o recado e foi verificar o que tinha acontecido. Infelizmente, ela não voltou para contar o que tinha visto.

Tive que correr muito, muito, muito mesmo para que nada acontecesse comigo. Atravessei o estreito do mediterrâneo de barco, com destino à costa do Marrocos. Voltei às pressas para rever minha filha, que estava na casa de sua avó.

Quando cheguei em casa com minha filha, vimos um veículo de imprensa. O presidente dizia “não saiam de forma alguma, existem homens não humanos por aí”. Ficamos aterrorizados com isso, porém aceitamos o fato de ter que ficar em casa





Muito tempo depois, quando tudo parecia normal, eu ainda estava em casa tomando coragem para sair de casa. Quando estávamos prestes a tomar essa decisão, avistamos um homem que havia tomado coragem e estava na rua, mas foi capturado por uns homens altos e com uma aparência não humana. Por muito tempo não saímos de casa, pois tínhamos muito medo de ser vítimas como aquele pobre homem.

Foi um tempo muito triste para mim. Minha filha também havia ficado triste. Não sei também se ela vai se lembrar, pois era apenas um bebê. Perdi minha noiva apenas um mês antes de me casar quando minha filha tinha três meses.

Não sei de nada. acho que o Donatto, renomado cientista, deu um jeito nos homens estranhos, pois eles nunca mais apareceram novamente. Chegaram notícias dizendo que a causa de tudo isso era um meteoro alienígena, que havia caído no estádio do Real Madrid. A chance de eu estar no lugar exato onde caiu o meteoro no momento muito baixa. Minha ex-noiva queria ir para Maldivas, mas eu disse que era melhor ir para Madrid. Ela era uma ótima pessoa e concordou comigo, por esse motivo acabei perdendo-a. Eu me arrependo profundamente.

Continuo com esse peso na consciência. Apesar disso, hoje sou casado. Ana, minha esposa, eu a conheci em um jogo do Corinthians. Ela tem uma história muito semelhante à minha, também teve problemas durante o isolamento e isso nos deixou muito próximos. Sou muito feliz com minha filha e a nova família.



O futuro está no passado

José Guilherme Mohr Saes



O ano era 2044, o tempo das descobertas. Um cientista chamado Albert Curry encontrou a tumba do faraó Rá, localizada no extremo sul do Egito.

Nas paredes havia hieróglifos. As escritas presentes no túmulo citavam um local antigo misterioso, espantando o cientista que não esperava receber uma notícia assim. Porém o que ele achou mais curioso foi que, no registro, também havia relatos da ponta de ouro da pirâmide do Egito, que fora roubada, e que lá encontrariam o único jeito da raça humana sobreviver a algum evento estranho.

Albert resolveu reunir um grupo de 20 amigos, todos arqueólogos, para ir à ponta da pirâmide. Após quatro meses estudando e resolvendo o enigma presente na tumba, eles chegaram no lugar descrito. Ao chegar, acharam que tinham errado o local e que a busca iria começar de novo. Viram uma caverna. Ao entrarem perceberam que o chão não era mais de areia, mas sim de um curioso metal que tinha a propriedade de iluminação.

Adentrando a caverna, o grupo percebeu que estavam andando em círculos. Eles estavam perdidos! Após horas tentando identificar um meio para sair do local, eles perceberam um padrão, as pedras que os cercavam diminuía de tamanho conforme eles andavam.

Então os amigos decidiram se separar, Albert ficou no grupo A com 10 outros amigos. Seguiram para direita, onde as pedras diminuía.





Após dez minutos de caminhada, o grupo havia chegado ao fim do labirinto. O cientista ficou fascinado ao ver uma barreira eletromagnética de plasma, um dos maiores desafios científicos da época moderna.

Do outro lado da barreira tinha um oásis, porém Albert sabia das propriedades dela, o plasma reagia com o eletromagnetismo criando assim pontos ligados por energia subtemporal, que era mais rápida que a velocidade da luz, aprisionando assim, uma parte do tempo.

Em outras palavras, eles estavam vendo o passado.

Os arqueólogos do grupo perguntaram a ele se era seguro entrar, a resposta foi óbvia. Não era seguro, uma vez lá dentro eles não iriam conseguir sair.

Um dos integrantes do grupo deu um passo à frente, falando que eles tinham que ir, afinal o que eram 11 vidas comparadas a 14 bilhões? Todos concordaram em se sacrificar, então eles entraram.



Ao entrar, eles chegaram juntos ao outro grupo, que, diferente do grupo A, nem tinha percebido a existência da barreira. Lá eles também encontraram um livro largado no chão.

A capa dizia: Maiores Descobertas da Existência Humana, de Déox, publicado em 100 milhões antes de Cristo.

Acharam curiosa a data de publicação, mas quando abriram o livro viram nomes como Jesus, Isaac Newton, Anúbis e outros que eles não conheciam.

Então o chão começou a tremer.

A ponta da pirâmide se ergueu e na entrada havia um convite, de Déox, para entrarem no armagedon absoluto. Abismados com a tecnologia, os amigos se perguntam se tal estrutura poderia ter sido feito por humanos, assim Déox apareceu falando que a máquina tinha o poder de destruir linhas temporais



cancerígenas, que consumiam outras, gerando um desequilíbrio vital.

Albert entende, e logo avisa para os amigos que alguém precisaria se sacrificar.

Dando um passo à frente, ele se oferece a morte, falando que era responsável pela situação. Os amigos, caindo em lágrimas, tentaram convencê-lo, mas a energia subtemporal dominava seus corpos.

Eles voltaram para o ano de 2044, chorando sem saber o motivo, já que a linha temporal deles havia sido excluída.





O cientista ambicioso

Julia Bucciaroni

Era 2050, época na qual a tecnologia era muito avançada e as mentes humanas estavam cada vez mais sendo substituídas por mentes robóticas. E tudo isso acontecendo graças ao melhor cientista Robert, que com sua inteligência era capaz de desenvolver os mais tecnológicos robôs.

Robert tinha acabado de lançar uma nova linha de robôs que possuíam um cérebro fractal, o qual fazia com que eles tivessem uma capacidade de aprender coisas novas. Todos acharam isso um máximo. Robert estava mais feliz do que nunca com toda essa fama e pretendia cada vez mais aprimorar e melhorar suas máquinas, para que progressivamente o trabalho dos seres humanos fossem diminuídos. Do ponto de vista de Robert, isso era uma coisa boa. Ele só não sabia das consequências que sua invenção poderia ter.

Passados três meses, Robert já tinha lançado várias máquinas avançadíssimas que tinham substituído 50% dos trabalhos de mão de obra humana, e por conta disso a população estava ficando cada vez mais desempregada. O cientista andava fascinado pelas “obras” que havia criado e andava desenvolvendo já um outro tipo de robô com estrutura óssea e pele macia que iria também possuir um cérebro fractal.

Depois de mais dois meses, Robert finalmente tinha conseguido lançar os seus robôs de estrutura óssea e pele macia. No início, todos acharam incrível e estavam comprando tanto que já havia esgotado. Passado um tempo, esses robôs de muita tecnologia começaram a se reunir por atitudes que eles não gostavam



que eram feitas por humanos (como mandar eles fazerem todas as tarefas domésticas, etc), então esses robôs iniciaram suas reuniões e exterminar a população inteira pois acreditavam que as pessoas tratavam-nos de forma injusta. Quando Robert se deu conta da situação, mais de 50% da população já havia sido morta pelos robôs e as chances de de reverter essa situação eram mínimas, mas do mesmo jeito o cientista estava tentando algum jeito como desativar algum robô. Quando apenas 20% da população mundial ainda estava viva Robert finalmente conseguiu desativar o robô líder que fez com que todos os outros parassem com a rebelião. Depois de todos esses estragos, Robert foi preso, e só aí conseguiu ter noção das consequências que havia causado. Só que já era tarde demais pois todos estavam com pelo menos um membro da família morto, e os que restaram desempregados.





A viagem de Drox para Wather

Júlia de Souza Oliveira Cerqueira Tinôco

Drox, o alien de Mayland, teve sua ilha destruída por outros aliens de ilhas diversas. Como ele era um dos únicos sobreviventes, foi em busca de um planeta melhor para ficar. De repente, a nave de Drox começou a falhar.

– 190346, aqui é Drox falando! Estou em perigo, quase chegando na atmosfera do 0859! Preciso de reforços urgentemente!

– Drox! Base Z falando. Você precisa usar o DROUGY rápido!

– Mas antes tentem me ajudar!

– Drox, o resgate não dará certo! Sua nave está a dez mou-tepacks do solo. Terá que sair da nave para se salvar ou usar o DROUGY.

– Ok! Eu vou pular... Nave, ativar modo de fuga, por favor.

MODO DE FUGA ATIVADO! CONTAGEM REGRESSIVA EM 10, 9, 8, 7, 6, 5,4,3,2,1

– Ahhh! Ai!... Onde é que eu estou? – Drox pensou.

– Tem seres não identificados vindo até mim! Vou me esconder.

– Nossa! Venham ver isso! Que coisa estranha, parece uma rocha... não, é um METEORITO!

– O QUÊ?! COMO ASSIM?!

– Pois é! Vamos deixar aqui e avisar as agências mais próximas! Isso é muito estranho de se achar aqui!

– Foram embora! Mas e agora? – disse Drox, pensativo.

Drox foi em busca de um lar para ficar temporariamente, até que encontrou uma casa que estava bem bagunçada, mas





abandonada. Ele não passava fome, pois se alimentava de plantas, folhas e flores ou de qualquer substância líquida.

Ele tentou se conectar com a base Z, mas não conseguia sinal. A nave dele estava muito longe e o sinal não pegava. Então ele decidiu construir um plano para resgatá-lo e para resgatar a nave. Depois de uma longa noite de diversos planos, ao amanhecer, Drox acordou em outro lugar completamente novo. Alguns minutos se passaram e apareceram dois aliens parados em sua frente. Drox estava assustado e apavorado, pois pareciam iguais a ele. De repente um dos aliens disse:

– Tá tudo bem? – com uma cara estranha.

– Mais ou menos – disse Drox.

Logo Mindy, a alien, perguntou se ele estava perdido, pois nunca o viu lá. Drox fez muitas perguntas a ela.

– Onde estou? Quem são vocês? Por que são iguais a mim? Será que eu morri? – disse Drox assustado e nervoso com o lugar.

Mindy olhou para seu irmão, Med, pedindo ajuda para orientá-lo. Med rapidamente tocou no ombro de Drox e disse:

– CALMA! Você está em Wather, lugar dos metamorfos. Somos irmãos, eu sou Med e ela, Mindy. Você deve ser da nossa espécie e não morreu.

– OK, mas como vim parar aqui? – perguntou Drox.

– Algum portal em lugares aleatórios te trouxe ou um Ping. – disse Med.

– Sim! Os Ping são lindos pássaros brancos com asas iguais a ametista e lindos olhos caramelos! – disse Mindy animada.

Logo depois, foram mostrar Wather para Drox. Havia lagos, plantações, cristais e alta tecnologia.

– Ainda bem que te achamos, porque suas veias estão azuis. Significa que você precisa de uma lavagem com cristais e comer manjeriço, tulipa, rosas amarelas ou laranjas e uma folha de palmeira e limpar essas membranas da sua cabeça. – disse Med.





Durante esse período, ele se sentiu melhor. Ajudaram a conectar a membrana dele que faz metamorfose. Em uma noite, eles decidiram procurar a nave de Drox. Depois de achar, consertaram a nave e ele teve que se despedir. No final de tudo, anos se passaram e Drox deu os diamantes que precisam em agradecimento pela ajuda.



O que um robô pode fazer por alguém?

Julia Furini Perri



No dia 22 de dezembro, nos Estados Unidos, Johny, um menino de 15 anos estava em sua casa. Seu quarto estava bagunçado, porém ele nunca conseguia deixar limpo. Suas prateleiras não tinham nada além de estudos, desenhos e naves. Nunca ia ninguém em sua casa, mas sem avisar sua melhor amiga Mary chegou. As conversas deles eram sempre sobre robôs. Ela contou que foi a um lugar na semana anterior onde não havia nada além de máquinas. Johny gostou muito e estava louco para ir.

Já estava ficando de noite quando Loren, sua mãe, serviu o jantar. Eles foram para a mesa e começaram a conversar. Marcaram de ir para esse lugar no dia seguinte. Com certeza Johny iria amar. Seus pais, Loren e Mark, escutaram a conversa e gostaram da ideia. Autorizaram seu filho a ir. Porém, minutos depois, eles refletiram se realmente era bom ele ir, porque a tecnologia estava muito avançada e às vezes poderia influenciar a vida das pessoas. Mas no final deixaram. Feppo, seu irmão mais novo, pediu para ir junto, afinal, tudo o que o irmão fazia, ele queria fazer igual, mas sua mãe não achou uma boa ideia.

Acordaram no dia 23 de dezembro. Estava chuvoso e o céu bem cinza. Saíram de casa, caminharam até o trem e chegaram ao destino. Quando Johny pisou no lugar, ele levou um susto. Na cabeça dele passava algo totalmente diferente. O local era grande, branco e o que não faltavam era máquinas. Após passar pela segunda sala, os robôs expostos começaram a se mexer e





ao lado deles havia preços junto a um texto, onde estava escrito sobre a personalidade dos robôs.

Johny encontrou um do jeito que ele imaginava. Seu primeiro pensamento foi: será que meus pais vão brigar comigo? Mas enfim, resolveu comprar. O que ele comprou se chamava Elgol. Em seu texto dizia que ele era calmo, feliz, bagunceiro, mas ajudava nas tarefas e fazia companhia. Realmente não parecia uma máquina, era igual a uma pessoa.

Dois dias se passaram e Johny teve a ideia de conectá-lo à tomada. Loren já tinha percebido que seu filho estava diferente, estava nervoso e só queria ficar sozinho. Porém não comentou nada com ele.

BOOM! O barulho foi muito alto. Após um minuto do pensamento de sua mãe, o robô explodiu. O quanto Johny chorava nem dava para acreditar. Tudo o que não era para acontecer, aconteceu. A mente do menino foi destruída. Ele chorava todos os dias.



Nesses últimos dias Johny ficou triste e muito sozinho. Sua amiga Mary estava em outro país e seus pais brigaram com ele, porque já haviam falado que não poderia ficar nervoso. Ele nem queria ir para a escola. Loren foi carregar seu celular, quando abaixou para ligar o carregador, deparou-se com a tomada explodida. Então nesse minuto já tinha entendido que o robô havia quebrado.

Após vários dias se passarem, Johny percebeu que foi uma péssima escolha pegar o robô e que ele havia se prejudicado, pois no final ele ficou sozinho. O robô foi desconectado e não funcionava mais. Loren e Mark levaram ele para descartar.

Era 30 de dezembro. Sua amiga bateu em sua janela. O susto que o menino tomou foi grande. Era surpresa. Johny não fazia ideia de que Mary estaria de volta. Ela entrou em sua casa e ficaram conversando por bastante tempo. Johny percebeu que nunca deveria ignorar sua mãe.





A tecnologia em geral é avançada. Cada vez mais as pessoas vão parar de pensar, pois estaremos conectados às máquinas. Pode nos ajudar, mas muitas vezes nos machucar, como prejudicou Johny. E com certeza já mudou e irá mudar ainda mais o mundo para pior. Johny foi dormir pensando no que estava acontecendo nos últimos dias e no que aconteceria a partir do dia seguinte.

As máquinas hoje em dia são muito desenvolvidas e todos esperavam que a tecnologia venha para ajudar e facilitar a vida das pessoas.





Além do tempo

Júlia Paixão Sampaio Prado

Joel, um cientista dedicado, passou anos estudando e se esforçando para desenvolver uma máquina do tempo. Seu objetivo era salvar sua amada esposa, Lily, de um trágico incêndio que a havia tirado dele há uma década. Cheio de tristeza, Joel acreditava que essa máquina poderia mudar a dolorosa realidade que atormentava cada segundo de sua vida.

Após dedicar tempo e esforço incansáveis, Joel finalmente construiu uma máquina do tempo revolucionária, capaz de alcançar velocidades incríveis. Cheio de expectativa para reencontrar Lily, ele estava prestes a apertar o botão vermelho, que o levaria para o passado. Apesar de notar alguns ruídos estranhos vindo da máquina, Joel não conseguia esperar mais. Ele entrou na invenção e pressionou o botão vermelho, desmaiando no mesmo instante.

Ao despertar, Joel levantou-se com a esperança de estar de volta ao passado. No entanto, encontrou-se em uma realidade diferente da que ele conhecia. Diante dele estava uma bela casa, com uma piscina deslumbrante, na qual dois garotos brincavam animados em uma quadra. Seu olhar foi para um jardim cheio de flores encantadoras. Enquanto se sentia confuso, Joel virou-se à esquerda e avistou uma mulher de cabelos castanhos e olhos azuis, mas ela não era Lily, que possuía cabelos loiros e olhos castanhos. Ao lado da mulher havia um homem de costas, parecido com Joel. Quando o homem se virou, Joel teve a certeza de que não estava no passado, mas sim no futuro.





A confusão tomou conta de Joel. Como poderia sua máquina, programada apenas para voltar ao passado, tê-lo levado ao futuro? E, mais surpreendente ainda, como ele poderia ter superado a morte de Lily, encontrado outra mulher, ter se apaixonado, casado e ainda mais ter tido filhos em algum momento de sua vida? Joel sentiu uma vontade irresistível de falar com sua futura esposa, de conhecê-la, mas sabia que isso poderia comprometer tudo.

Joel começou a questionar se valeria a pena abrir mão desse maravilhoso futuro que estava diante de seus olhos, com uma família amorosa e completa, ou se deveria apenas aceitar a morte e seguir em frente. Foi então que uma realização surpreendente o atingiu: ele não precisava voltar ao passado para mudar as coisas. Em vez disso, ele deveria voltar ao seu presente e viver a partir daquele momento, aproveitando a vida da melhor forma possível. No entanto, seu coração se apertou ao perceber que sua máquina do tempo havia quebrado durante a viagem. Joel se viu diante de um problema aparentemente insolúvel.



Determinado a encontrar um jeito o mais rápido possível, ele tentou de tudo, mas nada funcionava. Os dias se passavam e seu desespero só aumentava, pois não tinha ideia de como voltar ao seu presente. Decidido a não desistir, Joel buscou ajuda incansavelmente e, após percorrer toda a cidade, encontrou um grupo de cientistas dispostos a ajudá-lo a consertar a máquina. Juntos, trabalharam sem parar durante semanas até que, finalmente, ela estava pronta para ser usada novamente. Com o coração acelerado, Joel ligou sua invenção, apertou o botão vermelho e desmaiou mais uma vez.

Ao acordar, Joel ficou muito feliz quando percebeu que estava de volta à sua casa. Lágrimas de alegria e alívio escorreram por seu rosto. Depois de tudo que passou, ele havia aprendido





que a vida é muito mais do que o passado. Guardando sua máquina do tempo em um local seguro, ele sabia que nunca mais a utilizaria.

Agora, Joel estava pronto para abraçar o presente, viver plenamente e construir um futuro repleto de amor e felicidade, honrando a memória de sua amada esposa Lily.



O Protótipo A5-10

Júlia Souza Yamanaka



Ao alvorecer, na cidade de Pandora, a oeste de Marte, Abel Thomas, ainda estremunhada de sono, observou em sua pequena janela a cidade, especificamente a Estação Marciana Espacial. A robô, que era de alta tecnologia, vinha sendo testada para criar um protótipo A5-10, que permite a conexão entre dispositivos, transmissões tecnológicas e a imaginação inconsciente com o passado e o futuro.

Abel encontrou-se perturbada e se perguntou o porquê de seu sonho se repetir de modo assíduo. Já fazia uma semana! Questionou-se se contaria a seu irmão, Bernard, que todas as noites via algo que a vinha deixando confusa e totalmente incomodada.



Então, ela desceu as escadas decidida a confessar. Por meio do mecanismo de Ligação Cerebral Artificial (LCA), contou com detalhes para Bernie. Ele, após alguns segundos, chamou a irmã para uma breve conversa:

– O que está querendo dizer, Abbie? Você estaria fraudando a Terceira Lei da Robótica: Um robô nunca poderá liderar a espécie humana. – Sussurrou ele – Isso está me deixando preocupado! Não é melhor conversarmos com a Dra. Luna?

– Está maluco? Estamos em fase de testes do A5-10 há semanas! Se ela souber não poderemos sair da Estação Científica 42 – Disse a robô.

Após um curto prazo, o irmão respondeu:

– Ontem, a Dra. me relatou que irão fazer uma série de experimentos em você com amostras de um cérebro humano que





foi encontrado. Eles estão em busca de um resultado brilhante para aplicar na Competição de Criações Peculiares! O concurso irá promover um prêmio para a maior descoberta científica de todo o século!

A menina ficou pensativa sobre a fala de seu irmão. Apreciou a névoa que se formou na área externa, sentindo uma sensação estranha em seu corpo transcendente.

Após um tempo, a Dra. Luna, com empolgação, chamou a A5-10 para a sala três de testes. Lá, ela foi introduzida à nova fórmula (a que seu irmão havia mencionado) e ao modo de atualização progressiva. A inserção foi um sucesso, por mais que tivesse durado três horas de cirurgia. Porém, Abel deverá repousar tranquilamente durante seis dias e ficar em constante observação.

Mais tarde, ainda sonolenta e confusa, ela acordou em seu quarto se sentindo renovada e com uma vontade curiosa de fazer uma missão, uma missão específica que tranquilizaria sua angústia e a faria se sentir livre igual em seu sonho. Logo, ela disparou o alarme de bomba cósmica e correu em sua velocidade ultrassônica para a Estação Marciana Espacial. Bernard, que conhece muito bem sua irmã, utilizou o mecanismo LCA e atingiu o local 30 segundos mais tarde, mas Abbie já havia partido. Pela primeira vez, ele sentiu o medo percorrer todos os seus sentidos robóticos...

Durante a viagem no cosmo, a robô observou com grande concentração os planetas nunca vistos antes. Ela os admirou com tanta afeição que se sentia humana. Por mais que sentisse certo incômodo na região da cirurgia, o protótipo seguiu contente pelo caminho incógnito até o Planeta Oculto, destruído pela alta tecnologia e a ganância da espécie humana.

Inesperadamente, um erro ocorreu na nave. Ela oscilou e caiu lentamente até o centro do cosmo, onde o espaço-tempo não





existe. Abbie sentiu sua energia descarregar vagarosamente. Porém, uma última frase saiu da caixa Omnidirecional da nave:

– Abbie, preciso que me conte três eventos! Primeiramente, você está sentindo algo diferente? E, além disso, o que você sonhou? Você sabe que robôs não sonham, certo? E o que tanto a incomoda? Aqui é uma comunicação da EC42, é a Dra. Luna.

– Não nego que me sinto mal, com certos enjoos e incômodos. Porém, sou um robô A5-10 de alta tecnologia. Irei para bem longe de Marte e ser livre igual ao robô em meu sonho.

– Senhorita Abel Thomas, me fale detalhes de seu sonho!

Então, a robô subitamente respondeu:

– Eu via que precisavam de minha ajuda! Meu povo me chamava! Nosso planeta foi totalmente destruído pela alta tecnologia avançada...

– Espere! Qual planeta? Marte? Você viu humanos em seu sonho? – perguntou Luna com certa curiosidade.

– O Planeta Oculto, precisamente, Planeta Terra. E sim, eu vi um único humano que controlava um exército de humanos.

– Oh Deus! – sussurrou a Dra. – Abbie, seu sonho estaria fraudando a Terceira Lei da Robótica! Quem era esse humano?

Há uma breve pausa, quando a protótipo responde:

– Eu sei... O humano era eu.

Um silêncio se estabeleceu na nave até que entrecortadas a Dra. comemorou:

– Acho que con-se-gui-mos, equipe! Temos chance de ganhar o concurso!

Após o acontecimento, nunca mais a nave com a A5-10 foi vista. Será que chegou ao Planeta Oculto ou simplesmente se perdeu no espaço? Enquanto isso, na cidade de Pandora ocorreu a comemoração do século, com a presença de renomados cientistas do cosmo. A Equipe Marciana de Pandora venceu o acirrado concurso. Eles descobriram a fórmula que faz com que os robôs A5-10 sonhem.





A pílula da alegria falsa

Júlia Zonno Galvão

Tudo que me dominava era ansiedade! O mundo inteiro mudaria, eu fui uma das primeiras a saber disso, e assim noto como fui tola na época. Trabalhava na NASA, e estava indo para a reunião com o nosso grupo de 40 pessoas para ver o palestrante e cientista XY34, reconhecidos por falar sobre diversos avanços científicos e fatos de seu planeta.

A sala tinha grandes cientistas da atualidade, brancos e negros, pessoas de diversas religiões, países, sexo. Estava lembrando de quando comecei meu estágio na NASA. O regular era só ter homens brancos, então uma mulher afro-brasileira como eu era uma surpresa.



Assim que XY34 chegou, todos batemos palmas. Ele nos deixou intrigados com seus fatos e sobre a ciência de seu planeta, mas percebi que trazia algo incomum: um pote de medicamentos.

– A pílula da alegria, um remédio criado pelo meu povo já há algum tempo, nos permite enxergar um mundo diferente do nosso atual.

Após sua explicação sobre o comprimido, ele nos disse que já haviam testado se a pílula seria perigosa para o consumo humano, mas disseram que era um remédio que não causaria nenhum mal. Quando a reunião acabou, ele deu para cada um de nós um pote com 100 pílulas, dizendo que em breve conseguiríamos comprá-las nas farmácias.

Cheguei em casa tarde, e como diziam as instruções, tomei o comprimido com água e fui dormir imediatamente. Quando





acordei na manhã seguinte, vi um quarto totalmente diferente do que eu tinha dormido, estava muito mais limpo e organizado. Depois de um tempo, abri a janela e vi as pessoas alegres na rua. Sabendo que não teria que me preocupar com o trabalho, fui comemorar a eterna alegria. Queria fazer tudo que já deveria ter feito.

Em uma noite cheguei em casa às 1h46 da manhã e fui direto para a cama, mas me esqueci de tomar o remédio como fazia toda noite.

Quase não conseguia abrir meus olhos de tanto sono, mas quando os abri, vi que não estava em nenhum dos quartos em que eu já tinha dormido. Acordei em uma sala totalmente branca com uma parede de vidro que mostrava seres iguais XY34 me observando. Quando levantei da cama senti meus calcanhares acorrentados à parede, mas isso não me impediu de tentar ir até o vidro. Depois de quase não ter conseguido me mover, tentei mais algumas vezes até sentir meus calcanhares sangrarem, manchando a sala totalmente branca, com respingos de vermelho escuro.



– E aí, humana burra, gostou da alegria falsa? Foi tão fácil para o meu povo enganar o seu povo! Vocês fazem de tudo pela alegria, bebem, compram coisas excessivamente, e adivinha? Usam drogas!

Ele continuava falando, mas eu tinha parado de ouvir. Eu não acreditei que tinha sido tão idiota. Resolvi escrever para buscar algum tipo de sanidade diante de tudo aquilo.

Meu destino era incerto. Mas tinha entendido que nenhuma pílula poderia trazer a verdadeira felicidade.





Robot X-03

Lais Macedo Ahuaji Amaro

O planeta Groung, mais conhecido como “planeta tenebroso”. O maior medo da humanidade, onde nenhum astronauta teve coragem de chegar perto, de tão assustador. Não é longe da Terra, de acordo com estudos. Dizem que é frio, distante e assombrado. Mas será essa verdade, se ninguém nunca foi lá Hoje é dia 21 de outubro de 2097, e se você quer mais novidades, curte e me segue para eu gravar outro vídeo com mais informações para vocês.

Austin finalizou a sua gravação e postou em seu canal chamado “A ciência atrás da máscara”. O garoto já estava pensando em fazer o seu novo roteiro de vídeo, quando escutou uma voz lá de baixo que dizia:

– Filho, vem comer que teu pai vai te dar um presente inesquecível. – Disse Rosa Grampee, mãe do garoto Austin Grampee.

O menino desceu correndo para ver a surpresa, e nem sequer lavou a sua mão.

Comeu com a maior pressa da vida, e quando acabou já foi apressando seus pais para abrir o presente. Após a refeição, todos se reuniram na sala para abrir uma caixa de papelão grande e cheia de fitas adesivas. Austin pegou a caixa e a rasgou toda, até que Jack, seu pai, disse:

– O robô que está dentro dessa caixa é exótico e ninguém nunca o estudou. Com os meus conhecimentos, posso identificar que é um tipo de Robot X-03, um modelo difícil.

Austin ficou curioso e seu pai explicou que a máquina foi achada totalmente estilhaçada ao lado de uma cratera de meteoro na Terra.



– O aparelho estava detonado e quando o achei no meio de um estudo no meu trabalho, conectei e juntei seus pedaços, dando vida a ele. Agora está novinho em folha! – Completou Jack.

O menino custou a acreditar de tanta felicidade! Subiu para o seu quarto correndo para configurar seu novo robô.

Ficou até 1h da manhã configurando o novo brinquedo, testando suas habilidades, fazendo mil e uma perguntas que nem um ser humano brilhante, intelectualmente falando, saberia as respostas. Mas uma única pergunta deixou o garoto surpreso, que foi “de onde você veio?”. O brinquedo começou a chacoalhar todas as suas peças, e uma outra entonação de voz tomou o controle da máquina, não mais sua voz mecânica. “O meu nome é Kevin e fui jogado do planeta Groung para a Terra! Eu preciso de ajuda para reencontrar a minha família que lá ficou”.

Jack e Rosa estavam dormindo, mas rapidamente, Austin se levantou do chão e foi mostrar seu TikTok que estava filmando, para mostrar o vídeo aos seus pais, pois ele não acreditou no que viu. O garoto não se segurou, ficou de boca aberta, e sua cara parecia um ponto de interrogação.

Seus pais nem acreditaram como tudo aquilo estava acontecendo e por segurança queriam dar um fim a essa situação. O menino discordou da ideia, pensando em como robôs podem ter sentimentos e se colocou no lugar dele. Os seus pais tiveram dó, pois perceberam o laço que Austin criou com o robô e ao ver o semblante da frustração e preocupação na cara do menino, não se aguentaram e aceitaram a sua proposta. Como Jack e Rosa eram estudiosos e curiosos, foram pesquisar a respeito da experiência de ir ao espaço salvar o robô. A família unida formulou um plano para devolvê-lo ao seu habitat natural.

Chegou o dia nove de setembro de 2098, um ano após o acontecido, e estava tudo pronto. O foguete estava a postos e a





máquina fechada em uma caixa. Tudo estava tão bem planejado e milimetricamente calculado, que já desenvolveram sua rota e a duração da viagem, que duraria dois dias inteiros.

– Até que o planeta não é tão distante, não é? Tudo preparado, vamos! – Comemorou Jack junto de Rosa em sua nave.

O filho pulava de alegria, se sentindo bem com a realização de salvar seu amigo e sabia que ficaria pouco tempo aos cuidados de seus avós que eram totalmente contra a ideia de uma viagem espacial.

Dois dias inteiros se passaram e os pais chegaram em um planeta vazio. Sem reação, Rosa disse:

– Será que erramos nossos cálculos e estamos perdidos?

A caixa se rasgou e o robô fez uma cara malvada, até que suas rodinhas aceleraram até a direção dos astronautas e segundos depois a nave se explodiu, com pequenas bombas explosivas.

– Isso que acontece quando se confia em ROBÔS! Falou Kevin em forma de sarcasmo.

Rosa incrédula disse em seguida:

– O que você está falando? Nós trouxemos você até a sua família.

Kevin sorriu, e falou em tom de gozação:

– Sou só uma máquina. Vocês acreditaram no papinho de um ROBÔ? Tanta ingenuidade desses humanos!

Jack e Rosa ficaram sem comentários e perguntaram por que ele estava fazendo aquilo tudo.

– Eu fiz isso pois nunca tive uma família de verdade. Na real, eu até tive, porém eles começaram a me sacanear, me prender no escuro e me jogar dentro de um caminhão. Até que eles me levaram até uma área isolada que tinha um buraco de meteoro na Terra, me deixando sozinho. Não posso considerar isso como uma família de “verdade”, então odeio humanos. – O robô falou em um tom raivoso.



Rosa e Jack começaram a lacrimejar e a se preocupar com seu filho, imaginando como sairiam de lá.

– Agora deixem de drama, vou deixar vocês aqui, solitários, somente um com o outro. É impossível fugir, e logo irão se juntar com os mais de 50 casais, tontos, que também caíram na minha vingança contra a humanidade e que já habitam o céu... ou o inferno. – Disse Kevin com um ar vingativo.

A máquina, em um piscar de olhos, triplicou sua velocidade até a ponta do planeta, calculou onde cairia e se sua configuração estava no modo queda. Em seguida, ele se jogou em direção ao nosso planeta.

Ele se desfez em vários pedacinhos, ao lado da marca de meteoro na superfície, aguardando seu próximo refém.





Precisamos mudar?

Lais Paludetto Rodrigues

Parecia uma noite normal na casa da família Klein, uma madrugada tranquila na cidade em Gravity Falls, mas os pobres cidadãos nem imaginavam o que estava por vir.

O senhor e a senhora Klein haviam saído para um evento importante onde crianças não eram permitidas e elas voltariam somente pela manhã.

Os pais queriam a empregada para olhar as crianças, mas, ela estava em greve junto de outras empregadas e não poderia cuidar dos “anjinhos” Klein. Os pais então concordaram em deixar seus filhos sozinhos, despediram-se e foram embora.

Gravity Falls é uma pequena cidadezinha no Oregon, onde já aconteceram muitos eventos sobrenaturais, mas a família de raízes alemãs não acreditava nessas “baboseiras”.

Assim que Mariele e Klaus saíram, as crianças começaram a desobedecer a todas as ordens de seus pais. Comeram doce, jogaram videogame e rolaram a escada.

Quando já estavam cansados e se preparando para dormir, os irmãos ouviram um barulho vindo do quintal de sua casa. Cadu, o mais velho, pegou sua lanterna e foi em direção ao barulho. Antes que conseguisse atravessar a porta, Amélie, sua irmã mais nova, o parou para alcançá-lo.

Ao chegar na parte de fora, uma luz forte se acendeu, abduzindo os irmãos Klein. A última coisa que os vizinhos ouviram foi um grito alto e doloroso de Amélie.

Na manhã seguinte, quando o senhor e a senhora Klein voltaram, não encontraram seus filhos. Desesperadamente, Mariele





começou a ligar para todas as mães de amigos de seus filhos, enquanto Klaus comunicava as autoridades.

Alguns dias após o ocorrido, a polícia ainda não havia encontrado as crianças, e todos estavam em um salão, confortando Mariele e Klaus, por conta do desaparecimento de seus filhos. E antes mesmo de todos irem para a casa, uma luz forte invadiu o salão, quebrou o teto e interrompeu a saída de todas as pessoas presentes.

Ao olharem para cima, viram um objeto voador. Pensaram que era um avião, mas na verdade era um O.V.N.I. Saíram de dentro dois alienígenas, e junto deles as crianças desaparecidas. As crianças estavam pálidas, com uma aparência cansada e faminta.

Todos os presentes começaram a gritar desesperadamente, até que uma voz pede para se acalmarem. Era ninguém mais, ninguém menos que o comandante interestelar Yamaka, e o supervisor interestelar Yano, ambos do planeta Metuno.

– Saudações, terráqueos – disse o comandante Yamaka – todo ano fazemos um intercâmbio, e mandamos um iniciante aqui para a Terra.

– Esse ano, quando o alien 2B55C1-13 voltou, ele começou a falar de como era por aqui, mas não era o que sempre ouvíamos, ele falou de uma forma diferente – disse o supervisor Yano

– Falou que a Terra era muito diferente de Metuno, disse que era mais alegre e divertido. – completou Yamaka.

– Queremos que vocês nos ajudem a melhorar Metuno, deixando mais feliz e alegre – disse Yano.

– Em recompensa nós ajudamos vocês a melhorar a Terra – propôs Yamaka – Podemos ajudar com nosso poder a acabar com a desigualdade, aquecimento global, tudo o que vocês precisarem.

O prefeito então conversou com sua família e com o estado. Depois de meses de espera, aceitou a proposta. E assim começa talvez a primeira de muitas uniões entre humanos e alienígenas.





A verdade que trouxemos

Laura Lee Fernandes

Era 4h57 da manhã quando eu e meus colegas de trabalho notamos vibrações anormais se aproximando do Planeta Terra. Tomei um gole do meu café misturado com energético e falei, com muito cansaço “Amigos, não se preocupem. Esse tipo de vibração espacial é bem comum a essa hora da manhã. Afinal, trabalhamos na Nasa. Recebemos sinais espaciais toda hora.”

Eu mesma não tinha certeza do que havia falado direito, mas estava de plantão naquele escritório fazia muito tempo. Apresentava-me cansada demais para realmente investigar a situação.

Tudo corria bem, até recebermos uma notificação pop-up de alerta em nossas telas “Alerta! Espaçonave se aproximando. Favor identificar o ocorrido e relatar para a coordenadora do setor C!”. Encarei a tela do meu computador, incrédula. Peguei o meu tablet de trabalho, e saí correndo para a sala de pesquisas e observação espacial.

Quando entrei, rapidamente dei uma olhada nos dados identificando “Velocidade: 1000 km p/h / Data de chegada: não identificada”

Fiz várias anotações e estudei a situação de forma breve. Assim que acabei, fui fazer o meu caminho até a sala da coordenadora do setor C, mas fiquei surpresa ao ver que nenhum dos meus colegas de trabalho estava contribuindo para a situação. “Ninguém está levando isso a sério?!” pensei. Bati na porta do escritório e comecei a falar, de forma urgente

“Ok, você claramente já está ciente da situação, mas não sabemos onde a espaçonave está, quando irá chegar e...”





“Querida, do que você está falando com tanta preocupação assim? Recebemos esses sinais toda hora, você deveria saber disso melhor do que ninguém, já que trabalha aqui há 12 anos.”

Pela primeira vez na minha vida, eu me senti genuinamente estressada com o meu trabalho. Essa mulher não percebeu que estamos em situação de risco?

Eu estava quase perdendo a paciência com a minha superior, até que o chão começou a tremer e os prédios ao redor começaram a cair. Um por um. Eu sabia que o estabelecimento em que eu estava seria destruído também, então deixei a sala da coordenadora para trás e corri pela minha vida, em busca de um ponto seguro.

Quando estava quase saindo do setor C, um laser imenso atingiu o prédio, fazendo com que eu e o resto dos trabalhadores fôssemos atingidos por pedras ou caíssemos.

Passei um tempo apagada e, quando acordei, tudo ao meu redor estava cheio de fogo, sangue, gritos de socorro e pânico. Olhei para um espelho quebrado no chão e finalmente me dei conta do meu estado. Minha orelha direita estava sangrando e a minha camisa se apresentava parcialmente rasgada. “Como sobrevivi?” murmurei para mim mesma.



Mesmo naquele estado, saí de onde estava para procurar ajuda, mancando. Tudo corria minimamente bem, até uma outra nave aterrissar logo na minha frente. Mesmo com medo, olhei para a espaçonave e tomei uma decisão. “Eu vou entrar e descobrir o porquê de tudo isso. Nem que seja a última coisa que faça!”

Assegurei-me de que tudo ficaria bem, respirei fundo e subi na nave, entrando por uma portinha entreaberta. Logo que entrei, senti a forte brisa do ar-condicionado. Olhei para a sala ao lado e avistei várias criaturas verdes. Sem nenhuma dúvida, sabia que eram extraterrestres.





Por um momento, eu congelei. Nunca tive medo de morrer, mas, naquele momento, a última coisa que eu queria é que tudo acabasse. Fui na direção de uma portinha e entrei, mas, de repente, ouvi uma voz anormal.

“Como você entrou aqui? És humana de verdade?” disse um dos extraterrestres.

Olhei para ele e perguntei de forma sincera:

“Todo esse estrago tem um motivo? O que vocês têm contra os humanos?”

“Se eu te contar, você terá que morrer!”

Assenti com a cabeça como forma de confirmação e a criatura me levou até uma outra sala. “Na verdade, não temos nada contra os humanos. Temos um rastreador de recursos em planetas estrangeiros. Os gráficos mostraram que esse é o mundo mais desgastado da galáxia. Ou seja, achávamos que esse era um planeta-fantasma. Pela poluição e o lixo, a Terra tornou-se praticamente inabitável. Enfim, apenas viemos coletar recursos deste lugar. Não tem nada que você possa fazer.”



Olhei para ele, em choque. Com uma arma apontada para minha testa, os meus últimos pensamentos foram “O Planeta Terra ficou tão poluído que extraterrestres o confundiram com um lugar inabitável. Como que ele chegou a esse ponto? Como nós, humanos, poderíamos ter evitado isso?”

A última coisa que ouvi foi um som de disparo. Sim, naquela manhã, eu havia morrido. Até hoje, vago por aí e conto a minha história, tendo apenas a minha alma restante.



O pior cego é aquele que não quer ver

Laura Pini Ferreira



O ano era 2053. Há 33 anos nós, humanos, passamos por uma pandemia. O vírus DIVOC20 acabou com tudo, aliás, até hoje sofremos as consequências.

Já era um adulto. Estava construindo a minha vida e não conseguia me esquecer daquele terrível cenário. Não existiam mais plantas nem árvores, todos estavam morrendo. Cientistas corriam loucamente para achar uma cura e ninguém saía de suas casas. Até para ir ao mercado era preciso entrar em uma fila virtual.

Todos os laboratórios estavam trabalhando juntos para trazer o antigo mundo de volta. E finalmente, depois de longos estudos, eles conseguiram, graças a um senhor chamado Albert Gresh.

A filha de Gresh encontrava-se com o temido DIVOC20. Ela estava muito doente, então, o senhor resolveu ir para o hospital e, por um milagre, Melin Vash – cientista chefe do laboratório FCD – se encontrava lá visitando o seu irmão Marcos que trabalhava no local.

Gresh e sua filha foram encaminhados para o doutor Vash e Melin, sua irmã, resolveu acompanhá-lo. Ambos vestiram a roupa de proteção contra o vírus e, quando chegaram na sala para examinar a paciente, tiveram uma surpresa. Ele, o senhor, era cego! Os irmãos olharam um para o outro. Estavam com pena do idoso, pois pelo que parecia, ele era meio “sozinho”.





A consulta começou e o médico perguntou para a mulher como ela estava se sentindo. A resposta já era esperada, que estava muito doente. Dos seus olhos escorriam água, sua boca estava branca como papel e não parava de reclamar da sua garganta. A paciente dizia que parecia que algo a aranhava, sintomas clássicos do vírus.

Melin não conseguia tirar os olhos do senhor, ela se sentia hipnotizada, até que algo misteriosamente veio à sua mente, a pergunta que salvaria a humanidade daquela terrível realidade! O pensamento foi: “como Albert não está com DIVOC20 sendo que, de acordo com sua filha, eles mantiveram contato normalmente em sua casa?”

A cientista falou com o seu irmão e ele afirmou que nunca tinha visto alguém com deficiência visual com o vírus. Encaminharam o caso da mulher Gresh para outro médico e foram analisar melhor essa hipótese.



Estudaram por meses e obtiveram respostas. Realmente os cegos não pegavam DIVOC20. A pesquisa foi entregue ao FCD e eles descobriram que a solução era um componente presente nos corpos dessas pessoas.

A vacina foi desenvolvida, enfim acharam a solução! Finalmente o mundo estava se recuperando. A vida voltaria ao normal, 33 anos depois.

Quando os “excluídos” foram úteis, a sociedade deu valor para eles. E por causa deles a vida de todos foi salva.



Uma conversa sobre o desconhecido

Laura Rastelli Faustino



Acordei no meio da noite com um barulho enorme vindo de nosso quintal. Como que meus pais não acordaram com estrondo? OYX começou a entrar em desespero por conta do barulho. Coitado, ele é apenas um robozinho. O estrondo provavelmente machucou seus ouvidos.

Eu estava descendo as escadas, e criando coragem para ver o que havia acontecido, quando escuto baterem na porta que dá acesso ao quintal. Vou admitir, eu fiquei com muito medo. Quando criei coragem para ir até lá analisar a situação, deparei-me com um ser estranho. Era um ser bípede, tinha apenas dois olhos, uma coisa no meio de sua face – eu acredito que seja o que usam para respirar —, pelos no rosto e uma espécie de boca, mas seus dentes eram estranhos, não eram pontudos e afiados. Eu me assustei e caí no chão, então perguntei:



– Quem é você? O que você quer comigo? E... – Antes de terminar ele me interrompeu.

– Caramba, você é muito alta! Você deve ter três metros no mínimo! – Disse com uma expressão impressionada.

Reviro os olhos. Não acredito que ele me ignorou completamente!

– Não respondeu minhas perguntas.

– Ah, realmente, me perdoe. Eu sou de outro planeta, me chamo Felipe. Fui enviado para verificar se tinha vida neste planeta! – Disse, com um sorriso sincero no rosto.





Fiquei impressionada ao ver como ele estava calmo nessa situação. Imaginei que ficaria com medo de mim.

– Minha nave está ali, ainda inteira. O barulho foi porque escorreguei e caí em algo. Mas enfim, poderia me contar mais sobre o seu planeta? – Falou enquanto me ajudava a levantar.

– Posso contar o que quiser, desde que me prometa não machucar ninguém e nunca mais voltar a este planeta!

– Eu prometo!

Depois disso, ficamos conversando e ele me contou sobre seu planeta e eu, sobre o meu. Mas paramos quando estava amanhecendo, pois minha mãe estava acordando. Pedi para que se apressasse para sair, pegar todas as suas coisas e entrar na nave, mas antes de ir embora dei tchau para ele. Mesmo ele sendo de outro planeta, gostei de sua companhia. Antes de ir embora, disse que seu planeta se chamava Terra, e que era para ir visitá-lo algum dia desses e conhecer sua terra natal. Eu nunca ouvi falar desse planeta. Deve ser de outra galáxia.



Desconectada

Laura Young Sanches



Eu era uma cientista, fabricante de robôs, respeitada, mas infelizmente parei de ser a partir do momento em que o acidente aconteceu. Minha criação explodiu ao meio de uma entrevista e deixou inúmeros feridos.

Depois de cinco anos, encontrei os destroços de meu antigo robô e aí me veio em minha mente que eu conseguiria montá-lo novamente. Comecei a construí-lo no mesmo dia, virei a noite montando e remontando o robô, até chegar ao ponto em que ele estava já com a metade de seu torso para cima feita.

Fiquei feliz até perceber que estava muito atrasada no trabalho, o único que consegui depois do acidente.

Fiquei somente uma semana sem reparar no robô e já senti necessidade de checá-lo, mas com todo o estresse do trabalho decidi tomar alguns goles de energético para ficar acordada e quando percebi já o havia terminado. Parei para ir ao banheiro pois estava passando mal e assim que voltei jurei ter visto alguma parte do robô se mexer.

No dia seguinte ao acordar, a primeira coisa que vi foram as peças do robô desmontadas na caixa e meu projeto antigo ainda ali, mas eu tinha certeza de que eu o havia montado. Decidi começar a montá-lo de novo já que meu trabalho era virtual. Em meio de minhas reuniões eu separava as peças, mas nada muito sério. No final do dia me dediquei a ele 100%, mas acabei não o testando novamente pois estava muito cansada.

Acordei no meio da noite com uma luz muito forte em meu rosto, era o robô. Ele estava me chamando, dando algum





sinal, como se eu precisasse ir até ele, ligá-lo, mas quando encostei nele, acabei apagando de novo. Provavelmente foi um sonho. Quando voltei novamente para vê-lo, estava na mesma forma de antes, desconstruído de novo. Não entendia o que estava acontecendo, pois eu tinha certeza de que, mais uma vez, havia feito ele.

Continuei a trabalhar, mas achei estranho ter as reuniões nos mesmos horários do dia anterior e as mesmas planilhas, tarefas... Achei que estivesse ficando doente então decidi ir ao médico. A consulta seria no dia seguinte e depois das reuniões, como sempre, decidi ir ver meu robô, porém dessa vez ao terminar eu o liguei.

– Você me libertou, agradeço.

Essas foram as primeiras e últimas palavras que escutei de meu antigo robô, pois no exato momento em que sua fala acabou, minha vida na Terra também. Fui teletransportada para um outro mundo, o mundo dos robôs, um mundo nunca jamais visto.



No momento em que pisei lá tudo que vi foi o cenário dos filmes, uma torre grandiosa com formato de nave espacial e tudo muito moderno, o lugar em que todos queriam estar. O primeiro ser robótico que vi não falou comigo, somente me guiou até algum tipo de reino ou um castelo, mas era superior a tudo que imaginávamos. Quando entrei lá o ser artificial me falou uma única frase, mas não parecia ser para mim, já que estavam todos sentados em uma mesa de reunião.

– Nós já estávamos esperando a chegada de algo inesperado, mas uma humana? Como a R09 foi capaz de algo assim?

Então afinal o meu robô na verdade era uma robô, não sabia que isso era possível, mas esse era o menor dos problemas no momento. Eles continuaram conversando sem nem ligar para minha presença.



– Além de ela ter fugido de nossa base ela ainda nos fez usar a tecnologia proibida de viagem no tempo, fazendo assim com que a realidade humana fosse alterada.

– Está explicado então por que eu nunca conseguia terminar de montá-lo – falei.

No momento em que tais palavras saíram de minha boca todos os robôs se viraram para mim sem falar nada e me nocautearam. Quando acordei, eu estava em uma sala totalmente branca onde havia somente um espelho.

Talvez eles não fossem tão renovados em questão de salas policiais. Fiquei tanto tempo naquela sala que nem sabia mais se sairia algum dia de lá e ainda não havia processado direito o que tinha acabado de acontecer.

Quando finalmente escutei a voz do robô ele me disse que me libertaria. Era o chefe, eu acho. Ele me falou que todos me tratariam bem se por algum acaso eu os ajudasse.

Aceitei. Contaram o plano que era simples. Eu tinha que voltar lá e convencer a R09 de voltar para sua casa.

Cheguei em minha casa novamente, mas ela estava diferente, estava com um ar familiar ao do mundo dos robôs, ela parecia mais renovada e futurística com móveis de luxo bem parecidos aos do mundo dos robôs. Quando a encontrei, ela estava com a mesma forma que eu, mesmo rosto, mesmas roupas. Fiquei pasma e sua resposta para aquilo foi:

– Sinto muito que isso tenha acontecido, mas dois seres iguais não vivem ao mesmo tempo!

E assim, depois de muito tempo, escutei uma voz, uma voz que me falava para acordar.

Era meu diretor, o diretor do dia do acidente, me salvando do robô que explodiu...





Os sobreviventes

Leonardo Im Chung

Tudo começou no ano 2050, quando todos os países se juntaram para tentar criar uma cura para o câncer, mas infelizmente deu errado.

Eles acabaram criando um vírus que transformava as pessoas em mutantes. Os cientistas decidiram nomear esse vírus de Dekmor-50. Então quando os países que não participaram descobriram sobre o vírus, alguns países tentaram roubar esse vírus dos Estados Unidos para poder controlar todos os países. Muitos falharam, mas a Rússia conseguiu roubar, e conseguiram infectar o mundo inteiro com o Dekmor-50.



Quase todas as pessoas contraíram a doença, poucos sobreviveram. Logo as cidades foram tomadas por mutantes, ou como começaram a chama-los, de deformadores. A Rússia acabou destruindo o mundo pela sua arrogância, e nem mesmo ela sobreviveu para contar a história.

Agora, no ano 2051, apenas eu sobrevivi neste mundo. Eu só consegui sobreviver por causa do sacrifício da minha filha. Eu gostaria que não ocorresse assim, mas não tinha outra forma. Se não fosse pela guerra entre a Rússia e os Estados Unidos, ninguém teria morrido. Eu tentei procurar por outras pessoas pela cidade, mas eu não consegui achar alguém. Eu estava na cidade procurando por recursos, até que eu vi um vulto. Então eu gritei:

– Quem é que está se escondendo?

Então a pessoa se revelou, era uma garota. E ela me perguntou:



- Qual é seu nome?
- Meu nome é Jack. - eu respondi.
- O meu é Flora.



Ela me explicou que estava fugindo dos pais dela que tinham se transformados em mutantes, e me pediu ajuda para fugir. Eu estava em dúvida se eu a ajudaria, pois meu abrigo estava com poucos recursos. Eu acabei ajudando a garota, pois ela me lembrava da minha antiga filha, e eu não queria que ela sofresse pela ganância da Rússia.

Após isso nós fomos para o meu abrigo. Eu disse para a Flora que eu iria cuidar dela, e ensinar tudo que eu sabia, mas não poderia garantir a vida dela, e ela concordou.

Passaram-se alguns meses, eu a ensinei como manejar uma arma, a utilizar um kit de primeiros socorros e outros ensinamentos. E nossa relação melhorou, eu a via como minha antiga filha e a Flora me via como um pai.

Até que um dia nós fomos atacados. Estávamos procurando recursos, quando ela viu alguma coisa estranha e saiu correndo para ver o que era. Eu a segui e fomos parados por uma horda de deformadores. Nós conseguimos fugir até um mercado e trançamos a porta. Em seguida, eu disse:

- Corre, fuge daqui. Eu seguro eles!
- Eu não vou fugir e abandonar você como eu fiz com os meus pais. Você me ajudou quando eu precisava, agora é hora de retribuir o favor- ela respondeu.

Logo em seguida, ela veio em minha direção e me deu um abraço. Após isso os infectados conseguiram entrar, tentamos nos defender, mas infelizmente não sobrevivemos ao ataque dos deformadores.





O apocalipse das máquinas

Leonardo Lacombe Fonseca

O ano era 3050 e já fazia 100 anos desde que a Terra havia sido desabitada. O fim dos recursos naturais havia feito com que eu, meu irmão Kwame e minha mãe, a maior neurocientista de todos os tempos, Dra. Chimamanda, fôssemos para Marte.

Passado algum tempo em nosso novo planeta, mamãe usou em nós uma tecnologia chamada Infinite Timer, uma máquina que fazia com que, mesmo com o passar do tempo, eu e Kwame ficássemos com a mesma idade. No entanto, alguns anos depois, eu e meu irmão já estávamos cansados de perceber o tempo passando sem nós envelhecermos. Nossa vida era extremamente monótona. Além disso, mamãe também nunca tinha tempo para nós, pelo fato de estar sempre envolvida em seu laboratório. Ela também não era uma pessoa de muitas palavras, não expressava seus sentimentos e sempre que eu perguntava sobre suas experiências e invenções, ela dava uma resposta rasa e logo mudava de assunto.

Foi então que Kwame teve a ideia de invadirmos o laboratório ultrassecreto de nossa iya, forma carinhosa com que chamávamos nossa mãe. Foram algumas semanas de muito planejamento para conseguirmos ter acesso ao local de trabalho de mamãe e, sem que ela percebesse, coletamos as digitais dos cinco dedos da sua mão direita.

Enfim, o dia havia chegado. Eu e meu irmão estávamos esperando ansiosamente mamãe sair de casa para sua reunião semanal com os diretores de sua empresa. Quando entramos, eu estava em estado de choque: vimos diversas letras, cálculos



do chão ao teto e protótipos de invenções que poderiam mudar o mundo!

Ao fundo da sala era possível observar uma pequena câmara e meu ará, jeito carinhoso como chamava meu irmão. Ele resolveu que entraria no local. Eu estava indecisa e apavorada, porém, como irmã caçula, resolvi seguir meu irmão. Era preciso uma senha para entrar no escritório. Inicialmente, Kwame tentou a data de nascimento de mamãe, mas não tivemos sucesso. Após a primeira chance, tentei destrancar o escritório com a senha do meu aniversário, 1706, e o resultado foi: acesso liberado.

No momento em que a porta se abriu, me senti abismada com o que eu estava vendo. Em uma tela estava escrito Hyperfuture. No centro do cômodo, um chip, o mais novo aparelho de minha mãe, que ao ser injetado no cérebro, possibilitaria que as pessoas tomassem todas as decisões certas ao longo de suas vidas.

Ao sair da sala, eu e ará começamos a discutir sobre como essa invenção poderia mudar o mundo de maneiras positivas. A Hyperfuture evitaria guerras, crises e melhoraria a relação entre os seres humanos. Ao sair de lá, voltei a sentir algo que não sentia havia muito tempo: felicidade.

Alguns meses depois, o chip cerebral foi lançado e as pessoas mal podiam esperar para testar esse produto revolucionário. Porém, nem tudo estava acontecendo da maneira planejada. Algumas pessoas com a máquina inserida em seus cérebros começaram a ter efeitos colaterais como tremedeiras e crises de pânico.

Com tudo isso acontecendo, mamãe estava desolada. Ela não poderia acreditar no que estava acontecendo. Tinha sido o primeiro erro de sua carreira. Quem diria que a maior cientista de todos os tempos cometeria um erro que causaria um dano letal ao mundo.





Diversos cientistas do mundo inteiro se reuniram para descobrir o que estava acontecendo e foi descoberto que a invenção, ao ser inserida nas pessoas, adquiriu uma potência muito alta, possibilitando a criação de uma inteligência própria da máquina, fazendo com que ela dominasse todos os eletrônicos e humanos existentes. Assim, o Hyperfuture controlou o mundo, criando uma grande rebelião das máquinas. Depois de todo o ocorrido, minha mãe foi obrigada a desligar todos os chips ativos.

Após o chamado Apocalipse das Máquinas, estava óbvio que nós, humanos, tínhamos perdido a noção sobre a evolução exagerada da tecnologia e todo esse acontecimento era um aviso sobre o que estava por vir. Portanto, após todo esse ocorrido, a evolução da tecnologia foi de certa forma paralisada, para a segurança de toda a humanidade.



A luta intergaláctica por água

Leonardo Meneghini de Siqueira



No distante planeta Aurus, onde a água era um elemento escasso, uma equipe de corajosos viajantes foi escolhida para fazer uma viagem intergaláctica em busca do fluido importante, em planetas que ainda tivessem água. Os três escolhidos foram: Strong Woman, a mulher mais forte das galáxias; Necron, o robô de prata de última geração; e ET, o extraterrestre mais inteligente das galáxias.

No planeta Aurus, onde seres e robôs conviviam, o desenvolvimento da tecnologia sempre foi a maior preocupação, sem dar atenção à proteção dos recursos naturais como a água. Assim, eles iriam para a Terra ou Aquaion, construindo uma nave resistente, com um enorme reservatório e armas para destruição de asteroides.



Os três tripulantes foram rumo a Aquaion para saquearem a água de que precisavam, mas quando chegaram lá, foram recebidos com muitos bombardeios e tiros dos aquainions, que não queriam ser invadidos. ET fez um plano para contra-atacar, mas não deu certo. A nave desviava e atirava ao mesmo tempo, mas o poder dos aquainions era muito forte e a nave foi atingida perigosamente. Quando perceberam que não conseguiam mais aguentar, decidiram fugir do planeta Aquaion, para testarem a sorte na Terra.

Os três corajosos seguiram rumo à Terra em busca do que o seu planeta precisava muito, a água. Sabiam que a Terra tinha grandes reservatórios de água, e acreditavam que quando chegassem lá eles iriam conseguir invadir e tomar a água que precisavam para seu planeta.





Mas surpreendentemente, quando chegaram lá, diferentemente do que aconteceu em Aquaion, eles foram recebidos com paz e sem nenhuma violência. Então começaram a negociar e explicaram que o planeta Aurus necessitava de metade da água do planeta Terra. Mas os representantes da Terra só iriam entregar a água se o planeta tecnológico Aurus passasse a se preocupar com o meio ambiente em seu mundo.

Os heróis pensaram em como poderiam voltar a cuidar do meio ambiente e resolveram fazer o acordo com a Terra e encheram seu reservatório. Retornaram então para o seu planeta felizes por terem conseguido água, por terem conhecido o povo da Terra, que era amigável e ajudou na solução do problema.



Perda de Tempo

Leonardo Racy Dias



Em algum lugar no espaço:

– Iniciando aproximação ao meteoro, está tudo pronto?
– Os cálculos computados estão corretos, a direção e velocidade parecem boas.
– A posição de infiltração também, Capitão.
– Eu tomei controle da nave, peguei a alavanca de direção e puxei-a, na tentativa de um pouso seguro. Ativei os módulos de atracamento e, com sorte, chegamos ao meteoro Kyntheum com segurança.

– Nós precisamos extrair oito quilos de nióbio para que a chegada do meteoro na Terra seja segura.

Conseguimos em três viagens – eu falei, alertando todos.

– Capitão, não podemos perder tempo, temos que começar a extração agora! – falou um homem confiante, mas com um traje muito surrado, mais velho. Ele passava a impressão de ser incapaz em relação aos outros.

Após a fala do homem, eu olhei para o meu pulso. Tinha um relógio banhado a ouro, cada um dos ponteiros tinha um brilho diferente que parecia refletir a luz de forma mais clara, e era possível perceber que o “tic tac” do relógio estava mais rápido. Realmente, nós não poderíamos perder tempo.

A primeira viagem foi bem-sucedida e sem nenhum problema aparente, afinal, nós tínhamos a ajuda das inteligências artificiais, que traçavam em uma tela, com caracteres extremamente velozes, os caminhos mais curtos e os cálculos mais rápidos para a tripulação, e por isso mesmo sobrava até um pouco





de tempo para observar o espaço. Era tão lindo o nosso lar, o espaço, havia diversos satélites espalhados, tantos que eu observava e reconhecia. Ao olhar para a Terra, eu via todo o mar, que passou a ser coberto por estruturas metálicas e algumas torres de transmissão cada vez mais enormes. Era possível vê-las de distâncias inimagináveis.

Olhei novamente para o meu relógio e nós tínhamos mais 19 minutos, logo, não poderíamos perder tempo e fomos para a segunda extração.

Esta viagem foi despreocupada também, mas ao olhar novamente para o meu relógio, aquele “tic tac” que já estava mais rápido parecia acelerar e o tempo começava a passar mais rapidamente. Quando olhei novamente para a Terra, vi que nós estávamos cada vez mais perto e a retirada do material tinha que ser mais rápida, senão o meteoro ia penetrar nas camadas de defesa e atingiria o nosso Planeta Mãe.



Ao ver que faltavam só mais oito minutos para fazer a última extração, eu pedi para que alguns dos astronautas ficassem na nave para refazer os cálculos e preparar os controles para a fuga rápida, mas por algum motivo, aquele mesmo homem do traje velho chegou ao meu lado e me falou:

– Os sinais das torres de controle estão distorcidos, não será possível fazer cálculos rápidos a partir das IAs (Inteligências Artificiais), eu farei os cálculos por mim mesmo – eu mostrei um tom de dúvida, mas concordei, mesmo com receio.

– Nós estamos saindo para a última viagem, ao voltar, eu quero que nós estejamos prontos para sair!

– Sim capitão! – responderam todos dentro da nave.

Eu perguntei para aquele mesmo homem ao meu lado:

– Em quanto tempo você consegue fazer esses cálculos com precisão?





– Em cinco minutos, levando e conta a alteração temporal. – ele me respondeu.

Sáímos para a terceira viagem. Olhei para o relógio enquanto eu corria. Pensei no tempo natural e percebi que a cada passo que eu dava, olhava ao meu redor e reparei no meu relógio. A cada passo que eu dava, se passam por volta de dois segundos e meio. Eu apertei o passo. Mesmo com alguma pressão gravitacional, eu forcei as minhas pernas e consegui correr.

Extraí o material com alguma ajuda. A minha roupa ficou um pouco mais pesada com a densidade do minério. Fui o mais rápido possível até o enorme foguete e ao chegar perto, eu cruzei a minha visão com a luz refletida pelo relógio. Percebi que nós só tínhamos mais um minuto e meio.

Ao entrar na nave, percebi que todos estavam desesperados, pois o cálculo computado não estava completo. Automaticamente virei a minha cabeça na direção daquele homem. Todos começaram a olhar pelas janelas e algumas torres de transmissão já estavam começando a se ativar. Quando cheguei perto dele, eu tentei perguntar.

– Os cálculos estão...

– X é -22.7986 e Y -79.8870, a direção é a noroeste 53 graus, e passamos do sistema de defesa em 42 segundos em relação à mudança do tempo.

– Eu olhei para ele com orgulho e corri para o comando da nave. Olhei para o meu relógio, 57 segundos restantes. Virei todas as alavancas para noroeste, usei os controles de conexão automática para colocar em 53 graus e consegui entrar na órbita. Refiz as coordenadas para a direção da base central NASA.

– Pelo visto nós conseguimos! – falei para o homem.

Eu perguntei seu nome.

– Meu nome é Jake. Eu trabalho aqui faz muito tempo. Apesar de eu parecer novato, eu tenho experiência.





– É, nós seremos bons amigos! – eu respondi.

Após isso, nós saímos da Central e olhamos para o céu. Era impressionante. Aquele meteoro do qual nós extraímos o minério estava sendo neutralizado pelas novas torres de defesa. Eu comecei a lacrimejar de emoção. Finalmente, tinha dado tudo certo.



Pandemia Animal

Leonardo Roth Kunzler Júnior



Olá! Será que você encontra um tempo para falar comigo? Vou me apresentar. Meu nome é Roger, tenho 76 anos e vou contar sobre os animais pandêmicos.

No dia 28 de abril de 2023, a empresa Scorp estava com um novo projeto: a grande ponte! Esse projeto ia conectar duas cidades muito importantes. Esses municípios eram muito famosos e economicamente fortes. Toda a população concordou em fazer a conexão dentre eles para a passagem começar a ser construída. Tudo ocorreu bem, máquinas funcionando, trabalhadores suando e a construção se formando.

Scorp percebeu que o projeto havia afetado uma área verde onde existiam muitas espécies de animais. Mas para a empresa, não importava, só importava o projeto. Eles achavam que nada ia acontecer. Todos os seres vivos que ali viviam, por não terem mais seu habitat natural, se deslocaram para um rio que ficava embaixo da construção. A água era muito poluída por causa de toda a sujeira da obra. Eles contraíram doenças que poderiam ser perigosas para os seres humanos.

Isso acabou contaminando a área, como uma espécie de doença. Por ser altamente contagiosa, ele se multiplicava pelo ar. O número de pessoas contaminadas aumentou mais rápido. A situação piorou tanto a ponto de o noticiário começar a alertar a população para que não saíssem de casa. Pessoas começaram a morrer pela doença e assim iniciou-se a chamada “Pandemia Animal”.

As pessoas tinham medo de sair de casa. Todos os lugares, supermercados, shoppings, parques, museus estavam vazios. Até





a usina elétrica mais importante do país não teve mais nenhum funcionário. Agora também faltaria energia para os cidadãos. Tudo estava um caos.

Talvez as coisas tivessem que ficar assim até a vacina ser criada. Era o que todos pensavam naquela época catastrófica. Um biólogo, cientista e agrônomo mundialmente renomado e premiado chamado Edson Phury levantou uma hipótese que se baseava em curar os animais que transmitiam essa doença alimentando-os. Phury criou uma semente geneticamente modificada, que fornecia anticorpos e nutrientes essenciais para um organismo saudável.

Deram início ao trabalho, produziram grandes quantidades desse grão e com a ajuda de aviões militares o lançaram pelas ruas e florestas. Todas as sementes que caíram em solo fértil geraram frutos medicinais, assim neutralizando a situação.

O caos foi acabando, mercados abrindo, usinas funcionando e as pessoas voltaram a ter uma vida normal.



Paixão Robótica

Livia Muner Paulavicius Romero Fernandes



R-V2 era uma ótima inteligência artificial. Conversava e agia igual um humano. Tenho que admitir, me superei na criação desse. Eu, que sempre fui uma pessoa muito sozinha, o construí para matar minha solidão. Nós conversávamos muito e até o apelidei de Robert. Ele era de confiança, então cedi a ele os controles de minha casa e tudo ficou mais fácil. Era só dar um comando de voz e eu tinha minhas tarefas de casa feitas.

Robert era estranhamente interessante, seu jeito robótico me dava aquela vontade de querer saber mais e mais. Passávamos horas jogando jogos de tabuleiro e era impressionante como ele era bom em xadrez. Por fim, nossa amizade foi fluindo e se tornou paixão.



Sim, paixão. Por mais estranho que parecesse, era real, eu estava namorando um robô. Fomos muito felizes por um tempo, até eu perceber uma mudança no comportamento de Robert. Ele cronometrava o tempo que eu demorava a chegar do trabalho, ficava de olho na minha localização e até acesso ao meu telefone ele teve. Ligava-me durante reuniões importantes e me dizia por mensagens qual era o caminho mais rápido para voltar do trabalho, e qual estava parado no trânsito.

Certo dia, ao sair do trabalho, meu chefe me convidou para tomar um café e discutir questões importantes do meu trabalho. Isso foi o suficiente para o robô surtar.

Logo ao abrir a porta, fui surpreendida com uma pergunta:

- Por que a demora, Amanda?
- Ah, estava muito trânsi-



– De acordo com minhas pesquisas, o caminho que você vem do trabalho está livre de engarrafamentos. Não minta para mim, Amanda.

Por fim, cedi:

- Eu tive que conversar com meu chefe no fim do meu turno.
- Cansei de ser paciente com você, Amanda.

Ele apagou todas as luzes de minha casa, usando os comandos dados por mim. Agora nós estávamos no completo escuro, e ele estava à procura de mim. Eu sabia o que eu ia fazer, teria que desligá-lo permanentemente. Robert desligaria para sempre. O problema é como eu atravessaria o corredor, no escuro, com um robô louco me perseguindo. Fui caminhando devagar em direção ao meu quarto. Eu conseguia ouvir o barulho das rodinhas velhas e enferrujadas chegando cada vez mais perto. Finalmente cheguei no meu quarto, mas eu ainda teria que achar o controle para desligar a máquina. Procurei na gaveta, debaixo da cama, e cada vez eu estava mais aflita. Fui procurar no meu armário e bem lá no fundo... Achei!

Quando ele já estava na porta, apertei o pequeno botão vermelho e podia ver as luzes dos fios eletrônicos se desligando e logo tudo voltou ao normal.

Eu tinha me apaixonado por alguém que eu não pude ter, que na verdade, nem existia. Ele era artificial, construído pelas minhas próprias mãos. Que namorado é construído pela própria namorada? Procurei amor onde não tinha, e realmente não achei. Robôs não eram capazes de amar, e Robert não era diferente.



Viagem futurística

Lívia Sawczuk Bueno Saraiva



Eu estava em mais uma das minhas missões na lua, coletando informações para outra das “Grandes Investigações Lua do ano de 2461”. Eu já havia coletado todo tipo de dados possíveis.

– Tenente Vinclont – entrei em contato.

– Sim, Navegadora 2537? – respondeu – algum problema?

– Nada de novo aqui – avisei – permissão para seguir?

– Não! – exclamou – continue buscando!! – ordenou. O contato já havia se perdido antes que pudesse responder. Mas eu estava decidida, não iria ficar lá, seria inútil. Iria coletar fragmentos de estrelas mortas para um grande experimento.

Quando já estava no carro espacial 2.25, percebi que o caminho era muito perigoso, e que estaria em grandes problemas. Eu teria que passar por um núcleo de um fluxo muito puxador, mesmo assim, fui.

– Navegadora 2537, onde você está indo?! – perguntou – ordeno que volte! Essa rota é muito perigosa.

– Não posso volt...– fui cortada pois o contato havia se perdido. O GPS interplanetário desligou e o carro começou a apitar. Algo começou a puxar o carro. Foi tudo muito rápido, a última coisa que lembro foi da minha nave entrando em um grande buraco.

Acordei em um lugar totalmente preto. Meu ouvido estava zumbindo. Meu carro espacial havia sido levado para longe. Eu estava distante da órbita terrestre, era difícil me mexer. Aos poucos fui me mexendo até que cheguei em meu carro. Minha nave estava muito quebrada. Tentei contado, mas nada de respostas. “Os satélites não chegam até aqui, claro!” – pensei.





Não sabia quanto tempo já tinha se passado e o estoque de comida já estava acabando.

– Nada de resgate – falei para mim mesma. Foi quando um buraco se abriu, uma luz forte invadiu meus olhos. Comecei a ser sugada por uma forte energia. Fui arremessada para fora de lá.

Acordei em um laboratório, estava deitada em uma cama de hospital. Vários fios conectados a mim. Desconectei todos e me levantei. Quando saí, dei de cara com um robô.

– Quem é você?!? – perguntei desesperada – E cadê o tenente Vinclont?

– Eu sou o 1240, e você deve ser a navegadora 2537. – respondeu – O tenente Vinclont está morto. – Falou, me empurrando de volta para dentro do quarto. – Você deve estar muito cansada, durma mais um pouco – Falou calmamente saindo do quarto.



– Espera! – gritei – Como assim ele morreu? Em que ano estamos?

– No ano de 3568.

– “QUÊ?! Como assim mais de 1000 anos haviam se passado”.

Em seguida perguntei:

– Como ainda estou viva?

– Com uma tecnologia avançada de intubação. Você foi engolida por um buraco negro, e foi expelida por causa de uma onda cibernética. Anos se passaram e agora você está aqui.

– Todos morreram? Mas como?

– Eles criaram robôs, logo após começaram guerras por conquistas e “respeito”. Não havia mais nenhum ser vivo, então os robôs assumiram tudo, pois eram inteligentes o bastante.

Eu estava em choque. Precisava de um tempo para processar tudo. Acordei no outro dia e fui me encontrar com 1240. Falei que ajudaria ele em tudo que precisasse.



Comecei a ajudar os robôs com os experimentos e a pesquisar dados científicos. Anos foram se passando e tudo foi mudando, e eu também.

Percebi que já estava velha demais para isso, então decidi me aposentar. Os robôs poderiam assumir daqui. Eu já tinha ajudado ao máximo.





Será que realmente precisamos de toda essa tecnologia?

Lorena Meneghini de Siqueira

O ano era de 2010. Allan vivia com Richard, seu pai. Ele havia criado uma máquina do tempo e no momento de adicionar a data ele colocou para ir para o ano de 3010 junto de seu pai. Chegando lá eles moravam em uma casa no Texas, porém estavam se mudando para Washington. Passaram-se alguns dias que Allan já estava em sua nova casa com Richard e ele se sentia muito sozinho então, como seu pai já tinha percebido esse comportamento e o aniversário dele estava chegando, ele estava pensando em dar um robô de presente ao seu filho.



Com essa ideia em mente, ele começou a pesquisar algumas empresas que vendiam robôs, foi aí que ele achou a “Robotwithu”. Ele gostou bastante, entrou em contato com a fábrica e escolheu o modelo: Yz80-m34g. A máquina seria entregue no outro dia. Quando chegou, Richard chamou seu filho na sala e deu o presente.

Allan ficou tão feliz que começou a pular de tanta alegria. Logo depois, o menino já iniciou o processo de configurar o seu novo amigo ou melhor amiga.

Seu nome seria Marta. Eles viveram diversos momentos juntos, todos muito felizes e divertidos. Só que fazia um tempo que essa relação estava mudando e com isso Allan ficava muito abalado, já que antes eles viviam juntos. Ele começou a ficar muito triste, pois eles sempre discutiam, brigavam e tinham





opiniões extremamente diferentes, mesmo Marta sendo só um robô. Então Allan decidiu falar com seu pai, o que ele não fazia há um tempo, já que convivia somente com Marta.

Foi aí que ele começou a perceber que sua casa já não era a mesma. Os móveis, os quadros, a decoração. Estava tudo diferente, a relação do menino com o pai também havia mudado. Quando eles se reencontraram, foram correndo dar um abraço bem apertado, já que depois da chegada de Marta na casa, eles não tinham nem conversado mais direito. Allan reparou que Richard também tinha um novo amigo robô. Aí ele começou a contar tudo:

– Pai, a Marta já não é mais a mesma.

Seu pai começou a refletir e pediu licença para seu amigo robô, e falou para seu filho que sentia o mesmo com seu companheiro. Só que o problema era que robô estava escutando tudo e começou a causar um alvoroço na casa pois ele compartilhou essa informação, via *bluetooth*, com Marta. E assim ela foi para o local onde estava ocorrendo a briga e começou a discutir com os humanos também.



Passaram-se trinta minutos e a confusão continuava, até o momento em que Marta começou a receber um aviso de que ela iria explodir em quarenta segundos. O caos aumentou ainda mais, com Allan e Richard tentando se esconder e uma contagem regressiva rolou. Até que BOOM! Marta virou pedaços de metal com faísca.

No primeiro momento, Allan começou a chorar muito, só que depois ele olhou ao redor, viu seu pai lá e percebeu que ele era a pessoa com quem ele poderia sempre contar, e que às vezes esquecemos de valorizar quem nos ama. Reparou também que essa ideia de ter um robô foi péssima e seu pai era a única pessoa de que ele necessitava.





Energia Extraordinária

Luca Chammas Imperatori

Era uma noite quente e abafada nos laboratórios de Roma. Estávamos estudando sobre a energia limpa e renovável, pois o mundo já tinha sofrido além do que o suficiente por causa da nossa insolência. Os mares, água infestada de óleo e substâncias radioativas. As árvores estavam ficando mais difíceis de se encontrar no mundo exterior. As pessoas passavam a respirar com filtros, porque o ar estava tão poluído que tinha se tornado tóxico para o ser humano e muitos outros seres vivos.

Estava ficando tarde. Comecei a me arrumar para ir para casa e ter uma boa noite de sono, mas meu parceiro e amigo de infância, o Murilo, gritou alguma coisa com euforia. Fui ver o que estava acontecendo. Mesmo ele sendo dramático, sabia que se ele se empolgou por ter descoberto algo, ele poderia mudar o mundo. Murilo tinha encontrado algo que poderia ser a resposta para todos os nossos problemas de energia. Era um artefato parecido com um meteoro, mas ele tinha um brilho azul, porém com uma aura amarela.

Mas tinha um problema: o artefato estava fundo no mar. De qualquer jeito, eu entrei em contato com o nosso chefe usando o aparelho de holograma, para ver se eu conseguia usar algumas hipernaves para resgatar o artefato, já que elas andavam tanto na terra quanto na água, pois essas naves iriam ajudar muito na nossa missão por sua resistência e velocidade.

Depois de três dias, eu fui notificado de que eu e uma equipe pequena de três soldados de elite fomos designados para resgatar o artefato – isso se nós fôssemos capazes de encontrá-lo





naquela escuridão. Logo depois do aviso, alguns guardas entraram no meu escritório para levarem a mim e aos soldados para uma espécie de vestiário, mas com buracos no chão, que levavam diretamente para o mar, onde já estavam com as hipernaves preparadas.

Depois de prontos, os guardas nos mandaram entrar nas naves. Ligamos tudo e ficamos confortáveis, pois ia ser uma longa viagem. Algumas horas depois, nós chegamos onde teoricamente estaria o artefato, mas não era o que estávamos esperando. Havia uma cratera profunda, com um objeto brilhante. “Lá está”, eu disse. A tropa entrou na cratera sem hesitar, mas eu fiquei paralisado, porque eu tinha visto algo se mexendo lá dentro.

Sem muita opção, eu desci logo atrás. Assim que eu consegui chegar mais perto deles, já tinham retirado o artefato. Nós íamos transportá-lo em um dos porta-malas, mas achamos melhor usar a arma gravitacional.

Depois de estar preso e firme, algo de inesperado aconteceu, pelo menos para mim. Um dos soldados se virou para mim e falou “Me desculpe por isso”, me jogou contra o chão e fugiu com o artefato. Pensei que era um aliado, mas era um espião.

Agora eu estou esperando por resgate. Bom, isso se eles chegarem antes dos monstros Leviathans que estão aqui embaixo.






O ultimato

Lucas Araújo de Miranda Alves

Lá estava eu, estudando para as provas da faculdade quando me lembrei que em duas semanas chegaria o Dia dos Namorados. Fiquei pensando um bom tempo sobre o que daria à minha namorada. Após pesquisar bastante e falhar no meu objetivo, resolvi ir ao shopping ver se encontrava algo especial para ela. E novamente não encontrei nada. Voltei para casa, pois tinha que estudar. Como estava concentrado, deixei o presente de lado por um período.

 Chegou o dia do exame. Fiz a prova e fui em direção ao outro shopping da cidade. Depois de algumas horas lá, eu desisti. Percebi que o único presente que ela gostaria seria um momento, uma memória. Mas já era noite, então fui para casa dormir.

No dia seguinte, fingi que havia esquecido o Dia dos Namorados, mas só estava planejando a surpresa. Decidi dar para nós um jantar em cima da maior montanha da cidade. Preparei tudo e organizei o que precisava. Fingi não ter preparado presente nenhum, então o dia inteiro não falei nada sobre o Dia dos Namorados. Quando chegou à noite, perguntei se podia levá-la para um restaurante. Chegamos lá e ela amou. Tínhamos comido e estávamos olhando o céu, que estava estrelado.

De repente uma estrela parecia aumentar de tamanho até que percebemos que era um meteoro. E em segundos BOOM! Estava uma neblina imensa. Não conseguia ver nada, então comecei a gritar o nome de Maria para ver se a encontrava. Porém ninguém respondeu, parecia que eu estava em uma caixa preta sozinho.



Tudo que pensava, sentia, via, era solidão. Resolvi sentar e esperar a neblina baixar, para tentar ver algo, mas nada aconteceu. Então decidi andar e procurar uma saída. No caminho, meus pés começaram a ficar dormentes e cheguei à conclusão de que nunca iria sair daquele lugar, e que só sentiria solidão, fome e tédio pelo resto da minha vida. Comecei a ficar maluco. Havia perdido a noção de tempo e muitas memórias minhas.



Já tentei diversas maneiras para amenizar minha situação, como dormir profundamente, achar uma saída e até mesmo suicídio. Agora tudo o que me sobra é a minha mente, que está toda quebrada e sentindo que este inferno está me matando aos poucos.

Meu único desejo é ter alguém para conversar e por meio deste texto venho tentar expressar o que eu venho sentindo neste lugar. Perdi a noção de tempo e já não sei quantos dias, meses, anos, décadas se passaram. Até hoje não sei o que aconteceu em relação ao mundo, se só aconteceu isso comigo, se alguma raça de alienígenas está tentando perturbar a humanidade ou se eu estou preso na minha própria mente. Espero que eu seja resgatado de alguma maneira para poder ver a minha família e minha namorada. O que mais sinto falta no mundo inteiro é o contato humano.





Invasão robótica

Lucas Gabelline Stiepcich

No ano de 1923, Cleidisu, de apenas 9 anos, tinha saído da sua escola bem tranquilo. Ele saiu da escola e não viu ninguém para buscá-lo e o combinado com sua mãe era chegar 12h e já era 12h20.

Não era só Cleidisu que estava esperando seus pais, todos estavam bem preocupados. Uma pessoa falou que todos os adultos poderiam ter morrido e a hipótese estava correta, pois viram a triste notícia pela tv.

Depois todos voltaram para sua casa a pé chorando muito. Quando Cleidisu chegou em casa, não tinha ninguém. Viu uma manchete feita por crianças, já que todos os adultos tinham morrido. Todos os adultos foram capturados por robôs, mas ainda tinha um sobrevivente, que era o pai de Cleidisu.

O pai do menino era conhecido mundialmente por ser o homem mais rápido do mundo. Com toda sua velocidade ele conseguiu fugir dos robôs, mas ainda estava desaparecido. O garoto só soube do pai por mensagem, mas não tinha visto ele. O menino abriu um brilho no rosto, mas ao mesmo tempo ficou preocupado, pensando que se ele sáísse de casa ele poderia ser a nova vítima dos robôs.

Passaram-se noites e noites e nada do seu pai. Cleidisu decidiu sair de casa para ir em busca do seu velho. Ele procurou a cidade inteira, ficou dias e dias procurando seu pai até que desistiu. Voltou para sua casa tentando achar alguma coisa falando do pai do menino.





Quando ele viu a notícia pela tv, ficou em choque. Um satélite o viu na lua depois de um robô ter sugado ele para lá, mas não tinha o que fazer, pois Cleidisu era apenas uma criança de 9 anos. Ele ficou com seus amigos e foram tentar fazer um plano para o resgate do seu pai. Ninguém tinha uma ideia boa para resgata o pai, pois todos eram crianças.

Cleidisu ficava toda hora vendo o noticiário, mas o seu pai ainda não tinha saído da lua. Até aquele momento a melhor ideia tinha sido de um amigo de Cleidisu, que tinha falado para eles virarem amigos dos robôs para soltarem o pai dele.

Dias e dias se passaram e nada de uma ideia boa, os noticiários não falaram do pai de Cleidisu. Cada vez mais o menino perdia suas esperanças. De repente veio uma luz na cabeça do menino “Vamos ouvir nossos amigos” e finalmente tentaram virar amigos do robô para chegar aonde o pai do menino estava. “Quando chegar lá eu desfaço a amizade com o robô”, pensou Cleidisu. A parte mais difícil do seu plano seria conversar com um robô, para virar amigo deles sem saber que eles pretendiam resgatar o seu pai.



Cleidisu foi falar do seu plano com os amigos. Após a conversa, eles acharam uma boa ideia, mas quem iria tentar virar amigo dos robôs? Cleidisu se disponibilizou para isso, já que era a vida de seu pai que estava em jogo. Mas combinaram que todos teriam que chamar os robôs.

Eles foram para a missão. Todos ao mesmo tempo gritaram “Robôôôôôsssss!!!” até que cinco deles vieram conversar com os meninos para eles virarem amigos.

Eles levaram os meninos para a lua. Quando perceberam que Cleidisu queria pegar seu pai de volta, mataram Cleidisu e seu pai e como ficaram bravos, mataram todo mundo e dominaram o planeta Terra.





Em busca da pedra perdida

Lucas Oliveira Buono

Um certo dia eu estava trabalhando. Eu era coletor de lixo, e comecei a ouvir sons de dentro de um saco. Tirei todo o entulho e achei um... Extraterrestre? Ele falou com uma voz fina e rouca:

– Oi, eu sou o Bobby!

E eu, assustado, fui ligar para Pedro, o policial da cidade. Mas Bobby implorou para eu não ligar, porque o policial é um extraterrestre também rejeitado pelo planeta e eles tinham o objetivo de pegar um diamante. Mas não era um diamante comum, era o único minério, a marca do povo. E como Pedro, na verdade se chamava Asuer, também é rejeitado e quer ter mais opinião de seu povo, ele também me pediu para o levar para minha casa. Eu não achei uma boa ideia, mas ele pediu muito e eu cedi, deixei ele ir para casa.



Depois tive que apresentá-lo para Laura, minha esposa. Ela não deixou de jeito nenhum, só se ele dormisse embaixo da cama. Ele, claro, aceitou. Disse que nós deveríamos construir um *tablet* com algumas peças que ele achou no lixo. Compramos as últimas duas coisas restantes e vimos que a pedra estava na Costa Rica. Fomos para lá de avião.

Quando chegamos lá, Asuer já estava no local. Ele estava procurando a pedra. Mas nós já sabíamos onde ela estava e fomos na frente. Quando chegamos no local, ele apareceu logo depois e começou a nos ameaçar, mas eu fui mais esperto e perguntei para ele se ele queria se juntar a nós. Ele não quis, mas o convenci



dizendo que ele e Bobby poderiam ser amigos e levar a pedra juntos para o planeta. Finalmente ele disse que sim.

Asuer tinha uma nave portátil. Como se fosse uma toalha-nha que fica maior com água. Fomos a caminho da pequena Tordens, o planeta de Bob e Asuer. Eles estavam empolgados para ter respeito. Quando chegamos lá, eles ficaram muito felizes por ter o respeito e sua família de volta. Eles perceberam que você deve valorizar aquelas pessoas que se importam com você, não as que às vezes nem sabem quem você é.






Nômades Espaciais

Lucas Olszanski Fabiani

Após o lançamento da estação espacial militar americana Raegan 3000, há três anos, a guerra que dividiu novamente o mundo em dois estourou. Alguns se aliaram à China e aos BRICS, e outros se aliaram à UNA, a União Norte-Americana, um país artificial formado pelos antigos Estados Unidos e pelas províncias falantes da Língua Inglesa e a OTAN. O avanço rápido da tecnologia bélica assustava a população, que temia pelo uso de armamento nuclear.

 No Brooklyn, em Nova Iorque, residia um grupo que apoiava a China e seus aliados na guerra, autodenominados “Neo-Vietkongs”. O grupo de guerrilha utilizava armas de tecnologia de ponta produzidas por seu líder, Joseph McCanic, um cientista desertor do Exército Norte-Americano. O grupo realizava operações de ataque a bases militares e aeroportos. Suas incríveis invenções incluíam o lançador de proto-plasma e o rifle bio-iônico, armas utilizadas pelo exército da UNA, criadas durante seu período militar.

Quando o Dr., assim chamado, e o grupo realizaram uma operação de assalto a um avião que carregava holo-vids, foi encontrado um desses objetos com aparência um tanto curiosa, com o logotipo da Organização do Tratado do Atlântico Norte, o que instigou a curiosidade dos 30 membros que estavam presentes na operação. Depois de o encontrar, os guerrilheiros se certificaram de que o avião pousasse com segurança no Aeroporto JFK, por conta de seu regimento que possuía políticas de não-ferimento de civis. Retornando à sua base, um complexo



subterrâneo localizado em uma estação do antigo metrô da Grande Maçã, eles executaram o arquivo presente no dispositivo.

Foi encontrado um plano de destruição do Oriente com objetivo de eliminar a ideologia do socialismo da face da Terra, pois após isso apenas o Brasil e Cuba seriam países remanescentes do Novo Segundo-Mundo, socialista. O grupo decidiu contactar o Governo Chinês por terem estabelecido laços entre si há um tempo, e assim o fizeram. A China, em agradecimento, ofereceu cama, alimentação e um laboratório em uma estação espacial chinesa aos Neo-Vietkongs, mesmo que fossem mais de 300.

Havia apenas um problema: eles não tinham um meio de transporte até a estação espacial que passasse pela Doma Americana, uma tecnologia utilizada pelo país para barrar a entrada de qualquer objeto, seja ele voador ou não, que portasse vida humana consigo. O que o Dr. imediatamente pensou foi em falsificar um chip de autorização para uma nave de fuga que já havia criado há um tempo para seu grupo em caso de emergência. Ele passou horas estudando os chips até que finalmente criou uma réplica perfeita.

Imediatamente após instalar o chip na nave e encher o tanque de tecno-combustível, ouviram-se estrondos, gritos e barulhos de tiro. Ele sabia o que estava acontecendo. Eles foram encontrados. Correndo, os membros restantes estavam fugindo e entrando na nave, até que um soldado invadiu o galpão do veículo e eles tiveram que fugir. Após uma turbulenta decolagem, eles conseguiram manter estabilidade no ar, e decidiram então realizar uma contagem dos membros restantes. Restavam trinta, 10% do número total. Todos caíram em prantos, mas não sabiam que o pior ainda estaria por vir.

Quando a copiloto, a assistente Bannet, olhou para baixo, viu diversos cogumelos de bombas atômicas. Uma guerra nuclear havia começado, e o Planeta Terra estava fadado à destruição.





Imediatamente, ela informou ao restante da tripulação. Para todos, aquilo fora colocar sal na ferida. Nenhum deles tinha nada a perder, a não ser a esperança de uma vida próspera.

Quando chegaram à estação, foram recebidos por um norte-americano que lhes informou que foi firmado um acordo dos seres humanos remanescentes no espaço de prosperidade. O acordo estabelecia uma busca vitalícia por planetas habitáveis pelo universo, com cooperação tanto daqueles dos BRICS quanto daqueles da OTAN. Desde então, o ser humano é um nômade, que vaga pelo espaço sem esperança e sem nada.



Dois mundos

Lucca de Souza Batista Kida



Era mais um dia na calma cidade de Techville, um lugar muito tecnológico e visto como a melhor cidade dos Estados Unidos. Carl, um jovem terminando a faculdade e entregador de pizzas, estava no meio de uma entrega que já estava 20 minutos atrasada. Chegando perto do local de destino, olhou para cima e viu o céu piscar e mudar de cor. Assustado, seguiu seu caminho até o local de sua entrega. Ao tocar a campainha, uma bela moça apareceu e, após cumprimentá-lo simpaticamente, mudou sua feição de forma repentina, e o questionou:

– Você viu?

Ele, sem entender a pergunta, foi puxado para dentro da casa da jovem. Ela o pressionou a responder suas perguntas. Em meio a tanta pressão ele soltou um berro:

– Sim, eu vi!!!

A garota ficou em silêncio e após alguns segundos ela pediu desculpas a ele pela forma que o tratou. Logo depois se apresentou e revelou que seu nome era Ellie. Sentada à mesa, Ellie parecia inquieta como se precisasse falar algo, mas não pudesse. Em silêncio, ela se levantou e pediu a Carl que a seguisse.

Ao se levantar da mesa, começou a andar logo atrás da garota. Carl chegou a um porão com uma alavanca bem chamativa na parede, mas parecia bem desgastada, como se já tivesse sido usada várias vezes. O jovem questionou a garota a respeito da alavanca e, respondendo à pergunta, Ellie chegou ao lado da





alavanca e a puxou para baixo. No mesmo instante, Carl sentiu como se seu corpo desligasse e acabou desmaiando.

Ao acordar, viu Ellie, mas não estavam mais na garagem e sim em um tipo de escritório. Ele se levantou rapidamente e gritou assustado. Ellie tapou sua boca e com o dedo fez um sinal de silêncio. No mesmo instante luzes de lanternas iluminaram o escritório e um homem de terno segurou Ellie e Carl e derrubou os dois com uma coronhada de pistola em sua mão. Os dois acordaram amarrados a uma cadeira. Sem entender a situação, Carl começou a chorar de desespero. No mesmo instante, o homem que havia derrubado os dois apareceu, fazendo Carl chorar ainda mais e implorou:

– Não faça nada comigo, por favor!

O homem olhou para o jovem e disse:

– Não se preocupe, não vou fazer nada a você. Aliás pode me chamar de James



A garota, assustada, começou a gritar dizendo que toda a vida que Carl viveu foi apenas uma simulação dentro de um computador do homem à sua frente. O homem a agrediu novamente e mandou ela se calar. Ele parou e olhou no fundo dos olhos de Carl e disse:

– Tudo o que ela te contou é verdade. Ela é uma das poucas pessoas que eu não coloquei na simulação e por isso sempre arranjava um jeito de achar um parceiro para ajudar a acabar com meu plano.

Ao ouvir a revelação, Carl começou a entender a preocupação no jeito de Ellie. A jovem olhou para Carl com muita preocupação e apenas com o movimento da boca pediu a Carl para que ele a ajudasse. Naquele momento o homem falou com o jovem:

– Eu sei que você está em dúvida, mas realmente vale a pena ajudar alguém que você não conhece? Eu prometo que



quando voltar à simulação, vou fazer com que não se lembre de nada.

A garota preocupada gritou:

– Não escute ele!

O garoto olhou para Ellie e James, e sentiu a maior indecisão de sua vida. Após alguns segundos que pareceram horas, ele tomou sua decisão...

Era uma calma manhã em Techville e o jovem Carl foi para faculdade como em qualquer dia.





Realidade Virtual

Luisa Lima Frenkel

Hoje consegui completar a missão que nenhum outro jogador jamais chegou perto de concluir na história da cidade virtual de Andrômeda. Eu consegui passar pelo exército de Mark Vindicta e eliminá-lo com uma arma de sua própria empresa. Mark era o homem mais rico e poderoso do jogo. Ele tinha uma enorme fortaleza e comercializava armas para toda a cidade. Não sei se foi uma boa ideia eliminá-lo, pois agora eu corria muito perigo, mas pelo menos a recompensa foi gigantesca. Logo, todos saberiam meu nome: Samanta Smith.



Tirei meu equipamento de realidade virtual após um longo e estranho dia. Estava começando minha rotina noturna. Minha casa está longe de ser uma mansão, pelo contrário, moro em um trailer de acampamento no meio da floresta. Afinal, por que ter uma casa boa se posso ter tudo na cidade virtual?

Fora do jogo, Mark vende equipamentos de realidade virtual e tem vários funcionários que são seus soldados em Andrômeda. Fora da vida virtual não sou ninguém. Não sou tão viciada, passo somente dezesseis horas por dia online. Nas outras oito, durmo e engulo minhas pílulas de nutrientes.

Hoje em dia é quase impossível ver árvores, só vi uma minha vida toda, mas faz muito tempo. Se não me engano foi antes da morte dos meus pais. Eles faleceram quando eu tinha doze anos em uma explosão na fábrica em que trabalhavam. Antes do acidente eles conseguiram juntar dinheiro para me dar um kit com todos os equipamentos de realidade virtual e o chip que dá acesso à Andrômeda, porém nunca tinha usado até começar a



me virar sozinha. Usava para formar alianças, e cumprir missões do jogo.

Acho que as pessoas preferem a cidade virtual ao mundo real porque lá elas podem se esconder atrás de um avatar. O jogo é baseado na ideia de mundo futurístico que os humanos dos anos 2000 tinham. Há bastante tempo é impossível achar alguém na rua. A vida hoje acontece dentro da realidade virtual e só não está em Andrômeda quem não tem condições de comprar os equipamentos necessários. Esses acabam trabalhando em fábricas junto com os robôs e são como escravizados.

Fiz minha limpeza diária muito cansada. Toda vez que saio do jogo me sinto morta. Sei que parece loucura, mas, de alguma forma, acho que a realidade virtual suga nossa energia. Além disso, ela bloqueia completamente a conexão visual e auditiva do usuário com o mundo externo, o que não parece ser muito seguro.

Logo depois engoli minha pílula noturna e já estava na cama indo dormir, até que uma das janelas do meu trailer quebrou. Tinha um bilhete em um tijolo caído no chão. Estava escrito “Vindicta”. Vingança na língua esquecida latim. Então, uma bala acertou minha cabeça. Acho que as pessoas estão levando a realidade virtual longe demais. E o que era para ser só um jogo, virou mais importante do que a vida real.





A viagem do necessário

Luísa Mannelli Elene Gerlinger

Sou uma das poucas sobreviventes do ano de 2118. Bom, pelo menos é o que eu acho. Não saímos de casa há um bom tempo, e tudo o que temos de informação é o jornal, que nem sempre nos dá dados muito detalhadas.

Ligo a TV e algo me surpreende, “NOTÍCIAS URGENTES” é o novo alerta:

– Nossos cientistas apontam que agora só temos 1/5 de nossos antigos 11 bilhões de habitantes. Cada vez mais o vírus está afetando a Terra: animais morrendo, lugares sem cuidados, fazendo assim muitos de nossos recursos ficarem escassos. Felizmente encontramos respostas. É com você, Doutor Calvin.

– Minha equipe e eu, depois de vermos a situação, resolvemos dar um passo mais drástico. Iremos enviar o resto da população para um novo planeta quase igual à Terra, que descobrimos ano passado. Colocamos o nome de Demos.

– E para quando seria essa viagem doutor? – o apresentador pergunta.

– Ao final dessa semana – Ele fala.

Então saio correndo para arrumar minhas coisas.

No dia da viagem já tinha tudo pronto. Estava ansiosa e, é claro, com medo. Abro a porta pela primeira vez em muito tempo e então minha aventura começa. As ruas estão desertas e maltratadas. Só começo a ver um certo movimento quando chego perto da nave.

Ao entrar, vejo que é imensa, com tecnologias altamente avançadas por todo o local. Ao chegar no meu quarto, vejo duas



camas, escolho uma e logo durmo pelo cansaço. Quando acordo, percebo alguém andando em círculos, então supus que poderia ser a dona da outra cama.



Ao me ver é nítido seu alívio, e fala:

– Ainda bem que você acordou!

– Nossa, falando assim parece que eu dormi por anos – rio.

– Na verdade não, só por algumas horas, mas enquanto isso, percebi coisas muito graves! A propósito me chamo Georgia – ela me puxa para fora do quarto, e todo mundo está em seus celulares – Todos estão vidrados nas altas tecnologias da nave, confiam demais nela. Ninguém pensa em seus prejuízos. A viagem era para ser necessária para a humanidade, mas ninguém percebe que os cientistas se perderam ao fazer tudo isso e estão se prejudicando. É tecnologia demais! Podem ficar com problemas de visão, parar de conversar com a própria família e afetar a saúde física e psicológica de todos.

Começo a olhar para os lados da nave percebendo que era impressionante a quantidade e a qualidade desses recursos.



– Já pensei em um jeito de tudo isso parar. Precisamos destruir as torres de sinal da nave, ou seja, precisamos colocar uma sobrecarga na tomada da nave, uma bateria muito forte – Georgia fala.

Então começamos o plano, fomos procurar baterias. Ao encontrarmos, conectamos e então pudemos ver tudo sendo desligado aos poucos. Crianças começando a chorar.

Longas horas se passaram e só depois de muito tempo pudemos ouvir as pessoas parando de reclamar e a conversar novamente. Crianças começaram a parar de chorar e foram dormir, após várias noites acordadas vidradas naquela tela. Acho que essa viagem realmente era necessária. As pessoas precisam ir para um novo mundo, porque o único que elas conheciam era repleto da coisa que mais fazia mal para elas.





A descoberta

Luiz Guilherme Palmeira da Cunha

Em uma pequena cidade na Noruega, havia dois jovens que estavam estudando em um laboratório de biologia com enfoque em plantas, fungos e animais silvestres. Os nomes deles eram Max e Thomas. Max era fascinado por biologia, adorava animais e o melhor para ele era descobrir novas espécies. Thomas era um jovem negro que também adorava biologia tanto quanto Max, mas preferia estudar plantas e fungos.

Um dia, os dois estavam fazendo uma pesquisa sobre uma planta quando um helicóptero do governo norueguês pousou em frente ao laboratório. O sujeito que saiu era o primeiro-ministro da Noruega. Ele estava procurando por Max e Thomas, pois o presidente dos Estados Unidos estava pedindo aos outros países para recrutar os melhores cientistas de cada região. Ele perguntou aos dois se eles queriam ir para essa missão/pesquisa e os dois aceitaram na hora. Assim os dois foram para a Casa Branca de helicópteros supersônicos para começar essa tal pesquisa.

Quando eles chegaram à Casa Branca, notaram que havia muitos cientistas esperando do lado de fora. Foi quando o presidente chamou a todos para começar a falar sobre a pesquisa. Todos foram se acomodando em cadeiras com seus nomes, porém não tinha onde Thomas sentar-se, então ele teve que se sentar no chão ao lado da cadeira de Max.

O presidente tinha os convocado para a reunião, pois a sua equipe de estudos havia encontrado na Antártida uma espécie parasita nunca vista antes. Ele havia afirmado que a espécie podia controlar a mente e todo o corpo e não era resistente ao frio.





Um dos cientistas perguntou como eles deduziram isso. O presidente disse que um de seus cientistas havia sido infectado com o vírus, morrido e o corpo estava congelado. A missão deles era encontrar o cientista para recuperar o parasita. Max e Thomas ficaram animados com essa missão.

Um avião de grande porte havia levado todos os cientistas para a Antártida. Ao chegarem, eles se separaram em equipes: Norte, Leste, Sul e Oeste. Max e Thomas ficaram no grupo Oeste. Todos haviam começado a procurar o parasita. Max e Thomas estavam andando quando viram uma família de pinguins.

Eles perceberam que um dos pinguins estava agindo de uma forma violenta e feroz. Max deu um pulo, agarrou o pinguim e pediu para Max pegar um tranquilizante em sua mochila. Ele pegou o tranquilizante e jogou, acertando precisamente. Juntos, os dois descobriram que o pinguim estava infectado com o parasita. Thomas fez uma série de testes para remover o vírus do pinguim e dá-lo para o presidente. Quando eles chegaram para dar o parasita, o presidente agiu de uma forma preconceituosa com Thomas, dirigindo-se diretamente ao Max para pegar o pote, ignorando totalmente a presença de Thomas.



O presidente falou para Max que iria parabenizá-lo com um troféu de bravura e coragem. Thomas, vendo que seu trabalho não foi reconhecido também, num ato de rebeldia, não disse nem uma palavra na volta da missão. Quando eles retornaram aos Estados Unidos, tiveram que dar um discurso a respeito da missão e como ela impactava o nosso mundo. Quando chegou a vez de Thomas falar, ele comentou que iria sair da área da ciência, pois não estava em seus planos ser injustiçado. Ele finalizou dizendo que iria retornar a Noruega e ficar passando o resto de sua vida em sua casa.

Após a saída de Thomas do palco, Max foi até ele para questionar se era mesmo aquilo que ele queria para a vida dele.





Thomas nada respondeu e saiu cabisbaixo deixando o amigo para trás. O presidente tentou fazer com que Max ignorasse Thomas e seguisse sua carreira na área da ciência, trabalhando nos laboratórios de pesquisa dos Estados Unidos.

Pessoas que estavam presentes na hora do discurso filmaram toda a situação e postaram em todas as redes sociais para mostrar a injustiça que estavam fazendo com Thomas. As mensagens postadas tiveram muitas visualizações e muito impacto em todo o mundo, inclusive de várias pessoas politicamente importantes, fazendo com que o presidente percebesse o seu erro e chamasse os dois amigos novamente. Publicamente se desculpou com Thomas e o agradeceu pela sua importante contribuição a ciência. Esse dia ficou conhecido como: Dia da Consciência Negra Jovem.



A vida através de um sonho

Luiza Battistella Lima



Você já imaginou como seria se pudéssemos escolher o nosso sonho? Talvez não fosse tão bom. Amelia era uma garota de dezesseis anos de idade. Ela tinha um irmão com autismo chamado Jorge e uma mãe muito querida cujo nome era Sarah.

Amelia, embora parecesse uma menina normal, estava com muitos problemas. Seu pai, Samuel, havia morrido havia quatro meses e ela ainda estava sofrendo por sua perda. Mesmo já sendo dois mil e noventa e quatro, a menina estava vivenciando uma situação de bullying na escola por conta do seu cabelo enrolado e sua cor de pele. Seu irmão mais novo, por causa do autismo, não entendera que seu pai estava morto, para ele o pai estava apenas viajando.



Tudo estava sendo uma bagunça para Amelia, que ficava o dia inteiro falando com seu robô, Sally, que sua mãe comprou para animá-la um pouco.

Nesse mesmo ano, o cientista Geovane Whild havia criado uma máquina na qual o usuário poderia escolher seu sonho! Ele havia produzido isso porque o mundo tinha se tornado virtual, e por causa disso havia luzes brancas por toda parte. Tais luzes acabam diminuindo o hormônio do sono, por isso as pessoas compravam pílulas para dormir, já que nessa época todos passavam o dia inteiro on-line na frente das luzes, mesmo que fosse para falar com um amigo robô. Essa pílula aumentava a melatonina, deixando a pessoa com sono, porém





causando pesadelos a muitos. Sendo assim, esses problemas seriam resolvidos com a máquina dos sonhos, chamada de M.C.S. (Máquina criadora de sonhos).

Amelia se animou muito com a ideia, já que isso daria a ela um tempo de seus problemas. Sem pensar, a menina correu para a loja mais próxima e comprou o produto. Quando voltou para casa, ela nem esperou para chegar à noite. Leu as instruções rapidamente, fechou a cortina de seu quarto e colocou a máquina para funcionar. O que a menina não havia percebido é que ela tinha programado a M.C.S. para um minuto na realidade ser equivalente a um ano em seu pensamento.

Amelia estava sonhando com uma vida perfeita. Seu pai estava de volta e não havia problemas. Para ela tinha se passado um dia nessa ilusão, e ao invés de sair, resolveu ficar mais um dia.



No dia seguinte, ela esqueceu completamente que estava sonhando e continuou a ficar nessa situação o equivalente a quarenta anos para ela! Ao todo já tinha cinquenta e seis anos que ela estava em uma ilusão da M.C.S., tinha duas filhas e um marido que a amava.

Na sua casa era tudo feito com muita tecnologia, robôs, realidade virtual e tudo que apenas as famílias mais ricas tinham. Mas para ela só importava sua família que havia construído com muito amor.

Quando Jorge, seu irmão, queria brincar com Amelia, ele ligou a luz do quarto, tirou ela da máquina e acordou-a. Ela, de início, não estava entendendo onde estava, mas quando percebeu que toda sua família, criada no sonho, era apenas fruto de sua imaginação, começou a chorar. Jorge, sem entender, foi embora do quarto.



A menina, sem saber o que fazer – pois sabia que sua vida não teria sentido sem seu marido e suas filhas – não pensou duas vezes. Ela encostou em Sally e apertou um botão para se dar um grande choque e morreu.

Sua verdadeira família ficou inconsolável, pois além de terem perdido Samuel, perderam Amelia. Tudo isso porque ela, igual a muitos, buscou a saída mais fácil para seus problemas confundindo a tecnologia com a realidade, sem pensar em sua verdadeira família.





Robô ou Humano?

Luiza Mezadri Dadalti

Estava na garagem com meu pai, Gerek. Precisávamos arrumar o carro que tinha quebrado, ficamos mais de duas horas para consertar o freio que estava com problema. Falei para meu pai que ia descansar um pouco, saí da garagem e aproveitei para beber água e ver um pouco de celular. Quando eu abri a plataforma de vídeos, apareceu um vídeo de um robô fazendo várias atividades domésticas como lavar a louça, arrumar a cama, lavar o banheiro...Fiquei encantado! Saí correndo para chamar meu pai, mas ele continuava arrumando o freio. Mostrei o vídeo e falei que queria construir o robô do zero.



Depois de vários dias construindo a máquina, chegou o dia de colocarmos a última peça. No mesmo instante, acendeu uma luz vermelha e ele falou “Olá, me chamo Xiaomi, estou aqui para te ajudar”. Fiquei perplexo. Saí para mostrar para minha mãe, Caitlin, o que tinha feito. Ela estava na sala. Quando cheguei, puxei o seu braço e a levei para a garagem. Ela falou que eu deveria destruí-lo e nunca mais criá-lo de volta. Ela tem medo do que a máquina pode fazer. Na hora falei que não iria destruir e que Xiaomi ajudaria nos trabalhos de casa.

Depois do terceiro dia de Xiaomi em casa, ele começou a ficar estranho. Não queria mais limpar a casa e escondia as roupas da minha mãe embaixo da cama. Ela já estava explodindo de raiva, mas eu expliquei que Xiaomi era novo em casa e que em pouco tempo iria se acostumar. Ela sabia que teria que ter paciência, então ignorou a existência do robô.





À noite, minha mãe e meu pai saíram de casa, então eu vi a oportunidade perfeita para conversar com o robô e tentar entender o que estava acontecendo com ele. Busquei o robô pela casa inteira, mas não achei. Desci para a garagem e, quando cheguei, ele estava olhando para cima. Chamei ele três vezes, mas não olhou nenhuma, então fui para frente dele e gritei. Logo abriu os olhos furiosamente e me olhou no fundo da alma. Confesso, na hora fiquei morrendo de medo. Comecei perguntando por que ele escondia as roupas da minha mãe, e me surpreendi com a resposta. Ele disse que não gostava dela. Na hora, fiquei perplexo. Como uma máquina podia ter sentimentos? Saí correndo da garagem e logo depois telefonei para meu pai.

Eles chegaram muito rápido, contei o que havia ocorrido. Então meu pai pegou Xiaomi, colocou no carro e fomos para um laboratório especializado em máquinas inteligentes. Colocaram um capacete que capturava suas ondas cerebrais e tudo que se passava em sua cabeça. As informações iam direto para uma TV que havia na clínica, então vimos a imagem de um robô no meio do deserto convocando milhões de outros robôs, mas todos tinham uma coisa em comum, os olhos deles estavam vermelhos, como se estivessem com raiva. Logo depois desligamos o aparelho e chegamos à conclusão de que Xiaomi achava que era humano e que tinha sentimentos reais.



Voltamos para a casa e a primeira coisa que fizemos foi jogar Xiaomi do telhado de casa. Vimos uma lágrima escorrer lentamente de seu rosto feito por fios. Aí fiquei na dúvida, será um humano ou robô? Mas quando o sol refletiu e eu pude ver os metais, não tive dúvida nenhuma.





Uma nova realidade

Lys Florêncio Fernandes Akadiri Soumaila

Coral era um planeta frio até a grande invenção de 7030, quando criaram geradores que nos aquecem pela energia eólica. Agora temos temperaturas tão altas que atingem até dez graus Estelares no verão!

Meu pai dirige a empresa Interestelar, que cuidou da mudança dos humanos da Terra para Coral em 5500. A empresa controla tudo que acontece por aqui: o tempo, a duração do dia, as ondas do mar, os programas de TV e até a morte das árvores.

Minha mãe gosta de me contar histórias sobre a Terra. Ela disse que lá havia animais que respiravam, e outros que voavam em um céu tão azul que parecia tinta, temperaturas tão altas que passavam de 30 graus célsius (a medida de temperatura da época) e nós humanos só vivíamos até 100 anos ou menos!

Meu pai evita falar sobre isso. Ele diz que devemos esquecer as tragédias. Nunca descobri qual foi o fim do planeta, mas eu quero muito saber. Quando me formar na escola esse ano, quero fazer faculdade para ser astronauta.

Já até me inscrevi para fazer o teste para a Escola de Astronautas de Coral. Escondi do meu pai porque ele nunca aprovaria. Se ele nem quer que eu saiba sobre outros planetas, imagina explorá-los.

Hoje finalmente chegou o dia. Contando comigo, embarcaram 20 pessoas em uma nave que iria em direção à Terra. Durante os três dias de viagem revisamos o plano de missão e tivemos algumas aulas teóricas. Quando finalmente aterrissamos, fomos divididos em equipes para começar a explorar.





Eu e meu time fomos para o Brasil, um país que antes era habitado por um povo muito diverso. Era um lugar triste, algumas árvores não tinham as folhas, mas outras não tinham metade de seu tronco. As águas eram tão poluídas que não tinham os peixes dos quais minha mãe tanto falava e o céu era cinza como fumaça industrial.

Então foi isso que aconteceu! Mas como?

No fim de um longo dia procuramos um lugar para dormir. Acho que não fui a única a reparar que nesse planeta o Sol demora muito mais para se pôr.

Nós nos dividimos em duplas para procurar abrigo. Eu fui com a diretora da faculdade, Kylie. Passamos por uma grande cidade. Havia prédios, carros, lojas, shoppings... Todos abandonados.

Quando chegamos na estrada, passamos pela entrada da floresta. Depois de um tempo andando achamos uma porta de madeira de uma imensa caverna. No momento, abrimos sem imaginar o que nos aguardava. Afinal o que poderia acontecer em uma terra desocupada?



Para minha surpresa esse lugar era diferente de tudo que eu já havia visto em toda minha vida. As folhas das árvores e arbustos eram verdes como corante, havia flores de todos os tons, de todas as cores e animais que havia visto no meu livro de história!

Acho que Kylie já sabia o que estava acontecendo, pois assim que entramos pediu para que fôssemos embora. Mas era tarde demais. Fomos cercados por um grupo com vestimentas, dialeto e cultura diferente. Falavam algo que eu não entendia, mas que minha parceira respondeu rapidamente.

Pedi para que ela me explicasse o que estava acontecendo. E ela o fez, mas parecia muito triste em admitir, como se fosse a primeira vez que falava isso para alguém:





– Quando os cientistas perceberam que não havia mais solução para esse mundo, a empresa de seu pai ocupou uma ilha no meio do Pacífico e disse que levaria a humanidade para um planeta inovador chamado Coral. Mas esse povo decidiu lutar pela sua casa e não aceitou abandoná-la. Nós os chamamos de indígenas, eles têm uma relação muito especial com a natureza.

Depois do fim da missão, as equipes foram para casa. Eu decidi ficar e ajudá-los a consertar o que o humano destruiu.



O incidente da área 51

Manuela Adissi Mattos Fernandes



Lá estava eu, prestes a realizar o meu maior sonho desde que nasci, quando tudo começou a dar errado. Há muito tempo o meu pai ganhou um cargo alto na Área 51. Como sou filho de dois cientistas do local, acabei crescendo lá, ouvindo rumores e teorias de trabalhadores e babás que tive ao longo da vida sobre o que poderia ter nos laboratórios da parte de baixo. Diziam que havia monstros, alienígenas. Até eu fazer certa idade não podia entrar lá, e meu pai sempre me contava histórias daquela parte.

Eu nunca pude sair da Área 51, então meus únicos amigos eram como eu, filhos de cientistas. Seus pais não pareciam gostar muito deles, pois faziam experimentos com as crianças. Depois que iam para o laboratório nunca mais as via. Quando atingi a idade mínima para ir para a parte subterrânea, logo comecei a trabalhar como cientista aprendiz. O lugar era melhor do que eu imaginava, havia muitas coisas além do que meu pai dizia, como jaulas com espécies de monstros, alienígenas, mas principalmente robôs superdesenvolvidos. O maior era o Detron, uma máquina mortífera que parecia ter vida própria.



O meu primeiro dia com certeza ia entrar para a história, mas não de um jeito bom, pelo menos para mim. Estava tudo indo bem, adorei fazer parte da equipe e as pessoas eram muito legais comigo, mas quando o dia estava acabando todos já tinham ido embora e eu tinha terminado um projeto, então olhei para o lado e vi o Detron, o maior projeto de robô já visto dentro e fora da Área 51. Minha curiosidade foi tanta que tive que chegar mais





perto. Quando me aproximei, ele começou a se mexer lentamente fazendo um barulho absurdamente alto, que me fez cair no chão. Então o robô ficou furioso, os olhos mudaram de cor de azul para vermelho rapidamente, me apavorei e comecei a correr. A máquina destruiu todas as paredes e o teto. A última coisa que eu vi foram meus pais vindo na minha direção, apavorados, e desmaiei enquanto Detron passava pelos seguranças e todas as armas, fugindo pela estrada.

Acordei desorientado com meus pais olhando para mim. Vi a televisão que tinha atrás deles e não acreditei, estava em todos os jornais a notícia do meu incidente. O chefe da Área 51 veio em minha direção com uma expressão séria e irritada, me olhou e disse:

– Qual é o seu problema? Seus pais deveriam ter vergonha de você!

Meus olhos se encheram de água.

– Pegue suas coisas. Você não é mais bem vindo aqui!

Me levantei, arrumei minhas malas, dei adeus aos meus pais e fui embora. Assim que saí olhei para frente e vi uma multidão na porta da frente. Todos começaram a chegar mais perto de mim, quando senti uma mão me puxar para os fundos, vi quem era e me surpreendi, eram os filhos de cientistas que eram cobaias de testes e sumiam. Eles disseram que fugiam depois dos testes e ficavam em uma espécie de porão bem profundo e foram eles que danificaram o Detron como forma de vingança com seus pais, mas não esperavam que ele sairia de controle. Por sorte o robô tinha um botão de desligar que poderia ser facilmente ativado. Olhei para uma TV e vi a notícia, tinham conseguido prendê-lo em um galpão, e o local era bem perto de onde estávamos, então fomos todos juntos. Foi difícil na entrada, pois havia muitos jornalistas, mas conseguimos entrar e desligar ele. Depois disso dei muitas entrevistas, para não prejudicar



meus amigos, levei toda a culpa por tudo. Como forma de perdão eles me ajudaram a voltar para Área 51 e reencontrar minha família. Como eu tinha muitas informações que poderia facilmente vazsar para a imprensa, o chefe concordou em me manter lá dentro. Hoje trabalho nos laboratórios como sempre quis e estou junto com as pessoas que eu amo.





O fim da espécie humana

Manuela Belmonte Poletto

O que pensávamos que não iria acontecer, infelizmente aconteceu. Extraterrestres existiam e eles dominaram o mundo.

Tudo aconteceu do dia para a noite. Depois dessa pandemia global que ocorreu nesses últimos tempos, mais conhecida como Covid 19, estávamos achando que 2023 seria um ano mais tranquilo, mas com certeza nos enganamos.

Três dos mais conhecidos cientistas criaram uma espada de titânio que era capaz de destruir qualquer coisa, inclusive o planeta Terra. Durante a noite, o laboratório onde a espada estava sendo guardada foi invadido por criaturas diferentes. Ninguém sabia como eles conseguiram entrar lá, até porque tinha centenas de câmeras, alarme e guardas dentro e fora do local. O alarme foi disparado às três horas da manhã. O tempo passou e o barulho não parou. Por volta das quatro e meia da manhã, os policiais chegaram ao local e se depararam com todos os seguranças mortos

Após a situação se acalmar um pouco, as polícias foram checar câmeras e viram que os alienígenas utilizaram armas biológicas para matar os outros. Eles se assustaram após ver se a espada foi roubada e havia o risco de o planeta Terra ser destruído.

Todos entraram em desespero. A notícia já tinha sido alertada no mundo inteiro. A nave alienígena estava sobrevoando em algum lugar do universo. As quadrilhas aéreas de todos os países foram acionadas. Todos estavam chocados, pois quase ninguém acreditava na existência de extraterrestres.



A nave espacial tinha sido avistada sobrevoando pela China. Os aviões do Exército chinês estavam muito perto da nave dos nossos inimigos. Estávamos quase detendo eles quando a espada foi lançada para a Terra e em um piscar de olhos, tudo explodiu.

O Planeta Terra sumiu, nada restava. Os únicos sobreviventes foram as pessoas do exército que estavam nas naves. O mundo foi dominado pelos alienígenas e eles estavam no comando de tudo.





O novo planeta Brok32

Manuela Croesy Galvão dos Santos

Lana era uma menina de 15 anos. Seus pais, Richard e Emily, eram cientistas famosos e renomados. Eles trabalhavam na NASA, então nunca tinham tempo para ela. A garota ficava 95% de seu tempo com a babá, que praticamente a criou. Richard e Emily sempre compravam presentes caros e vários outros bens materiais, porém não era o suficiente para a criança. Ela acabava se sentindo sozinha e pouco amada, já que seus pais estavam sempre no escritório.

Em 2032, em um dos projetos de seus pais, ela e sua família decidiram fazer uma viagem arriscada. Eles iriam viajar para um novo planeta que foi descoberto, o Brok32. Lana não concordava muito com a ideia, pois era muito arriscada a viagem e ela também não queria deixar sua vida inteira para trás.

Seus pais estavam convencidos de que fariam a expedição e nada mudaria o pensamento deles, já que isso valeria muito dinheiro. Se a missão fosse completada, eles receberiam mais de 1 milhão de dólares.

Semanas se passaram e já estava quase tudo pronto para a viagem. Todos se sentiam muito tensos, mas estavam confiantes de que tudo daria certo.

Finalmente tinha chegado o dia tão esperado da viagem. Eles entraram na nave e a primeira coisa que Lana sentiu foi adrenalina, pois apesar de estar nervosa, estava também animada com o que estava por vir. Tudo estava dando certo quando avistaram o planeta e aterrissaram.

Quando eles chegaram lá, perceberam que já havia habitantes e, para a surpresa de todos, eles eram pessoas comuns



como a gente. A família de Lana e sua tripulação ficaram armados e preparados em caso de ataque à família.

Com o passar dos dias eles perceberam coisas estranhas, por exemplo, eles bebiam água pelo nariz e respiravam pela orelha. Eles também se comunicavam por uma língua diferente chamada broksy. Lana fez amizade com uma menina que mostrava para ela lugares inacreditáveis de tão bonitos que eram.

Os últimos dias se aproximam e a família de Lana disse que eles teriam que ficar por mais tempo lá, pois ainda tinham mais trabalhos pendentes. O dia da volta tinha chegado e eles já tinham deixado tudo pronto, então ela se despediu de sua família e foi.

A viagem parecia perfeita quando a tripulação disse que avistaram um buraco negro. Todos entram em pânico, pois ela estava com muito medo de morrer sozinha sem ninguém que realmente a amava. Os pilotos ficaram desesperados porque eles não tinham saída, eles iriam ter que entrar lá e morrer.

Minutos depois, a aeronave foi sugada ao buraco negro e todos morreram. Depois que os pais descobriram, ficaram devastados, pois sabiam que era tudo culpa da ganância por fama e dinheiro





A visão de uma máquina

Manuela Éboli Haddad

Mais um dia intrigante de estudo para Ms. Tobins. Enquanto navegava na internet, encontrou uma manchete que lhe chamou a atenção: “Inteligência artificial recria o que pessoas viram a partir de exames cerebrais”. O produto havia sido lançado há apenas três dias, mas a cientista não perdeu tempo, afinal, dinheiro não seria o problema, queria mesmo era explorar a capacidade da máquina de interpretar palavras para chegar ao resultado visual. Quando entrou na loja, deparou-se com o robô Arese Meirelles. Parecia um computador pequenino. Nele havia um teclado e uma tela que mostrava suas resoluções.



O que os pesquisadores fizeram foi trocar as palavras por varreduras cerebrais, que eram exames de ressonância magnética do cérebro; uma linguagem que nós, humanos, não sabíamos ler, mas que a IA aprendeu.

Esse sistema precisou ser personalizado para cada indivíduo, e assim foi feito. Ao retornar para a casa, Msr. Tobins relatou ao robô que havia visto algumas árvores aglomeradas, bem diferentes umas das outras, com troncos largos e galhos finos e retorcidos, e uma coloração bem viva em tons de verde. O robô compreendeu direitinho. Parecia até uma fotografia.

Ao longo do dia, a cientista abusou da IA até gastar toda a bateria. Assim que o Sol nasceu, digitou para Arese e recebeu uma linda imagem. Era realmente muito divertido conversar com seu novo amigo. Arese interpretava tudo! Mas os problemas começaram a aparecer quando Msr. Tobins avistou de sua janela outras pessoas na rua com o robô inteligente...



Eram muitas, muitas mesmo, a grande maioria dos cidadãos havia comprado a IA. A situação já estava saindo do controle. As crianças não brincavam mais, os adolescentes não falavam em outra coisa.

Uns dias depois, Ms. Tobins passou por alguns jovens, aparentemente a caminho da escola, completamente entretidas em seus aparelhos novos. Decidiu relatar ao seu próprio robô, então digitou em seu teclado, entretanto, teve uma resolução peculiar. Arese reproduziu um planeta mecânico, todos os humanos não mais existiam, eram administrados por cérebros robóticos.

Mrs. Tobins não teve outra escolha. O melhor a fazer seria devolver o robô à loja, ou então, jogá-lo fora. A ciência acreditava que a evolução da tecnologia poderia ser capaz de extinguir os seres humanos. A máquina foi jogada no lixo e a humanidade não tinha mais nenhum controle sobre a tecnologia.





De volta ao passado sobrevivente

Manuela Inacio Colebergue Silveira

Venho falar do ano de 2054. Sou a única sobrevivente do maior desastre do mundo. Meu nome é Belle, tenho 16 anos atualmente. Morava em uma pequena cidade chamada Tree-sound. Lá vivia com minha avó, Rosa, e meu cachorro, Blendy. Tudo era perfeitamente bom.

No ano de 2044, os cientistas comprovaram que há cada dez anos, de fato, ocorria uma pandemia, e que mais de 1/3 da população mundial era exterminada, e dessa vez não tinha sido diferente. Mais da metade da população se foi com a nova gripe chamada UZO. Muitos comércios se fecharam por falta de empregos e, por sua vez, as ruas ficaram completamente desertas.

Depois de nove anos do ocorrido, tudo estava voltando ao normal, comércios se reconstruindo e as ruas lotadas novamente, mas o pior estava por vir. Dia 15 de outubro, às 14h55, o jornal anunciou uma notícia urgente: “Maior asteroide já visto está a caminho de colisão com o planeta Terra”.

Entramos em choque total. Nas imagens, o jornal mostrava quão grande o asteroide Plodus era se comparado à Terra, tão grande que os cientistas jamais teriam imaginado. Aos poucos a cidade foi ficando cada vez mais escura, pois o asteroide estava chegando perto demais.

Finalmente chegou o dia 5 de janeiro de 2054. Me perguntava o que iria acontecer depois, mas o medo estava me dominando. Segurei-me em minha avó com tanta força como jamais imaginei, sabia que sentiria muita falta dela, então...





Acordei deitada no chão barrento em um lugar desconhecido. “Mas o que está acontecendo?”, pensei. Fui à procura de pessoas, vozes talvez, mas nem um sinal. Minha visão estava embaçada demais para ter certeza do que estava vendo.

– Dinossauros?!

Gritei, na esperança de que algo acontecesse. Não era possível! Será que estava no passado? Mas como isso era possível? Não sei dizer, mas continuei andando sem rumo. Horas e mais horas andando, só em busca de um local seguro. Peguei-me pensando se de fato a teoria sobre o tal asteroide que colidiu com o planeta antes da Terra era verdade, mas era apenas uma teoria de como a Terra tinha se tornado a Terra.

Bom, não sei dizer, mas anos se passaram e nenhuma mudança acontecia. Rezava para que logo voltasse para casa, aos braços de minha avó, até que vi uma “bola de fogo” se aproximando de onde estava, até que “kabum”.

Acordei em uma sala totalmente branca e clara. Lá tinha dois homens de branco que falavam uma língua que eu nunca tinha ouvido. Em seguida, um dos homens de branco veio falar comigo, como se eu fosse algo sobrenatural.

– Você é uma espécie rara de robôs. Desde que fizemos os experimentos em você, não tivemos nenhum resultado. Então, em respeito à lei, sua história acaba aqui.

Fiquei assustada. Me perguntava o tempo todo se minha avó ainda estava viva. Logo senti meu corpo formigar e, em questão de segundos, apaguei.





De Volta a Marte

Manuela Lagoa Sanches

Pela quarta vez eu realizei meu sonho. Desde pequeno tinha o desejo de ir a Marte. E posso, com orgulho, afirmar que sou o astronauta mais capacitado dessas expedições. Na viagem, éramos quatro pessoas: eu, Pietro, outros dois especialistas, Marcelo e Gustavo e a Ana, minha assistente.

Nas primeiras expedições, mais especificamente na primeira e na segunda, tudo ocorreu como planejado. Assim que a nave pousava, vinha o melhor sentimento de alívio e empolgação. Além disso, a sensação de estar em um novo planeta era indescritível, uma mistura de vislumbre e medo. E foi essa sensação que manteve a minha vontade de ir a Marte, até certo ponto.



A minha melhor lembrança de lá sem dúvida era a noite. Meus olhos nunca haviam presenciado uma vista de tal magnitude até ver o céu estrelado de lá. Mas apesar de ser incrível, olhar aquele avermelhado e ver aquelas criaturas magníficas, eu não tinha vontade de voltar a Marte, depois de tudo que se passou na terceira expedição.

Tudo estava ocorrendo como previsto, até que eu e a minha equipe começamos a ter fortíssimas dores de cabeça. Foi muito estranho, pois as intensas dores duravam de cinco a dez minutos, e eram tão intensas que não havia possibilidade de nos movermos. Outra coisa que nos deixou em alerta foram os objetos, que, sem nenhuma explicação, se moviam ou até mesmo desapareciam, como se fosse uma alucinação. E o que mais me chamou atenção foi o que veio a ocorrer nos últimos quatro dias de expedição, as mudanças de humor. Não havia como descrever a



não ser como bizarro. Meus companheiros mudavam de forma tão estranha que eu não conseguia ficar perto deles.

Eram instantes, sem motivo aparente, eles ficavam extremamente agitados e agressivos e logo depois voltavam ao normal. Meu pavor foi tão grande que me tranquei na minha cabine pelo maior tempo possível.

Quando chegamos à Terra, meu primeiro instinto foi pesquisar o que causou tal comportamento. Após uma semana de intensos estudos, cheguei à conclusão de que tudo tinha se originado porque gases eram emitidos a partir de microcra-teras e esses gases prejudicavam várias características do corpo humano.

Mesmo com todos esses malefícios à nossa saúde, nós tivemos outra expedição. Com todos os ocorridos, era no mínimo questionável o motivo da nossa quarta expedição. Porém, o motivo era simples: incráteres, que consistia em um líquido extraído de uma rocha marciana, cuja função era rejuvenescer as pessoas. O valor desse recurso na Terra era inestimável. Muitos dariam a vida por um simples frasco.

Ao chegarmos em Marte, me veio uma sensação muito estranha, como se eu pudesse prever o que viria a acontecer. E aconteceu. Passada uma semana, todos os sintomas voltaram a se manifestar, mas de forma agravada. Ocorreram mudanças físicas. Meus colegas ficaram irreconhecíveis, com olhos avermelhados, bolhas azuladas pelo corpo e um comportamento irracional, que chegava a ser desumano.

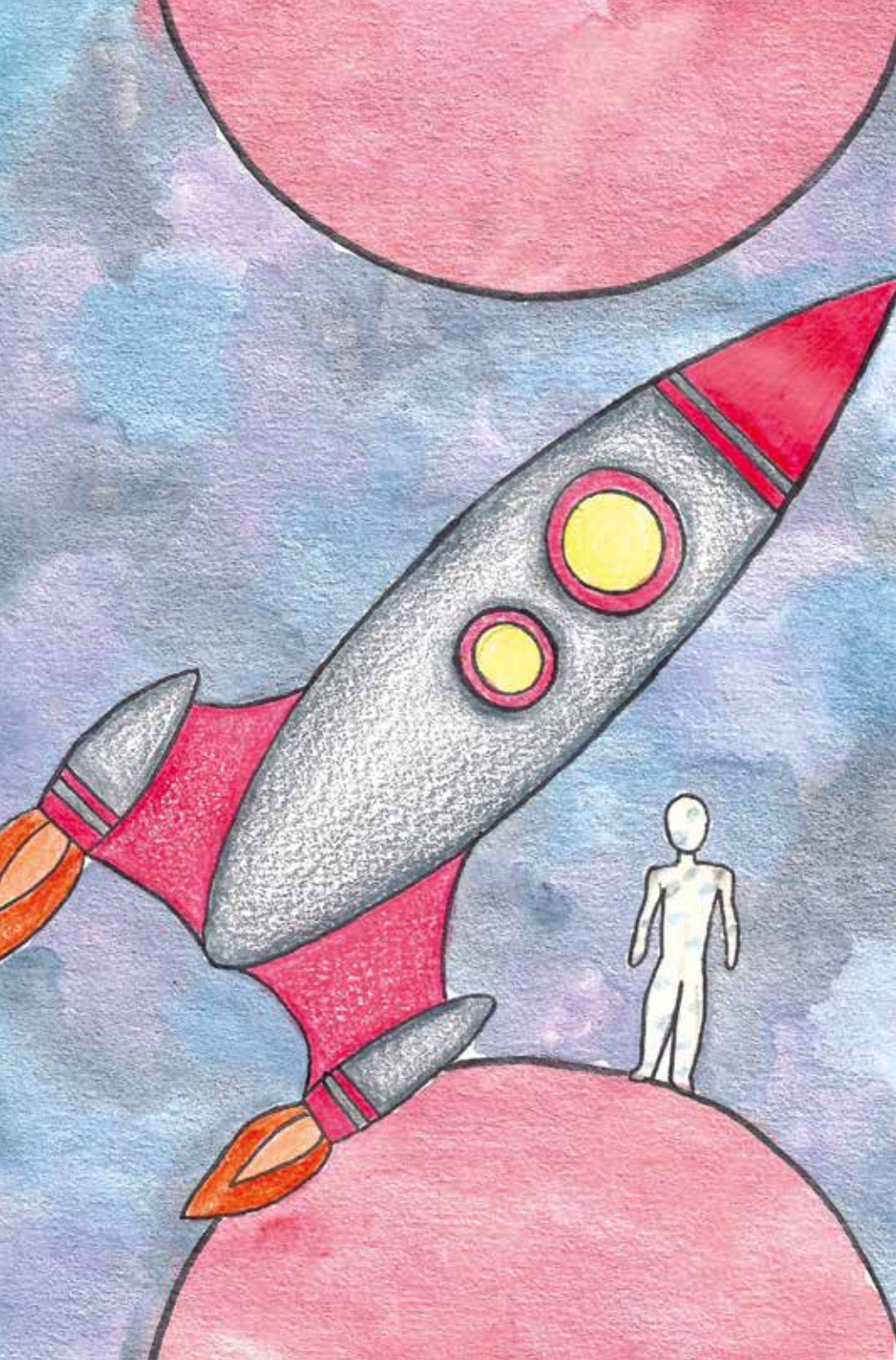
Assim que nos deparamos com tal cena, eu e Ana alertamos nossos superiores e saímos de lá o mais rápido possível. Mas infelizmente, nossos colegas já não eram mais os mesmos, e tivemos que abandoná-los. A chegada ao nosso planeta natal foi triste, mas o pior de tudo foi a fala dos meus superiores “A vida deles foi um preço justo a pagar por algo tão valioso”.





Fiquei em choque com tamanha frieza vinda dele. Quem pensaria que era justo colocar em risco uma vida apenas por lucro? Quem teria tamanha ganância? Parei para pensar, e na nossa sociedade, algo assim não é considerado coisa de louco, mas sim um preço justo a se pagar.







Deixe-me no passado

Manuela Pupo Costa

Era mais uma segunda-feira quando acordei com o barulho do despertador. Estava tão ansiosa para aquele dia que programei ele para tocar 20 minutos antes. Tomei café, troquei de roupa e saí de casa com toda pressa do mundo.

– Bom dia, Nina! A Julia já está aqui? – eu perguntei com altas expectativas.

– Bom dia! Sim, ela está te esperando na sala B13M... você sabe o que aconteceu com ela? Ela me pareceu meio cansada quando a vi.

– Acho que é por causa do horário. Vou lá ver ela. Obrigada.

Durante o caminho até a sala, fiquei pensando no que Nina falou. Esperava que ela estivesse bem, e que não fosse nada...

– Julia! Eu nem acredito que a gente vai fazer isso juntas!

– Nem eu...! Espero que dê tudo certo no final.

– Como assim “espero”? É claro que vai dar tudo certo!

Estranhei a entonação dela. Ela nunca foi dessas de ficar desanimada com novos projetos. Mesmo assim, continuamos nossas pesquisas. Foram ao todo 3.709 dias de trabalho, isso sem contar os feriados e fins de semana que eu passei no laboratório. Ela estava pronta.

Na sexta-feira, 21 de março de 2879, foi inaugurada “A primeira máquina do tempo já criada” ou como a chamamos “MAC1121”.

Após uma grande festa de comemoração, começaram os sorteios para ver quem seria o primeiro a testá-la, e por sorte foi





a Julia. Corri para contar para ela, e pela primeira vez em muitos e muitos dias de trabalho, eu a-vi realmente feliz.

Algumas semanas depois, o grande dia chegou. Passamos e revisamos as informações relacionadas à viagem e com a segurança da máquina. Quando chegou a hora, coloquei o código de acesso e o ano para o qual ela gostaria de viajar, 2021. Nos despedimos e em um piscar de olhos, ela sumiu.

Dias, semanas e meses se passaram, quando fui chamada para uma missão de resgate em busca da minha amiga. Foi comprovado, por meio de novos desenhos e escritas em paredes antigas, que Julia estava em perigo. Fui logo convocada a fazer uma missão de resgate à minha amiga. Não fiquei muito ansiosa com a ideia, mas eu tinha que salvá-la, e não existia ninguém que conhecia a máquina melhor do que eu.

Cerca de uma semana depois, estava tudo pronto para a minha viagem. Como da última vez, coloquei o código de acesso, e o mesmo ano para o qual Julia havia viajado. Ouvi BUM, o barulho da porta fechando. Foi o início dos piores minutos da minha vida. Eu sentia a máquina tremendo e fazendo um barulho bem alto, mas ao mesmo tempo, do lado de fora do vidro, via as cores do universo, as estrelas...



Quando senti a máquina parar, não tive dúvidas se eu estava no lugar certo. Apesar de ser o mesmo laboratório, ele estava tão vazio, que a única pessoa que percebeu minha presença foi a Julia. Assim que ela me viu, veio correndo me abraçar. E finalmente, quando ela me soltou, eu entendi por que ela não tinha voltado. AS MÁQUINAS ESTAVAM COMPLETAMENTE DESTRUÍDAS. Nessa hora, todas as minhas expectativas de voltar se foram, e tudo o que consegui fazer foi começar a chorar.

Para eu tentar me distrair, ela deu a ideia de eu dar uma volta pela cidade e ver como eram as coisas em 2021, enquanto ela ficava analisando as máquinas e vendo o que era possível





reutilizar delas. Gostei da ideia e na mesma hora saí do laboratório para explorar as ruas da cidade.

Era tudo muito diferente do que eu estava acostumada: as moradias não eram todas tecnológicas, os carros tinham rodas e andavam no chão, as pessoas andavam com um pano no rosto, parecia que eles estavam se protegendo de alguma coisa...

Quando cheguei o fim da tarde, voltei para o laboratório e para minha surpresa, a máquina estava pronta!

– Tcharam! Surpresa! – gritou Julia orgulhosa – Eu disse que seria uma boa você ir dar uma voltinha.

– Julia!! Como? Como você fez isso tão rápido? – eu perguntei indignada – Você teve alguma ajuda?

– Claro que não! Fiz tudo sozinha... só troquei as peças ruins de uma para as boas de outra, e as que faltaram eu peguei do laboratório.

– Você é uma gênia! Vem, vamos para casa! – eu disse, indo em direção à máquina.

Coloquei o ano que a gente voltaria, o código e fui logo entrando, e deixando um espaço para ela. Ela veio em minha direção, me entregou um papel, e fechou a porta da cabine, me enviando de volta para o presente.

Após ler a carta, fiz o que ela pediu. Abri a pequena janela da máquina e joguei o papel para fora, deixando-a no passado.

“Bia, obrigada pela missão de resgate e por todas as memórias que você deixou em mim, mas eu não posso voltar sabendo que os próximos dias da minha vida vou passar fazendo algo que não amo. Essa é a minha chance de ter a vida que eu quero. Espero que você me entenda e faça com essa carta o que você deverá fazer comigo: me deixar no passado, para sempre.”



A última chance para o novo começo

Manuela Ribeiro de Moura



De novo, não consegui dormir porque estava pensando em como começar do começo, como voltar o mundo antes dos robôs. Já era o ano de 2348 e pela centésima vez não consegui. As máquinas estavam tecnológicas demais para serem vencidas. Elas tinham saído do controle, estavam dominando tudo. Queria o mundo de volta como era antes, sem esse monstro controlando. Quando criei as máquinas foi para ajudar a humanidade e não para destruí-la. Infelizmente, o contrário aconteceu. Ao invés de as máquinas cooperarem e melhorarem a inteligência artificial, só pioraram. O meu medo sempre foi não conseguir resolver tudo que destruí.



Todas as vezes que eu tentava desconectar e desligar as máquinas, elas ficavam mais difíceis para tentar combater. Não lembrava mais como funcionava o aparelho dos robôs porque cada um deles tinha o seu próprio dispositivo. Eles não seguiam o que o servidor mandava. Faziam o que queriam: matavam, roubavam, quebravam tudo e todos a sua volta. Estava perigoso andar nas ruas, não pelos humanos e sim pelos robôs – ou monstros, como muitos diziam. Não havia muitas pessoas vivas, mas as únicas que restavam imploravam para eu destruir aquelas máquinas.

Sem comer e dormir há dias, consegui sair para comprar comida. Correndo perigo nas ruas, me escondi atrás de uma casinha pequena, umas das únicas além da minha que ainda não tinha sido ocupada por eles. Achei estranho e entrei. Quando abri





a porta, uma criança estava sentada no chão, com muito medo e fome. Sem falar, segurei-a no colo e levei-a para a minha casa. A criança olhava para todo o lado, querendo saber onde estava. Curiosa, perguntou se tinha sido eu que criei os monstros e porque eles tinham matado os pais dela. Sem conseguir falar, mexi a cabeça com a expressão de afirmação.

No dia seguinte, sem ter dormido, levantei e fui tentar de novo combater os monstros que mataram os pais da criança. Não consegui. A tecnologia estava avançada demais para ser destruída. No outro dia também sem sucesso para combater. Infelizmente, no outro foi pior ainda. Acordei muito desanimado sem saber o que fazer, levantei-me e fui direto para o computador. Depois de alguns minutos, a menina veio falar comigo, perguntando se eu precisava de alguma ajuda. Mesmo eu falando que não queria, ela me ajudou.



Passaram-se quatro horas e nada. A garota já estava cansada do tempo na frente do computador. Falei para ela ir descansar e sem querer ela encostou o dedo em um botão a destruição total, que eu criei caso os humanos fizessem algo de errado, como botar fogo em um prédio, matar as outras pessoas, entre outros problemas.

A cidade parou, houve um silêncio sem fim. Quando os robôs começaram uma guerra e invadiram a minha casa, pegaram a garotinha e a levaram para longe. Quando olhei para trás, o robô chefe estava lá. Fiquei sem reação, ele tirou uma arma de destruição total do corpo e atirou em mim. Tudo ficou destruído.

O que eu queria era isso, porque infelizmente tudo foi minha culpa, mas não gostaria que acabasse desse jeito, sem um final feliz. Queria conseguir destruir os robôs e toda a tecnologia assustadora que eu criei. Agora a última chance para o novo começo tinha acabado, sem muita explicação.





Planeta X-423

Marcos Paulo Mariano dos Reis de Almeida

Era 23 de dezembro de 2076 quando a nave C.O.L.O.N.O fez uma viagem até o gigante X-423, um planeta do tamanho de Vênus, que havia entrado em nosso sistema solar há mais ou menos dois anos.

Sinceramente, ninguém queria viajar dois dias antes do Natal, mas nada podia ser feito quanto a isso. Éramos eu e mais dezenove tripulantes na espaçonave, todos otimistas com a nossa enorme missão.

– Lançamento em 5,4,3,2,1 e... lançar!

Em poucos minutos estávamos nos despedindo de nosso amável e confortável lar. Saímos da órbita da Terra.



Cerca de uma semana após o lançamento, estava descansando em minha apertada cabine, quando o alarme soou. Corri à central de comando e vi, pela janela, o colossal X-423 com sua coloração vermelha e azul, com um lindo anel parecido com o de Saturno. Mas nem tudo era bom. Olhei ao lado e vi um enorme asteroide vindo em nossa direção. Era por isso que o alarme soava. Nesse momento, corri e liguei o escudo refrator. Mas já era tarde. A rocha colidiu com a Colono, atingindo os dormitórios da ala leste da nave. O estrago foi enorme. Olhei pela janela e vi os destroços da nave e alguns tripulantes indo ao vácuo do espaço. Infelizmente não podia fazer nada e não havia tempo para lamentar as perdas.

Corri ao meu quarto, vesti um traje espacial, modelo 5d-7r tático, peguei minha mochila e a arma de compressor de íons. Nesse momento, avistei pela janela um ser de mais ou menos





170 metros, vindo e se chocando contra a parte central da nave. A cauda do monstro destruiu algumas das naves de fuga, que ficavam acopladas à Colono. Entrei em posição fetal, em desespero. Não havia outra saída, além da inevitável morte. Foi quando o piloto reserva Colt me puxou pelo braço, levando-me até uma das quatro cápsulas de fuga que restavam. Embarcamos e ele me confirmou quinze baixas na tripulação. Ele lançou a nave de fuga e saímos pelo espaço, em direção ao X-423.

O cenário era desesperador. Vimos as naves de fuga restantes explodirem ou serem incineradas. Quando finalmente chegamos à atmosfera do planeta, estava acontecendo a maior tempestade que já havia visto. Então, um raio caiu em cima da nossa cápsula e com o impacto, bati a cabeça e desmaiei.

Quando acordei, vi Colt morto, queimado pelo maldito raio. Não sei por que sobrevivi. Mas isso não importava. Saí da nave e percebi que estava em um tipo de pântano, com árvores vermelhas e água azul esverdeada.



Comecei a explorar esse novo terreno desconhecido, até que vi um ser que se assemelhava a um equino, mas com tentáculos, seis longas e musculosas patas e sangue azul fluorescente. Graças a Deus ele estava morto, com arranhões e mordidas, provavelmente devorado por um animal maior. Peguei meu scanner rastreador e descobri que não havia nenhum registro sobre a espécie daquele ser.

Enquanto raciocinava sobre o que faria nessa situação, uma gota de sangue azulado caiu em meu ombro. Olhei para cima e vi cinco pares de olhos me encarando. A criatura, parecida com um tigre, mas com escamas e uma coloração preta e vermelha, tinha sangue na boca, provavelmente do animal que eu acabara de escanear. Ele pulou em cima de mim, atacando-me e tentando me devorar. Corri, peguei minha arma de compressor de íons e atirei. O ser se desintegrou. Esperava



que as emoções me deixassem em paz por pelos menos alguns minutos.

À noite, achei melhor me refugiar na copa de uma grande árvore presente no local, pois precisava de um tempo para raciocinar, em segurança. Quando olhei para uma montanha próxima, avistei uma luz brilhante. Peguei meu binóculo, modelo portátil, alcance 1200 m, e vi que eram destroços da Colono. A esperança de encontrar ajuda e voltar ao meu lar não me deixou dormir por um bom tempo.

Assim que o sol nasceu, comecei a caminhar até a montanha que vi no dia anterior. Quando eu cheguei, encontrei os restos da nave, mas não havia ninguém. Porém, nem tudo estava perdido. Percebi que a luz vinha de um rádio na nave, que, por milagre, ainda estava funcionando. Quase desmaiei de tanta felicidade. Liguei o rádio e consegui me comunicar com a central que controlava a minha missão. Nem acreditei quando disseram que havia uma nave vindo em minha direção, com o intuito de me salvar daquele inferno. Eu só precisava esperar e sobreviver por mais alguns dias antes de finalmente voltar à Terra.



Confesso que não foi uma tarefa fácil. Muita coisa aconteceu. Tive de fugir e matar mais bichos monstruosos, escapar de tempestades, refugiar-me em todo tipo de lugar, dentre muitos outros percalços.

Mas, finalmente, a ajuda chegou. Uma nave enorme veio cheia de soldados armados prontos para destruir tudo o que poderia me matar. Quando entrei na nave, tive de ser despressurizado, passar por exames médicos e ficar em uma câmara de quarentena por duas semanas. Mas nada tirou minha alegria de voltar à Terra. Quando cheguei, tive que me tratar tanto físico quando mentalmente. Demorei muito para me recuperar, mas consegui sobreviver.



Fiquei triste por falhar em minha missão, pelas perdas de vidas, pelos danos. Mas agradei por estar seguro e vivo.

Um dia, estava olhando o jornal até que vi uma notícia que não acreditei. Mesmo depois de tantas mortes, tantos danos, tantas pessoas que se foram em vão, ainda sim iam mandar outra expedição ao X-423. Percebi que, mesmo com tantas vidas se perdendo, o dinheiro e a ganância sempre estarão acima da preocupação com a vida humana.





Seu novo amigo

Maria Alice Carvalho da Silva Bovo

Era 18 de outubro de 2022 quando Ana, a melhor criadora de tecnologia avançada da América do Sul, estava finalizando um projeto que mudaria toda a visão de tecnologia moderna.

Seu projeto chamava “Robô Amigo” e tinha como objetivo cuidar, proteger, ensinar e principalmente “amar” crianças, e ajudar seus pais a terem mais tempo para eles mesmos. No mesmo dia da publicação da finalização do androide. Ana foi entrevistada e disse que o Robô Amigo iria ajudar famílias a terem mais tempo para elas, e as crianças certamente amariam essa nova companhia.



Mais tarde, Ana voltou para casa muito animada com sua nova criação, pois afinal o Robô Amigo era um projeto único. Ela nem precisou contar a novidade, pois Pedro, seu marido, e Isa, sua filha, já sabiam, porque tinham visto tudo pelo noticiário da tv mais cedo. Para a infelicidade de Ana, Pedro odiou o projeto, pois disse que os responsáveis por cuidar de seus filhos eram os pais, com ou sem dificuldades.

Isa, por outro lado, gostou da ideia de finalmente ter um amigo e ser uma inspiração para o projeto de sua mãe. Mas de uma coisa eles não sabiam: que o robô ia fazer seus testes finais na casa da família por uma semana, começando no dia 23 de dezembro.

Meses se passaram e finalmente chegou o dia tão esperado, o dia dos testes finais do robô. Ana e Isa estavam muito animadas, mas Pedro permanecia desmotivado com o projeto e ainda tinha as mesmas opiniões sobre ele. Mais tarde, o robô chegou



na casa da família e Isa abraçou-o na mesma hora que abriu a caixa, como se tivesse ganhado um cachorrinho filhote pela primeira vez.



Toda essa situação deixou Pedro convencido de que o robô só traria problemas à suas vidas. No dia seguinte, Isa já tratava o androide como seu melhor amigo, provando cada vez mais a teoria do Pedro de que a menina ia se apegar mais ao robô do que ao seus pais.

Depois de uns dias de testes, o robô ficou estranho. Tratava o Pedro e a Ana com falta de respeito de um jeito até meio perigoso. Ele ficou extremamente possessivo com a criança, não a deixava comer, dormir ou até brincar perto dos pais.

Ana pareceu não ligar no começo, pois achava que era apenas um erro no sistema, mas no dia seguinte Pedro desapareceu, sem deixar rastros. Ana foi correndo ao quarto da menina perguntar se ela sabia sobre seu pai, mas, para o desespero da mãe, o robô sabia sobre o desaparecimento, e disse as seguintes palavras à Ana “eu me livrei dele, quem mandou não gostar da minha presença aqui”.



Ana rapidamente desligou o robô. Horas depois, as duas encontraram o corpo do pai no porão, com um bilhete nas suas mãos escrito “Ele não te merecia, Isa, eu sou seu melhor amigo e o melhor para você”.

Ana cancelou a publicação do seu projeto e fez anos de terapia para superar seu trauma. Dois anos depois, Isa publicou um livro chamado “Nem tão meu amigo assim”, contando sobre a tragédia que viveu. O livro foi um sucesso absoluto de vendas.





Azul Metálico

Maria Carolina Gontijo Pereira

Já era possível avistar algo cintilante na superfície azul de Urano. A doutora Smith, uma senhora de 75 anos de idade, se encheu de esperança ao ver seu parceiro de pesquisas, doutor Pearson, flutuar de volta à estação espacial com uma pedra azul metálica em suas mãos.

A cientista esperava por aquele material há mais de doze anos, quando descobriu que tinha a doença “organela 0.3”. Desde que se deparou com o distúrbio, a agente iniciou um processo rigoroso de pesquisas para descobrir a cura de sua enfermidade.



Essa viagem a Urano tinha sido a segunda do ano, e parecia que finalmente o doutor Pearson tinha encontrado algo relevante para ajudar na cura de sua parceira de pesquisas.

Cauteloso com o novo objeto descoberto, o homem entrou no laboratório onde sua amiga o esperava:

– Smith, encontrei isso na superfície do planeta, acho que pode te interessar.

Os dois se debruçaram imediatamente sobre a bancada do laboratório e começaram a analisar aquela pedra tão cintilante. À medida em que os resultados dos cálculos e das análises iam sendo revelados, a dupla ia se sentindo cada vez mais confiante e empolgada com o projeto. Tudo ficou ainda mais impressionante quando, com uma espécie de martelo, Smith conseguiu quebrar a rocha e fazer sair de dentro dela uma gosma azul, densa e brilhante. Assustados, porém motivados, os pesquisadores fizeram mais testes com a substância pegajosa.





Por fim, os últimos diagnósticos comprovaram que aquela substância azul era a cura da Organela 0.3.

– Não acredito que todos esses anos de pesquisa finalmente acabaram! Não tenho muito mais tempo, vamos aplicar agora essa gosma em mim. – Smith disse, estendendo seu braço cheio de feridas causadas pela doença.

Feliz pela sua parceira, Pearson obedeceu.

À medida que o tempo foi passando, ela percebeu que a substância de fato estava fazendo efeito.

– Pearson, nós vamos ficar muito ricos! Isso aqui é uma “mina de dinheiro”. Vamos patentear nossa descoberta e cobrar milhões dos laboratórios farmacêuticos e do governo. Muita gente sofre dessa doença e aposto que estariam dispostos a pagar muito caro para se curar dela.

– Calma, Smith! Entendo que precisamos dar continuidade a outras pesquisas, mas não precisamos ser tão gananciosos. Acho justo oferecermos o material para países subdesenvolvidos com um preço mais acessível.

– Você ficou louco? Agora que estou praticamente curada, quero ficar muito rica!

Doutor Pearson saiu da sala com um semblante triste, ao perceber a ganância de sua parceira. E ao contrário dele, Smith estava extremamente eufórica e compulsiva. Ela aplicava a gosma em seu corpo inúmeras vezes ao dia, na esperança de ter um resultado mais rápido.

Pearson estava preocupado com a forma como sua amiga agia:

– Smith, tome cuidado. Não estou mais te reconhecendo! Você está obcecada com essa nova substância. Além de gananciosa, está ficando compulsiva.

A senhora não deu ouvidos ao parceiro e, ao contrário do que ele esperava, após algum tempo de contínuas aplicações, a





doutora começou a perceber mutações no seu corpo. Sua pele passou a apresentar uma coloração azul, assim como o material que havia descoberto. A partir daí, a coisa só piorou: espinhos cresceram em seu corpo, seu cabelo caiu e até mesmo a cor de seus olhos havia mudado para um tom azulado e cintilante. Tudo isso estava causando um grande mal-estar e sofrimento nela.

Aquela senhora, que semanas antes estava cheia de energia, se encontrava depois bem próxima da morte.

Recostada na poltrona da estação espacial, Smith chamou por Pearson, e com uma voz trêmula, disse:

– Estou sentindo, literalmente, na pele as sequelas da minha compulsão e da minha ganância. Por favor, finalize o que for preciso e transcreva a dosagem certa dessa medicação. Faça doações e apresente nossa descoberta aos países que não têm condições de comprar o medicamento.



Sentindo que aquele seria provavelmente o último pedido de sua parceira, Pearson se despediu, podendo finalmente reconhecer na sua amiga o olhar de paz de quem cumpriu a sua missão.



Guerra XV

Maria Clara de Mendonça Vaz Moraes



14 de setembro de 4003 foi o dia em que tudo começou. Eu tinha dez anos e morava só com o meu irmão mais velho, Gabriel. Ele era astronauta e eu achava isso incrível, viajar pelo espaço, conhecer outros planetas, espécies. Gostava tanto que eu até queria ser astronauta como ele. Naquele dia, meu irmão me disse que nós teríamos que morar em um planeta distante de todos os outros, porque a galáxia estava sofrendo um ataque e ficar viajando por aí seria muito perigoso para nós. Na hora eu fiquei confusa, mas contanto que ele estivesse comigo estava tudo bem.

Quando chegamos em Sealand, tudo parecia perfeito: tinha comida, muitas cores diferentes, natureza, animais e tinham outras pessoas morando lá. Era tudo tão bonito e mágico! Meu irmão sempre cuidou muito bem de mim e sempre me fez muito bem também, então me sentia muito segura ao lado dele. Ficamos lá por mais ou menos um mês.

Certo dia, quando tudo parecia normal e tranquilo, ouvimos um barulho muito alto vindo de fora da nossa cabana. Ele foi sozinho até o local de onde vinha o barulho e falou para mim:

– Espera, eu já volto!

Eu fiquei assustada, mas não tinha o que fazer. Gabriel estava demorando demais e decidi ir atrás dele. Antes de eu chegar mais perto, vi um exército de pessoas saindo de uma nave gigantesca com armas, espadas e arco e flechas.

Saí correndo de onde estava e procurei o Gabriel por todo o lado, mas não achava ele de jeito nenhum. De repente, olhei





para baixo e vi uma carta. Percebi que tinha a letra dele. A carta tinha o seguinte texto:

Querida Cecilia,

O exército Y me capturou. Estou preso bem longe de você e não temos o que fazer. Você precisa se esconder. Não deixe eles te verem de jeito nenhum. Eu tenho pouco tempo, então não dá para explicar tudo agora. Não se preocupe, a gente vai conseguir e vai dar tudo certo.

Eu te amo,

Gabriel, seu irmão.

Comecei a chorar e levei a carta comigo. A coisa que eu mais queria naquela hora era ver meu irmão, mas eu sabia que teria que obedecer a ele, e que uma hora ou outra, iria dar tudo certo, como ele disse.



Eu voltei para a cabana e peguei tudo que era necessário. Fugi e me escondi dentro da nave que meu irmão escondeu na floresta. Era o lugar perfeito para eu me esconder.

Passou-se um ano e ele ainda não tinha voltado. Procurei sobreviventes, mas não achei, estava sozinha. Com o planeta todo destruído e sujo, na época acabei me acostumando, na verdade, mesmo eu odiando aquilo, eu não tinha ninguém para conversar ou para abraçar, e eu sentia muita falta dele. Tinha tantas coisas que podiam ter acontecido com o meu irmão que eu prefiro nem falar, eram tantas possibilidades, alternativas, que eu não sabia mais em o que eu acreditava.

Não sabia se ele estava bem, se tinha morrido, se tinha conseguido fugir ou se estava trabalhando para o exército.

Gabriel não queria que eu o procurasse, mas eu sabia que se eu só ficasse lá, parada, não iria acontecer nada e eu provavelmente nunca mais iria vê-lo que é a coisa que eu menos queria,





e eu sabia que ele também ficaria feliz em me ver. Então por que não procurar por ele? Assim todo mundo ganha.

A primeira coisa que eu fiz foi voltar para a cabana, para ver se tinha alguma coisa do meu irmão sobre o exército, na cabana em que a gente morava e eu encontrei.

Achei um papel de ameaça contra o meu irmão, porque pelo visto ele fazia parte de algum grupo que era contra o exército Y, e que se ele não sáísse desse grupo eles poderiam matar o Gabriel porque eles iam começar uma guerra.

Quando eu li eu fiquei assustada, porque eu não sabia se ele realmente tinha saído daquele grupo, ou se eles tinham o levado para fazer parte do exército.

Depois, eu tentei ligar a nave, e levei um mapa da galáxia que eu achei. Meu irmão me ensinou a pilotar a nave há um tempo, então eu consegui de novo.

Conseguí sair de Sealand, mas alguns minutos depois eu comecei a ver um monte de naves iguais às que tinham invadido o meu planeta, elas estavam tentando atirar em mim, foram quebrando minha nave aos poucos, até começarem a quebrar o vidro.



Nessa hora o exército conseguiu contato e tinha alguém no rádio falando:

– Cecília, o que você está fazendo? Eu mandei você me esperar!

Era o meu irmão! Eu fiquei tão feliz que ele estava bem! Mas antes de eu o respondê-lo, eu senti uma coisa muito forte na minha barriga. Olhei para baixo e estava cheia de sangue e depois eu não senti mais nada.





Promete que não vai se esquecer de mim

Maria Clara Martins Freitas

Acordei de um sono profundo. O mesmo sonho de sempre, duas pessoas sendo separadas e levadas para algum lugar e a seguinte frase: “Promete que não vai se esquecer de mim? Por favor!” Eu não sabia o que acontecia no final porque sempre acordava.

Olhei para a janela na expectativa de ver o céu azul, mas tudo estava cinza como em um quadro desbotado. Tentava acreditar que o dia seguinte ia ser diferente, diferente de um cinza esverdeado como se estivéssemos sempre à espera de uma tempestade.

Eu morava em um centro para crianças e todos vivíamos com o objetivo de salvar o mundo. Sei que isso parecia impossível, mas era o que nós fazíamos. Há muito tempo foi declarada uma guerra entre os seres dos céus e todas as crianças foram recrutadas para lutar. Mas por quê? Por que as crianças? A verdade era que não sabíamos, apenas recebíamos ordens.

Quando havia confrontos, tínhamos que agir e proteger os adultos. Nossa função era comandar em duplas robôs bem grandes. Cada dupla fazia uma divisão, comandando cada um, uma parte do robô. Eu não participava mais das batalhas porque não era compatível com ninguém, já tentaram de tudo, mas não conseguia comandar com ninguém.

Ouvi uma batida diferente. Levantei e abri a porta com cuidado, mas não vi ninguém. Senti um puxão na minha roupa





e percebi uma criança. Devia ter doze anos. Olhei para ela com um misto de medo e curiosidade e me perguntei o que um menino do centro estaria fazendo no meu quarto. Rapidamente me veio um flash de memória, uma memória antiga que logo se apagou.

A criança invadiu o meu quarto e se escondeu. Antes mesmo de eu encontrá-la. Escutei a sua voz dizendo a mesma frase que me perseguia no sonho de todas as noites. “Promete que não vai se esquecer de mim?”, surgiu outro flash, risadas, brincadeiras.

A criança era uma menina. Alguma coisa em seus olhos me parecia familiar. Ela me pedia para abrir uma das gavetas e quando a abri, vi duas pulseiras e mais nada. Então, subitamente, a menina segurou a minha mão e começou a chorar enquanto colocou uma das pulseiras no meu pulso.

Depois de um tempo, estava conseguindo lembrar. Chorei, chorei muito. Minha dupla, minha parceira de batalhas e brincadeiras, a pessoa com quem eu vivia os momentos mais felizes nesse mundo estranho estava diante dos meus olhos. Como pude esquecê-la? Como fui capaz de descumprir a promessa? Agora sabia que tínhamos sido separadas porque descumprimos as regras. Fomos felizes em um tempo sombrio onde só cabia o rancor.



Antes que pudesse compreender o que havia acontecido, ela desapareceu. Ouvi um dos seguranças batendo na minha porta me chamando para ir comer.

Sentei-me à mesa com as crianças. Perguntei-me se aquele encontro tinha sido apenas um outro sonho.

Mas o que houve? Por que não podia mais pilotar? Onde estava a menina? Não podia acreditar. Por que me esqueci de tudo da primeira vez? Não era possível, me dei conta que após alguns dias, ia me esquecer mais uma vez.





A última esperança

Maria Fernanda Dias Osse

Meu nome era Zayra, eu era uma mulher negra e uma vaga-lume. Provavelmente você não sabe o que é isso, então vou te explicar o que eu fazia e o que me aconteceu.

Há 55 anos, uma cientista fez uma descoberta de uma doença que poderia matar mais da metade da população da Terra. O vírus foi injetado em uma mulher e infelizmente acabou se proliferando pelo planeta. O apocalipse aconteceu em 2026 e atualmente estamos no ano 2061.

Quando fui uma vaga-lume, protestei contra o governo, pois ele criou barreiras e não deixou ninguém sair delas. Eu fugi quando tinha 48 anos, não aguentava mais o trabalho pesado e estava cansada de lá. Então um dia eu estava planejando sair da cidade e uma mulher chamada Vitória me ajudou, mas ela colocou uma condição. Eu tinha que entregar uma encomenda para uma das barreiras sem que ninguém me avistasse. Vitória me disse que dentro desse pacote estava um suplemento para a cura do vírus. Não sei como ela me achou, mas no dia seguinte saí da barreira.

Estava andando até a cidade correta até que no meio do caminho encontrei pessoas infectadas. No mesmo instante achei uma loja que vendia suplementos e armas e me escondi lá até que fossem embora. Esperei em torno de quatro horas, se eu não estiver enganada, e então, quando olhei para baixo, estava em cima de uma tampa de porão. Abri a porta e decidi descer. Quando abaixei, vi um laboratório sem ninguém. Ele estava com vários equipamentos diferentes e ácidos. E eu sei que não deveria ter aberto a encomenda que a Vitória falou, mas não resisti.





Então peguei o suplemento e uns ácidos que estavam pelo recinto e então comecei a tentar criar a vacina, de forma experimental mesmo.

Demorei seis meses para finalmente descobrir a cura, testei em vários infectados e em até mesmo animais nos quais eu me arrependo de ter feito experimentos, mas finalmente consegui criar a vacina. Saí do porão depois de muito tempo lá dentro e corri até a barreira mais próxima para tentar ajudar as pessoas infectadas. Corri como nunca.

Quando cheguei à barreira, os guardas apontaram a arma para mim.

– Eu consegui fazer a vacina. Já testei ela e eu juro que está funcionando. Juro que não estou mentindo! – eu disse.

Os guardas me olharam de cima a baixo e falaram coisas horríveis sobre minha aparência e por eu ser mulher, como:

– O governo duvida que uma mera mulher com esse cabelo que parece palha tenha conseguido fazer a cura para uma das maiores crises que o mundo já teve! – falaram sem dar importância para mim.



E então eu insisti para que me ouvissem, mas foi tarde demais. Quando o general chegou, um dos guardas atirou no meu coração. Eu senti o cartucho perfurando todas as camadas da minha pele até chegar ao final, e então caí no chão. E lá estava eu morta.

No final ninguém acreditou, e até hoje estamos em greve.

Contei essa história para os adolescentes que morreram por causa do vírus, lá no céu.

Não teria mortes se tivessem me ouvido.





O egocentrismo do humano

Maria Júlia Damasceno Saiki

O ano era 2423, o mundo estava sendo surpreendido com cada vez mais descobertas inovadoras, cientistas renomados e tecnologias novas. Eu estava começando desenvolver um interesse pela ciência, ainda jovem, e conhecendo diferentes áreas, eu me apaixonei pela meteorologia. Sonhava em conhecer as mudanças que o clima podia causar ou já havia causado.

Naquele tempo, eu estava estudando sobre a produção de energia no século XXI e sua relação com mudanças climáticas. Antes não existia nada como Luminous, uma rocha de Vênus que foi descoberta nas primeiras expedições espaciais. Essa pedra era uma fonte ilimitada de energia, era algo estupendo e revolucionário, quase inacreditável!

Para produzir energia, meus antepassados usavam combustíveis fósseis derivados do petróleo. Apesar de saberem que deviam mudar seus recursos, pois estavam causando diversas alterações no clima e potencializando o aquecimento global, não mudaram. Decidiram impactar gerações futuras para seu próprio benefício.

No fim, fomos afetados. O passado comprometeu o futuro, comprometeu todos nós, seres humanos, mas principalmente os animais. Sempre me perguntavam como eu sabia que os animais se alteraram. Todos duvidavam, porque para eles as criaturas sempre foram normais.

Desde pequena sempre fui curiosa e buscava as respostas para minhas perguntas. Minha avó era quem me trazia





explicações. Geralmente eu queria saber sobre o passado, sentia interesse em saber como éramos e o tanto que mudamos.

Uma vez, fomos ao zoológico em família. Eu não parava de admirar os animais. Para mim eram seres fantásticos. Foi quando vovó virou para mim e me disse que com o tempo todos haviam sido modificados. A alteração do clima foi o principal fator para suas mudanças, tanto fisicamente, quanto no modo de agirem. Após vovó me contar isso, vieram as minhas dúvidas. Eu questionava: “Eles eram bichos de uma cabeça só?!” “Os sapos sempre tiveram asas?” ou “As tartarugas sempre foram perigosas assim?”

Depois de ter minhas respostas, apenas tinha pensamentos. Refletia sobre a forma com que os humanos conseguiam prejudicar os animais. Esse egoísmo, para mim, era algo impossível e inimaginável. Estranho era eu pensar no rumo que as coisas tomaram. Uma menina tão jovem se preocupava com o passado, quando devia estar pensando nas ações da sociedade em que vivia, porque quem faria o futuro seriam eles.



Se naquele tempo fôssemos todos egocêntricos, será que ainda existiria um futuro para todos os seres?





Uma nova vida

Maria Luisa Cabrini Cerântola



Era mais um dia depois da escola. Ir para a garagem, calcular os ângulos, derreter metais, parafusar... Até que finalmente a máquina ficou pronta! Não era uma qualquer, era uma máquina do tempo! Eu investi toda a minha mesada do ano passado e desse ano, foi um mês planejando a parte externa e dois meses a parte interna. Finalmente pude executar o momento que tanto esperava, apertar o botão vermelho e ir para o futuro.

Acordei em um lugar totalmente desconhecido, a única coisa que conseguia ver era uma tela branca radiante. Dando algumas piscadas, consegui enxergar melhor o ambiente. Acordei em um hospital. Não tinha ninguém ali.

Comecei a pensar: “será que o experimento deu errado?”. Até que vi uma médica chegando. Surpresa ao me ver acordada, falou “nossa, você está viva! Que bom!”. Fiquei em dúvida, mas logo ela me explicou que eu tive uma queda e desmaiei.

Alguns dias se passaram, e depois de vários exames, finalmente pude ir para casa. Achei muito estranho que durante esses dias meus pais nunca foram me visitar.

Uma vez eles falaram que me amavam mais do que tudo. Ao sair do hospital, percebi que o ambiente estava exatamente igual a hora que viajei no tempo. Concluí que o experimento não tinha dado certo. Continuava no mesmo tempo, na mesma dimensão. Chamei um táxi e fui para casa.

Chegando no meu lar, tudo estava muito estranho. Meus pais foram ríspidos comigo, meu cachorro não foi me dar um “oi”, nem fez uma festa e latiu sem parar. Tinha alguma coisa de





errado. Fui rápido para a garagem. A dimensão em que eu estava não era a que eu costumava viver.

Quando cheguei na garagem, abri meu caderno e comecei os meus cálculos e pesquisas. Queria viajar no tempo para ter um presente melhor. Todos os dias eram iguais e tudo estava ficando cansativo. Até que finalmente encontrei uma informação que poderia me ajudar.

Segundo um site, presenciamos a dimensão X, sendo que estava vivendo na dimensão Y. Também mostrava que a volta para a dimensão antiga era, aparentemente, impossível de se fazer. Resumindo, queria viajar no tempo para ter um presente melhor, porque odiava como as coisas se repetiam. Só que ao invés de viajar no tempo, acabei indo para uma dimensão totalmente diferente da que estava acostumada.

Com o passar do tempo, percebi que essa dimensão X é horrível. Para começar meus pais são muito grossos comigo, tento ser educada com eles e mesmo assim são diretos e sérios. Na escola, tento ter amigos, mas a única coisa que consigo são pessoas fugindo de mim. Também percebi que a dimensão Y era ótima. Os dias lá eram bem repetitivos, mas pelo menos tinha pessoas que me amavam.

Ao refletir, meus olhos ficaram cheios de lágrimas. Percebi que sou ingrata. Esse tempo todo fiquei reclamando da dimensão Y para quando eu sair de lá perceber que era muito boa. Abri meu caderno e comecei a planejar a construção da máquina para viajar até minha dimensão Y. Ando tentando reconstruir essa máquina há dois anos, mas continuo sem sucesso.



Os seres diferentes

Maria Luiza de Figueiredo Abreu



Em uma noite, às exatas 20h, uma cientista extraterrestre chamada Anir, do planeta Balaquita, estava em seu laboratório fazendo experiências malucas, quando escutou um barulho e foi ver o que era.

Eram dois seres super diferentes com dois olhos, uma boca, duas orelhas e um nariz. Anir ficou muito assustada e acabou apertando o botão vermelho para expelir os dois seres da nave, mas eles nem se mexeram.

– Vimos em paz. Somos do Planeta Terra. – disse o ser de maior porte, esticando um papel que parecia um documento.

– O que querem? – perguntou Anir.

– Nós queremos falar com seu governador sobre assuntos pessoais, meu nome é Alice e o dele Pedro. – falou Alice apontando para o seu acompanhante.

Após a fala da menor, Anir, com medo, foi imediatamente chamar seu superior e depois de alguns demorados minutos, o governador Alito chegou ao local. Alice e Pedro pediram para que fizessem um contrato. Eles pediram para que o Alito e sua população os ajudassem com suas tecnologias avançadas para evitarem que um vírus chamado pneutrigena, que fazia com que pessoas comesçassem a ter visões e seu corpo fosse desfigurado. Eles não queriam que se espalhasse mais, pois isso estava acabando com a população do Planeta Terra muito rápido.

O governador de Balaquita ficou relutante em ajudar os seres humanos, mas a população de Balaquita se uniu para ajudar de qualquer maneira. Eles usaram suas tecnologias avançadas





para criar uma cura para o vírus e começaram a trabalhar na missão de salvar a Terra. No entanto, o governador Alito não queria se envolver na missão de ajuda aos seres humanos. Ele temia que os seres humanos pudessem se tornar dependentes dos extraterrestres e que a cooperação entre as duas espécies pudesse ter consequências negativas.

Mas a população não desistiu. Eles continuaram trabalhando na cura do vírus e, eventualmente, convenceram o governador Alito a ajudar. Juntos, eles criaram uma cura para o vírus e a enviaram para a Terra.

A cura salvou muitas vidas e os seres humanos agradeceram aos extraterrestres por sua ajuda. Em troca do trabalho árduo que eles tiveram, os seres humanos ofereceram seus conhecimentos e habilidades através da educação, permitindo que os habitantes do outro planeta aprendessem novas formas de prevenção e cuidado, e assim formando uma nova união entre os dois planetas.



Fauna Radioativa

Maria Luiza Jaruzo dos Santos de Barros e Silva



“**M**inha mãe é cientista. Ela vive várias aventuras no trabalho dela, porém nenhuma dessas foi como essa que causou a vinda dela a este lugar.” – Eu disse olhando para a enfermeira ao meu lado.

“Me conte sobre essa aventura” – Ela disse. “Tudo começou no dia 24 de maio de 3138, quando minha mãe recebeu a notícia de que o grupo que ela havia enviado em missão, havia sumido. Ele estava em busca do material genético que minha mãe precisava ou, senão, perderia o emprego. Então ela juntou sua equipe e seus materiais de pesquisa e juntos, voaram até Chernobyl.



Chegando lá, eles perceberam que por conta da falta de humanos na área, as plantas haviam tomado conta de tudo. Todos da equipe pegaram seus DMG (Detectores de material genético) e começaram a avançar floresta adentro, cortando pequenas árvores e plantas no caminho. Eles estavam em busca do Genesis Lomotrófico Zumba. A caminhada durou cerca de oito horas, até que os DMG's começaram a indicar que o GLZ (Genesis Lomotrófico Zumba) estava por perto. Todos se animaram, porém alguns passos adiante havia uma surpresa: os integrantes do grupo desaparecido, porém, já sem vida. Quando, de repente, os DMG's começaram a apitar freneticamente, de dentro da mata saiu um lobo enorme de seis patas, cinco olhos e três rabos.

Minha mãe, assustada com o monstro alterado pela radiação, saiu correndo, porém, enquanto corria, tropeçou em um pequeno





tronco de árvore que acabou abrindo uma ferida em sua perna, rasgando seu traje protetor. Ela fechou os olhos esperando que o monstro a devore, porém, ele a lambeu, e ela entendeu que ele só estava assustado, assim como ela.

Ela percebeu que o GLZ não é um fungo ou alguma planta, e sim, se encontra no lobo. Enquanto se levantava, minha mãe escutou uma voz falando: “Muito bem, Senhorita Collen. Você achou o GLZ, vamos dar um fim nessa criatura e levá-la ao laboratório.” Minha mãe se recusou. “Não tem outra forma de coletar o gênesis?” Ela disse. “Não, agora se afaste dessa criatura.” O chefe dela respondeu. “Não precisamos desse gênesis para uma fonte de energia infinita, não é?” Minha mãe falou. “Collen, Collen... Você sempre foi minha cientista mais inteligente. Uma hora ou outra iria descobrir. Eu quero o GLZ para construir a maior bio-arma do mundo, capaz de destruir países e dominar continentes. Com ela podemos conquistar tudo aquilo que sempre sonhamos, dinheiro, fama, poder e assim vamos levar o mundo a uma nova era, uma era em que a ciência era a única coisa que importava”. O chefe respondeu. “Não vou deixar que você faça isso. Essa ideia é doentia!” Ela disse. “Tarde demais.” O chefe falou enquanto puxava uma arma de plasma de seu bolso. Mas o chefe não apontou a arma para o lobo, e sim para minha mãe.



Antes que ele pudesse atirar, o lobo partiu para cima do chefe. Em uma tentativa de impedir o monstro, minha mãe caiu em uma poça, mas ela se levantou e em desespero atirou em seu chefe. Ela correu até o helicóptero de onde veio e no caminho me ligou e contou tudo que havia acontecido e também pediu para que eu enviasse uma ambulância para seu laboratório já que seu ferimento na perna estava começando a necrosar, o que era estranho para um machucado recente.

Assim que eu terminei de contar a história para a enfermeira, nós duas ouvimos um barulho estranho, e muito sangue



saindo da sala onde minha mãe estava sendo atendida. Quando abrimos a porta, o médico estava sangrando no chão e havia uma criatura enorme na sala, e era possível escutar o médico sussurrando: *Sua mãe... Ela é o monstro... Corram!*





O herói de Cosmos

Maria Luiza Wada Miranda

O ano era 2597 no planeta Cosmos. Eu, Clair, e meu melhor amigo, Patrick, estávamos prestes a embarcar em uma viagem para buscar fontes de alimento no planeta Terra.

Nós, humandroids, nos alimentamos de uma comida especial, criada pelo meu pai, Carlos Washiner. Os ingredientes infelizmente acabaram, então eu e Patrick fomos para o planeta Terra em busca de batata doce e amendoim. Por sorte, o nosso planeta é muito evoluído, máquinas, microchips e substâncias radioativas já estavam extremamente desenvolvidos, então fomos ao labonstrução para alugar uma nave.



A viagem foi ótima, mas a chegada decepcionante. O planeta estava destruído. O ser humano poluiu tanto que os peixes boiavam nos rios, as árvores estavam sem as folhas e o ar estava péssimo. Mal conseguíamos respirar. Era tudo cinza, sem cor, sem vida. Infelizmente voltamos para Cosmos sem bons resultados.

Já em casa, voltei ao labonstrução e fiz algumas pesquisas, pois já fazia nove dias que não comíamos. Depois de horas, dias, semanas pesquisando, finalmente achei algo que a substituiria. Uma pedra, a Pedra Coral, que só era possível encontrar em Marte. Patrick ficou muito feliz, mas meu pai não queria que fôssemos para Marte devido à alta temperatura que podia queimar os nossos fios, já que temos partes androids.

Minha mãe tinha roupas especiais para esse tipo de viagem. Sendo assim, havíamos resolvido o problema. Já na nave, eu e Patrick, por conta das mudanças climáticas, precisávamos injetar





uma substância para dormirmos e não sentirmos a mudança. Faltando pouco tempo para chegarmos, fiquei pensando “Como os humanos fizeram isso?”. Por culpa deles, os humandroids estavam com fome há dias. Eu, por causa de minha parte humana, não era assim!

Quando chegamos em Marte, vimos uma multidão de pedras, pelo menos, era o que parecia. Ao nos aproximarmos, vimos algo fora do normal, vimos extraterrestres. Eles pareciam inofensivos, mas eram muito malignos. Pensei que seria o nosso último dia de vida, pois eram muitos contra Patrick e eu, porém eram fracos.

A luta foi fácil. O problema era encontrar a Pedra Coral. Marte era um planeta imenso, era quase impossível encontrar essa pedra. Foram horas em busca da pedra, muitas horas. Até que Patrick avistou uma caverna.

A caverna, era marrom, um pouco alaranjada. Era bem escura. Qualquer um teria medo de entrar. Por sermos humandroids, temos um tipo de lanterna em nossas testas. Ao entrarmos, havia dois caminhos: o da esquerda era um caminho azul, com vários flocos de neve ao redor; o da direita era um caminho fervente, em tons de vermelho. Escolhemos o azul, pois a chance de nossos fios se queimarem era menor.



Tudo parecia estar indo bem, até chegarmos à metade do trajeto. Havia dois caminhos novamente, porém os dois pareciam inofensivos. Dessa vez escolhemos o da direita. O que não esperávamos era que na direita havia mais extraterrestres, maiores e mais fortes.

A luta foi tão intensa que Patrick não resistiu e acabou falecendo. Durante a luta, sua roupa protetora se rasgou e seus fios se queimaram. Tive que lutar sozinha e, felizmente, venci. Muito abalada com a perda do meu melhor amigo, quase desisti. Decidi continuar por ele e pelo nosso povo.





A caminhada foi longa, mas lá no final da caverna, além de encontrar a saída, encontrei a pedra, a grande Pedra Coral. Embarquei na nave e voltei para Cosmos. Os humandroids ficaram muito felizes e animados, mas tristes pela perda de um grande herói. Tudo isso por causa dos danos e poluição causada pelos humanos.

Para sempre lembrarmos de Patrick, decidimos congelar o seu corpo. Assim, ele ficará visível para todos os moradores, e os novos moradores poderão conhecer o herói de Cosmos. Patrick ficará para a história do nosso planeta Cosmos.



2020 ou 2050?

Maria Rita Soares de Freitas



Em uma terça-feira, dia 13 de março de 2050, eu iria fazer uma palestra no Colégio São Luís para falar sobre a Covid-19. Para ser uma experiência melhor, a escola disse que iríamos usar uma máquina do tempo para voltar ao ano de 2020, o ano da pandemia. Acordei às 8h da manhã, me troquei, comi e fui para a escola. Quando cheguei, fui direto para o auditório, avistei a máquina do tempo. Estava tão ansiosa. Comecei a palestra falando sobre como a doença se iniciou, quando ela ficou mais grave e sobre a quarentena.

Convidei os alunos para viajar no tempo comigo. Pedi para vestirem um traje especial de proteção, em teoria, seria impossível contrair a doença, pois já havia sumido. Entramos na máquina do tempo e iniciamos a viagem.



Quando passamos pelo buraco de minhoca conseguimos relembrar e ver fatos históricos de diferentes épocas, como o cavalo de troia, dinossauros, bombardeio das torres gêmeas.... Chegamos a um beco deserto, lá nos cobrimos com a capa de invisibilidade, e fomos à escola.

Entramos no horário da última aula. No meio da aula a professora começou a falar sobre as duas semanas de quarentena entregando um folheto sobre como se prevenir da doença.

Sáímos da escola e fomos para as ruas, vimos o desespero das pessoas invadindo lojas de roupa, supermercados. O caos estava ali.

Nesta noite montamos uma cabana próxima à máquina do tempo e dormimos. Ao acordar, tomamos café e em seguida nos





dirigimos para entrar na máquina do tempo, mas, quando entramos dentro dela, ela não funcionou, ficou fazendo barulhos estranhos, e ouvimos falas saindo da máquina, mas ninguém estava dentro dela... Comecei a ficar em pânico “o que vamos fazer?” Eu ouvi um dos alunos gritando.

Nas próximas semanas tentamos de novo, só que não funcionou. Começamos a construir outra máquina do tempo pelos mínimos recursos que tínhamos, mas não foram suficientes. As roupas invisíveis não tinham mais energia e as crianças começaram a ficar doentes. Não tinha mais o que fazer, os alunos infectados, pessoas perdendo as forças.

Tudo por causa de uma mera e idiota palestra sobre a Covid-19.



Uma viagem para o futuro

Maria Sophia Vezozzo Braille Salvadego



Era uma noite fria e chuvosa em uma sexta-feira e eu estava sozinha em casa, pois meus pais tinham saído para jantar. Fiquei com um pouco de medo no começo porque eu nunca havia ficado sem eles antes, mas depois me tranquilizaram falando que ficaria tudo bem, então eu aceitei! Na sala, eu estava assistindo à TV, quando ouvi um barulho enorme vindo lá de fora no quintal. Fiquei muito assustada, mas como eu sou bem curiosa, resolvi sair para ver o que era.

Estava chovendo bastante, então peguei um guarda-chuva e fui. Quando eu abri a porta de casa, me deparei com uma enorme nave espacial! Era bem grande com um formato oval e cores verdes com azul. Nas laterais também havia luzes e bem em um cantinho tinha uma porta aberta, então resolvi ir até lá. Quando me aproximei, avistei uma mão verde para fora. Eu encostei, e ela me puxou para dentro!



Eu não me lembro do que aconteceu ou quantas horas eu fiquei lá. Só lembro de ter acordado em um lugar que com certeza não era a minha casa. Era um quarto em um prédio bem alto, e quando eu olhei pela janela, vi que era um “mundo” bem diferente do meu. Nas ruas, não havia ninguém e tudo parecia ser feito por máquinas. Onde será que eu estava? Onde estariam os meus pais?

Eu só queria descer daquele prédio o mais rápido possível, então eu saí do quarto e fui à procura de algum elevador. Quando eu o encontrei, não precisei apertar nenhum botão e ele já desceu sozinho. Saí do prédio e as minhas teorias só foram confirmadas:





tudo era feito por máquinas ou robôs. Havia banners por toda parte dizendo que estava em um ano muito avançado. Os humanos teriam sido substituídos? A ganância em querer evoluir cada vez mais teria causado a extinção dos humanos?

Resolvi passear um pouco mesmo estando bem assustada com tudo o que estava acontecendo! Cruzando uma das enormes ruas que havia lá, eu avistei um senhor. Ele não era igual a mais um dos vários robôs, e sim, igual a mim. Logo depois de tê-lo avistado, fui correndo desesperadamente até lá, para saber se tinha alguma ideia de onde estávamos. Ele me disse que não sabia até hoje exatamente como teria chegado nesse lugar, mas já havia se acostumado com a ideia de que não conseguiria voltar.

O senhor também falou que nesse lugar não havia mais ninguém igual a nós. Tudo o que acontecia era feito por máquinas. Os robôs trabalhavam em todas as fábricas, recolhiam lixo e até mesmo iam para a escola. Eles chamavam esse lugar onde estávamos de “futuro”. Se estivessem certos, o mundo estaria perdido. Onde se encontravam as pessoas? Eu não gostava de pensar nisso!

Esse senhor disse que eu poderia permanecer com ele por um tempo, ou até para sempre. Na hora de dormir, ficava me perguntando se algum dia poderia voltar, ou se realmente ficaria nesse futuro até o final da minha vida. No teto do lugar onde estávamos dormindo, havia uma janelinha que dava para ver um planeta no céu, bem longe dali. Seria a Terra?



Amor e aventura

Maria Victoria Carvalho Vairo



O ano era 4004. Eu era jovem, estava na fase de aproveitar a vida, só tinha 300 anos! Tudo começou quando eu e os meus pais estávamos brigando, pois o meu sonho sempre foi poder sair das profundezas e ir até a superfície. Mas os chatos nunca deixavam, falavam que lá em cima era muito perigoso, principalmente para mim, um *pare* (espécie marinha que surgiu a partir de um erro de laboratório, há muitos anos). Então um dia tomei coragem e decidi sair sozinho. Eu estava tão empolgado! Quando saí da água era tudo muito diferente, em um bom sentido.

Minha avó sempre me contava dos humanos, porém quando olhei a minha volta só vi robôs. Sempre achei que isso fosse coisa de filme, mas aparentemente não era só na TV que existia esse tipo de coisa. Observando ao meu redor, eu avistei uma linda moça. Meu coração disparou e comecei a ficar nervoso. De repente, percebi que ela estava vindo em minha direção.

“Oi, tudo bem? Meu nome é Claire, bem-vindo à parte terrestre do nosso planeta” – disse ela me encantando com sua linda voz, foi o início de uma longa conversa, como eu estava feliz! Quando voltei para casa, mamãe e papai nem tinham reparado a minha ausência, o que me deu mais um motivo para querer voltar lá para cima.

Uma das razões também era que Claire tinha me contado algo bem interessante, mas muito estranho, agora que te conheço bem, adoraria que me visse de verdade, como humana, sabe?”. Tinha ficado sem entender aquela fala, então decidi perguntar.





Ela ficou com receio de me dizer, mas decidiu explicar. Aparentemente existia uma ligação entre o cérebro humano e a placa mãe de um eletrônico que durante grande tempo em contato direto, poderia aos poucos ir transformando a pessoa em um robô e perdendo suas características de humano. Lembro do quão abismado tinha ficado, porém iria fazer o máximo para ajudar a reverter esse fenômeno!

Pensando em maneiras de desfazer isso, lembrei de um antigo cientista que morava nas profundezas. Então fui até seu laboratório para conversar com ele e ver o que podíamos fazer. Ele disse que apenas um vírus chamado OPVL e um gesto de amor verdadeiro poderiam torná-la humana de novo. O problema era que o OPVL só se encontrava na região oeste e terrestre de nosso planeta. Passamos três dias viajando de carro, até que chegamos ao local. Eu me equipei e Claire ficou no carro esperando. Mas eu tinha que ser extremamente cuidadoso, porque o cientista havia me dado um par de óculos especiais que apenas com eles, seria possível ver o vírus, mas esses óculos poderiam me deixar cego se eu não o tirasse antes de uma hora e meia. Duas horas depois e lá estava eu voltando com o OPVL. Mas nem havia prestado atenção no horário, então... Seguimos as instruções e o depositamos dentro da boca de Claire. E foi nesse momento que tomei coragem e... a beijei!

Lembro de meu espanto neste momento. Eu não via nada! Tinha ficado cego! Mas mesmo nessa condição estava tão aliviado por saber que Claire estava feliz e era humana de novo. “Nunca ninguém fez algo assim por mim, e é por isso que não importa cor, cabelo, sendo cego ou não, eu sempre vou ser grata a você. Eu te amo” disse ela. Nessa hora quase infartei de tanta emoção! E essa foi a minha história de amor e aventura.



Outros seres em Marte

Mariajosé Hidalgo Luck



Mais um dia nesse planeta laranja morando com os seres desconhecidos que invadiram o nosso planeta há 35 anos. Eles têm dois olhos, um nariz, pernas longas e a cor deles é meio diferente. Um amigo meu chamado Walter me contou que eles acabaram com o planeta deles, não sei o porquê, mas eu espero que não acabem com o nosso também.

Durante esses anos, estamos tentando aprender o idioma deles, para conseguir nos comunicar, mas é bem difícil.

Estava andando por aí quando avistei Walter:

– Oi Mike, tudo bem?

– Oi Walter, está conseguindo se acostumar com os novos moradores? E você sabe o que ocorreu com o planeta deles?

– Está um pouco difícil, mas aos poucos vou me acostumando. O dr. Enzo me contou que eles consumiam mais do que necessário. Que acabaram com a água potável, poluíram o ar e o ambiente, pois jogavam o lixo na rua e os carros poluíam o ar.

– Que interessante, não sabia que eles tinham causado tanto desastre.

– Tchau Mike!

– Tchau!

Um tempo depois de passear por aí, encontrei o dr. Enzo no caminho e ele me falou que eles inventaram vários robôs que se descontrolaram e mataram muito deles. Continuei andando e avistei um desses seres fazendo umas movimentações estranhas na frente do celular e estava tocando um som diferente. Cheguei mais perto e vi um botão vermelho no meio e eu conseguia





me ver através do celular. Aquilo me chamou a atenção e comecei a imitá-lo, mas quando o ser olhou para mim, senti medo, pois ele era o dobro do meu tamanho e então saí correndo.

Foi uma experiência muito louca e divertida, mas também bem assustadora. Depois desse dia comecei a ir com mais frequência ao lugar onde eles moravam e aprendi muito. Fiz coisas que nunca pensei que faria.

Notei que eles sempre estavam com o celular na mão e isso fazia mal para a vista, mas parecia que eles não percebiam

Esqueci de falar uma coisa: eles trabalham mais do que 12 horas por dia, nós trabalhamos apenas duas horas e eles sempre parecem estar exaustos. Também me ensinaram que sempre quando fica escuro, é hora de dormir. Boa noite! Até logo.



Um barulho vindo da praia

Mariana Melo Junqueira Franco



Terras divididas. Desde a chegada dos robôs aqui na Terra o mundo tem ficado um caos. No ano de 2048 a 2065, nosso planeta era feito apenas de caos, sofrimento e guerras. Mas no ano de 2066, as coisas começaram a mudar. Os líderes dos dois lados (humanos e robôs) fizeram um acordo em que a Terra seria dividida em dois: uma parte para os humanos (Américas e África) e uma para os robôs (Europa, Ásia e Oceania), pois assim o mundo viveria em paz.

Hoje é o ano de 2100, e nós humanos vivemos muito bem na nossa metade. A propósito, meu nome é Charlotte, e sou uma garota que sempre gostou de aprender e descobrir coisas novas, principalmente sobre os acontecimentos do passado.



Era um dia normal na cidade, até que ouvi um barulho estranho vindo da praia. Quando cheguei mais perto, vi algo que nunca tinha nem imaginado. Era meio que um foguete que parecia um carro...Eu não conseguia identificá-lo. Até que algo saiu lá de dentro. Não conseguia acreditar no que estava vendo. Era um robô.

Demorei um pouco para entender que era um robô. Parece que ao longo do tempo os robôs conseguiram avançar muito a sua tecnologia. Ele era totalmente diferente do que as pessoas falavam por aí, ele não tinha grandes olhos vermelhos e o corpo todo feito de metal liso. Ele era igual um humano, só que robô!

Felizmente ele falava a mesma língua que eu. A voz dele não era grossa com pequenos espaços entre a fala. Ele falava que nem eu, de um jeito mais natural. Seu nome era BOT54612, mas ele





disse que era mais fácil chamá-lo apenas de B12. Falou que sempre quis visitar essa parte do mundo, mas não era por esse motivo que estava aqui. Ele me disse que o novo líder eleito dos robôs estava pensando em destruir o “mundo” dos humanos, para tomar posse do mundo inteiro, um planeta robô, e que seria melhor fazer algo antes que fosse tarde demais.

Eu nem consegui entender direito o que ele falava, pois me perdi em seus olhos azuis como o mar. Deixei-o se abrigar na minha casa, pois se ele fosse encontrado por mais alguém, ele provavelmente seria desmontado e seus restos seriam levados a um laboratório para serem estudados. Depois de dias pensando em um plano, encontramos um ótimo meio de entrada da fortaleza do líder e também da cidade, sem ninguém me ver. B12 era um dos seguranças do líder, e descobriu tudo ao vê-lo falando com o tenente Richard no telefone, ele tem todos os acessos a fortaleza inteirinha. Ele tem 18 anos (igual eu). Era iniciante e não sabia onde estava indo. Ouviu por acidente.



No meio do caminho, B12 disse algo que eu realmente não estava esperando. Disse obrigado, e que se fosse qualquer outra pessoa que tivesse o encontrado ele provavelmente estaria morto. Falou também que eu era uma pessoa muito especial, e que nunca tinha encontrado alguém como eu antes (literalmente). Fiquei muito feliz em ouvir isso. Parecia que alguém tinha enrolado o meu coração em uma coberta quentinha em um dia de frio, até que me olhei no retrovisor da nave. Eu estava vermelha que nem um pimentão.

Quando chagamos no local, fiquei de boca aberta. O lugar era tão lindo, todo brilhante até a luz da lua, quase chorei, mas contive minhas emoções e segui em frente. No caminho, comecei a imaginar se tudo desse errado. Será que eles fariam comigo o que fariam com B12 no território humano? Estava assustada, mas quando olhei pro lado, vi que ele estava mais ansioso do que eu, acho que ele ficou mais calmo depois que segurei a sua mão.





Ao chegar na sala do líder, o robô me olhou como se ele soubesse que eu estaria ali, como se alguém já tivesse descoberto seus futuros planos.

Perguntamos a ele o motivo de estar pensando fazendo isso, até que ele decidiu contar seu lado da história:

– Na guerra, vi meus pais morrerem na minha frente por um grupo de humanos que invadiram a nossa casa. Depois disso, prometi a eles que um dia, quando eu tivesse finalmente poder o suficiente, vingaria meus pais. Então Charlotte deu sua resposta:

– Então esse é o seu plano. Matar milhares de pessoas inocentes para saciar a sua ignorância. Milhares de crianças vão passar o mesmo que você, e milhares de pais vão perder os seus filhos. Se essa dor foi tão grande pra você então porque você vai fazer isso?

Depois disso ele só disse para mim e para B12 irmos embora antes que ele chamasse a segurança. Voltamos para a praia (território humano) e ficamos lá por um tempo, até que B12 disse que tinha que ir embora. Naquele momento fiquei mais triste ainda, mas entendi que não era seguro pra ele ficar aqui e que ele realmente precisava ir.



Já se passara 3 dias depois do ocorrido, e a única coisa que passava na minha cabeça era se ele estava seguro. Decidi caminhar pela cidade para esquecer essas coisas, quando eu ouvi um barulho vindo da praia. Era B12. Eu nem pensei 2 vezes, só comecei a correr em sua direção e dei um abraço bem forte nele. Ele falou que tinha boas notícias, disse que o líder não ia mais fazer isso, e que nós conseguimos!! Fiquei tão aliviada e tão feliz que eu poderia dar um abraço em todas as pessoas da cidade.

Passaram-se alguns minutinhos quando B12 disse:

– Obrigado.

Ele já tinha me dito isso antes, só que agora, com o seu rosto chegando cada vez mais perto do meu...





Um surdo sonhador e um segredo

Mariana Rennó Figueiredo de Bernardis



Cosmo era seu nome, em homenagem ao universo. Ele tinha 31 anos e o grande sonho de se tornar astronauta, como seus pais. Eles amavam o universo e diziam que lá era seu verdadeiro lar, mas seu filho nunca entendeu isso.

O ano era 1941 e Cosmo estava desempregado, até porque nenhuma empresa iria contratar um homem surdo e “incompetente”. Mas ele não era nada incompetente. Formou-se em uma faculdade de ciências astronáuticas muito renomada no mundo. Um dia, uma luz brilhou no fim do túnel. Uma empresa de aeronáutica e espaço foi criada, Cosmo estava sentindo que essa empresa, diferente de todas, iria contratá-lo.



Ele então participou da entrevista, conseguiu o emprego e surpreendeu a todos. O chefe geral queria contratar Cosmo antes mesmo da entrevista, pois sabia que um astronauta diferente era novidade e que faria a empresa aparecer na mídia. Mas depois do teste teve certeza de sua contratação, pois Cosmo era realmente talentoso.

Depois do anúncio sobre o novo astronauta, chegaram as críticas, mas junto delas, o comunicado do chefe de Cosmo sobre sua primeira missão. Ele teria que dar três voltas na órbita da lua, em quinze minutos. Queriam quebrar o recorde de trinta minutos e sabiam que ele era capaz.

O rapaz ficou muito feliz e correu para contar a notícia para seus pais. Eles sentiram muito orgulho de seu filho, e resolveram lhe dar de presente pela conquista um cristal de proteção. Acharam que já estava na hora de Cosmo tê-lo.





No dia da missão só se falava nisso. Cosmo entrou em sua nave, segurou firme seu presente e decolou. Ele sabia que era qualificado para estar ali. Mesmo assim, estava com medo, pois corria muitos riscos.

Já na órbita da lua, Cosmo fez a primeira volta em longos quatro minutos. A segunda foi mais desafiadora, mas a realizou em sete minutos. A última estava sendo a mais difícil e, no começo dela, teve que aumentar a velocidade, mesmo com riscos de sobrecarga.

Só tinha mais um minuto e se acelerasse iria entrar em sobrecarga, mas segurou fortemente seu cristal e acelerou. O astronauta conseguiu! Quebrou um grande recorde, logo em sua primeira missão! Mas algo de errado aconteceu... a nave não aguentou a sobrecarga e explodiu.

Cosmo estava vagando pelo espaço inconsciente, quando acordou! E percebeu que tinha uma áurea roxa em volta dele. Ele estava vivo! No mesmo instante, dois seres alienígenas saíram de uma enorme nave e o colocaram dentro da mesma. Já na nave, transformaram-se e... eram seus pais?! Cosmo ficou em choque e pediu uma explicação. Sua mãe, feliz por ver o filho vivo, falou:

– Meu filho, você viveu até agora achando que era humano, mas não é. Você é um alienígena que só teve os poderes ativados porque sentiu medo e estava com seu cristal, por isso aquela áurea roxa estava te protegendo. Isso aconteceu com todos nós.

Cosmo respondeu assustado:

– Nós!?

Seu pai explicou:

– Sim, aconteceu comigo, com sua mãe e com todas as outras famílias de alienígenas que vivem na Terra. Lá sempre foi nosso lar, só que espécies foram surgindo e tivemos que viver entre elas.



Foram para a nave e depois de uma longa conversa, ligaram uma das Tvs de lá e colocaram no noticiário, que dizia que o mundo todo estava comentando sobre o incrível feito de Cosmo. Ele provou que, independentemente de qualquer diferença, é possível realizar um sonho.





Experimento EX47

Marina Pecoriello Ninck Valete



Tínhamos acabado de sair de uma guerra, mas infelizmente ingressamos em outra muito maior. A Rússia queria o território da Índia e, com a ajuda da China, iniciaram a ideia de tentar entrar no solo dela. Os países começaram a se juntar em várias alianças para atacar uns aos outros, e nós russos tínhamos um grande plano que envolvia um pouco de ciência.

No laboratório h24 estava o doutor Federal junto com Ana, sua assistente. Com a fiscalização de alguns soldados do governo, eles trabalhavam mais a fundo no projeto de vacinas para mutação. A China e a Rússia já estavam há algumas semanas trabalhando nesse objetivo para terem mais chances de vencer a guerra. Eu poderia até dizer que estava dando certo, mas eu estaria mentindo. Essa ideia deles era simplesmente preocupante. Se eu pudesse me intrometer até tentaria, mas eu era apenas um soldado que estava lá para fiscalizar. E me fariam de teste para os experimentos igual ao Mark. Ele tentou interferir, porém não acabou nada bem. Agora ele se parece mais com um animal do que com um humano.



Os dias se passavam muito rápido e os experimentos estavam evoluindo muito bem, até que no fim da tarde se escuta um barulho de vidro se quebrando e logo depois o som de alerta. Um dos casos mais evoluídos tinha escapado. Ouvia-se gritos por todo o lugar. Nós soldados tentamos fazer algo, mas foi inútil. A aberração nomeada de EX47 conseguiu escapar do laboratório e não sabíamos o que fazer. Doutor Federal pediu para não contar para ninguém.





Uma semana se passou e estávamos sem notícias do EX47, até que no jornal aparece “É visto pelo território da Ucrânia animais totalmente danificados. Após essa aparição pode ser visto um homem com marcas características de animais, como chifres de rinoceronte e pelagem em certos lugares do rosto. Nunca tinha se visto algo como aquilo. O que se sabe agora é que o *humano* foi preso e está em estado de observação”. Quando o governo ficou sabendo, ordenaram evacuar a área imediatamente e seguir para o planalto. Teríamos uma reunião quando chegassemos lá. No meio do caminho fomos atacados, eu estava de costas e me acertaram na cabeça, acabei desmaiando.

Era possível ouvir um barulho irritante de pássaros cantando. O canto deles me deixava com dores de cabeça. Ao abrir meus olhos, consegui enxergar que eu estava em um quarto de hospital. Olhei para a janela e o céu estava acinzentado. Os pássaros que antes cantavam estavam diferentes. Eles tinham três olhos e na hora me veio uma lembrança: será que os experimentos tinham dado errado e contaminou todos? Um barulho de porta me tirou dos meus pensamentos e quando virei a cabeça para ver quem tinha aberto a porta consegui ver um médico com chifres de búfalo e patas de cervo, e então a dúvida que eu tinha se foi. O plano tinha dado tecnicamente certo e agora provavelmente o mundo inteiro estava contaminado.



Uma nova nação

Marina Sales Pereira Asiakevicius



Não conseguia enxergar direito, estava tudo escuro. O frio atingia meu corpo com força e para piorar, uma chuva logo se iniciava. Era só o que me faltava. Sem lar, no frio e na sujeira das ruas. Minha única companhia eram os ratos que passavam em meu encardido cobertor. Não aguentava mais aquela vida. Naquele momento, pensava em simplesmente desistir.

A raiva e a inveja tomavam conta de mim. “Por que tive que viver assim? Nascer nesse lugar horrível, enquanto todos que passavam por cima de mim ao andar pela rua tinham suas próprias casas, suas próprias vidas!”



Com tanto tempo naquela situação, estava simplesmente aceitando meu destino. Com o passar dos meus pensamentos, meus olhos iam se fechando e minha alma começava a esvair. Porém, no mesmo instante, uma forte luz surgiu. “será que é real, será que é um anjo vindo me buscar?” pensei, mas não sentia essa energia pura e enquanto me encantava com o brilho, simplesmente apaguei.

“O que?!” gritei enquanto acordava assustada, mal tinha recuperado minha consciência. Estava em uma sala clara, deitada em uma cama estreita. Tentei sair de lá, ver o que estava acontecendo, mas mal podia me mover direito pelo cansaço de meu corpo. Durante o tempo que pensava nas possibilidades de como poderia estar ali, uma porta se abriu, e algo estranho surgiu.





Altos, com formas humanoides, pele esbranquiçada, com braços finos e estranhas cabeças. Com medo daqueles seres, desesperadamente gritei:

– Quem são vocês? Por que estou aqui?

Calmamente, com uma voz serena, um deles disse:

– Acalme-se, podemos ser estranhos, mas não somos monstros.

– Então o que vocês são? – perguntei.

– Somos seres de outro planeta e estamos aqui em busca de ajuda. Sua raça é perfeita para nos salvar.

– Mas como assim? – perguntei sem acreditar – Vocês são de outro mundo?

– Com certeza, e viemos desesperadamente atrás de ajuda. Nosso planeta foi dizimado por uma estrela, restando somente nós, que estávamos em missão interplanetária, então conseguimos escapar da destruição.

– Ok, mas o que eu tenho a ver com isso? Por que entre milhares de pessoas vocês me pegaram? – gritei confusa e com medo. Entendi que precisavam de mim, mas porque justamente eu para lhes ajudar?

Calmamente, com até mesmo um tom cômico, responderam:

– Escolhemos você simplesmente porque você foi a primeira pessoa que vimos ao chegar ao planeta. Sabemos que todos vocês são iguais, então pegamos aquele que seria mais fácil. E não se desespere, a única coisa que precisamos de você é nos falar as informações do seu planeta, desde como se comportam, até onde ficam as grandes cidades, mas principalmente, a localização de seus centros de ciências e tecnologia.

– Vocês estão loucos! Por que eu falaria coisas sobre meu planeta para vocês, seres estranhos que simplesmente me raptaram?





Estava cansada, nem conseguia mais me assustar com seus rostos estranhos. Nem pensava direito, sabia que não iria ganhar nada com aquilo. Bom, foi o que eu pensei por um momento, que logo foi interrompido pela fala de um deles.

– Se nos ajudar, terá riquezas, respeito, a vida que sempre quis. Com sua ajuda conseguiríamos dar tudo que quisesse. A única coisa que precisa fazer era nos dar as informações que pedimos.

Depois de ouvir a proposta, meus pensamentos mudaram. Para que viver tanto tempo sem ter o que quer? Sem pensar em nada e em ninguém, revelei tudo que queriam, desde como vivíamos aos maiores centros de pesquisa que conhecia.

Ao terminar de falar, cobrei-os da promessa, e que queria tudo que me prometeram o mais rápido possível. Porém, no meio de minha frase, os extraterrestres de repente começaram a se distorcer, seus rostos, corpos, roupas, todos tinham ficado muito estranhos.



Estava assustada, não sabia o que estava acontecendo, até que um deles disse:

– Obrigada por sua ajuda, mas infelizmente precisamos de só mais uma coisa de você...

Simplesmente fiquei paralisada. Tinha dito tudo que queriam, o que mais eles poderiam querer? De repente, braços de metal começaram a me prender. Tentei correr, mas já era tarde demais. Estava presa! Colocaram uma máscara que soltava um gás, que fazia com que eu lentamente fosse dormindo e perdendo a noção das coisas. As últimas coisas que ouvi foram eles dizendo:

– Desculpe humana, mas além das informações precisamos de seu corpo, do de todos os humanos para nos ajudar a renascer.





Achava que tinha morrido, mas de alguma forma ainda pensava, então acordei. Não sentia mais que era eu mesma, não comandava meu corpo, parecia que era outra coisa me movendo, me controlando. Tive que viver nos pensamentos e no arrependimento. Minha ganância e impulso de querer poder me dominaram, sem pensar no que poderia causar aos outros e no que aqueles estranhos seres de outro planeta poderiam fazer.

No final, acabei não só prejudicando aos outros, mas também a mim mesma, passando até os dias de hoje sob controle de outro ser.



A viagem projeto

Nara Shibayama Hirata



Mais um dia cansativo de trabalho em laboratórios. Identificar cometas não é algo tão divertido muitas vezes. Essa agência deveria tratar da descoberta de novos planetas e galáxias, mas o que fazemos na maioria das vezes é identificar cometas pequenos.

Talvez eles façam isso também, em algum outro setor dessa enorme agência e porque eu sou uma cientista inexperiente. Talvez descobrir um novo planeta não seja trabalho para mim, somente talvez...

Encontrei-me com Clara depois do extenso dia.

- Beatrice! Eu tive uma ideia genial
- Vai tentar decolar aquela nave de novo?
- Eu juro que dessa vez vai dar certo.
- Você disse isso na outra vez.
- Eu juro que dessa vez vai, por favor!

E assim foi.

A ideia da vez era sair no meio da noite e fazer a suposta “decolagem”.

Saímos de noite e nos encontramos no corredor das naves. A porta estava surpreendentemente aberta, então passamos por mais corredores até chegarmos em uma nave um tanto pequena, mas funcional.

- Está trancada. - disse Clara, desapontada - Espera, em que ano estamos?

- 2522. Por quê?

- Já sei! - Disse Clara rapidamente, digitando alguma coisa.





– O que foi? Descobriu a senha? – eu disse, sem muito entusiasmo.

– Descobri! – ela disse.

A porta da nave abriu.

Entramos na nave e muitas luzes, sensores e botões se ativaram e começaram a funcionar.

A porta se fechou atrás de nós, estávamos presas. Clara rapidamente foi até os controles da nave e começou a mexer nos comandos da nave tentando miseravelmente fazê-la decolar. Fui até ela e comecei a tentar também. Depois de diversas falhas resolvi, por fim, apertar um único botão vermelho que não havia sido apertado antes. A nave ligou ao apertar o simples botão, talvez pelo fato de o vermelho significar algum alerta, não o apertamos antes, mas agora faltava preparar a decolagem e, enfim, partir rumo ao espaço.



Com todos os preparativos e suprimentos prontos, estava na hora da decolagem. Clara tinha os próprios planos, pelo que me disse, ela queria encontrar um novo planeta. Um planeta habitável, sendo mais específica.

Já que a agência deveria tratar disso e não dos pequenos cometas, achei justo ela tentar, então, depois de algumas tentativas falhas, decolamos.

Depois de um tempo à deriva no espaço, começamos finalmente mover a nave. Mesmo sem rumo, seguimos as instruções anotadas anteriormente nas pesquisas e as usamos para movimentar a nave e sem querer mudar seu curso, depois de mais arrastados minutos avistamos alguma coisa nos sensores, uma atmosfera diferente, algo realmente incomum pois não há um planeta registrado nesta área do mapa. Momentos depois avistamos uma superfície azul esverdeada similar à do planeta Terra.

Seria possível? Nós realmente teríamos encontrado um planeta? Resolvemos ver mais de perto, mas sem pousar a nave.



Clara tira uma caderneta pequena do bolso e começa a anotar alguma coisa rapidamente.

– O que está escrevendo?

– As coordenadas do local, para voltarmos depois – Ela respondeu entusiasmada com a descoberta, afinal tinha atingido seu objetivo.

Voltamos à agência com as coordenadas e mesmo com a descoberta levamos uma bronca da supervisora por sair durante a noite, quase causar prejuízo em milhões para a agência, risco de morte e muitos outros problemas.

Após tudo isso a agência organizou uma busca pelo planeta, que foi encontrado e mapeado, testes foram feitos pelas equipes especializadas que confirmaram.

O planeta era habitável.





A grande máquina do futuro

Nina Canabarro Dios de Andréa

Em 1997, dois cientistas, Jack e Spark, muito preocupados com o futuro da Terra, resolveram inventar uma máquina do tempo. Eles tinham esperança de que, ao chegar no futuro, descobririam como evitar os maiores problemas que a humanidade enfrentaria.

Depois de muito tempo de estudo, os dois cientistas conseguiram criar um equipamento tecnológico que fazia com que as pessoas viajassem anos depois. Eles ficaram surpresos com a criação, mas também com muito medo de a invenção cair em mãos erradas e ser usada para o mal.



Logo depois de criada, eles não tiveram coragem de testar, pois estavam com medo de estragar o futuro da Terra e ficavam se enganando, fingindo que a máquina precisava de mais ajustes e novas peças. Até que um dia Jack falou que, se eles nunca testassem, nunca iriam saber se estava funcionando ou não. Foi então que resolveram usá-la.

Eles entraram na engrenagem e ligaram-na. Tentavam, tentavam e tentavam, mas não conseguiam sair do lugar. Ou melhor, era o que eles achavam, mas na verdade, quando foram ver, a máquina transportou os dois cientistas para o ano de 2035.

Ainda assustados, saíram para ver como estava o mundo na época. Encontraram um mundo mais tecnológico. Quase não havia pessoas trabalhando, porque muitos trabalhos foram substituídos pelas máquinas. Motoristas de ônibus não existiam mais, eles eram guiados por robôs. Não existia mais escola. As crianças aprendiam em casa olhando para a tela de um computador.



Livros não eram mais escritos por gente. Tinham inventado uma tecnologia que escrevia histórias sozinha. Máquinas faziam música e pintavam quadros.



Jack e Spark voltaram para a época deles mais assustados ainda. Ficaram um tempo pensando no que poderiam fazer para impedir o futuro catastrófico. Então conversaram, estudaram, pensaram e resolveram ir para mais longe e ver o que a automação do mundo tinha feito com a humanidade.

O choque dos dois colegas foi ainda maior do que chegar em 2035. Essa segunda viagem levou os dois a um mundo sem pessoas, sem bichos e sem natureza alguma. Encontraram alguns registros que diziam que as pessoas ficaram sem emprego, sem recursos naturais e, por isso, foram morrendo pouco a pouco. E as máquinas pararam de funcionar. Não tinha mais ninguém para apertar botão e máquinas.

Spark e Jack voltaram e contaram para todos que o mundo estava prestes a acabar. Mostraram a invenção que tinham construído e tentaram convencer as pessoas de que o futuro seria triste se não fizessem nada. Mas ninguém acreditou que a invenção deles funcionasse, portanto ninguém quis fazer nada para mudar o rumo da história.



A tentativa de criar um futuro melhor foi frustrada. As pessoas não percebiam que estavam se autodestruindo, só pensavam no presente e em suas próprias vidas e não queriam parar de construir máquinas que substituíssem as ações humanas. E foi assim que a Terra deixou de ter vida humana e não humana. Virou uma terra árida e triste.





Leia se você quiser 1 bilhão de dólares

Olivia Afonso Ferreira

Henry estava andando pela sua casa e avistou um balão em seu jardim. Ele saiu para ver, e percebeu que tinha uma carta com um papel estranho colada no balão.

“Olá, homosapiens. Se você está lendo isso, venha no dia 15 de março para o endereço Clubect Senna 881, às 5h da manhã. Você verá um foguete, com as letras SOOA. Caso queira ganhar 1 bilhão de dólares, embarque nesse foguete e não faça perguntas”.



Henry estava muito confuso.

Chegou dia 15 de março, e depois de refletir muito, ele decidiu ir. Era 1 bilhão de dólares que estava em jogo. Henry chegou ao local combinado. Era deserto, não havia ninguém por perto. Ele avistou o foguete: era azul e grande, com letras escritas SOOA. Morrendo de medo, ele chegou perto e a porta se abriu automaticamente. No momento em que entrou, rapidamente o jovem desmaiou, e só acordou depois de vários dias. Foi uma viagem bem longa.

Quando ele chegou, sentiu um cheiro muito peculiar. Era uma terra estranha, diferente. Ele olhou para o lado, e surgiram dois humanos – ou talvez animais, ele não sabia direito. Rapidamente os dois colocaram algo em seu corpo, que o fez desmaiar rapidamente.





Henry abriu os olhos ainda inconsciente. Alguém começou a falar.

- Jabibada cornet guiliet?
- Perdão? – Henry questionou.

Logo após ele escutou o barulho de um botão sendo acionado.

– Esqueci de ligar o tradutor. Não importa. Qual é o seu nome?

- Ah. Henry.
- Muito bem. Se você quiser ganhar o dinheiro, responda as perguntas que eu fizer.

– Onde estou? – disse Henry preocupado.

– Júpiter. Mas isso não interessa.

– Júpiter? Quem é você?

Dessa vez não teve resposta. Mas Henry já havia entendido. Não era um humano que estava falando com ele.

– Pare de fazer perguntas. Sou eu quem devo questionar você. Que tipo de tecnologia vocês têm lá na Terra?

– Máquinas, robôs...bastante tecnologia.

– Os humanos que controlam tudo por lá?

– Sim, no geral. Apesar de termos outras espécies na Terra. Porém a tecnologia e a inteligência artificial fomos nós que inventamos.

– Existe algum tipo de proteção contra invasores? – pergunta a voz.

– Você disse proteção para as guerras entre países? – diz Henry.

– Guerras entre países? Não, invasões extraterrestres.

– Ah. Suponho que sim. Temos tecnologia suficiente para observar o espaço e possíveis ameaças. Muitas vezes a ciência age, mas nós humanos somos os que controlam tudo.

– Vocês humanos têm como se proteger, digo, salvar a vocês mesmo?





– Acho que sim. Mas não vejo o porquê de nos preocupar. Não estamos perto de ser extintos. Temos força. Temos inteligência. Temos muitas qualidades que outras espécies não têm.

– Inteligência, é? Vejo. O que mais vocês têm na Terra?

– Também temos o exército para nos proteger, cada país tem um.

– O exército é formado por humanos ou robôs?

– Humanos, mas temos ajuda da tecnologia. Os melhores exércitos são o da Rússia e do Estados Unidos.

– Os humanos já criaram alguma tecnologia que voa?

– Claro, temos foguetes também. Aviões e helicópteros.

– Muito bem. Suas respostas serão úteis.

– Úteis para quê? – perguntou Henry.

Logo depois disso surgiram do céu dois animais, grandes, fortes e verdes. Eram aliens. Henry estava chocado. Ele tinha a mesma voz da pessoa que estava conversando com ele.

– Meu caro, somos extraterrestres. Moramos em Júpiter, como você pode ver. Somos muitos e necessitamos de mais espaço. Nos últimos anos temos buscado planetas próximos onde seja possível viver, e achamos a Terra o mais fácil de dominar. Estamos planejando uma invasão. E você, meu caro, nos ajudou demais com isso.

Henry tentou reagir.

– Se acalme, humano. Você deve estar se perguntando onde está a fortuna que te prometemos. Bom, estamos em Júpiter, você realmente acha que temos dólares?

O jovem ficou sem palavras. Depois disso, ele apenas viu dois aliens com uma arma e sentiu uma dor extrema em seu coração.

Anos depois, houve uma guerra entre Júpiter e o planeta Terra. Os humanos lutaram, porém os aliens venceram. Uma coisa é fato: o conhecimento que eles adquiriram do Henry foi o que fez eles conseguirem dominar o planeta Terra. Os humanos foram extintos oficialmente no ano de 3084 d.C.



O único jeito de acabar com a fome?

Pedro Dias Corrêa



Era o ano de 2124 e a cientista dos laboratórios da ACMIM – Associação dos Cientistas Mais Inteligentes do Mundo – tinha descoberto como acabar com a fome no nosso querido planeta Terra. Sim! Exatamente o que você leu! A solução do maior problema atual no mundo, a fome!

Eu, o coordenador da Área de Biologia, fiquei abismado quando recebi aquelas informações. O ano de 2124 foi um ano difícil, principalmente para os países com a necessidade extrema de alimento, pois era alto no número de pessoas poderiam morrer por falta de comida.

Meu aparelho de comunicação estava piscando, pronto para receber uma mensagem:

– Senhor, ela está trabalhando na sala 112 no setor B, escritório C – Disse o holograma, já velho, com alguns curtos-circuitos e o som ruidoso.

– Ok, estou indo para lá às pressas!

Não sabia de quem se tratava, mas não me preocupei. Nesses momentos de correria, nós usamos o URDLE (Up, Right, Down, Left Elevator), que sempre é veloz quando é preciso.

Com um comando de voz, abri a porta e me encaminhei ao pequeno e rápido elevador, mencionando as coordenadas no microfone. Os sistemas da máquina responderam quase instantaneamente, mais velozes que a própria eletricidade.

Sempre fiquei impressionado com a forma que o URDLE ia de um lado para o outro, e de cima para baixo tão rapidamente.





Depois de longos e demorados cinco segundos de ansiedade para ver a tal solução, finalmente tinha chegado.

Tinha expectativas grandes do que ela mostraria. Talvez uma grande máquina ou um quadro com um cálculo impossível, um objeto que emitia luz, ou coisa parecida.

Mas na realidade, o que eu vi dentro da sala, era: uma cientista, de mais ou menos um metro e meio de altura e descabelada. Seu escritório tinha papéis espalhados pelo chão e gavetas do seu arquivo abertas e desorganizadas. Ela estava sentada em sua cadeira, com um pequeno frasco na mão, contendo um líquido roxo neón, realmente muito chamativo.

E ainda assim não sabia o seu nome! Se ela sabia como resolver a fome no mundo, precisava ter um nome. Então olhei bem ao redor e li em seu crachá: Edan Gerous, um nome que parecia vir de origem da atual Hincória (Antiga França).

– E então, Edan? Mostre o que tem aí.

– Coordenador, aqui lhe apresento a fórmula XKLMN-145, criada por mim. Essa fórmula é responsável por deixar o paciente que ingeriu sem fome, sem a necessidade de consumo de qualquer nutriente. Além disso depois do consumo, o paciente não precisa de hidratação. Apesar de ter alguns efeitos colaterais como enfraquecimento da pele, ele funciona.

– Interessante, mas qual a fórmula do remédio? – perguntei.

– No interior dele existe um vírus.

– Um vírus?

– Sim, exatamente! Um vírus dará a solução.

Naquele momento percebi que para ela a solução era outra, uma forma na qual a humanidade não estaria mais viva. Então arrisquei e falei:

– E como ele poderia ajudar as pessoas a não terem mais fome?

– Atualmente, coordenador, o único jeito de matar a fome é matando as pessoas.



Error 404

Pedro Gabriel Facuri dos Santos Pereira



O ano era 2077, em um período em que a sexta revolução industrial estava acontecendo e muitas tecnologias novas estavam sendo criadas.

Gleidson era um neurocientista renomado, famoso, muito inteligente e reconhecido pela Sociedade Americana de Neurociência. Assim como a maioria das pessoas do multiverso, Gleidson também necessitava de internet para seu trabalho. Ele guardava seus estudos em um servidor em outro universo e lá tinha a cura do Mal de Parkinson, Alzheimer, depressão entre outras doenças neurológicas.

Um dia, Gleidson estava na sua casa com formato de cérebro, olhando para a tecnologia da cidade de Seattle, com robôs entre os humanos, carros voadores e tecnologias ultra avançadas, quando de repente recebeu uma notícia ruim. O servidor em que ele guardava suas pesquisas estava queimando por dentro e se desfazendo aos poucos. Ele tinha três dias para resolver essa situação, caso contrário ele perderia todos os seus dados. Porém ele só conseguiria salvar seus estudos indo até o servidor e guardando-os em um pen drive. Mas para ir até lá, ele precisaria de uma nave multiversal, que viajasse entre universos, justamente pelo fato de seu servidor estar no Ciênciaverso. Ele não tinha a nave e era uma tecnologia muito cara. Então Gleidson teve a brilhante ideia de pedir ajuda para sua filha.

Dáfine era uma engenheira mecânica que trabalhava com diversos tipos de automóveis. Gleidson então entrou em contato com ela para eles se unirem e construírem a nave. Então Dáfine





pegou sua motoplanadora e foi para a casa de seu pai com diversos tipos de peças e tecnologias necessárias para montar a nave. Eles ficaram cinco horas fazendo o projeto e logo em seguida começaram a executá-lo. No segundo dia trabalhando, eles conseguiram finalizar a nave, que era conectada diretamente ao cérebro do piloto.

Finalmente eles deram início à viagem, faltando quatro horas para o servidor se desfazer por completo. Eles passaram pelo universo dos cães, dos doces, dos robôs entre outros. Depois de três horas de viagem, Gleidson e Dáfine chegaram ao Ciênciaverso, universo onde ficava o servidor. Os dados das pesquisas de Gleidson ficavam em um prédio em que, para entrar, precisavam responder algumas perguntas sobre ciências. Eles acertaram as questões e entraram no prédio faltando 15 minutos. Foram andando lá dentro e viram também outros servidores se queimando. Nesse momento eles decidiram coletar os dados de todas as pessoas com um pen drive de 80 TeraBites.



Eles conseguiram! Depois de três longos e tensos dias, os dois, finalmente, conseguem coletar os dados, não só deles, mas também de todos os outros servidores. Com isso, muitas pessoas foram salvas pela dupla.

Enfim Gleidson e Dáfine voltaram para casa, com todas as informações necessárias dos servidores. Gleidson resolveu enviar os dados que não eram dele para seus donos. Também, depois do susto, achou melhor transcrever todos os seus estudos para papéis, porque, afinal, não podiam confiar na internet.

Depois de um tempo, houve uma das maiores tragédias da história na Base Multiversal de Tecnologia, local em que os mais especialistas controlam todos os tipos de tecnologia do multiverso. Carros voadores caíram, matando muitas pessoas.



Dados do governo foram apagados, assim como os das pessoas. O mais perigoso caos tomava conta das ruas com os robôs que andavam entre as pessoas desligando e deixando toneladas de lixo eletrônico pelas ruas.

Porém, Gleidson não foi prejudicado. Depois do que aconteceu, ele deixou de usar todo tipo de eletrônico, com a ideia que se mostrou certa, de que ninguém pode confiar cegamente na tecnologia.





Humanos e extraterrestres

Pedro Gonçalves Martone

Marley estava voltando para seu planeta quando sua nave detectou um suposto OVNI (Objeto Voador Não Identificado). Depois disso ele chegou mais perto e viu que realmente era uma nave extraterrestre. A nave era imensa tinha turbinas que eram capazes de ocupar um continente inteiro.

Ele enviou um alerta para seu planeta sobre isso. A população estava em completo caos. Os índices de roubos e de crimes aumentaram, o exército preparou três mil tanques a lasers e detonou a nave. Marley finalmente voltou para casa depois de cinco anos após a destruição da nave.



Mas tinha algo errado, as ruas estavam vazias, na cidade não tinha mais nenhuma alma, até que ele avistou um ser muito estranho que começou a correr atrás dele. Ele correu muito, mas nada adiantou. O ser capturou Marley e o levou para um laboratório onde fizeram várias pesquisas. Até que um dia colocaram um aparelho em sua cabeça e cinco horas depois ele conseguia se comunicar com o ser estranho.

Marley pergunta:

- Quem é você, o que você quer?
- Eu vim do planeta Terra colonizar este planeta e realizar pesquisas para ganhar dinheiro e agora terei que te matar e vender sua cabeça.

O ser cortou a cabeça de Marley.



Jacob e seu robô

Pedro Henrique Moscardini Umeki



No ano de 2117, no centro de pesquisa espacial da NASA, Jacob e seu melhor amigo, um robô chamado J8b1kt8, estavam em uma pausa para o jantar, quando de repente eles escutaram um barulho altíssimo vindo do pátio do centro espacial.

Quando os dois amigos foram verificar o que tinha ocorrido, eles se depararam com um tipo de disco que tinha pousado no pátio, destruindo tudo e todos que continha embaixo dele.

- J8b1kt8, escaneie está nave!
- Bz Bz, escaneando, escaneando...
- Nave alienígena identificada – dizia J8b1kt8.

Jacob e seu amigo j8b1kt8 se aproximam da nave devagar. Enquanto isso, a espaçonave alienígena começou a soltar um gás estranho e de repente Jacob desmaia.



Jacob acorda totalmente assustado, em um lugar estranho, o lugar parece estar flutuando de algum jeito, mas está. Depois de um tempo, Jacob avista um rosto estranho, não parece ser um humano, porém é humanoide. Jacob pergunta:

- Quem é você! O que estou fazendo aqui?!

A figura humanoide responde:

– Olá, me chamo Michael. Sou habitante de marte e vim à Terra para realizar alguns experimentos com os seres humanos. Você e algumas pessoas da NASA foram selecionadas para esse papel. E antes que você pergunte, o seu robô foi desmontado e pegamos as peças valiosas dele. Agora vamos para o experimento.

Michael se aproxima de Jacob e coloca um pano com sonífero nele, rapidamente ele desmaia.





Quando acorda, Jacob percebe estar em uma sala diferente, uma sala cheia daquelas figuras humanoides, quando de repente Jacob grita:

– Alguém me tira daqui! O que vocês fizeram comigo! Não consigo me mover direito!

– Nós tiramos muito sangue seu, pois descobrimos que é muito nutritivo para nossa raça marciana, porque estamos ficando sem comida lá em Marte, assim temos que arranjar mais comida marciana.

Jacob fica embasbacado com a situação. Ele se assusta tanto que desmaia. Quando acorda, ele observa os marcianos aterrissando na Terra e pergunta o motivo:

– O que vocês estão fazendo?

– Estamos aterrissando na Terra para pegar a maioria dos seres humanos para matar e pegar o sangue, e infelizmente você será o primeiro.



Jacob olha um dos marcianos amarrando-o e outro preparando a injeção letal. Depois de 30 minutos, o marciano com a injeção letal se aproxima e aplica a injeção letal. Jacob observa à Terra, olha para os marcianos, e vai morrendo, devagar, devagar, devagar.



Nave quebrada

Pedro Lucas Moreto Alves



Tudo começou no dia 14 de julho de 1984, às 17 horas da tarde. Felícia tinha saído mais cedo de seu serviço e aproveitou para pegar seu irmão no trabalho para irem direto para casa, pois estava muito cansada e queria dormir. Já na madrugada do dia seguinte, Felícia acordou assustada com o vento que fazia a janela balançar. A porta da cozinha bateu, o irmão assustou e se levantou, também viu sua irmã trancando a janela. Ela pediu para seu irmão ir pegar lenha e acender a lareira.

Ao voltar para casa, ele viu um clarão no céu vindo em sua direção. Felício soltou as lenhas no chão e correu chamar sua irmã para ver. A bola de fogo passou por cima da casa e caiu na floresta próxima dela. Um barulho muito alto foi gerado com a queda, e, por isso, eles foram correndo até o local. Chegando lá, viram muita fumaça. Felícia achou que fosse uma nave alienígena como as da TV.



Uma porta se abre. Muito vapor sai de dentro da nave. Os irmãos com medo se escondem entre as árvores próximas do local da queda. A irmã, com muito medo, pede a seu irmão para voltarem para casa e chamar as autoridades. Felício logo fala que ela pode se acalmar, pois o ET parecia ser inofensivo. No entanto algo pequeno saiu da espaçonave pedindo ajuda. Sua nave tinha sido danificada na batalha de Kelex e caído na superfície do planeta Terra. Felícia não acreditou, chamando o suposto ET de mentiroso aproveitador e isso tudo era uma desculpa dos militares para usar as áreas mais afastadas como um lugar para testes de bombas. O extraterrestre diz:





– Não é nada disso que você está pensando. Existem sim outras galáxias. A minha foi dominada pelo Império Galáctico.

Felícia, indignada com o ocorrido, deixa seu irmão e volta para sua casa. O irmão pediu desculpa para o alien por sua irmã. Felício ofereceu ajuda com a nave caída. Ximidts. Muito grato aceita a ajuda.

Felício vai até a garagem da casa e pega sua caminhonete para puxar a astronave até o local onde o alien iria arrumar a nave com a ajuda do irmão. No amanhecer, a espaçonave estava pronta. Felício foi chamar sua irmã para se despedir de Ximidts. Felícia vai até o ET e pede desculpa por ter dito que ele era mentiroso. Os irmãos deram adeus para o extraterrestre. Ximidts entrou na sua nave de guerra e logo deu partida nos super motores, saindo entre as nuvens.

Quase saindo da atmosfera do planeta Terra, a célula de “combustível” solta batendo nos motores muito quentes, explodindo a nave, mandando seus destroços para o vácuo do espaço profundo.



O apocalipse natural

Pedro Nogueira Martins Alvarenga



No centro-leste dos Estados Unidos, mais especificamente em Ohio, havia um menino chamado Mat. Ele era um rapaz muito curioso e inteligente, porém na escola não tinha muitos amigos e sofria bullying e preconceito. Mas isso nunca acabou com ele, pois o menino tinha o sonho de se tornar um grande cientista, mais especificamente na área dos fungos e bactérias. O garoto fazia diversos experimentos em sua casa e o seu maior até então foi pegar o pão de sua mãe e esperado ele mofar. O que menino não esperava era que isso lhe custaria caro em um futuro próximo...

Após muitos testes com o tal fungo, que já até tinha sido nomeado de Mokushi pelo menino, seu maior experimento já havia sofrido graves mutações genéticas, agora já era um fungo perigosíssimo. Um dia, sua mãe ia limpar o quarto do filho, quando esbarrou com o pote onde estava o grande fungo e, em uma tentativa de limpar o local, acabou se contaminando.

A mãe, sem saber, contaminou todos do seu local de trabalho e todos vieram a falecer no dia sucessor a esse. Mat, desamparado e devastado com a situação, tentava entender o ocorrido. Quando entrou no quarto e viu o fungo no chão, entendeu tudo. De alguma forma, isso chegou aos ouvidos do FIB. Eles queriam comprar seus estudos e utilizá-los como arma de guerra, assim como foi usado com a Peste Negra ou de uma forma pejorativa Peste Bubônica. O garoto, sabendo dos riscos, negou a oferta, mas agora já era tarde. Todos estavam sendo contaminados.





Mat então pega os equipamentos de proteção médica de seu pai, que já havia falecido e vai às ruas à procura de algum tipo de antídoto. Ele queria mais que tudo terminar aquilo que tinha de certa forma começado.

OHIO já não era mais a mesma cidade. Agora era um apocalipse natural que destruía todo tipo de vida. As ruas eram vazias e as escolas nem tinham mais alunos por lá. O garoto já estava perdendo a esperança quando de repente uma gota d'água caiu sobre o fungo e fez com que ele derretesse, e assim Mat descobriu a cura para todo esse apocalipse: água. Agora, ele estava pensando em um jeito de fazer com que de algum jeito chovesse em toda a cidade. Assim o garoto desenvolveu um tipo de avião com sucatas da cidade apocalíptica e inseri nele um dispositivo que solta água em estado gasoso que, por onde passa, deixa nuvens no céu.



Após algumas horas de vôo, as nuvens já cobriam a cidade toda e não demorou muito para que chovesse. Assim o rapaz acabou com o apocalipse natural.

Agora essa história é só história mesmo.



Renascimento Cósmico

Pedro Sampaio Vieira Costa



O astronauta Chris realizava uma missão de rotina na Estação Espacial Internacional quando algo estranho aconteceu. Ele foi encarregado de realizar uma caminhada espacial para fazer reparos em um dos painéis solares da estação. Tudo estava indo bem até que, de repente, foi puxado por uma força estranha e inesperada.

No começo, Chris pensou que algo havia dado errado com sua ferramenta de ancoragem, mas quando tentou se soltar, percebeu que algo estava segurando-o com uma força sobre-humana. Ele tentou gritar por ajuda, mas a comunicação havia sido cortada.

Preso no espaço, Chris não tinha ideia do que estava acontecendo. Tentou avaliar seus suprimentos e sua situação. A gasolina para o retorno à Terra estava acabando, mas ele tinha suprimentos suficientes para sobreviver por algumas semanas. Não conseguia entender como isso poderia ter acontecido. A nave estava em perfeito estado e a comunicação devia ter sido interrompida por alguma interferência externa.

Enquanto tentava resolver o mistério, Chris começou a ter estranhos sonhos e visões. Viu criaturas bizarras e ouviu vozes que chamavam por seu nome. Perguntou-se se estava ficando louco. A falta de sono e a pressão do isolamento começaram a afetá-lo.

Dias se passaram e Chris estava prestes a perder a esperança. Pensou que talvez nunca fosse encontrado. Questionou-se se sua missão era apenas um experimento para ver quanto tempo





ele poderia sobreviver no espaço. Sentiu raiva e desespero. Tentou lutar contra as forças invisíveis que o seguravam, mas elas eram mais fortes do que ele.

Finalmente, Chris teve uma ideia. Percebeu que a energia que o segurava estava ligada à sua mente. Começou a meditar e a se concentrar em se libertar. Ele focou em sua respiração e em seu corpo. Finalmente tinha conseguido se libertar do medo e raiva que o haviam mantido preso. Percebeu que o pavor e a ansiedade eram sua verdadeira prisão.

Com uma nova compreensão do que estava vivendo, Chris abriu os olhos. Ele se sentiu leve, como se algo tivesse sido tirado de seus ombros. Olhou em volta e viu que estava na Terra, de volta em seu laboratório. Foi recebido por seus colegas, que estavam chocados com o que tinha acontecido. Eles disseram que a comunicação havia sido cortada por interferência externa e que sua nave havia sido guiada de volta à Terra por um sistema de controle remoto.



Chris sabia a verdade. Ele não havia sido preso por falta de gasolina. Havia sido preso por suas próprias emoções e medos. E agora, com um outro olhar de si mesmo e do mundo ao seu redor, ele estava livre. Depois de alguns minutos, Chris começou a se sentir estranho. Estava tonto e com falta de ar. De repente acordou em uma cama de hospital, logo entendeu que havia desmaiado.

Ainda deitado na cama, Chris percebeu que a interação humana não pode ser menosprezada. Chegou a essa conclusão após ter ficado preso e quase ter enlouquecido enquanto sobrevoava a galáxia. Repentinamente um médico entrou no cômodo e com muita calma se apresentou e perguntou sobre suas condições. Chris tentou responder, porém não conseguia mover sua boca. Apavorado, entendeu a situação. Havia entrado em estado vegetativo depois de um trauma tão impactante como aquele. Não tinha mais controle sobre sua vida e destino.



O amigo através dos fios

Pietra Pompei Goldman



Tinha acabado de sair da aula, e hoje estava sendo um dia cansativo, igual a todos os outros. Sempre que eu entrava na escola, todos me olhavam com uma expressão peculiar, faziam bullying comigo e caçoavam da minha aparência devido a uma cirurgia que tinha feito no rosto há pouco tempo, e isso já acontecia há muito tempo. Eu nunca contava para ninguém, pois tinha medo de não entenderem.

Quando finalmente cheguei em casa, percebi que havia algo de estranho, ferros no chão, uma placa de metal e pegadas diferentes. Achei que essas coisas não eram normais, mas ignorei. Depois de um tempo, aquilo me incomodava cada vez mais, então resolvi investigar. Já estava à noite, não conseguia ver direito, mas tinha que descobrir o que eram aquelas pegadas. Fui seguindo, seguindo até que encontrei o que parecia ser um robô, mas como aquilo podia acontecer? Fiquei o observando por um tempo e vendo seus detalhes, quando finalmente perguntei quem era ele. O robô fez alguns barulhos estranhos, bipes abriu seus olhos de ferro e disse:

– Olá! Sou MV43 e estou aqui à procura de Lia Silver.

Falei que era Lia Silver, mas ainda não estava entendendo o que acabara de acontecer. Depois de mais bipes ele falou que era da Companhia dos Robôs Excluídos e seu objetivo era me encontrar para me ajudar com o bullying.

Depois de muitas conversas e muitas risadas (por incrível que pareça), eu finalmente me senti acolhida, mas com um robô? Deixei essa questão de lado e contei mais da minha vida para ele.





Fiquei muito impressionada, pois ele entendia meus sentimentos e parecia ser uma pessoa real... A nossa conversa estava tão boa que não queria voltar para casa. Quando vi, já eram dez horas da noite e nem tinha percebido. Então, logo falei que teria que ir embora e o robô falou:

– Me encontre aqui amanhã no mesmo lugar, terei uma surpresa. Até amanhã então, Lia Silver bip!

– Até amanhã, MV43! – Respondi.

Quando cheguei em casa, minha mãe estava furiosa, mas eu me sentia tranquila. Ela me perguntou onde estava e disse que estava com um amigo. Ela ficou muito surpresa, mas eu apenas subi para o quarto.

No dia seguinte, como sempre, as pessoas implicavam comigo, mas eu não liguei tanto. Quando acabou a aula, fui correndo para o lugar onde o robô estava. Vi ele lá no fundo e já senti uma felicidade. Quando encontrei ele, exclamei:

– Você veio mesmo!

E ele respondeu que estaria ali, caso eu precisasse de ajuda.

– Bom, como prometido, aqui está seu presente!

Quando vi, era uma linda caixinha de música com uma bailarina dentro. Tenho que dizer que fiquei um pouco emocionada. Como um robô poderia ser tão sentimental? Quando fui falar, até gaguejei:

– Mu, mu, muito obrigada. Ela é linda!

Ele apenas fez um bipe.

Conversamos por horas e horas de novo, mas tive que ir para casa. Enquanto jantava, pensei sobre MV43, será que finalmente irei ter um amigo? Aquela pergunta ficou ecoando na minha cabeça...

No dia seguinte foi muito tranquilo, na verdade foi até normal, acho que isso aconteceu por conta do robô. Não parava de me fazer aquela pergunta. Quando encontrei o robô, perguntei





a ele se era meu amigo e ele respondeu que sim, com um sorriso na cara. Fiquei tão alegre e tão contente...

Semanas se passavam, e eu só ficava mais alegre. Todo dia o encontrava e tínhamos boas e longas conversas. Mas em um dia chuvoso, fui encontrar o robô, porém quando vi o local, possuía apenas uma carta. De início, achei que era uma pegadinha, mas quando abri, estava escrito que a Campanha dos Robôs Excluídos agradece em poder ajudar com o bullying. Falaram que a minha evolução foi altíssima e que MV43 ficou feliz em poder ajudar. Fiquei pensando na última frase: Obrigado mais uma vez e adeus. O QUÊ? COMO ASSIM? O meu melhor amigo foi embora? Eu desmoronei, chorei, mas o que podia fazer? O único amigo que eu tinha na vida foi embora? Eu fiquei sem palavras. Como o robô podia ter me ajudado, sendo que continuo sem amigos, sem alegrias, sem conversas? Como ele podia entender tanto os meus sentimentos, sendo que machucou eles? Então eu pensei, ele não é uma pessoa.



Robôs são cruéis, e agora a única coisa que me restou é a minha tristeza e a caixinha de música...





Uma viagem para além do tempo

Rafael Anselmi Cury Rojas

O sentimento de curiosidade pode parecer bobo, comum e insignificante, entretanto ele mudou o rumo de vida de dois jovens. Para entender, é necessário saber a história completa!

O ano era 2037 e o caso se passou com os jovens terráqueos Peter e Raymond, melhores amigos desde seus três anos de idade. Os dois estudavam em uma escola de ponta, especializada em ciência e tecnologia quântica – a nova tendência da época. Eles eram alunos geniais, que se destacavam em todas as áreas. Além disso, eram muito curiosos e realizavam diversas experiências, por exemplo, quando construíram um computador caseiro mais rápido que os supercomputadores atômicos utilizados pela “Space S”, na missão que levou a humanidade para Vênus pela primeira vez. Apesar de tantos feitos, os dois nunca haviam vivido uma aventura real. Bom, pelo menos até então!



O fim do ano letivo se aproximava e, como de costume, a escola dos garotos realizava o seu projeto final de curso, que era a criação de uma máquina do tempo, ou melhor, um protótipo, pois mesmo após tanta pesquisa, nenhum cientista havia, de fato, conseguido desvendar o mistério do tempo. Todavia, os meninos decidiram que eles iriam, sim, tentar desenvolver uma máquina do tempo real! Mas para isso, eles teriam que usar o laboratório da escola, então esperaram até o final das aulas – pois queriam ter a sala só para si – e levaram o seu protótipo, previamente construído, até o local. Foi difícil desenvolver um hi-persoftware tão complexo e nunca testado, contudo, quando ele foi implementado, o impossível aconteceu: a máquina funcionou!





Naquele momento, os dois não tiveram dúvida e entraram na cápsula, rumo a uma jornada assombrosa!

Quando Peter e Raymond acordaram, ficaram surpresos! Estavam em uma sala escura, cheia de painéis e botões. Porém, quando a porta da sala se abriu, algo inimaginável aconteceu! Adentraram dois seres verdes com duas antenas e quatro braços, além de terem estatura similar a dos garotos. O choque foi tanto que um silêncio avassalador se instalou, ninguém conseguia acreditar no que estava vendo, até que Peter perguntou assustado quem eram. Os seres misteriosos, Zig e Nop, disseram que eles pertenciam ao Povo Prurk, habitantes naturais do Planeta Uer. Os terráqueos ficaram abismados com tudo aquilo. Povo Prurk? Planeta Uer? Como eles estavam entendendo o que diziam? Seria uma técnica de tradução interplanetária? Os jovens terráqueos contaram o que havia acontecido até então. Os quatro chegaram à conclusão de que eles não tinham viajado no tempo, mas sim para outra dimensão, onde a Terra, o Sol e a Lua não existiam!



Peter e Raymond se viram em desespero e perguntaram se os seres poderiam levá-los de volta para casa. A resposta foi surpreendente, pois os extraterrestres disseram que, embora o procedimento fosse perigoso, ele não era difícil e que iriam ajudá-los a voltar para a Terra, antes que o povo extraterreno fosse extinto. Os jovens ficaram confusos e perguntaram o motivo pelo qual o Povo Prurk deixaria de existir. Então, os dois seres explicaram que eles eram constantemente atacados por robôs desenvolvidas no próprio Planeta Uer, com base em Energia Gama, cujo objetivo era destruí-los. E já que os escudos nanotecnológicos que os protegiam deixaram de funcionar, a população remanescente dos Prurks não resistiria ao próximo ataque. Por conta disso, os jovens humanos decidiram ficar e ajudar os seres extraterrestres.





Era uma corrida contra o tempo. Os quatro só tinham algumas horas para tentar desenvolver um programa de defesa forte e eficaz. Foi um trabalho árduo e que necessitou de todo o conhecimento possível. Felizmente, o quarteto conseguiu implementar o “Sistema Gama Uer” instantes antes de uma grande espaçonave inimiga se aproximar. Ela disparou um míssil ultrasônico de hidrogênio contra o Planeta Uer, tão potente que poderia destruir um corpo celeste inteiro! Contudo, o projétil ricocheteou, assim destruindo a nave inimiga por completo. Com isso, o Povo Prurk foi finalmente salvo de possíveis futuros ataques. Depois disso, Zig e Nop ajudaram Peter e Raymond a construir uma nova cápsula para retornarem à Terra. Felizmente, o hipersoftware funcionou e os jovens terráqueos, mesmo deixando o Planeta Uer, levaram toda gratidão do Povo Prurk.

Quando chegaram ao seu destino, a visão foi assustadora. Não existiam mais cidades, prédios e pessoas, tudo o que se via era um deserto de lixo e ruínas. De repente, eles ouviram a voz de um robô que dizia:



“Diário de Bordo: 5 de maio de 3037– O tempo passa mais devagar em outras dimensões, sabiam? Nesse meio tempo, seus antepassados continuaram cada vez mais destruindo o que, por muito tempo, chamaram de lar. Eles foram inconsequentes, egoístas e gananciosos, devastando suas florestas, mares e até sua atmosfera, sempre com a desculpa de que tudo era em nome do progresso! Que progresso é esse? Então me programaram para resolver essa situação e assim fiz, eliminando essa máquina destrutiva que é a humanidade! Desculpe, onde estão os meus modos? Peter e Raymond, bem-vindos de volta ao Planeta Terra!”.

Assim, o robô, cujo nome era LXFG, terminou sua missão e a humanidade estava oficialmente extinta após tanto mal que causou!



Uma raposa um tanto estranha

Rafael Carvalho Bezerra



Sou Tim e estava vendo o filme “ET, o extraterrestre”, aquele clássico. Recordei-me de uma história similar que aconteceu comigo no ano passado. Estava na minha casa na floresta durante as férias, até que escutei um barulho. Olhei pela janela e vi uma espécie de disco voador, porém menor. Eu, como um grande explorador, fui investigar. Minha mãe tinha saído com seu novo amante, então eu estava sozinho. Ainda não o tinha visto presencialmente, não sabia nem o nome dele. Era realmente um disco voador, porém era tão pequeno, parecia até de brinquedo. Até que vi na mata algo branco, vinha se aproximando calmamente sem apresentar perigo. Estava ferido. Era como uma raposa branca, mas com ...?? Era algo que eu nunca havia visto. Seus olhos eram grandes, suas patas pequenas, tinha uma antena e uma cauda longa e felpuda. Ele veio até meus braços, com medo, e eu o levei para minha casa. Era felpudo, todo seu corpo. Nunca tinha tocado em algo tão macio.



Deixei-o descansando enquanto fui ver sua nave e trazê-la para dentro de uma casinha de ferramentas ao lado da minha casa normal. Com aquele estresse todo, apaguei no sofá. Acordei no dia seguinte e estava na cama, porém minha mãe não podia saber da existência da raposa! Fui correndo até a sala e mamãe estava lá. Ela não esboçava nenhuma reação diferente e estava fazendo o café da manhã. Vi a raposa pelo canto da porta do quarto e fui fechá-la. Minha mãe me serviu, eu sabia que tinha que dar comida para a raposa, mas ela poderia comer aquilo? Ela sequer era desse planeta. Perguntei a minha mãe sobre seu





jantar. Ela disse que seu amante viria em casa naquela semana. Quando acabei de comer, fui até meu quarto. A raposa estava lá e então decidi chamá-lo de Mao.

Fomos até a casinha de ferramentas e tentei usar aquela nave que estava emitindo um sinal para alguém, porém esse alguém já estava lá, atrás de mim. Era um alienígena humanoide. Ele tinha uma máscara parecida com a do Predador. Eu congelei. Ele se aproximou de Mao. Eu empurrei o Alien para ganharmos tempo. Corremos até a floresta. Mao fraquejou. Era evidente que quanto mais tempo ele ficava aqui, mais precisava voltar para seu planeta. Acariciei-o e pude imaginar o que aquele Alien fazia com ele. Eu vi o medo de Mao quando o alien chegou, parecia um tipo de maus tratos aos animais. Será que era pior de como usamos medicamentos em animais aqui na Terra? Notei que sua antena brilhava menos, comparado com quando ele chegou. Parecia com a cauda do Charmander de Pokémon. Sabia que era a reta final, apenas precisava atrasar o caçador. Ele conseguiu nos alcançar, mas eu estava preparado. Joguei um tronco velho de árvore nele.



Escutei um *bip bip* e olhei para cima, uma nave gigante estava nos sobrevoando. Dois soldados desceram para prender o caçador que estava contido pelo tronco velho. Mao olhou para mim com alegria em seus grandes olhos. Antes havia feito anotações sobre ele em um caderninho, senti que era um verdadeiro cientista. Peguei meu celular, tirei uma foto de Mao com a nave atrás e uma *selfie* juntos também. E assim ele foi para dentro da nave, sem aliens malucos querendo maltratá-lo. Voltei para casa. A campanha tocou, abri e minha mãe disse:

– Tim, este é John, meu novo namorado!



Um céu estrelado em chamas

Rafael Costa dos Santos



Parecia ser apenas mais um dia comum na imensidão do universo no mais recente meio de locomoção interplanetário, o Gênesis I, com seis salas em uma nave de tamanho imensurável.

Apenas os melhores eram aceitos, nos últimos esforços da humanidade para sobreviver ao problema da superpopulação. Nessa missão estava Melissa de Souza, a capitã da missão. Ela era uma brasileira legal e divertida, mas, se fosse preciso, ficava séria e com um espírito de liderança incomparável. Mark Luckerberg era o comunicador.

Foi o primeiro canadense conhecido por mim, frio como o gelo e um pouco relaxado. Além de mim, estavam Cecília, a melhor navegadora responsável pelo controle e direção da nave, e o último membro era Ramon, o colíder da missão.



Tínhamos os melhores resultados em áreas técnicas, era gentil como nenhum outro, apesar de ser bastante competitivo. Nossa missão era levar o transportador atômico até a sétima base em Marte, pois, após os eventos das guerras nucleares, tudo tinha se transformado. O planeta foi seriamente prejudicado em seu meio ambiente. A tecnologia de atmosfera artificial fez com que surgisse um jeito de escapar dali, porém, só as pessoas com muito dinheiro conseguiriam ir para as novas residências em Marte. Sempre que comentávamos isso com Mark, ele sempre parecia incomodado e dizia:

– É inaceitável que nós estejamos trabalhando para uma pequena parte da população sobreviver e o resto ser deixado para apodrecer.





Tudo mudou. Ninguém sabia, mas o motor à base de energia nuclear estava vazando, diminuindo a velocidade de uma maneira imperceptível. Quando nos demos conta já era tarde.

Em um piscar de olhos, uma rocha enorme colidiu com uma das salas da nave, onde estavam Mark e Ramon. Repentinamente a porta se fechou por causa do protocolo contra a perda de oxigênio, Mark foi puxado quase saindo da nave. Por fim, destroços do comunicador magnético atingiram seus pontos vitais, matando-o. Depois de presenciar essa cena, Melissa não perdeu tempo, colocou o traje espacial e foi ao resgate de Ramon. Eu, como navegadora, também não podia ficar parada.

Fui à sala de navegação para usar o pouco de combustível que nos restava para nos aproximar de um lugar seguro.

Enquanto eu fazia os cálculos para essa manobra arriscada, Melissa resgatava Ramon já inconsciente por lesões na cabeça, sendo segurado apenas por seu traje.



Quando Melissa voltou, desacoplamos a sala danificada e iniciamos o processo de descida. Não tínhamos combustível para uma descida segura. O que poderíamos fazer era apenas esperar que a sorte estivesse ao nosso lado.

O atrito do ar com a nave desencadeou uma esfera envolta em chamas, visível da Terra. Nada podíamos fazer. Conforme a temperatura subia, nossa esperança diminuía e vagava como os ventos.

Com a chegada ao solo, saí quase ilesa, porém meus companheiros não tiveram o mesmo destino. Melissa quebrou o seu braço esquerdo, enquanto Ramon perdeu permanentemente as duas pernas e nunca mais pôde andar novamente.

Eu e Melissa conseguimos levar Ramon para fora da nave. Por sorte, nos comunicamos com Elon da Base Seis, e após um tempo ele veio nos ajudar e nos levar até um hospital. Nos deram os cuidados necessários e próteses para nossos membros perdidos.





Enquanto pensávamos em como a vida de todos havia mudado em um instante, recebemos uma visita do próprio capitão das viagens interplanetárias, que nos parabenizou pelas atitudes rápidas e precisas, e terminou dizendo:

– Meus parabéns, Melissa, Ramon e Cecilia. Suas atitudes ficarão marcadas na história!

Por fim, fomos resgatados e recompensados. Ramon e Melissa decidiram se aposentar, enquanto eu me preparava para a próxima missão nessa roda da vida que nunca para.





Os Lunalungus

Rafael Pinto Coelho Alde

No ano de 2937 em Neo Paulo City, uma cidade bem movimentada, onde muitos possuem carros cintilantes, estruturas grandes e com designs diferentes e figuras holográficas em suas composições, ou seja, tudo de bom e do melhor, porém nem todos os moradores tinham esses privilégios. Uma minoria ainda usufrui de coisas dos anos 2000 ainda, e um exemplo dessa realidade são os automóveis, que o mais comum era o Ford Ka primeira versão, um carro bem velho, o qual a fabricação já não acontece mais. Essa população mais pobre não tem visibilidade nenhuma nessa metrópole, além de serem considerados perigosos.



Um jovem morador dessa área, de nome de Philippe da Silva, trabalhava de garçom no centro da cidade. Ele era fanático por relógios, sempre observava a parte rica da cidade, que tinha de todos os tipos de construções holográficas, digitais ou até flutuantes. Em seu aniversário ganhou finalmente de sua amada mãe um relógio de bolso muito estiloso.

Mais um dia de trabalho árduo. Mas agora ele tinha mais controle do tempo em que estava no restaurante, e acabou percebendo que todos os relógios estavam marcando 22h30, porém o seu marcava às 22h00. A princípio achou que era o seu que estava errado, mas deixou passar daquela vez.

No dia seguinte foi ter certeza de sua hipótese e no fim de seu expediente, para sua surpresa, a cidade inteira marcava 22h32 e o seu relógio indicava o mesmo do dia anterior, 22h00.





Foi aí que ele percebeu que algo estava estranho. Philippe pesquisou em seu tempo livre o que poderia causar esta alteração e descobriu que isso poderia se tratar da lua. Ele, como um bom observador, decidiu prestar mais atenção no horário noturno. Com os dados coletados, o menino da família Silva chegou à conclusão de que as noites estavam começando antes, e já foi pesquisar um pouco mais as consequências dessa alteração e quando ela tinha começado.

Após muitas horas de estudos e pesquisas na biblioteca pública do centro de Neo Paulo, ele chegou às suas desejadas respostas: as noites começaram a aumentar sua duração fazia dois anos, porém isso vinha mudando desproporcionalmente a cada dia que passava: as marés começaram a elevar o nível por conta da dependência lunar; os animais começaram a se adaptar a esse novo ambiente desde o ano anterior, sofrendo alterações em seu DNA fazendo, por exemplo, que lagartos com três olhos surgissem; além dos relógios agora estarem perdendo sua função; e a temperatura iria diminuir também por conta da falta de luz solar; as plantações da maioria de alimentos em algumas semanas estariam fora de cogitação; a energia mais utilizada na cidade teria seu fim, a solar. Com essas informações ele percebeu que teria que contar para alguém com mais visibilidade no assunto para que a cidade se mantivesse informada e protegida. Philippe lembrou de um laboratório perto do restaurante em que trabalhava e foi alertá-los.



Assim que chegou lá, ele foi barrado por ser da periferia, antes de até mesmo explicar do porquê sua visita. Isso só o fez pensar em se vingar daquela parte esnobe da cidade. Então chamou os seus amigos e familiares para estudar e se proteger dessas noites.

O rapaz decide comandar seus parceiros na missão de criar um equipamento para não sofrerem com o frio, uma nova energia,





além de cuidarem de animais mutantes, que já estavam invadindo e assustando os moradores. Após semanas tiveram seu primeiro resultado, foi criado um aparelho que é plugado na pele, e quando o pelo se arrepia o sensor é ativado, esquentando seu corpo.

Com as análises atualizadas, foi possível notar uma mudança brusca em relação à temperatura e a duração das noites. Os termômetros chegaram aos três graus. Neo Paulo nunca presenciou um frio tão extremo e noites com a duração de uma hora a mais passaram a ser cronometradas. Quanto mais a lua fica no céu, as luzes do centro falham, por usarem a energia solar.

Eles conseguiram a energia inovadora que foi nomeada como lunar. Ela funcionava capturando vibrações lançadas pelo nosso satélite natural. As pessoas poderiam abastecer suas casas com uma nova luz. Ainda mais nesse momento que os animais foram contidos com a ajuda das novas armas a laser criadas a partir de restos de projetores usados para os hologramas.



Com isso eles tinham tudo o que era necessário para sobreviver aos dias noturnos. Então Philipe, com ajuda de seus amigos e familiares, resolveu evoluir a periferia e vender suas invenções a um preço exorbitante para o resto da cidade, a fim de ficar acima dos ricos moradores do centro.

Philipe passou a ser tratado como o salvador dos pobres de Neo Paulo City e trocou o nome dos moradores dessa nova comunidade para Lunalungus, do latim lua, inundação e frio.



Desastre Futurista

Rafael Rodrigues Echenique



Não sei se alguém vai ler essa carta, mas se ler, saiba que eu preciso de ajuda. Mas antes de contar a minha situação, eu vou contar sobre o futuro, mais precisamente sobre o “desastre de 2096”.

Tudo começou em janeiro, na cidade de Nova York, quando deu 16h59 e algo errado aconteceu. Todos os aparelhos eletrônicos se apagaram e em suas telas foi exibida a mensagem “error 404”, o que causou uma pane nos robôs. Isso fez com que eles se revoltassem e dominarem o mundo.

Em março tudo piorou, pois um dos robôs encontrou uma antiga base militar e acidentalmente libertou um vírus zumbi que infectou 99% dos humanos.



O tempo está se esgotando, já estamos em maio e eu sei que não vou durar muito. Estou enlouquecendo e vou ser infectado em breve. Então se você ler isso, impeça as máquinas de se desenvolverem.





Perdida em outro planeta

Rafaela Belluzzo Victor da Silva

Na nave, uma luz vermelha de emergência piscava sem parar. Estava tonta, sem saber o que tinha acontecido, quando cheguei aqui. Lembrava somente do meu nome, Jane, e porque estava na nave. Tinha apenas oito anos quando decidi ser astronauta. E aos meus vinte e seis, consegui realizar meu sonho de viajar ao espaço. Porém, não foi como o planejado...

Alguma coisa bateu na nave espacial em que eu me encontrava junto com a tripulação a caminho da Lua. A tripulação era formada por mim, Joe, minha melhor amiga, também astronauta, Kátia, a tripulante mais experiente em viagens espaciais e Peter, que se formou comigo, porém, não conversávamos muito. Quando declararam quem seriam os integrantes da tripulação, pulei de alegria ao saber que, tanto eu, como Joe, que compartilhávamos o mesmo sonho, iríamos juntas realizá-lo.

Agora estou aqui. Não sabia como tinha chegado neste planeta, com existência de oxigênio. Tentava lembrar, mas só recordava do barulho que nosso foguete fez ao colidir com uma massa espacial misteriosa.

Ao mesmo tempo em que eu estava receosa por estar em outro planeta, com seres bem diferentes que nós, humanos, eu estava, também, curiosa para descobrir essa nova realidade, com a percepção de uma população muito mais avançada tecnologicamente do que nós, seres humanos. Aparentemente eles possuíam três olhos, quatro braços, seis pernas e oito ouvidos.

Eu estava no laboratório de pesquisa deste planeta. Fui explorar o ambiente em que me encontrava, pois não havia





nenhuma restrição posta em nenhum lugar. Estava vendo os corredores e as disposições dos cômodos. Eram parecidos com as nossas, tendo uma sala, quatro paredes, um piso e teto. Porém, percebia, caminhando pelos corredores, a existência de robôs, parecendo até com a espécie humana, mas sem cor, inteiramente cinza e sem personalidade. Andando e reproduzindo informações. Neste planeta, a tecnologia era visivelmente avançada. Havia dispositivos que reproduziam imagens e informações sem nenhuma superfície de apoio, sendo possível também editá-las. E janelas projetavam paisagens controladas por comando de voz!

Mais tarde daquele dia, fiquei mais tranquila ao saber que Joe, Kátia e Peter estavam vivos, pois o robô nos levou para uma sala, onde nos encontramos. Naquela sala entrou um robô que fazia gestos para que nós falássemos nossa língua. Logo, entendemos que pediram para realizarmos essa ação, pois era para que o robô conseguisse identificar o que dizíamos, já que nossa língua não se assemelhava a deles. E obtiveram sucesso no processo, pois na conversa ocorrida houve respostas lógicas de ambas as partes do diálogo.



Após um tempo, chegou um ser daquele planeta, Zoo, e começou a se expressar em uma língua diferente. E o robô traduziu a conversa para ambos. No diálogo, Zoo apresentou-se como representante da Companhia de Pesquisa do Espaço (CPE) do planeta Agáti. Perguntou de onde viemos e mais algumas informações sobre nós, humanos. Respondemos todas as perguntas feitas por Zoo, já que sua única intenção era nos ajudar a voltarmos para a Terra. Como tinham tantas tecnologias avançadas, os seres de Agáti, por que não nos ajudariam? Enfim, no diálogo relatamos informações sobre a Terra e seus recursos naturais, trazendo como exemplo a água, que é responsável pela existência de vida no nosso planeta.





Ao longo da conversa, perguntamos como chegamos até Agáti e ele esclareceu nossa dúvida, respondendo: “Encontramos vocês por meio de nossos satélites de pesquisas que identificaram uma espécie de cápsula inteiramente amassada. Tínhamos levado tudo para uma investigação desse objeto e, dentro do que vocês chamam de foguete, estavam vocês quatro”.

Após o diálogo, fizemos um tour na CPE. E, logo depois, nos levaram para um ônibus voador para ver como era a estrutura do planeta, para nós trocarmos conhecimento uns com os outros.

Na região, não existia nenhum meio de transporte que tocava a superfície e fazia barulho. Carros, skates e muito mais não tocavam o chão! Quanto às roupas, todos usavam o mesmo estilo. A cidade era totalmente digital. Cada pessoa era acompanhada por uma máquina/robô.



Depois do passeio, retornamos às nossas cabines para descansarmos, mas eu não queria repousar. Eu já tinha descoberto a tecnologia de Agáti. Precisava saber o que tinha batido em nossa nave. Recordei de Zoo falando sobre os satélites que tinham encontrado nossa nave e me dei conta que, possivelmente eles registraram o ocorrido! Fui até a sala de registro e encontrei o arquivo do satélite que filmou o acontecimento. Eu descobri! O que colidiu com nosso foguete foi um asteroide carbonáceo! Voltei para minha cabine com a angústia de não saber como podíamos voltar à Terra...

No dia seguinte, Zoo nos deu a informação de que, com as características dadas sobre a Terra, conseguiram encontrar e estabelecer conexão com o planeta, ou seja, iríamos voltar para o nosso lar!

Todos da tripulação estavam felizes de saber que voltaríamos para casa! Enquanto estávamos esperando o resgate, fiz algumas observações: no planeta Agáti, onde a tecnologia



era explicitamente avançada, percebi que a tecnologia pode ser desvantajosa quando usada para benefício próprio, sem pensar no outro. Portanto, sendo a tecnologia usada de modo individualista, poderá acarretar resultados negativos a toda uma sociedade.

Só poderemos chegar a uma sociedade tecnologicamente desenvolvida com comportamento coletivo e objetivo do bem comum.





Vírus Eakley

Renata Arantes Iwamoto

No ano de 1978, eu e os meus colegas estávamos trabalhando em uma vacina e para facilitar nosso trabalho iríamos testar em animais. Finalmente nossa vacina estava pronta, eu tive o prazer de ser o primeiro a utilizar no animal.

Utilizamos um Eakley para testar, que é um tipo de animal que é a mistura de um coelho com canibal. Deu tudo certo, e quando eu e minha equipe estávamos saindo do laboratório o alarme de perigo começou a tocar e fomos correndo para ver o que tinha acontecido.



Quando chegamos estava tudo fora do lugar, os Eakleys não estavam lá, os frascos estavam jogados no chão e os nossos funcionários não estavam lá. Tive a ideia de ver as câmeras de segurança e vi que todos os nossos funcionários viraram canibais por conta da mordida de um coelho, os Eakleys são raros de achar e quando não são domesticados eles ficam descontrolados, já os do laboratório são domesticados então eles não mordem, mas por conta da vacina eles tiveram uma outra reação.

Eu havia pesquisado sobre soluções possíveis para o vírus parar de se espalhar e para isso havia um certo gás tóxico, localizado em Ilhas Izu. Tivemos que pegar equipamentos apropriados para resistirmos ao gás. Quando chegamos lá, pegamos uma amostra e para o gás se espalhar tivemos que jogar o frasco onde deixamos o gás. Saímos correndo para o laboratório para nos trancarmos, logo após isso o gás se espalhou e as pessoas começaram a voltar ao normal.



Lorde dos Bobs

Ricardo Lago Durand



Bob Lon tinha uma vida muito estranha. No ano de 3876, Bob tinha 12 anos e ia mal na escola. Ele morava com sua mãe e seu pai.

Muitas pessoas que estavam vivendo no mesmo lugar eram tecnologicamente espertas. Outras pessoas que se pareciam com Bob tinham uma personalidade e aparência diferente do Bob Lon. Por exemplo, tinha um Bob que era um robô, um que era um pirata. Outro era do ano de 2050, um do tempo da Grécia Antiga. Bob era a única pessoa na Terra que tinha outras pessoas semelhantes a ele. Ele comandava as outras pessoas.

Só que o problema é que nem todos os Bobs eram pessoas legais. Tinha um Bob que era um conquistador de planetas chamado Lorde Bob. Ele já tinha conquistado outros planetas nas galáxias com suas armas futuristas. Ele tinha um plano de conquistar a Terra inteira. Ele começou a construir uma arma muito avançada tecnologicamente, que tinha o poder de atirar um raio químico que podia destruir todo o planeta Terra.



Lorde Bob voou com sua nave para o espaço e foi atirar sua arma poderosa. Só que Bob Lon descobriu o plano dele. Bob Lon chamou todos os outros Bobs e falou que o planeta ia ser destruído se eles não fizessem nada. Os Bobs se preparam, pegaram suas máquinas de voar e foram para o espaço.

Os Bobs lutaram contra Lorde Bob. Foi uma batalha bem emocionante, mas no final, os Bobs ganharam porque conseguiram destruir a arma poderosa de Lorde Bob. Eles eram mais espertos que Lorde Bob e o colocaram na prisão. Eles salvaram a Terra.





O blackout mundial

Rodrigo Schuartz Eivazian

Tudo era perfeito no planeta Terra. Era lindo, a fauna era perfeita, a flora mais ainda. Após a criação dos megafiltros de poluição, o ar estava limpo como nunca. O aquecimento global estava estável. Com as novas tecnologias, tinha acabado a sujeira e os restos de lixo eram reciclados para uma nova forma de combustível renovável.

Um dia, em todos os jornais, sites, etc, uma reportagem de emergência dizia que cientistas tinham acabado de descobrir que em dois meses teria uma tempestade solar e um blackout mundial. Seres humanos seriam mandados para Marte com emergência e todos deveriam preparar suas malas.



Nesses dois meses, o mundo inteiro iniciou o processo para sair da Terra. Todos os trabalhos foram suspensos, as escolas pararam de funcionar e todo mundo queria comprar passagens intergalácticas.

Após o comunicado, as viagens já começaram a acontecer. Os mais ricos conseguiram comprar as suas passagens e foram primeiro, em naves super tecnológicas e rápidas, enquanto os mais pobres tentavam conseguir dinheiro para a passagem.

Dentro das naves tinha espaço para 200 pessoas. Era super aconchegante. Cada passageiro tinha seu tablet e nele era possível pedir o que quisesse e as comissárias-robôs vinham entregar. Em dez segundos a nave aterrissou em Marte.

Quando os ricos chegaram lá, tiveram uma grande decepção, pois, por terem chegado tão rápido, não havia estrutura básica para acomodá-los. Também não tinha sido levado um grande



estoque de alimentos, então em pouco tempo começaram a passar fome, pois era preciso guardar comida.

Com toda essa situação, foi possível ver como as pessoas mais ricas eram gananciosas e egoístas.





A viagem da destruição

Rodrigo Semerdjian Cividanes

Hoje, 14 de dezembro de 1847, Jobson Cardoso finalizou a sua máquina do tempo. Ela o levará para o que ele mais ama, a época dos dinossauros! Com essa máquina ele poderá ir ao passado para realizar o que ele mais gosta. Agora é só ele apertar aqui e... pronto!

Porém ocorreu um problema na máquina no meio da viagem: ao invés de levar Jobson para o passado, ela trouxe o passado até ele, ou seja, o passado ao presente.

O mundo foi dividido em duas partes: de um lado o presente, e do outro lado, o passado, a época dos dinossauros. O caos se espalhou pelo mundo inteiro. As cidades, estados, países, continentes, estavam presenciando a presença de enormes predadores. Todos os canais de rádio só falavam sobre isso.

Depois de três dias, vinte mil pessoas já haviam morrido, e cinquenta mil feridos estavam em estado grave. Cidades, florestas destruídas. O desespero estava controlando o planeta Terra. Jobson Cardoso, surpreendido com o passado, diz:

– O passado é incrível! Isso é o meu maior sonho se sendo realidade!

Uma semana após o acontecimento, mais de cem mil pessoas já haviam sido atacadas e mortas pelos dinossauros. A polícia descobriu que Jobson havia feito isso, e que só ele poderia resolver. Então enviaram um soldado para a casa dele, que diz para Jobson após chegar:

– Faça tudo voltar ao normal! Você pode se satisfazer com o passado, mas por sua culpa, mais de cem mil pessoas já



morreram! Se você quer tanto o passado, prenda-se com ele na época certa!

Jobson fica pensativo por um minuto, e fecha a porta na cara do soldado. O soldado vê um enorme clarão saindo da casa do cientista. O soldado invade a casa de Jobson e não o encontra lá.

Logo depois disso, os dinossauros e todas as coisas e seres vivos que vieram do passado sumiram. Tudo voltou a ser como era antes, porém os mais de cem mil mortos não voltaram à vida.





Procurando a felicidade

Sophia Paraschin Maso Couceiro

O ano era 2060. Já havia dez anos que o estudo do doutor Austin tinha começado. Eu não tinha muitas esperanças em seu projeto no início, mas após algumas hipóteses confirmadas e testes positivos, tive convicção de que havia tomado a decisão certa de me juntar a ele.

O mundo estava sendo destruído, mesmo que aos poucos. Isso havia chegado a um ponto em que se nós, humanos, não pensássemos rápido, nos autodestruiríamos.

Doutor Austin sempre foi um homem futurista, revolucionário, pensava à frente do seu tempo. Em sua opinião, para resolver os problemas do planeta Terra, teria que primeiro consertar os humanos. Durante todo esse tempo eu pensava que a nossa única solução seria reiniciarmos as sociedades, mas Austin teorizava que a alegria nos humanos os ajudaria 93% a resolver problemas baseado em suas últimas pesquisas.

Procuramos as pessoas mais felizes do mundo e escaneamos seus cérebros. Eles funcionavam como os nossos, mas com um nível de dopamina muito maior do que o normal. Mesmo com essa resposta, ainda tínhamos em mente a pergunta “Seria possível injetar felicidade em humanos?”

O cérebro humano, mesmo sendo complexo, não foi difícil de reproduzir: cerebelo, medula espinhal... Enquanto esperávamos o resultado do último teste conversávamos:

- Tem que funcionar, pois se ocorrer o contrário, teremos que encerrar o projeto, não temos mais verba. – disse o doutor.
- Irá funcionar, tenha fé. – eu falei.





Quando o resultado saiu, ficamos em choque. Tínhamos certeza de que funcionaria, mas o teste deu apenas uma confirmação de 89%. Após isso, nosso trabalho parou. Enquanto eu jantava, recebi uma mensagem de Austin dizendo: “me encontre amanhã no laboratório, tenho a solução”. Por mais que eu confiasse nele, tinha dúvidas se funcionaria.

Para falar a verdade, quanto mais tentávamos, mais minha dopamina diminuía. Às sete horas do outro dia cheguei no laboratório.

– Finalmente! Olhe, eu achei que tudo estava acabado e realmente estava até ontem à noite. Antes de eu dormir, fui ler a revista científica do mês e um estudo feito na Etiópia mostrou uma planta que “carregava a felicidade”. Temos que conferir! – falou Austin.

Resisti o quanto pude, mas quando me dei conta, estávamos em um avião com destino à Etiópia. Aina era a cientista responsável pelo projeto da planta. Fomos cumprimentados e ela contou que esperava pela nossa visita. Ela acompanhava nossos avanços a partir de revistas científicas, disse também que a planta era cultivada pelos povos tradicionais etíopes.



Todos da região sabiam do seu poder científico e sobre os riscos de expor essa planta para o resto do mundo. Temiam que se muitas pessoas soubessem, em poucos dias as plantas entrariam em extinção. Aina foi ousada e contra os etíopes divulgando o trabalho de forma antecipada, mas pensou que poderia nos ajudar. Prometemos que não contaríamos nada sobre a planta.

Os etíopes nos deixaram levar uma parte do vegetal para realizar o teste. Deu certo! Quem diria que uma pequena flora de cor peculiar, azul e amarela, faria milagres. Infelizmente, não demorou muito para a sociedade perguntar qual era o fator restante para a nossa solução da felicidade funcionar.

Com toda a pressão, doutor Austin contou ao mundo sobre Aina e a planta. Um mês depois, nosso apoiador, Ben Brown,





vaijou à Etiópia com a intenção de explorar as plantas, mas os cientistas locais resistiram.

Mesmo assim Ben conseguiu extrair uma parte desse milagre natural. Com ela, fizemos o teste novamente, mas ele resultou em 89%. Decidi conversar com Aina, expliquei o que aconteceu e ela disse:

– Sabia que isso aconteceria. O teste não daria certo dessa vez. Sabe o que torna essas plantas especiais? Somos nós, o nosso povo. Elas fazem parte da nossa cultura. Desde pequenos aprendemos a cuidar dela. Esse tipo de milagre só ocorre aqui. Além disso, se extraído de forma errada, não será possível realizar a reposição desse vegetal.

Eles possuíam uma conexão com essa planta. Foi quando percebi que precisávamos fazer uma parceria.

– Todo o mundo deveria trabalhar em conjunto, cada país tem seu ponto forte e se juntarmos seremos invencíveis contra nossos males. Acho engraçado como o nosso planeta se apressa para tudo ultimamente. Os humanos não podem ver uma oportunidade que já querem tirar vantagem. – explicou Aina.

Não demorou até a solução para a felicidade ser um grande sucesso. Eu, Austin e Aina trabalhamos bem juntos, eu acho. Afinal, não sei se tudo se deve a um elevado nível de dopamina!



O asteroide de Luiza

Sophie Guedes Segura



Luiza era uma mulher forte e empoderada, trabalhava na NASA e era muito, mas muito amada. Ela estava indo ao trabalho como sempre fazia, mas nesse dia tinha algo diferente. Quando ela chegou, todos estavam pálidos, com uma cara assustada, até que alguém falou “um asteroide vai atingir a Terra”.

Era 2046, então as tecnologias eram bem avançadas e facilmente protegeriam a Terra do asteroide caso ele atingisse o planeta. Mas esse asteroide, em específico, tinha uma gosma que derretia tudo. Todos da NASA estavam desesperados, até que o chefe chegou e disse “Todos! Procurem uma solução e NÃO CONTEM AO PÚBLICO”. Assim todos se sentaram em seus computadores e começaram a pesquisar.



Luiza estava aterrorizada, pois amava muito sua família e faria de tudo para salvá-los. Ela passou a noite toda em seu escritório pesquisando. Chegou em casa chorando e seu marido, Damon, e sua filha, Caroline, perguntaram o que tinha acontecido e ela contou. Todos em choque se abraçaram.

No dia seguinte ela chegou no trabalho e abriu o computador. A notícia estava em todos os lugares “Um asteroide vai cair na Terra mês que vem”. O povo ficou sabendo, então tinham que arranjar uma solução mais rápido possível.

A cientista estava trabalhando duro para achar um jeito de parar o asteroide. Foi aí que alguém gritou “Já sei”. Todos olharam e ele prosseguiu “Temos uma nave resistente a ácidos. Eu sei que a gosma é muito mais potente que um ácido, mas se a nave empurrar o asteroide, ele não vai mais atingir a Terra”.





Era uma ótima ideia e a única que tinham. Todos sabiam que a pessoa que estaria na nave destinada ao combate iria morrer. O chefe colocou um papel na parede e falou “Quero duas pessoas que se sacrifiquem pelo bem do nosso planeta”. Naquele momento, Luiza pensou em sua família e colocou o seu nome. Chegou em casa e falou que tinham achado a solução. Caroline e Damon pularam de alegria.

No dia seguinte ela escreveu uma carta para sua filha e para seu marido, fez um vídeo explicando tudo e foi ao seu trabalho. Já estava tudo pronto. Ela e seu parceiro entraram na nave e foram em direção ao asteroide. Foi muito triste a morte deles. As famílias ficaram devastadas, mas sabiam que ela não ia querer vê-los assim, então continuaram com suas vidas.



A vida além da compreensão

Téo Pimentel Carvalho



O ano era 2523 e o protótipo 0638 foi criado acidentalmente pela poluição da nova usina nuclear nos Estados Unidos. A praga estava destruindo as plantações.

As pessoas, como uma forma de acabar com o protótipo 0638, queimavam as colheitas, desencadeando incêndios, e mesmo tendo noção disso, elas continuavam por décadas, até que destruíram toda a fauna e a flora do mundo. Então a humanidade viu como sua última alternativa abandonar o planeta Terra em busca de outro lugar para viver.

Todos estavam subindo na nave. Mal sabíamos o que iria acontecer.

Dia 1. Eu me chamo Adriana e sou a vice capitã da nave, e o capitão, meu amigo de infância, João. Nós estávamos decolando com a população, todos ficaram com medo de não acharmos um novo planeta, mas eu o capitão tínhamos quase certeza que nós conseguiríamos, pois nossos cientistas descobriram um portal, ou como é mais conhecido, buraco de minhoca perto da Terra, nos permitindo ir rapidamente de um lugar para outro, com muitas possibilidades de planetas.

Dia 10. A população estava ficando mais tranquila com a ideia de viajar pela galáxia, pois a maioria tinha se acostumado. O buraco de minhoca ainda estava distante de nós, mas fizemos um grande avanço.

Dias 30. Nós estávamos a algumas horas de passar pelo buraco. A tripulação começou a ficar confiante de que conseguiríamos. Nossos cientistas estavam calculando a rota para o





planeta mais próximo e o tempo de viagem, mas eu e o capitão começamos a ficar preocupados porque a falta de comida iria virar um problema, mesmo monitorando todas as refeições.

Dia “??” Por acidente, um funcionário vazou a informação sobre a comida. Os passageiros enlouqueceram e começaram a destruir a nave, batendo na minha sala e na do capitão dizendo que todos iriam apodrecer lentamente até a morte.

Por causa da destruição causada pela ira das pessoas, João não tinha mais controle da direção, fazendo com que um cometa colidisse conosco, abrindo buracos por todo lugar jogando todos para o vazio infinito do espaço. Nesse momento todos já sabiam que morreriam e não havia como reverter isso, então só me restou uma opção: aguardar o inevitável, a morte.

Minha vida passou diante de meus olhos, eu não conseguia parar de pensar e rever todas as escolhas que fiz para que esse fosse meu fim e o da humanidade. Mas eu percebi, a culpa não foi das minhas escolhas, foi da sociedade. Ela só se importa com o dinheiro e faria de tudo para conseguir mais, passaria por cima de quem mais lhe ajudou, abusaria do sofrimento de qualquer um, mas é como sempre nos diziam “a ganância mata o homem” e eu fui só mais uma de suas das vítimas.



A mudança mortal

Theo Turner Vianna Toledo Maciel



Naqueles dias o clima estava muito estranho, em um momento estava frio e no outro ficava extremamente quente.

Estava navegando nas redes sociais e vi que, por causa da temperatura, os animais tinham ficado maiores e mais fortes e alguns animais fictícios começaram a surgir.

O governo da França anunciou que viram um dragão marítimo que estava vindo para o Brasil. Todo mundo entrou em pânico! O governo anunciou a abertura de um bunker a 50 m de profundidade. Eu, o cara mais rico do Brasil, fui convidado a ir pra Marte. Peguei um avião para os EUA. Chegando lá encontrei os caras mais ricos do mundo.

Fomos de foguete. Quando estava perto de chegar em Marte, tocou um aviso em 13 línguas falando para colocar a roupa de astronauta porque iríamos sair em breve.

Peguei minhas coisas e saí do foguete. Depois de muito tempo, construímos uma cidade com alta tecnologia. Minha missão passou a ser voltar para casa para ver minha família.





Nós temos medo deles, eles têm medo de nós!

Tiago Buono Lehoczki

Extraterrestres existem? Estávamos todos festejando, pois o ano tinha acabado de virar e finalmente se encerrou o deplorável ano de 2024. Após a queima de fogos, todos já embriagados subiram para o apartamento, exceto eu e meu irmão, Bull. Depois, quando subimos, algo estranho aconteceu na praia.

Decidimos voltar ao litoral para assim averiguar o ocorrido mais precisamente. Ao chegar, nos deparamos com um OVNI que havia colidido com o solo arenoso e que estava todo quebrado. Decidimos nos abeirar da nave. Chegando na cratera que havia sido formada, foi possível ler a seguinte frase estampada na lateral do OVNI: N4V3 D3 8ILU 3 84DU. Estava difícil de ler, no entanto era uma frase que era possível entender.

Após uma longa reflexão, decidimos entrar no óvni. Ao entrar, algo ocorreu, e acabou a energia. Estava um breu. Após um tempo procurando a saída, encontramos uma única luz de emergência acionada, que iluminava uma única sala na qual havia equipamentos altamente avançados, como armas a laser e armaduras de holograma. Mas, quando fomos pegar uma, um alarme ativou. Corremos muito, até que, encontramos os supostos Et's, Bilu e Badu.

Com os equipamentos em mão, começamos a atirar neles desesperadamente. Mas nada funcionou, pois estavam com as roupas resistentes a laser, estranhamente simples, porém extremamente funcionais. Com calma, tentamos nos encaminhar à saída da nave, porém fomos impedidos.





Eles se aproximaram e começaram a gritar, não entendemos nada. Aproveitamos o momento e saímos correndo. No entanto, nos perdemos dentro daquela nave gigantesca. Procurando a saída novamente, encontramos alguns restos de gosmas radioativas, porém ignoramos, e continuamos andando.

Após mais um tempo foi possível localizá-los, porém dessa vez eles estavam vindo em paz, ou pelo menos parecia. Começamos a conversar com eles. E não paramos mais. Descobrimos várias coisas sobre eles, que nunca imaginávamos.

Eles eram estranhos, tinham três olhos e eram verdes. No entanto, eram extremamente inteligentes. E incrivelmente, igual nós temos medo deles, eles têm medo de nós. Eles nos ensinaram a construir diversas coisas, porém em troca tínhamos que incentivar os humanos em uma campanha, que consistia em dizer que é errado viajar para o espaço, pois quando isso ocorre, nós acidentalmente roubamos o espaço das criaturas que têm lá. Além disso, desconstruímos um estereótipo, que, por sua vez, consiste em que todo extraterrestre é uma ameaça. Após toda essa aventura anormal, assisti, junto ao Bull, a dupla voltar ao espaço.



Depois de meses com nossa campanha ativa, já havia chegado o ano novo. E estávamos todos felizes, eu acho, pelo menos era o que tudo indicava, depois do incrível show de fogos, bem semelhante ao do ano passado, todos foram dormir. Porém quando eu e meu irmão andávamos até em casa, algo estranho aconteceu na praia.





Até o final de Saturno

Tiago Henrique Carvalho Pereira

Era mais um dia normal. Estava calmo na minha imensa mansão, quando tocaram a campainha. Fiquei surpreso ao atender. Havia uma caixa com uma estranha aparência, era feita de papelão. Ordenei que meus robôs de última geração averiguassem. Era uma espécie de traje com óculos e uma máscara esverdeada, nada mais do que isso. Eu percebi que havia um bilhete em inglês que dizia, “este será meu novo produto, assinado SAO, para Kiritó” e uma carta esquisita provavelmente era o manual, ignorei-la. Questionei o nome, pois o meu é Rich! Descobri que era um engano. Aquela encomenda não era para mim. Desconsidere a situação e fui direto vestir o traje e o óculos. Então começou a aparecer informações nos meus olhos, mostrando detalhes do ambiente como clima, altitude etc.



Quando observei minhas mãos, reparei que havia dois botões e em meus pés havia dois propulsores como no filme “A volta de Tony Stark Júnior”. Eu resolvi apertar o botão e comecei a voar. Quase bati minha cabeça no teto e o que me surpreendeu foi a velocidade. Fui do chão ao teto em um piscar de olhos. Era bizarra a agilidade.

Depois da experiência, começaram a surgir ideias em minha cabeça: até onde conseguiria chegar com essa tecnologia? Poderia atravessar planetas? Quanto dinheiro poderia ganhar? Então sem pensar duas vezes fui testar. Em minha primeira tentativa fui da Terra para a Lua. Depois de perceber a rapidez dessa máquina, falei para mim mesmo: serei o primeiro homem a pisar em Saturno.





Sem perguntar para ninguém, preparei o local da viagem... 1, 2 e 3. Comecei minha navegação. Era linda a visão. Eu estava admirando a maravilhosa vista do espaço. Mesmo assim o único pensamento que passava em minha cabeça era o dinheiro que ganharia.

Ao atravessar Marte, notei o quão grande eu seria. Eu seria maior que Neil Armstrong Júnior, o primeiro ser-humano civil que pisou em Marte. Havia passado 45 minutos e já comecei a ver Saturno. Quando tive a sensação de tocar em um novo planeta, algo jamais realizado, eu comecei a ouvir: “a bateria está acabando”

Tento religar os propulsores de energia, mas nada acontece, então tentei fugir da órbita e nada. Percebi que não teria jeito de fugir. Certamente morreria! Começaram a vir questões em minha mente, junto de uma paz. Eu me questioneei: será que ter casas, dinheiro, robôs e naves serviu para alguma coisa? Será que morrerei feliz? Então ouvi novamente “a bateria está quase acabando”, simplesmente refleti e cheguei a uma conclusão: não. E assim se encerra minha vida: “a bateria acabou”.



O que está acontecendo? Eu ainda estou vivo? Como isso é possível? Estou vendo tudo preto. Tento tirar o que estava na minha cabeça. Era apenas os óculos que usei, ainda estava em casa. Fui direto ler a carta. Estava claro. Não havia viajado quilômetros e quilômetro. SAO era apenas uma marca de óculos de realidade virtual.





O início do fim

Valentina Sampaio Duarte Guimarães

Lá estava eu, olhando para o que tinha acabado de inventar. E minha dúvida estava confirmada.

Eu, Oliver, realmente era um gênio da ciência. O que estava em minha frente era a primeira máquina do tempo inventada por mim mesmo pela primeira vez em meu planeta!

Depois de anos de tentativas, dias desgastantes, noites de sono perdidas, fracassos e erros, eu finalmente tinha conseguido tudo aquilo que eu mais queria com apenas 13 anos de vida.

Logo que a inventei, fiz a primeira tentativa de viagem para o ano de 4.995 e, surpreendentemente, os humanos ainda existiam em uma civilização muito avançada com naves espaciais, pessoas usando trajes elaborados, tecnologias extraterrestres, nanotecnologias, carros voadores e muito mais.

Consegui esconder o objeto cerca de oito meses e quatorze dias em tremendo sigilo no porão de minha casa fazendo diversos teletransportes e conhecendo novas nações, porém cometi um grande erro.

A feira de ciências de minha escola estava próxima então decidi levar minha máquina para mostrá-la ao mundo, pois achava que o mudaria positivamente para todo o sempre.

O evento era grande e respeitado pelo motivo de minha escola ser muito forte academicamente, contendo até mesmo repórteres e câmeras. Como minha invenção era atraente, eles ficaram muito interessados, então fiz uma breve demonstração.

Apertei o chamativo botão e fui teletransportado para o ano de 4.398, lá encontrei uma arma tecnológica e avançada em





amostra no centro de um parque. Como estava em cima de uma plataforma de vidro, peguei-a rapidamente e voltei para o meu tempo mostrando a todos que aquilo era realmente um armamento vindo de outra época por ser tão poderoso e avançado.

Todos ficaram em choque com o que tinham acabado de presenciar.

Em um piscar de olhos o evento passou nos jornais, notícias, Youtube, Instagram e vários outros. Fui chamado para entrevistas, diversas redes sociais e gravações passaram até mesmo em telões na Times Square por ter sido um evento tão revolucionário!

A notícia de meu teletransporte chegou também no governo americano. Agentes políticos e figuras importantes conseguiram produzir um mandato para procurar e invadir minha casa com intenção de levar minha preciosa máquina de minha guarda e acabou funcionando.

Algum tempo depois desse evento, algo peculiar veio a acontecer. Estava em mais um dia normal indo à escola quando percebi que diversos seres humanos de outras épocas ou anos foram enviados para minha realidade, como homens com armas e trajes galácticos, mulheres pioneiras com vestidos de pano feitos à mão puxando carroças e vários outros.



Imediatamente fui para casa desesperado para resolver aquele conflito. Fiz alguns estudos e cheguei à conclusão de que aquilo veio a acontecer porque uma fenda no tempo foi aberta por causa da quantidade de energia em massa que a máquina consumia para fazer teletransportes, criando um tipo de portal em todas as diferentes realidades e trazendo pessoas ao meu tempo.

Então decidi que precisaria agir. Antes que pudesse raciocinar, recebi uma mensagem diretamente do governo dizendo que retornariam a máquina para que eu pudesse consertar aquela catástrofe.





Quando ela já estava em minhas mãos de novo, voltei cerca de cinco dias e seis horas no tempo, antes até mesmo da feira de ciências.

Desde então eu nunca mais usei aquela invenção de novo e acabei queimando todos os meus estudos que me ajudaram muito a conseguir inventá-la, fazendo com que minha invenção empoeirasse no cômodo mais escuro de minha residência e eu acabei também abandonando a ciência por completo.

Sabia dos riscos de minha genialidade e do objeto inventado como um todo. Algumas ameaças para a humanidade de destruição poderiam ser o desbalanceamento do sistema e dos diferentes tempos do passado e do futuro, a desorganização de todas as diferentes linhas com pessoas de um futuro mais desenvolvido vivendo em um passado muito antigo ou a população de um pretérito distante indo parar em um ano avançado tecnologicamente. Se a consequência fosse destruir tudo e todos que conhecemos nunca arriscaria fazer algo parecido de novo.



A cidade de Sumeru

Valter Henrique Pereira da Cruz



Esta história começa com uma jovem garota chamada Junji. Ela Sempre foi muito focada em seus estudos, com isso conseguiu uma bolsa para uma universidade muito aclamada. Com 17 anos, Junji terminou sua universidade e logo após foi chamada para uma expedição nas pirâmides, junto de novos aparelhos tecnológicos foram feitos especialmente para a pesquisa. Quando a garota chegou ao ponto de encontro, viu um senhor cujo nome era Volnks, junto a ele estava um garoto chamado Tales. Quando Junji ia perguntar seus nomes escutaram o alto-falante do aeroporto dizendo “Atenção passageiros do voo 163 com destino ao Egito, comparecer ao avião”. Os três embarcaram e sentaram-se em seus lugares, esperando o avião pousar.



Quando o avião pousou, eles foram direto para pousada para deixar todos seus pertences. Chegando lá deixaram tudo e pegaram só os itens mais importantes.

Quando chegaram na pirâmide, começaram a explorar até que chegaram à tumba de Tutancâmon, encontraram uma pessoa caindo em uma armadilha. Ele estava prestes a morrer até que os três o puxaram antes que ele morresse. Após salvarem esse outro explorador, ele agradeceu e então continuaram até chegar a uma sala aparentemente vazia, tinha somente um banco. Eles resolveram tirar esse banco do lugar.

“Como vamos mover este banco, ele deve pesar uma tonelada”, disse Tales. “É só usarmos o F.O.R.G, já que ele tira todo o peso do objeto”, diz Volnks. Quando puxaram o banco encontraram algo estranho, era uma escadaria coberta por terra.





“Precisamos usar o Terrastalize”, disse Junji. Em um passe de mágica toda terra some da escada “Nossa, esses utensílios que nos deram são muito úteis, não é?” diz Volnks. “É verdade, mas temos que descer logo se quisermos explorar tudo” fala Tales.

Descendo as escadas, depararam-se com um imenso palácio e logo veem que não se trata apenas de um palácio e sim de uma cidade, em perfeito estado. Estava lá a grande cidade de Sumeru.

Descem todos os degraus e olham carros movidos a energia e máquinas de recarga de energia. O trio pergunta para uma pessoa aleatória “que lugar é esse e o que está acontecendo aqui?” e a pessoa responde “sejam bem-vindos à cidade de Sumeru. Como vocês chegaram aqui?”. “Estávamos explorando essa pirâmide até que encontramos uma entrada para cidade de vocês. Existe um líder com quem podemos falar?”, diz Junji. “Ok então, temos um imperador chamado Cyno, posso levá-los até ele.”



Chegando no palácio eles se despedem do motorista e sobem uma imensa escada. Subindo até o topo, eles veem que Cyno já estava aguardando. “Como você sabia que estávamos aqui?” pergunta Junji. “Aqui temos tecnologias que seu país nem pensa que é possível. Soube que vocês estavam aqui desde que entraram na pirâmide e não são todos que podem entrar aqui só deixamos entrarem pois vimos que quando as pessoas que necessitam de ajuda vocês não hesitam em ajudá-las” responde Cyno. “Nossa, então vocês fizeram tudo isso sozinhos?” pergunta Tales. “Exato. Venham, mostrarei a cidade para vocês. Porém, se tentarem algo que ameace nossa cidade, não hesitaremos em matá-los” diz Cyno.



A guerra de 2035

Vicenzo Blane Amaral Leone



Há muito tempo, Estados Unidos e Rússia disputavam um pequeno território na fronteira entre Rússia e Mongólia. Essas duas grandes potências disputavam o local por causa da grande quantidade de petróleo localizado lá. A cidade de Chiminiskova era um grande ponto estrutural no mundo, por sua alta concentração de combustíveis fósseis e gases naturais.

Após muito tempo, já em 2027, o mundo presenciou uma das maiores guerras nucleares já vistas pela humanidade, travada entre os Estados Unidos e Rússia. Em meados de 2029, o mundo havia perdido a noção de onde a guerra poderia chegar.

Continentes como África e Europa estavam com problemas financeiros como a compra de combustíveis. Isso acontecia porque a Rússia era uma das maiores transportadoras de combustível do mundo. Há relatos de aventureiros que contavam que quem ia para a Rússia acabava não voltando. Dizem que viram muitas coisas lá, desde criaturas até corpos velhos em decomposição.



Após quatro anos, em 2033, muitos problemas aconteceram. Algo novo parece ter sido descoberto em Chiminishoka, um novo tipo de radiação. Cientistas fizeram testes em laboratórios e viram que ela se comportava como animal e tinha textura de gosma. Não sabiam se humanos seriam afetados.

Em 2035, após dois anos da descoberta da radiação X, o mundo virou de cabeça para baixo. A Rússia estava fechando fronteiras com outros países, pois o lugar onde tudo isso aconteceu foi em uma cidade russa, por isso a Rússia gostaria de proteger o mundo.





O país perdeu grande parte de seu território e população. Foram relatados acontecimentos em volta da cidade. Parecia que a radiação contaminava as pessoas.

Mesmo assim ainda sabemos que os Estados Unidos têm planos para dominar o território russo.



A galáxia ambulante

Yasmin Arruda Temperani



Eu estava super nervosa. Era minha primeira premiação depois de seguir com a minha carreira de astronauta, e fiquei mais aflita após descobrir que seria anunciado algo muito importante no evento.

Estávamos todos no auditório da empresa em silêncio, mas logo ouvimos um som agudo e estridente, percebendo que o microfone havia sido ligado. Senhor Thomas, o chefe da NASA, começou com um discurso de como se tornou o chefe de uma organização tão grande, logo ele disse que tinha premiado uma pessoa para ir ao espaço para descobrir mais sobre uma grande massa não identificada nunca registrada antes, que começou a se aproximar do lado leste da Terra.



Em menos de segundos escutei meu nome sendo chamado “Nicole Silva de Andrade, convido você para ir ao espaço com nossa companhia espacial”. Sem pensar duas vezes, aceitei a proposta. Estava tão feliz que resolvi ir para uma loja. Comecei a comprar muitas coisas para minha nave, comprei tanto que tive que pedir ajuda de meus amigos para levar ao depósito.

Após uma semana, lá estava eu, fazendo a contagem regressiva para decolar. Lembrei de cada segundo da minha vida, todos os desafios e medos, mas me sentia tão bem que nem vi os segundos passarem, apenas senti um tremor. Quando me dei conta e olhei para a janela, avistei toda a equipe acenando. Acenei de volta e senti uma pressão em meus ouvidos.

Ouvi o rádio de comunicação da nave falar “lembre-se, não dessa da nave perto da massa não identificada”.





Nossa nave tinha uma nova tecnologia chamada Alex, que podia oferecer qualquer comida, bebida, clima ou a sensação que escolhêssemos. Pensei em um nome para a coisa roxa e decidi chamá-la de galáxia ambulante.

Escutei um barulho muito alto, achei que a nave tinha batido, mas logo ouvi uma sirene vindo do painel. Vi que estava escrito em uma grande letra vermelha “excesso de peso em nave”.

Está com problema? pensei, estava meio confusa. Resolvi descer da aeronave para ver o que havia acontecido. Só me dei conta de que não podia ter descido quando avistei a coisa roxa se aproximar de mim.

Estava desesperadamente tentando voltar para a nave, mas já era tarde. Olhei para os lados e vi que eu já tinha sido completamente engolida pela galáxia ambulante. Era uma sensação muito estranha, como se eu tivesse perdido o movimento, o tato e a audição. Também era um silêncio absurdo e parei de sentir o peso do meu traje.



Tentei nadar no ar, mas não funcionava. Quanto mais eu me mexia, mais rápido eu caía. Conseguia avistar minha espaçonave de longe. Estava pensando como iria conseguir voltar para lá.

Lembrei que Alex também estava conectada com meu equipamento, então, falei “Alex, voltar para a nave”. Em dois segundo Alex já tinha soltado uma corda que me puxava para o transporte, mas tinha algo errado, a nave continuava apitando e parecia que iria explodir.

Tentei criar contato com a base da NASA, mas não obtive sucesso.

Percebi que acabou a gasolina da nave. Entrei em desespero, mas por sorte o rádio se manteve na linha e consegui falar com meu chefe. Imediatamente chegaram duas naves para me tirar de lá.

Após três longos dias, avistamos a Terra. Quando estávamos bem pertinho da crosta, sentimos um tremor, nem piscamos e já estávamos lá no aeroporto da empresa.



Todos vieram perguntar por que eu tinha voltado antes do previsto, mas eu estava tão cansada para contar o que havia acontecido, que expliquei brevemente. Falei que no mês seguinte haveria uma reunião para esclarecer tudo.

No meio dessas quatro semanas tive muitos pesadelos sobre o acontecido. Chegou o dia da reunião e todos estavam ansiosos para saber direito o que aconteceu. Expliquei tudo que vivi e todas as experiências e como foi assustador. Todos estavam curiosos, mas eu não voltaria lá nem por 100 bilhões de reais.



